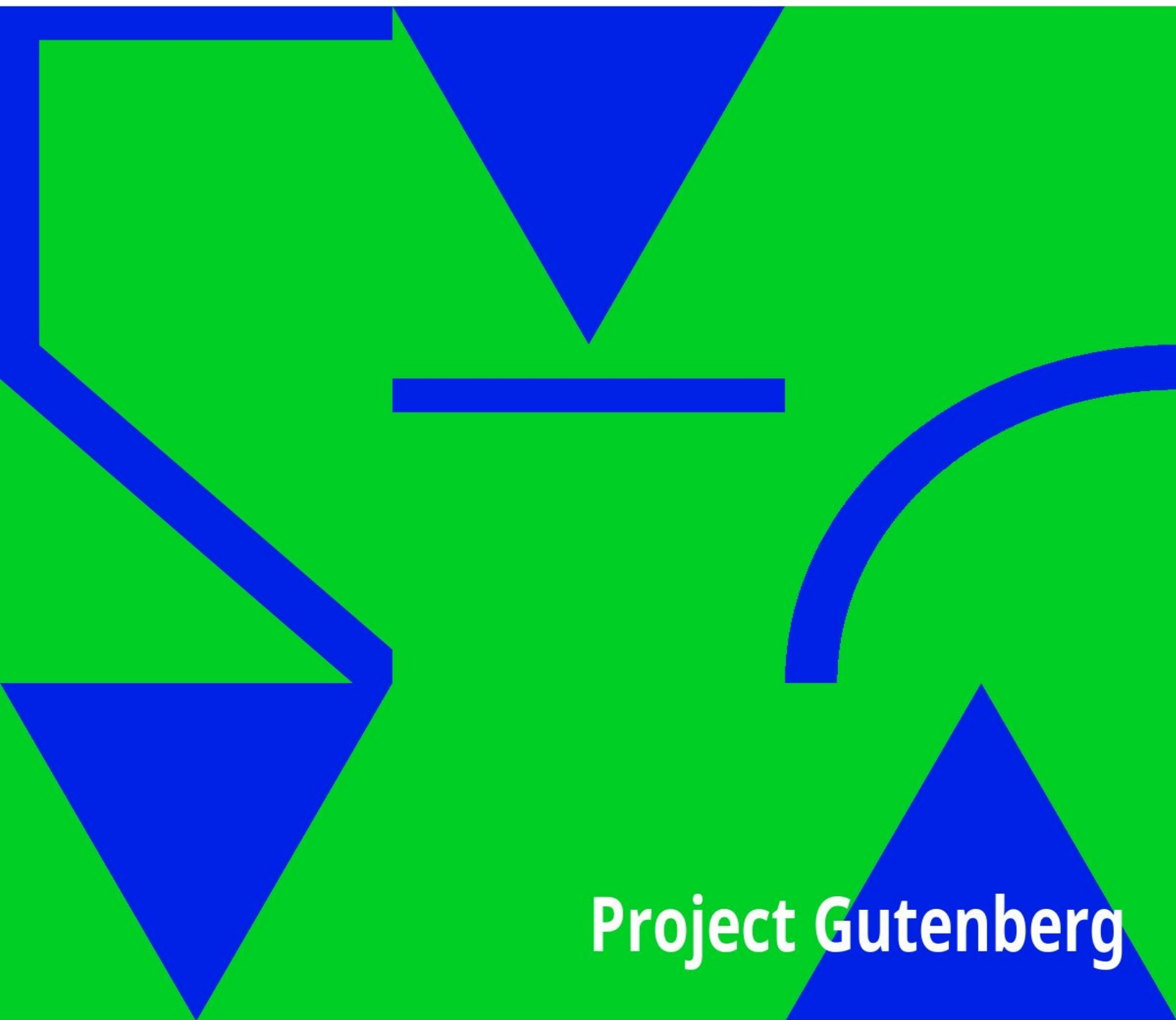


Os meus amores

contos e balladas

Trindade Coelho

The background of the lower half of the cover is a vibrant green. Overlaid on this are several large, bold, blue geometric shapes. These include a large inverted triangle on the left, a horizontal bar in the center, a curved line on the right, and another inverted triangle at the bottom right. The shapes are arranged in a way that they seem to interact with each other, creating a dynamic and modern aesthetic.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg EBook of Os meus amores, by Trindade Coelho

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Os meus amores
contos e balladas

Author: Trindade Coelho

Release Date: January 12, 2006 [EBook #17503]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS MEUS AMORES ***

Produced by Carla Martins Ramos and Ricardo Diogo. Edited by Rita Farinha
(Biblioteca Nacional Digital--<http://bnd.bn.pt>). (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

NOTA: Este texto tem uma versão em língua portuguesa moderna, a que pode ser aceder clicando na ligação:

[TEXT](#)

OS MEUS AMORES

TRINDADE COELHO



OS MEUS AMORES

(Contos e Balladas)

2.^a edição

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52—Rua Augusta—52, 54
1894

LISBOA
Typographia e Stereotypia Moderna

Ao DOUTOR

ANTONIO XAVIER PERESTRELLO

«Os Meus Amores»

*Folhas dispersas dos meus annos de oiro,
Vivo enxame das minhas alvoradas,
Tenho zelos de vós, folhas sagradas,
As Desdémonas sois de um outro moiro.*

*As brancas horas que eu em sonhos doiro,
Essas horas febris, illuminadas,
Eil-as fugindo, em tristes debandadas...
Levae nas azas todo o meu thesoiro.*

*Folhas: subi, voae ao céo tão alto,
Que o ceo em estrellas vos converta e mude,
Lá nas longinquas illusões que exalto;*

*Como as frementes aguas d'um açude,
Levae a Deus, no derradeiro salto,
O derradeiro adeus da juventude...*

LUÍZ OSÓRIO.

IDYLLIO RUSTICO

A Fialho d'Almeida.

QUANDO atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atraz d'elle, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas, e não vinha das habitações o mais insignificante ruido. Dormia-se a somno solto por todas aquellas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobresalto pelo chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadorios de pedra onde ficara de sentinella, ou de dentro das curraladas, onde levava a noite fazendo companhia aos novilhos. D'onde em onde, gallos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de bohemios, n'alguma esturdia, a deshoras...

Mas passadas as ultimas casas, o silencio condensava-se para toda a banda, n'uma grande pacificação de templo adormecido. Nem viv'alma pela ladeira que levava ao rio, por um caminho em zig-zags. Fulgiam no céu azul-escuro cardumes prateados de estrellas. A toda a largura, a paizagem era torva e indecisa, immersa n'uma luz muito mortiça que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No emtanto a manhã era calma; nem rumores de briza pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao correjo por onde o rebanho tomara. Cigarras, grillos nas hervagens, rãs que coaxavam nas regueiras, era o mais que se ouvia acima do rumor brando dos chocalhos. Nem um balido de ovelha em todo o rebanho que se ia submissamente á mercê do pequeno pastor, parando se elle parava a colher as amoras frescas dos silvados, recomeçando marcha se de novo elle se punha a caminhar.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruido de um tiro, que o echo levou para longe.

—Não gastes polvora, Antonio!—recommendou o pastor.—Ouviste?

E logo a voz do guardador:

—Madrugas hoje, Gonçalo!

—P'ra que saibas: cá um homem não tem medo.

—Está bem. Adeus!

—Saudinha.

A esse tempo ia-se já definindo a manhã, na luz, no som, na côr. Invadia a amplidão da cupula celeste uma tinta alvacenta, onde as estrellas feneciam no seu brilho. Ao alto, na ladeira d'além, entravam de fazer-se nitidas as linhas sinuosas das cristas, onde enormes rochedos tinham altitudes de uma immobildade mysteriosa e sinistra... N'este assomo d'alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras era bandos levantavam-se repentinamente, em vôo perpendicular, e cortavam ares fóra, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por de traz dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas immoveis, o rafeiro espreitava as hervagens seccas, onde algum reptil passasse vagaroso.

—Busca, Turco!—fazia-lhe o Gonçalo que tinha medo ás cobras.—Busca, valente!

Á medida que descia a ladeira, um marulhar monotono de aguas ouvia-se, mais e mais distincto. Era o rio que parecia perto; mas primeiro que lá se chegasse ainda era preciso andar... Era um poder de passos e de paciencia,—reflectia o pastor, a quem aborreciam de morte os interminaveis torcicollos da vereda. Ia andando, descendo sempre, á frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquelle céu ainda estrellado, o Gonçalo desabafou:

—Uff! até que emfim!—E pensava aliviado:—Nada mais facil do que terem-me sahido os lobos!...

Mas vista áquella hora, e no meio de tal silencio, a corrente liquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças aterroradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, n'uma lucta desesperada com as aguas,

clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe afflictivo. A margem de lá, especialmente, era toda accidentada de rochedos informes, blocos medonhos, por entre os quaes no inverno o vento assobiava lugubre, e as aguas faziam remoinho, o que era um perigo para os pobres barcos que se aventurassem incautos, n'um descuido involuntario—simples remadela pouco a tempo, manobra menos segura de leme, ou impulso errado de vara.

E então, cabeços enormes d'um lado e d'outro, projectando sobre o largo leito do rio a sua sombra pesada e desconforme, que mais triste fazia o sitio e parece que mais solitario, pois fechavam-no bruscamente, fazendo limitada a paizagem.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôz-se então a beber manso e manso, e sem o minimo ruido.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia tambem.

—Táte, Gonçalo! Aquella chocalhada...

E immovel, remordendo o labio, com o ouvido á escuta, pensava:

—Ora se será ella?...

Subito, estremeceu. Ante o seu espirito infantil perpassou, como um clarão de relampago, a imagem de uma rapariga, pastora como elle, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

—Ai, se fosse a Rosaria!... dizia comsigo.

E impondo silencio ao rebanho, que acabara de beber, pôz-se attentamente á escuta do tilintar dos chocalhos na margem opposta.

«O rebanho parecia o mesmo, lá isso... Agora o pastor é que podia ser outro que não a Rosaria...»

Senão quando, uma ideia lhe acudiu que o fez sorrir de contente. Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para deante o bernal, feito da pelle de uma ovelha branca, morta pelas segadas, tirou de lá a sua flauta e pôz-se a tocar apressadamente um trecho de cantiga rustica.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

—Ehlà, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

—Uhlá, Rosaria, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

—Não te esqueceu a moda, rapaz!

—Isso esquece ella!... Ouviste, Rosaria?—Se outra fosse que m'a tivesse ensinado...

N'este meio tempo já o Gonçalo retomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosaria. Mas primeiro perguntou:

—Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

—Vem tu d'ahi. Por cá sempre é outra coisa p'r'as ovelhas. Han?

—Basta!

E dando o signal da partida, o Gonçalo pôz-se em marcha. D'ahi a pouco, entrava mais o rebanho pela velha ponte moirisca, toda severa de construcção nos seus tres arcos lançados sem elegancia, atufados de parasitas seculares que a faziam pittoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

A meio da ponte, mão piedosa fizera construir pequeno oratorio ao Senhor Salvador, cujo rosto sereno, espreitando por grades de arame, diziam dar coragem a barqueiros e almocreves, que ante o pequeno e humilde nicho com respeito se descobrissem, e com devoção rezassem uma velha prece que era como um talisman precioso para livrar de maiores desgraças—naufragios no rio, e então maus encontros por aquelles caminhos escabrosos, que eram um perigo constante para homens e animaes.

D'ahi a pouco, as duas creanças estavam perto uma da outra, cada qual seguida

do seu rebanho.

—Ora viva a Rosaria!—disse o pastor muito alegre, parando defronte da cachopa.

—Bons dias, Gonçalo; então que ventos?

Entre os dois travou-se então um longo dialogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquelle dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

—Por signal que nem rez se vendeu!—lembrou o Gonçalo.

—Por signal!—disse com pena a Rosaria.

Mas elle contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava. «Vêl-a agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja elle...»

—Mas se eu estive tão doente!—volveu triste a Rosaria.

E como o outro acudiu a informar-se, ella explicou:

—Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E na sua ingenuidade infantil, contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com elle, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido, «tal e qual».

—Assim te Deus salve, ó Rosaria?—atalhou rapido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos d'aquella pequena amiga.

—Assim; pois que duvida?—tornou-lhe confiada a Rosaria.

—Não!—disse agastado o Gonçalo.—Não has-de dizer assim... Diz certo, has-de jurar direito.

—Pois assim me Deus salve...

—Como é verdade...—Diz tudo, Rosaria!—supplicava o pastor.

—Sim, volveu-lhe paciente a companheira,—como é verdade que sonhava que nos encontravamos—concluiu por fim, muito risonha.

E sem disfarçar o jubilo, prestes o Gonçalo a certificou de que também não a esquecera. «Tanto é que tirava da frauta as cantigas todas que ella lhe tinha ensinado.»

—Lembras-te?

A Rosaria faz que sim com a cabeça. E logo, batendo na frauta de sabugueiro, o pastor apressou-se a declarar:

—Sahem d'aqui sem falhar uma.—E resolutio:—Vá feito, Rosaria, pede por bocca!

A Rosaria pediu então a *Pastorinha*.

—Eu é da que mais gosto,—explicou.—É a mais linda.

—E é!—concordou o Gonçalo.—Ora escuta lá.

E levando aos labios a avena, pôz-se a tocar a *Pastorinha*, enquanto a Rosaria, com a sua vozita em surdina, entrava a tempo com a lettra:

Onde vás, ó Pastorinha,
Ai-li, ai-li, ai-li, ai-lé...

—Sabes essa! É mesmo assim!—disse-lhe a Rosaria a rir-se.

—É como vês!—affirmou contente o Gonçalo.

Aos seus pés tinham-se deitado os rafeiros, e já os dois rebanhos, confundidos, andavam na pastagem.

—Olha as ovelhas juntas!—notou o Gonçalo.

—Tambem nós nos quedámos juntos,—volveu-lhe a pequena, sorrindo.—As pobres dão-se bem, são amigas...—continuou com jubilo.

—E nós tambem, ora tambem, Rosaria?

—Tambem—respondeu afoita a pastora.

E foram-se ter conta no rebanho, que choviam as coimas e as denuncias.



A esse tempo, no céu alto e lavado a estrella d'alva fenecera por fim, e o horisonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o céu em cupula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias extranhas que iam despertar tudo, a côr da paizagem e a musica dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos. Manhã de verão, serena, tranquillã, dulcissima. Ia pelo ar um movimento extraordinario de azas—passarada alegre que sahia agora dos ninhos e voava a matar a sêde á borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinholas em reconcavos de rocha e tomavam para hortejos convisinhos onde a vegetação era mais rica de seiva e mais facil a presa dos insectos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros. Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos, em torcicólllos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos carregados de taleigos, e berrando-lhes cada *chó!* que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações proximas sinos chamavam para a missa d'alva ou tocavam a Ave-Marias. Nas quintas e casas fumegavam os tectos, dizendo horas de almoço. De modo que o sol quando rompeu, solemne e triumphante no céu immaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a natureza acordada para a labuta interminavel do dia. N'uma clareira elevada, dominando o rio e um trecho de paizagem para sul, tinham-se sentado os dois pastores e continuavam conversa.

Ao pastor parecia-lhe agora mais bonita a pequena amiga, com a sua côr trigueira levemente pallida desde que tivera as maleitas. Não se lembrava com que santa que elle tinha visto se lhe parecia agora a Rosaria...

—Mas o cabello assim cortado...—disse com magua, mirando-lhe a cabeça nua,

e passando a mão pela d'elle,—é que te não fica bem!

«Melhor fôra que lhe tivessem deixado as tranças. Negras, de mais a mais, que era como elle gostava...»

—Promessa da mãe se eu melhorasse—explicou a Rosaria—Lembranças... A gente quando está afflicta...

—...Quando está afflicta...—repetiu como um echo o pequeno. E depois, amuado:—Se promette os olhos...

A rapariga fitou-o, espantada.

—...é porque t'os tirava!—concluiu convicto.

Houve um momento de silencio, em que o Gonçalo se pôz a escavar o chão com uma pedra, e a Rosaria a torcer um fio saliente do seu vestido grosseiro. Ouviam-se as ovelhas chocalhando nas pastagens, ia a passar na rodeira, longe, um carro que chiava, com uvas para algum lagar.

—Não fallas, Rosaria?—perguntou o pastor sem levantar os olhos para ella.

—Tambem tu...—começou com medo a pequena,—logo te zangas! Olhem a lembrança dos olhos! Se a mãe fazia isso, credo!—E depois animando-se:—Já foste á Senhora dos Remedios?

O Gonçalo fez signal que não tinha ido.

—Pois foi lá que deixámos as tranças, eu mais a mãe. N'um prego ao lado do altar, um lacinho verde nas pontas. Ficou lindo.

O pastor teve um movimento de enfado, não lhe agradava a conversa. E para acabar com ella:

—Que emfim como melhoraste...—fez que concordava, pondo o bilro a girar.—Olha como dança...—E depois, mais pensativo, batendo com o bilro nos dentes:

—Que ás vezes as promessas pouco fazem...—E interrompendo:—Sabes quem fez este bilro?

—Foste tu, aposto.

Bateu no peito e fez com a cabeça que sim, mostrando-lh'o orgulhoso—«que visse os *torneados*.» Depois continuou:

—Vae uma pessoa andando e os santos não se importam. Ora, os santos!—Olha a minha Joaquina, tu não conheceste. A gente bem resou e bem promessas fez, mas ella foi-se.

E pondo-se de joelhos, começou a procurar pelo rebanho.

—Aquella ovelha, a branca, não vês? A que se vae agora deitar... Pois era p'ra Nossa Senhora, repara que é a melhor.—E deitando-se para traz:—Lá anda ella a pastar!—concluiu desalentado.

—Mas tinha de ser,—volveu-lhe triste a Rosaria,—que as promessas sempre fazem, lá isso...

E convicta, a pequena contou casos acontecidos para convencer o Gonçalo de que sempre valiam as promessas. No emtanto, deitado de costas, com a jaqueta a fazer de travesseiro, as pernas em angulo tocando-se com os joelhos, o Gonçalo soprava pela palha o bugalhinho que constantemente ia subindo e descendo, acompanhado pelo olhar bondoso do cão que ali perto se deixara estar sentado. E contando, contando casos, a Rosaria ia entretendo o pastor. Mas quando ella fazia pausa, logo o rapaz acudia, firme na sua objecção:

—Ora! mas a nossa Joaquina morreu-se! Coitadinha da Joaquina!



Á medida que o sol ia subindo, no céu glorioso e fulvo, iam os dois conduzindo as ovelhas para sitios mais ensombrados, para se livrarem da estiagem que ia valente. Calor de rachar, ali por volta do meio dia, que foi quando tomaram para a banda das azinheiras, e para os pinheiraes, depois. E sempre ao lado um do outro, os dois companheiros levaram de conversa quasi o dia inteiro. Nunca tinham dado fé que as horas passassem tão depressa. Ainda armaram aos

passaros, mas foi o mesmo que nada, os demonios andavam espantados e já conheciam as esparrellas.

—Olha lá não caiam,—tinha dito o Gonçalo, já cansado de estar á espreita, agachado, com o fio da armadilha preso ao dedo.—Se elles fossem tolos...

E foi-se a recolher as esparrellas, dando ao demonio os passaros. Ella então propoz que jogassem a pocinha.

—E o fito, ó Rosaria? Sabes jogar ao fito? No adro, aos domingos de tarde, bato-me com qualquer, sabias?

E generoso:—Mas a ti dou te partido: vinte e cinco ás quarenta...

Como o tempo rendia, jogaram tudo—a pocinha, o fito, as necas, a bilharda. Na bilharda, como o rafeiro trazia á mão, era elle que ia buscar o pausinho, quando zinia longe.

—Turco, traz cá!



No emtanto, ia descaindo a tarde. Ao alto, o largo céu esmorecia no seu azul suavissimo. Em todo o espaço o ar estava tranquillo e sereno, e já começava para poente a decoração phantastica do occaso. Parece que se ouvia mais distincto o marulhar das aguas no rio; já não faiscava assim tão viva a areia branca das margens.

Foi quando o Gonçalo lembrou que era melhor irem-se chegando, mais as ovelhas, para as terras onde tinham de pernoitar. E fitando fixamente os olhos negros da Rosaria, disse-lhe assim:

—Mas olha o que prometteste... Inda vaes feita no que disseste?

«Ora que lhe custava a ella! Já que as ovelhas tinham andado juntas todo o santo dia, que mais era que dormissem no mesmo curral, essa noite?»

—E o mais, ó Rosaria?—perguntou de novo com interesse.

A pequena ficou perplexa. Mas como o pastor não cessava de a olhar, respondeu:

—Tambem.—E sorriu-se.—Pois eu...

Só depois d'esta segunda promessa o Gonçalo se levantou, e deu o signal de partida, assobiando aos cães.

D'ahi a pouco, estavam de marcha para o curral, Quando passavam a velha ponte, a obliquidade dos raios do sol fazia alongar desmedidamente pelo areal a sombra dos tres arcos. Nas rugas da corrente, uma luz alaranjada tremeluzia, tirando á agua a sua translucidez normal.

—É bonito!—fez notar o pastor.

A Rosaria explicou logo:

—São as moiras a caçar com redes d'oiro, sabias?

Para a outra banda, um pouco mais abaixo, assomavam á flôr da corrente as cabeças dos dois rapazotes do moleiro. Dentro da *chata* que vogava serenamente, a mãe com o mais novito ao collo não os perdia de vista, enquanto o pae, em mangas de camisa, de pé n'um topo de fraga, lhes ia ensinando as *manobras*. Ao fundo, tres vitellas passavam o rio a vau, muito devagar, parando a espaços, alongando o pescoço para a veia d'agua serena, bebendo mansamente. Sobre o vitello das malhas brancas, o guardador cantarolava, acenando com o chapéu ao moleiro—«boas tardes! boas tardes!» Ao sahir da ponte, o rebanho teve de se affastar um pouco do caminho: aproximava-se um almocreve com a longa fila de machos carregados, tilintando campainhas.

—Adeus pequenos! cumprimentou.

—Venha com Deus!—tornaram-lhe ambos.

E de novo se pozeram em marcha. As ovelhas continuavam confundidas, confraternisavam os cães como bons e leaes amigos. Á frente, o Gonçalo ia tocando na flauta o mesmo que a Rosaria cantava. O brando rumor dos chocalhos, que se levantava de todo o rebanho, casava-se com a musica,

fundindo-se n'uma nota subtil, d'um pittoresco ingenuo de ballada...

Até que chegaram a um topo de serra, escurentado de matagal rasteiro, e então, parando um momento, o Gonçalo perguntou, collocando na sua frente a Rosaria, e pondo-lhe á cara a flauta, na direcção em que devia olhar.

—Vês além... n'este direito? Rez-vez do castanheiro, não enxergas?

A outra fez que sim com um gesto, e interrogou:

—Então é ali?

—Ali mesmo—volveu-lhe já de marcha.

E repoisando a mão direita sobre o hombro esquerdo da rapariga, repetiu-lhe muito contente:

—É mesmo além.

N'uma terra de restolho, um largo quadrado de cancellas marcava o espaço que as ovelhas tinham de occupar essa noite.

—Falta pouco; a gente vae pelo atalho que é só mau p'ra quem passa a cavallo.

E como elle ia expansivo, e a companheira não dava palavra, quiz então saber:

—Estás triste, ó Rosaria?

—Triste... não. Já agora... tem de ser—volveu-lhe cabisbaixa.

—Huum! Arrependeu-se...—volveu comsigo o pastor.



Até que por fim chegaram, tinha anoitecido havia instantes. Gado para dentro e toca a merendar; o que era d'um era d'outro: elle ainda trazia azeitonas, um naco de queijo, pão. Mal acabaram de comer, o Gonçalo apontou para a cabana que

ficava alli perto, e propoz que se deitassem: estavam moídos da soalheira de todo o dia e da caminhada agora.

Quando o Gonçalo e a Rosaria entraram na cabana e se deitaram sobre o colmo, cobrindo-se com as mantas, e achegando para a cabeça um do outro os bornaes que faziam de travesseiro, cerrára de todo a noite, e formigueiros de estrellas scintillavam vivezas de prata polida no azul indefinido do céu.

—E os lobos?—perguntou a Rosaria com medo.

—Não ha perigo—tranquilisou-a o Gonçalo.—Isso é lá com os cães.



Pouco a pouco, foi-se extinguindo no curral a musica triste dos chocalhos. A ladrar, os cães faziam echo. O rebanho devia dormir profundamente, immerso no mesmo somno em que jazia prostrada toda a Natureza, ao largo. Dentro da cabana, os dois conversaram algum tempo, n'um ciciar brando de vozes, até que por fim, vencidos da fadiga, se deixaram adormecer,—quando a historia das moiras encantadas ia no seu melhor episodio...

E lá no alto céu, mesmo sobre a cabana, a estrellada da tarde não era nem mais pura nem mais luminosa do que a alma simples e boa d'aquellas duas creanças...

Quando ao repontar da manhã se levantaram, e sahiram a vêr o céu...

—Bonito dia, Gonçalo!

—Bonito dia, Rosaria! Olha...

...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas iam voando... voando...

SULTÃO

(Copiado do Natural)

Ao meu Henrique e a Beldemonio, seu amigo.

I

Ao cair da tarde, o Thomé da Eira entrava em casa, cansado, esfalfado de andar um dia inteiro a mourejar no campo.

—Meus peccados, boa tarde!—dizia elle para a mulher, com um sorriso a affectar seriedade.

Vinha logo o pequeno, o Manuel, de mãos postas pedindo-lhe a benção.

—Deus te abençoe.

—Pae, olhe que o «Sultão»... ia a dizer o pequeno.

—Bem sei! atalhava logo o Thomé.—O «Sultão» é um maroto e tu és outro.

E enquanto procurava no bolso da jaqueta a sua bella navalha de *meia-lua*, que lhe custara um pinto havia bons quinze annos, e abria a gaveta do pão, o Thomé punha-se a fazer de interesseiro comsigo mesmo, resmungando alto p'ra que a mulher o ouvisse:

—É que por este caminho não tenho um dia descansado... Nem uma hora...

Vinha a mulher com as azeitonas, com o queijo, sem dar palavra.

—...Pois vamos já que já era tempo... Porque p'ra mim ha de chegar... A modos que vou já cançando...

Mas o Thomé não era homem que dissesse estas coisas de coração. Pareciam-lhe longos, interminaveis, os aborrecidos domingos que passava sem ir campos fóra, madrugador como um melro.

—Uma aquella como outra qualquer! dizia o bom do Thomé encolhendo os hombros, como quem está desgostoso com um genio assim.

Partiu uma ampla fatia, um naco de queijo muito branco, do leite da sua cabrada, e veio sentar-se, consolado, ao fundo da larga escada de pedra que dava para a rua, arregaçado, em mangas de camisa, muito á vontade.

Costume velho do Thomé:—mal se sentava, mastigando o «bocado», dizia logo para o filho:

—Ouves, Manuel? Bota cá fóra o «Sultão».

O rapazito corria o caravelho de uma pequena porta lateral, que rangia nos gonzos ao impulso dos seus bracitos roliços, e punha-se a pular de contente, dizendo cá da rua:

—«Sultão»! Sae cá p'ra fóra, «Sultão»!

No fundo negro do pequeno cortelho, na moldura rectangular da porta baixa, destacava-se então a cabecita parda de um jumento, orelhas em riste, grandes olhos de uma tristeza perpetua, n'um movimento moroso de palpebras pestanudas...

E ali se quedava parado, absorto, muito bem posto nas suas pequeninas pernas delgadas, a olhar o Thomé que o chamava,—um grande riso de alegria nas feições amorenadas, contente de ver o seu «Sultão».

Mas o pequeno jumento não avançava um passo, divertindo-se em arrelhar o Thomé, fitando-o com um ar estagnado. Altivo na sua nobre linha de quadrupede de boa raça, alguém lhe poderia lêr no olhar, mole e impassivel, o frio, gelado despreso a que parecia votar o dono...

Mas era áquillo mesmo que o bom do lavrador achava graça. E punha-se então a fallar muito serio, entre resignado e cortez, para o pequeno e desdenhoso jumento—o pão e o queijo esquecidos n'uma das mãos, na outra a navalha de *meia-lua*:

—Então, «Sultão», não vens?

—Não! parecia responder-lhe o animal. E abstracto, continuava a envolvê-lo no seu olhar profundo. A quebrar a harmonia d'aquella immobilitade de estatua, apenas de quando em quando uma pequenina patada na soleira, zap!

—Zangado, «Sultão»? perguntava o lavrador.—De mal comigo?

E prestes voltava a cara para a outra banda, para se rir á vontade...—que não fosse vel-o o «Sultão»... Mettia entre dentes um pedacito de queijo, logo uma codea de pão, e fazendo umas grandes rugas na testa, de quem começa a zangar-se, voltava-se então muito serio:

—Ficas ahi, «Sultão»? Já não és meu amigo?

O gerico abatia um pouco as orelhas, inclinava o pescoço, parece que fazendo-se humilde...

—Então se és, anda d'ahi. Olha...—E mostrava um pedacito de pão.—P'ra ti se vieres...

O «Sultão» dava tres passos, e ficava fóra do cortelho. E por se vingar, o Thomé carregava o semblante n'uma seriedade muito pesada, e erguendo o rosto iracundo chamava-lhe interesseiro, maroto, affirmando que já lhe não dava o pão. E desfechando-lhe emfim a ameaça de o vender a um cigano, entrava a tratá-lo por senhor—sôr «Sultão»...

Mas o pequeno jumento ia andando muito devagar... andando... orelhas baixas, pescoço cahido, a modo de arrependido, parece que pedindo perdão da arrelia.

Nervoso, sapateando, o Thomé voltava a cara para a outra banda, a rir como um perdido.

—Diabo do gerico! diabo do ratão! Capaz é elle de fazer rir as pedras, o mariola!
—E tossia de engasgado, uma migalhita de queijo na guela.

No emtanto, o «Sultão» ia avançando, muito ronzeiro, até que tocava com o focinho, levemente, nos joelhos do lavrador. O Thomé sacudia-o:

—Sae-te p'ra lá! dizia elle muito amuado, sem se voltar.—Cuidas talvez que te

não conheço, cuidas? Já te não quero, vae-te!

Mas como que irreflectidamente, fingindo não querer, chegava-lhe ao focinho um pedacito do pão, o melhor da fatia. «Sultão» lançava um olhar obliquo, entre surrateiro e medroso, levantava cautelosamente o beiço superior, a tremer, e roubava-lh'o da mão.

Pazes feitas! Era então rir a perder, n'umas casquinadas agudas, muito estridulas.

—Credo, homem! dizia de cima, da janella, a sr.^a Josefa.—Até pareces doido!

—Você assim rouba seu dono? Diga! Você assim rouba seu dono? perguntava o Thomé, n'uns grandes gestos.—Vamos que eu lhe não queria dar da merenda? Ladrão, de mais a mais!... Ora bem! agora brinque.

Era precisamente o que o Thomé queria:—ver o «Sultão» a brincar.

...Nada, com effeito, meus amigos, que mais divertisse o bom do lavrador, e melhor o indemnizasse d'aquellas fainas laboriosas que lhe consummiam os dias, imperturbavelmente, perpetuamente, sob soes causticantes e chuvas torrencias.

Por isso, era de ver como elle ria, com uma boa vontade deliciosa, das «partidas» e «diabruras» do «Sultão»! Ás vezes, o pequeno jumento, ferido não sei por que vespa invisivel, despedia sem mais nem menos n'uma carreira aberta, focinho entre as pernas deanteiras, agitando a cauda, por aquella rua fóra. Rompia de toda a banda n'um alarido o rancho pacifico das galinhas, que já no ar andavam como doidas, cacarejando, como se um pé de vento as levasse. Accudia gente aos postigos, ás portas, ás janellas, a ver a polvorosa; e subito se inundava a rua de rapazes, rotos, descalços, alguns quasi nús, correndo atraz do burro, gritando-lhe, acenando-lhe, espantando-o—como se o mesmo vento de folia os houvesse varrido a todos, varrendo a propria rua... E um lá ia a terra, e sobre esse passavam os outros, e sobre todos voava o «Sultão», apupado, perseguido, acclamado, na malta espavorida dos inimigos...

—«Sultão»! eh lá! «Sultão»!

Subito, como se lhe estalasse a corda, o animal estacava, e logo de volta d'elle postava-se a rapaziada, mas n'um alor de nova fuga, não lhe desse na bôlha ataca-os... E abriam alas de repente, quando elle, tomado de novo accesso,

voava para as bandas do dono, que por se não deixar atropellar investia com o «Sultão» de braços abertos, o que era, já se vê, um modo de o abraçar, fingindo medo. E vinham as gargalhadas estridulas, os rogos para que pozesse treguas, as supplicas para que se accommodasse, recuando o lavrador até ao ultimo degrau da escada, onde se deixava cair,—derrotado!

—P'ra lá, «Sultão»! p'ra lá! fazia então o Thomé, oppondo-lhe os pés, desviando-o, apoiando-se nos cotovelos, muito inclinado para traz, a rir como um perdido.

Então o pequeno jumento estacava, offegante. Mas prestes rompia a girandola dos coices, em que era eximio, sacudindo muito as patas, cauda no ar, muito direita, ao mesmo tempo que o Thomé solícito dava aos rapazes o aviso de se arredarem—«porque era doido, aquelle demonio»!...

Outras vezes, parece que variando de tactica, entrava de seguir muito cauteloso, n'um ronceirismo perfido, como um borrego ou como um cão, certa mulher que passava. Até que lá ia uma focinhada, e logo após os saltos do costume, respondendo com uma ameaça de pinotes á surpresa da viandante.

—Dê, tia Luiza! bata n'esse maroto! fazia de lá o Thomé, com ares de zangado. E depois, batendo o pé, pedindo que lhe dessem uma verdasca:—«Sultão»! venha já p'r'aqui! intimava.

E se encontrava um cão? Se encontrava um cão, ia logo direito a elle, muito de vagar, cauda caida, orelhas murchas, n'um cumprimento humilde de focinho. O cão regougava, desconfiado, entreabrindo a dentuça, preparando a sua dentada. Não dava o «Sultão» signaes de medo, e humilde proseguia para o outro, propondo paz. Mas ao primeiro latido, recuava um passo, espertando da sua indolencia passiva; e de espinha arqueada ganhava o terreno perdido—fitando impassivel o cão... O bruto formava então o salto, regougando forte, o pêllo eriçado; e ao investir para a primeira dentada, salvava-o de um pulo o «Sultão», evitando-o, até que por compaixão lhe dava um pequenino coice, «mais feio que outra coisa», pondo em fuga o mastim, corrido, ganindo, vencido:

—Eh! valente! gritava-lhe então o Thomé.

E com duas palmadas na anca, espantava-o emfim para o cortelho, dizendo ao correr a caravelha:

—Não ha dinheiro que te pague, assim me Deus salve!

E comido o caldo verde da ceia, nunca o Thomé da Eira ia para a cama sem primeiro descer a vêr o «Sultão»,—de candeia na mão esquerda, e na direita, contra o sovaco, a bella quarta do grão, acogulada.

Muitas vezes acontecia esquecer-se o Thomé a vel-o comer, de candeia attenta, encostado á mangedoira, sorrindo: e, de cima, a sr.^a Josefa tinha de intervir então, gritando-lhe pelas frinchas do sobrado:

—Thomé, vê se te vens deitar, meu pasmado! olha que são horas.

E piamente, como fanatico, achava verosimil a lenda da burra que fallou,— historia que uma tarde, passando, o abbade lhe contara. Tanto que mais de uma vez, dando ao burro as boas-noites, extranhou com certo desgosto que o «Sultão» lhe não respondesse:

—Boas noites!

Mas o demonio, que sempre as arma, armou-lh'a tambem um dia! Foi ao cortelho, de manhã cedo, e não encontrou o burro. Ficou parvo! Poz-se a mirar, espantado, a loja que lhe pareceu enorme, e além de enorme—gelada...

—Ó Josefa! Josefa! entrou de gritar da rua.—Ó Josefa!

A mulher assomou á janella, sobressaltada.

—Queres apostar que me roubaram o burro, ó mulher?!

—Que te roubaram o quê? fez a sr.^a Josefa, muito attonita.

—O burro, o «Sultão»! Vem cá ver que m'o roubaram!

E como ao tempo acudira já o Manoel, em camisa, descalço, romperam todos tres na gritaria, defronte do cortelho vazio:

—Á d'el-rei! Á d'el-rei! Á d'el-rei!

Até que o regedor, que era compadre, intervindo estremunhado, poz na peugada do burro, mais dos larapios, os cabos que compareceram.

Mas em vão! Um a um foram regressando, pelo dia adeante, e desfechando ao peito abatido do Thomé a negra e vazia palavra:

—Nada!...

II

Dois annos depois. Tarde d'agosto. Ao longe, fechando o horizonte que a eira dominava, as arestas dos montes quebravam-se n'uma sombra igual, e embaciavam ainda o poente as suaves, brandas pulverisações doiradas da ultima luz do sol. Riscos vermelhos de nuvens, como grandes vergas de ferro levadas ao

rubro, destacavam immoveis n'um fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja. Pequenos algodões transparentes, com alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul. N'um deslado, sob os castanheiros proximos, surgiam os telhados da aldeia, a torre branca da igreja, as paredes caiadas da escola.

A vasta eira commum, levemente accidentada, apresentava áquella hora o aspecto tranquillo e de paz de uma grande officina em repouso. Poucas «mêdas», iam no fim as colheitas: mais uma semana, duas quando muito, e estaria tudo recolhido. Já sobre a palha das «parvas» ou ao sopé das «mêdas» altas, entre os utensilios da trilha e a creançada estridula que brincava, os da lavoura descansavam—vermelhos da soalheira intensa de todo o dia, alguns deitados, em mangas de camisa, peito nú, arregaçados os braços musculosos, n'uma prostração regalada de matilha que alfim tem a sua hora de socego, após um dia de caçada. Parecem prostrados da fadiga os proprios malhos, os trilhos, as pás, os «baleios» que levaram todo o santo dia varrendo o chão em volta das «parvas». E aqui e ali, dando uma sensação agradável de fartura, perfilam-se os altos saccos no meio das rasas, extravasando de grão. Além, gente em mangas de camisa, ao redor de um grande montão de palha triturada, vae «limpando»—visto que sopra um «ventinho». E sente-se sobre as pás a chuva do grão, ao mesmo tempo que a palha, voando, faz monte da outra banda, e os «baleios», em mãos de mulheres, não cessam de arrebanhar o grão, varrendo em roda n'um afan... Em certo ponto, carros vasio; um além, de altissimas «angarellas», vae-se enchendo de palha; enquanto outros, atulhados de saccos, em rimas entre as cancellas mais baixas, estridulamente chiando abalam para as tulhas, levados pelos bois gigantes.

Eiras além, livres dos trilhos que ficavam em cima da palha, levas de bois caminhavam vagarosamente, as largas orelhas pendentes, caudas oscilantes afagando nas ancas espaçosas o luzidio pêllo. E lá vão encosta abaixo, roçando pelos troncos asperos dos castanheiros a enorme corpolencia, fatar o largo bandulho á serena agua das ribeiras, sorvendo vagarosamente, impando a cada sorvo, pesadamente, monotonamente, parece que insaciaveis no meio da agua em que se atolam, submissa...

Ao fundo da eira, rente aos castanheiros escuros, um rancho de mulheres cantava alegremente, em côro. Acabara de ensacar-se o ultimo grão da farta colheita do Thomé da Eira.

—Colheita rica, sim senhor! vinham dizer-lhe os vizinhos.—A primeira da aldeia!

—Qual? isso sim! vão vocês vêr a tulha. Muita palha, é que vocês hão de dizer, muita palha e pouco grão...

E muito azafamado, sem prosapias de maioral nem geitos de soberba, as mangas arregaçadas pelos cotovelos, O Thomé ia e vinha, dando ordens, repetindo avisos, distribuindo aqui e além as ultimas tarefas.

—Ahi vae um sacco, ó tu! É p'r'as «rabeiras». Que não fique nem um grão, ouviram? É aviar, toca a aviar! Cautela que não fique por ahi alguma coisa esquecida: essas pás, esses «baleios», tudo isso. Margarida! ó Margarida! qu'é da tua rasa? Deixa! se vae no carro está bem.

E era como um doido a metter-se no serviço de todos, muito expedito, loquaz, alegre, pedindo pelas bentas almas que se não deixassem agora dormir...

—Vamos lá! vamos lá! As pás, ó tu que cantas? Deixa-me por ahi alguma, que eu depois te ensinarei, ouviste?—Que faz ahi no chão esse «rasouro», ó coisa?—Olha p'r'o que estás a fazer, tu: esses saccos que fiquem bem atados.

O criado, que ia abalar com a carrada, perguntou, já de «aguilhada» no ar, se era preciso mais alguma coisa.

—Não, pódes ir. Ouves? lá em casa que tenham a ceia a horas. Avia-te. Ouves, Francisco? Não piques os bois, a carrada é valente. A passo, deixa ir os animaes a passo. Vae-te.

Como o carro chiava, levantou a voz para dizer:

—Olha, descarrega na tulha do meio. Na tulha do meio, não ouves? Os bois para o lameiro.

Mas o Francisco apontou dois saccos que ficavam:—«seria preciso vir por elles?»

—Não vale a pena, lá irão.

E depois, para aquella gente, observou que bem sabia elle quem os levava, aquelles dois saccos...

—Com mil demonios! Apostar que vocês não adivinham?

«Elles sabiam lá?... Quem quer podia levar os dois saccos, olhem agora!»

—O «Sultão», sabem? o «Sultão»! Esse é que os levava. E digo-vos então que valia o dobro a colheita, assim me Deus salve!

Alguns riram da lembrança. «Tinha graça que a scisma do animal não lhe passava nem á mão de Deus Padre!»

—A modos que isso é já mania, ó sr. Thomé?

Nisto, porém, o lavrador soltou um «oh!» de surpresa. Voltaram-se todos—«que era?» Na estrada que a eira dominava, um homem ia passando, a cavallo.

—Vocês não querem vêr, ó rapazes?! perguntou o lavrador, fazendo-se pallido.

—Aquelle burro, hein? se não é o «Sultão» é o diabo por elle...

Recordaram:—«estrella malhada na testa, a mão direita branca»...

—É elle, com um milhão de diabos! não ha que vêr! E aquelle é o ladrão!

E cuspiendo nas mãos, e arregaçando mais as mangas da camisa, arrancou, d'um abanão, o cabo d'uma «espalhadura» e botou a fugir direito á estrada.

Prestes ouviu-se um berreiro, as mulheres do rancho em alarido:

—Que o mata! gritavam todas.—Ai que o mata! Acudam! Ai a desgraça! Nem a alma lhe deixa! Acudam!

Os homens deitaram a correr atraz d'elle, affluia gente de todas as bandas da eira, os cães ladravam.

—Então, sr. Thomé? olhe que se perde, sr. Thomé! diziam-lhe, já agarrados a elle.—Largue o cabo, que se desgraça! Tudo se faz a bem, sr. Thomé, largue vossemecê o cabo!

—Qual bem nem qual diabo! Qual larga? Arreda! Racho-lhe as costellas, mais a vocês, se me não largam! Arreda!

E esbracejava furioso, levando-os de roldão, agarrados a elle mais ao cabo. Chegou a ferir um, os outros desanimaram por instantes.

—Vê, sr. Thomé?!

«Não via nada, não queria ver cousa nenhuma! Arreda!» E n'um rompante de ira, abrindo brecha com um «sarilho», de um pulo saltou á estrada, aos tropeções nas pedras que encontrava, mal se equilibrando.

—Abaixo! intimou.—Você é um ladrão!

—Um quê?

—Um ladrão! É meu esse burro! Hei-de matal-o aqui, seu patife! Deixem-me! larguem-me! Ha-de ahi ficar estendido, como um cão!

E no meio da malta em alvoroço, com a arreata do burro na mão esquerda, e na direita o minacissimo cacete, berrava que o deixassem, que ia tudo razo—«com seiscentos milhões de diabos!»

Seguiu-se altercação, vieram razões de parte a parte, insultos.

—Já lhe disse que você é um ladrão!

—Ladrão será você!—tornou-lhe o outro já de pé, avançando de punhos cerrados.—E não m'o diga outra vez, que o racho!

Afflictas, algumas mulheres voltavam-se, de mãos postas, para a capellinha proxima, rogando o soccorro da Virgem. O lavrador entrava de tremer como varas verdes, desfigurava-o a raiva, uma saliva muito branca bordejava-lhe os cantos da bocca. Pela camisa rota, via-se-lhe já um pedaço de hombro. Tinham, alfim, conseguido arrancar-lhe o cacete, mas agora esbracejava, punhos no ar sobre aquellas cabeças em desordem.

Já, para uns certos do grupo, o homem do burro se desculpava:—«tinha-o

comprado a uns ciganos, fossem lá adivinhar que o burro era roubado...»

—Vê, sr. Thomé? acudiram logo uns poucos.—O homem não tem culpa.—E gritavam-lhe aos ouvidos:—Não tem culpa! Comprou o animal na boa fé. Vês-ahi está!

—Mente! objectava incredulo o Thomé, cada vez mais irado.—Mente!

—Mente?! perguntava o outro de lá, assanhado.

—Como um judeu! cuspiam-lhe da outra banda o Thomé.

De modo que para o convencerem, foi preciso afinal leval-o quasi á má cara, chamar-lhe homem de rixas, despropositado, bulhento. Elle então, abrindo os braços como se fosse para nadar, socegou um pouco, amainou,—prometteu levar aquillo com paciencia, ás boas. Chegou quasi a pedir desculpa, limpando com a manga branca as bagas das camarinhas.—«Mas tinha perdido a cabeça, que lhe queriam?»

Chegou-se por fim a um accordo. «Sim, senhores, accommodava-se, mas punha uma condição: largasse elle o burro, e o burro é que havia de resolver...»

—Serve-lhe o contracto?

—Qual contracto?

—Mau! Larga-se o burro, você entende? deixa se o burro ás soltas. Depois, é p'ra onde elle fôr. Se o burro larga p'ra traz, lá p'r'as bandas d'onde você vem... Você d'onde vem?

—Dos Casaes.

—Pois ahi está. Se o burro tomar p'r'os Casaes, o burro fica seu...

—E tomando direito á aldeia, é do sr. Thomé,—concluíram alguns do grupo, conciliadores.

—Nem mais! Serve-lhe assim? Diga se lhe serve assim.

Por um desfastio, o outro concordou. Mas lá lhe parecia historia que o burro tomasse para a aldeia... Vinha de tão má vontade, que até lhe custara tiral-o de casa.

—Olhe que vae pr'os Casaes! Digo-lhe então que vae pr'os Casaes...—affirmou.

—Melhor p'ra você. Mas nós veremos p'ra onde vae. Você está pelo dito?—quiz saber o Thomé.

—Sim senhor, estou! Pois que duvida tem que estou? disse-lhe o outro n'um rompante. Olhe: uma, duas, tres; ás tres largo-lhe a arreata.

Ia já a abrir a bocca para dizer—«uma!»

—Alto! fez o Thomé. Espere lá um pouco. Primeiro hei-de fazer duas festas ao animal.

E pôz-se a bater-lhe na anca, no pescoço, no peito, demorando-se um pouco a fital-o de frente, «para que o animal o conhecesse.»

—«Sultão»! gritou-lhe de repente. Eh! «Sultão»!

O burro estremeceu... Dir-se-hia que no fundo da sua memoria, a lembrança porventura adormecida d'aquelle nome despertara subitamente...

—Eh! Eh! riu-se muito satisfeito o lavrador. O burro, agora, vira-se p'ra ali. Isso. Nem é p'r'os Casaes nem p'r'o logar. Assim. Eh! Eh!

E afastou-se para o lado, aguardando.

Uma anciedade dominava n'aquelle momento os do grupo; o Thomé pôz-se a roer as unhas, nervoso...

—Então você porque espera? perguntou.

Ouviu-se logo a voz do outro, dizendo:

—Á uma!...

O Thomé sentiu um calafrio; sapateava nervoso, cheio de medo, o olhar de esquelha, e entre os dentes ferrados o pollegar da mão direita...

—...ás duas!

—Ih! c'um raio!... dizia baixo o Thomé.

E sem querer, os olhos cerraram-se-lhe com força.

—...ás tres!

Foi então um barulho de palmas, um berreiro atoador de vivas e gargalhadas! O Thomé vencera: corriam todos a abraçar-o, afirmando que o caso era para foguetes.

—Viva o sr. Thomé! Viva o «Sultão»! Aquillo é que é burro!

—Aquillo é que é amigo, hão-de vocês dizer!—emendava o Thomé a rir. Tenho-os com dois pés, que não valem metade...

—Oh! sr. Thomé! protestavam alguns.

—Isto não é com vocês, mas é como quem se confessa... Está visto que não é com vocês.

E ria, ria como um perdido, enquanto, estrada fóra, o «Sultão» corria que voava, cauda no ar, corda de rastos, perdendo-se por fim lá ao fundo, na poeirada imensa da estrada, como que nimbado n'um resplendor de apothéose. E na peugada do burro, esbaforido e como doido, seguia agora o lavrador, após o fraternal abraço, pregado no dos Casaes...

Quando o Thomé chegou a casa, offegante, a suar, cheio de gestos e de palavras entrecortadas de riso, já o «Sultão», relinchando, pateava á porta do antigo cortelho, n'uma grande impaciencia, um «rap-rap» continuo na soleira.

—Venham vêr! Venham cá vêr! berrava o Thomé para a vizinhança. Ó Antonio! Ó compadre! Ó Maria Engracia!

Ás janellas assomava gente, perguntando se era fogo.

—Qual fogo, nem qual carapuça! É o «Sultão», mas é! Este inimigo! Ó Josepha! Josepha! cá temos o burro, este demonio. Assoma.

Ora imaginem agora os senhores, se podem, a effusão do lavrador. Abraços? E até beijos. Aquillo era um thesoiro perdido que reapparecia alfim. A mulher, do alto da escada, benzia-se, perguntando se o seu homem teria endoidecido...

—Palavra de rei, «Sultão», palavra de rei! Anda d'ahi pelos saccos. São só dois. Ó Josepha! Ouves? p'ra cá esse garrafão que está ao pé da arca, avia-te. A caneca tambem, ouviste? Essa das riscas vermelhas, a maior.

E atirando as mãos ambas para a albarda, montou muito regalado, de um pulo.

—Ah!

A senhora Josepha assomava, ajoujada com o enorme garrafão.

—Anda, mulher, põe aqui deante de mim. Avia-te.

Ia a boa da senhora Josepha arriscar uma observação, um conselho, qualquer coisa de tomo...

—Adeus, minhas encommendas! Não me fanfes, mulher, não me fanfes. Põe aqui, que mando eu, avia-te. Assim. Está bem.

—Nome do Padre...

—Então que lhe queres? Deu-me agora p'r'aqui!

—Nome do Padre, nome do Filho...

—A caneca! Venha de lá agora a caneca!

—...nome do Espirito Santo!

—Passa bem, ó mulher,—concluiu ás gargalhadas, entre as gargalhadas dos demais.—Ouves? Quando o Manoel vier dos ninhos, esse maroto, manda-m'o ás eiras. A trote, «Sultão»! Eh! valente!

E lá parte, veloz como uma setta. Já de longe volta-se do repente:

—Josepha! ó Josepha! n'esse alguidar do meio umas sopas de vinho p'r'o «Sultão», ouviste? No do meio. O grande é muito grande, e esse pequeno não presta. Ouves? mas quer-se coisa que farte, bem entendido.

E de novo despediu como uma flecha, abraçado ao garrafão. Arreata para a direita, arreata para a esquerda, pernas a dar a dar, elle lá vae n'uma corrida, sumido n'uma onda de poeira, até chegar ás primeiras «mêdas».

—Vinho, rapaziada! Ó Maria do Carmo, toma lá uma pinga, mulher! Lá por andarmos de mal ha 15 annos isso acabou-se!

E o Thomé atravessou a eira sempre a cavallo no «Sultão», caneca de vinho para a direita, caneca de vinho para a esquerda.



Meia hora depois regressava, o «Sultão» pela arreata, o Manoel no meio dos saccos, e adeante do Manoel o bello garrafão—sem pinga...

Pelo caminho, a todos o Thomé contava a historia, a rir como um perdido, n'um ah! ah! de gargalhadas sonoras, muito intimas.

—Colheita rica, sim senhores, um colheitão!

E parando á porta, ainda a mulher se benzia do alto da escada, mexendo e remexendo o alguidar de barro:

—Nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo.

...Ao mesmo tempo que o Thomé, abrindo os braços, respondia reclamando as sopas:

—Amen!

ULTIMA DADIVA

Ao dr. A.A. da Fonseca Pinto.

DISTANTE do rio apenas um tiro de bala ficava o horto do José Cosme, bello horto ainda que pequeno, todo mimoso de fructas e hortaliças, fechado entre velhas paredes musgosas, atufadas em silvedo, communicando com a estrada por um pequeno portelo mal seguro. E eis ali quanto ao pobre homem restava dos seus antigos haveres:—o horto, a um canto a nora, e perto da nora, sob a umbella tufada e virente da antiga magnolia gigantesca, a misera casinhola de alpendre, apenas com uma porta e duas janellitas lateraes mas toda pittoresca das heras que a revestiam, que lhe pendiam dos beiraes enlaçadas com as trepadeiras.

De modo que na primavera, quando as parasitas abriam serenamente os seus melindrosos calices sobre esse fundo de verdura reluzente, e a magnolia toda se toucava de flores fazendo docel á vivenda, aquelle pequeno canto d'horto, com a sua nora e com a sua agua espelhante e limpida, tomava a feição ingenua de uma delicadissima tela de paizagista, aquarella deliciosa, alegre e idyllica, cheia de encantos na poesia rustica da sua simplicidade.

No verão, ás horas de calor, quando o sol caía a pino sobre a larga paizagem adormecida e turva, e as arvores da estrada não davam sombra que aliviasse, aquella tranquillidade com que o José Cosme ressonava sob o alpendre, braços nús e peito nú, o chapeirão de palha grossa resguardando-lhe a cara, fazia inveja aos que por ali passavam, cançados e cheios de poeira, flagellados por aquella estiagem inclemente.

—Ó tio José!—gritavam-lhe do caminho.—Tio José! Ó regalado!

Mas os que entendiam de lavoura, proprietarios e maioraes, esses deixavam dormir o José Cosme e ficavam-se a admirar o horto.

Ora na verdade!... Bello horto, sim senhores! Por aquellas redondezas não havia outro que se lhe comparasse, tão esmerada era a sua cultura—tão esmerada e tão

completa, pois que de mais a mais nem palmo de terra ficara inculto. Nas leiras, dispostas com symetria agradável, verdejavam cheios de viço, frescos e medrados, legumes de todas as castas—desde a alface muito tenra, de folhas verde-claras, toda acaçapada no chão humido das regas, até ás trepadeiras das vagens que enroscadas ascendiam pela basta «rodriga» de castanho aparada com todo o esmero, formando massiços de verdura sombria que os casulos esguios dos feijões crivavam de alto a baixo. Árvores, apenas as precisas para aformosearem o horto, sem prejudicarem com a sombra a vegetação franca das hortaliças. Mas todas as que havia eram mimosas de fructas nas estações competentes—cerejas, peras, maçãs, pecegos mesmo.

Poucas flôres: uma coisa que todos notavam com estranheza. Mas desde que lhe morrera a mulher mais a filha, o José Cosme deixara-se de as cultivar, e nos canteiros assim devolutos tinha semeado repolhos, que por signal vinham enfezados. Só teve o cuidado de não deixar morrer os goivos. Uma vez por anno, em fins de Maio, colhia-os todos de uma vez, e ia leval-os em braçado á sepultura rasa das suas defunctas.

Exactamente n'essa tarde tinha elle ido ao cemiterio fazer a funebre visita. Quando se recolheu era já noite. Mal acabou de cear levantou-se bruscamente da mesa e foi-se para o horto, com uma grande vontade de chorar. Estava nas suas horas tristes, n'essas horas em que as energias todas da sua alma e até as do seu corpo vergavam sob o flagello de uma dôr violenta, exacerbada agora pela saudade dos que lhe tinham morrido... E para maior desgraça fugira-lhe o bem das lagrimas. De modo que sem esse lenitivo, aquellas medonhas tempestades custavam o dobro a supportar. Abstracto, n'uma especie de entorpecimento idiota, percorria sem descanso todas as ruas do horto, cabisbaixo, acabrunhado, automato. Se por vezes parava, recolhendo-se n'uma quietação attenta, logo um gesto brusco desmanchava a sua immobildade de estatua, soltava um fundo gemido, e punha-se de novo a andar.

—Vens ou não vens?—perguntava elle, evocando com dorido esforço a imagem da mulher ou da filha. Não vinha; e quando apparecia era como se fosse um relampago, apagava-se logo.

N'esta luta com a sua dôr as horas iam passando longas. Era já tarde, talvez a uma da noite. Luz, apenas a das estrellas, pois que o luar nascia tarde. Pesava sobre toda a paizagem o largo silencio da noite, apenas cortado, ao longe, pela melopeia somnolenta do rio.

Um rapaz que ia na estrada olhou por acaso para o horto do José Cosmo e viu um vulto perpassar de repente e de repente sumir-se n'um recanto onde a sombra era mais densa.

—Temos historia...—resmungou comsigo o rapaz.

E, rente a uma arvore, quedou-se alapardado, á espreita. Não desconfiou que fosse o José Cosme: aquillo era mariola de larapio que vinha por ali fazer das suas. Agachou-se então, e poz-se a procurar uma pedra. Apanhou duas, para o caso de não acertar a primeira.

—Cão do diabo!—exclamou baixo o rapaz, pondo-se em posição de jogar a pedra.—Espera que eu te arranjo...—E já ia arremessal-a na direcção do canto, quando o vulto saiu da sombra e tomou por um carreiro, direito ao logar onde o rapaz estava.

—Melhor! Mais a geito ficas...

E debruçando-se um pouco na parede, poz-se a fixar o vulto que avançava, para ver se o conhecia. Quem quer que era trazia a jaqueta sobre os hombros, alvejavam-lhe as mangas da camisa. A meio do carreiro, mesmo defronte d'elle, parou. Foi então que o rapaz se lembrou do José Cosme. O vulto parecia, com effeito, ser o d'elle; lembrava-se agora de ter ouvido que o pobre homem, quando o ralavam saudades da mulher e da filha, levava noites em claro, a percorrer como doido aquelles carreiros por onde ellas tinham andado.

Quando ouviu soluçar, acabou então de se convencer. Insensivelmente, deixou cair as pedras e perguntou:

—Tio José! Ó tio José! Sou eu, o Luiz... Vossemecê que tem?

O lavrador não respondeu, parece que nem tinha ouvido. O rapaz insistiu:

—Doe-lhe alguma coisa, ó tio José?

—Não dóe, não. Sabes que mais? peço-te pelas alminhas que me deixes. Bem me bondam as minhas afflicções. Vae com Deus, vae.

O rapaz ficou surprehendido, triste do tom de supplica dorida que o José Cosme dera áquellas palavras, e retirou-se silencioso, quasi aterrado agora com a ideia de que poderia ter matado o pobre homem, caso jogasse a pedrada.

No emtanto a noite ia avançando, grave, soturna, sem outro ruido que não fosse o das aguas do rio. E o José Cosme, sem despegar do seu fadario, ia e vinha pelas ruas do horto, lembrando um automato ou um somnambulo. Ás vezes abeirava-se da porta de casa e punha-se a escutar. Como não sentia nada, voltava de novo ao seu passeio. N'isto, de uma vez que passava em frente do cancello, pareceu-lhe ouvir passos.

—Ó Thomaz!

—Sr. José!—respondeu o que entrava, n'uma voz que era mesmo voz de barqueiro.

O Cosme sentiu então uma grande vontade de chorar, mas remordendo os beijos dominou-a. Como o barqueiro estranhasse encontral-o a pé, elle então redarguiu-lhe que nem se tinha deitado.

—Como tinha de madrugar...

—Pois são horas de largar, sr. José; isto vae p'r'as duas. Não tarda que comece a amanhecer.—E como estavam á porta de casa:—Será bom acordar já o pequeno: veste, não veste, é tempo que se vae.—Iam á vela se o tempo não mudasse. Era bom aviar, por isso.

Mas á ideia de ter de acordar o pequeno, o José Cosme deixou-se cair sobre o banco que estava debaixo do alpendre, e desatou a chorar violentamente.

O barqueiro tentou animal-o, constrangido.

—Então, sr. José?... O chorar é lá para as mulheres. Olhem agora que homem!—E tentava levantál-o, pol-o de pé.—Limpe lá essas lagrimas, que vae affligir o pequeno! Ou quer que elle vá a chorar todo o caminho?

O Cosme fez que não com a cabeça, violentamente, e poz-se a enxugar os olhos com a manga da camisa.

—Pois então levante-se lá.—E segurou-o com força por baixo dos braços.—Assim! Lá porque o pequeno vae para o Brazil não fique vossemecê a pensar que o não torna a ver.

Mas era isso mesmo o que elle pensava...

—Porque não sei que me adivinha que não torno a ver o pequeno—concluiu a chorar o José Cosme.

—Scismas! lembranças que veem á gente quando está afflicta. Mas ha-de vel-o que o não ha-de conhecer, digo-lh'o eu. Mais anno menos anno, apparece-lhe ahi rico...

Rico! bem lhe importava a elle que o pequeno viesse rico. O que desejava era que voltasse e que elle ainda fosse vivo só para o abraçar.

Pois sim, mas era preciso aviar, que tivesse paciencia: o José Cosme que se animasse para animar o pequeno—recommendava o barqueiro.

—Sim... sim...—tartamudeava o Cosme.—Vamos lá com Deus! Com'assim..

E n'um profundo ai dolorosissimo, foi-se direito á porta para chamar a pequeno. Não havia remedio, tinha nascido em má hora, havia de ser desgraçado até que o levassem para a cova... Sobre a estreita e humilde cama o filho dormia profundamente. Que dôr, ter do o acordar! Vieram-lhe tentações de mandar embora o Thomaz e deixar dormir a creança. Quem sabe se a sua sorte futura, se toda a sua vida, valeria a boa tranquillidade d'aquelle somno! Não tinha coragem para o acordar, fazel-o vestir: era quasi um peccado quebrar aquelle ultimo somno dormido sob o tecto paterno... O ultimo somno! o ultimo somno!

—Ainda se o deixassemos acordar...—aventurou-se a dizer o triste.

Mas o Thomaz que estava com pressa, lembrou seccamente que eram horas de pôr o barco a andar.

O José Cosme accendeu então a candeia, reccioso de que a luz o acordasse, e achegando-se do filho poz-se a escutar-lhe a respiração. Dormia!... Mas brandamente pousou-lhe a mão sobre a cabeça e chamou baixinho, quasi ao ouvido, beijando-o, sobresaltado como se fosse praticar um grande crime:

—Filho, olha que são horas, meu filho...

Quando o pequeno se sentou na cama, estremunhado, ainda sob o estonteamento do somno, cerrando os olhos áquella hostilidade viva da luz, o pae agarrou-se a elle n'um abraço, e ambos romperam a chorar.

—Adeus, pae!

—Adeus, filho!

Confrangido, o Thomaz que se deixara ficar á porta, avançou para desatar aquelle abraço.

—Olhe que é tarde, sr. José. Perdoe, mas olhe que é tarde!

O pae vestiu o pequeno, beijou-o ainda muito, e saíram. Debaixo do alpendre, o Joaquimsito ficou-se um instante a olhar o tecto.

—A andorinha, filho?—perguntou o José Cosme.—Deixa que eu hei-de olhar por ella, mais pelos filhos quando os tiver. Vae socegado.

Mas o pequeno quiz vel-a, pediu ao pae que o erguesse, era só um instante. Lá estava ella, coitadinha! sentiu-a estremecer quando lhe tocou com as pontas dos dedos...

—Adeus!—disse-lhe o pequeno afagando-a.

A esta palavra, o pae retrahiu os braços e tomando o filho no collo seguiu. Atraz, o barqueiro levava ao hombro a misera arca de pinho: toda a bagagem do Joaquim.

Ao transpor o cancello o José Cosme deteve-se um pouco e perguntou soluçando:

—Quando voltarás ao horto, meu filho?

O pequeno não respondeu. Chorava constantemente de ver que o separavam de tudo o que adorava—a andorinha, depois da andorinha o horto, as arvores, a

velha nora, o cancello, tudo emfim.

Atravessaram então a estrada e tomaram para a banda do rio. Quando o sentiram murmurar, aperraram mais o abraço, deram-se um longo beijo, humido das lagrimas que ambos derramavam. Ah, como o triste pae desejava que o rio ficasse ainda longe, mui longe, que fugisse deante d'elles, de modo que nunca o alcançassem! Mas eis que a areia principiava, divisava-se já perto o vulto escuro do barco onde os da tripulação fallavam alto.

—Prompto?—perguntou ainda de longe o Thomaz.

Do barco responderam que era só marchar, de mais a mais ia romper a lua.

Chegaram emfim. N'um leve silencio d'acaso ouviam-se os soluços dos dois, parece que prolongados infinitamente, na sua expressão de angustia, pelo deslizar monotono das aguas... Aquillo confrangia o barqueiro, elle tambem era pae... Por isso, mal chegaram á beira do rio, apressou-se a dizer para o pequeno:

—Ora bem, Joaquimsinho, beija a mão a teu pae e dize-lhe adeus.

Ouviu-se um chorar lancinante, a voz do pobre José Cosme a querer animar o filho:

—Então, meu filho?... Deus te abençoe, meu amor... Nossa Senhora te veja ir.— E fez-lhe prometter que havia de resar sempre a Nossa Senhora, elle tambem lhe resaria, pois era ella quem dava saude, quem fazia a gente feliz.

—Não te esqueças d'ella mais da alminha de tua mãe e de tua irmã...

Mas o pequeno chorava cada vez mais, agarrado ao pescoço do pae, beijando-o sofregamente, acarinhando-o, sem forças para dizer palavra. Então o José Cosme, perdida a esperança de animar o filho, só exclamava desvairado:

—Valha-me Deus! O Senhor me valha pela sua infinita misericordia!

E o Joaquim sempre agarrado a elle, beijava-o na cara, na cabeça, nas mãos. Até que o Thomaz teve de intervir, era preciso despegar d'ali por uma vez.

—Com'assim, sr. José, isto tem de ser...—E segurando o pequeno com força

puxou-o para elle. Quando já o tinha nos braços, ouviu-se o José Cosme que supplicava de mãos postas:

—Só um instante, só um quasinadinha, Thomaz!—E o pobre pae caia de joelhos na areia, n'uma attitude de supplica.

Mas n'esse momento, o barqueiro saltou de um pulo para o barco, levando ao colo a creança.

—Rema!—intimou em voz rapida.

O barco recuou então subitamente, ao mesmo tempo que os remos fizeram *plhau!* sobre a agua.

Então o choro do José Cosme tornou-se de uma violencia desesperada, ao ouvir a voz lacrimosa do pequeno dizendo-lhe adeus lá do barco.

—Adeus, Joaquim, adeus!

—Adeus, pae!

—Adeus!

Mas repentinamente, com voz resoluta e firme, o José Cosme gritou na direcção do barco:

—Thomaz! ó Thomaz! por alma de teu pae faz lá alto um instante.

Acabou-se! custara-lhe tomar aquella resolução, mas já agora era melhor ficar sósinho de todo. E segurando nos dentes um pequeno objecto, arremessou a jaqueta ao areal e d'um lance deitou-se a nado. O Thomaz que ouvira o mergulho do corpo, fez recuar o barco; mas o José Cosme, velho nadador destemido, com meia duzia de braçadas ganhou-lhe de prompto a quilha. O filho tinha-se debruçado, na ancia de esperar o pae, de o ver ainda outra vez. N'um movimento rapido, o José Cosme entregou ao pequeno o que levava entre os dentes, dizendo-lhe a chorar:

—É a medalha, Joaquim; é a medalhinha de tua mãe, meu filho!... Reza-lhe, sim?!

E chorando cada vez mais, o pobre José Cosme pediu ao barqueiro que lhe chegasse o pequeno para o ultimo beijo...

Dado o ultimo beijo, o barco poz-se de novo em marcha. Vinha a romper a lua, enorme, torva, afogueada, como se viesse de algum banho de sangue em região mysteriosa de lagrimas... E no silencio agoireiro da noite, apenas cortado pelo bater monotono dos remos e pelo bracejar desalentado do triste nadador, á voz do filho que chamava respondia cada vez de mais longe—longe como se fôra do Infinito! a voz lacrimosa do pae—com o seu funebre *adeus*! que elle bem sabia ser eterno...



...Só quando o echo do ultimo adeus do Joaquim, perdido na distancia, diluido no luar que surgia, desfeito no lugente murmurio das aguas, fundido no derradeiro suspiro da brisa matinal, deixou de chegar á praia, é que o pobre abandonou o areal e se foi, sempre a chorar, tiritando ao frio da sua desgraça, como a um vento agudissimo do Polo, na direcção do horto silencioso...

COMEDIA DA PROVINCIA

A Alberto Braga.

I

PRELUDIOS DE FESTA

ESSE anno, a festa da senhora das Dôres devia ser coisa de estalo. A começar pelo juiz, todos os da mesa eram de respeito—abonados e decididos. Tanto assim, que o fogo preso, que afinal era o melhor da festa, vinha lá de Chaves, longe que nem seiscentos diabos. Mas era obra de geito, acabou-se! Tinha-se dito ao homem que trouxesse coisa que representasse uma cegonha. O homem respondera que sim, e dava mesmo a entender que traria mais animalejos, uma bicharada, talvez um macaco, se tivesse tempo de o acabar.

—Homem de uma canna! resumiu o juiz quando acabou de lêr a carta. E correu a espalhar a noticia, orgulhoso de que «no seu anno» a *coisa* fosse de arromba! Depois, era um despique. No anno atraz, o José da Loja, que tinha sido o juiz, gabara-se do seu fogo, só porque vinha lá uma peça que era um castello a dar tiros, assim: Fff! Pum!

—Ora deixa estar que eu te arranjo... murmurou com os seus botões o Antonio Fagote. E sorria satisfeito, de se lembrar que na noite do arraial todo o povo o havia de acclamar, dar-lhe vivas pelo fogo que apresentára. Espalhou-se a

novidade. Uma hora depois, na villa, ninguem fallava n'outra coisa.

—Então você já sabe?

—Já sei. A cegonha.

—A cegonha e o mais: um cavallo, um bezerro...

—O que eu quero vêr é o camello. Feio bicho, já viu?

—Pintado. No Monteverde se me não engano. Logo adeante do *Valente Rei Arauto Fiel*.

Enganava-se.

O escrivão da camara, que tinha laracha, encontrou-se na rua com o Alves aferidor.

—Até que emfim, amigo Alves. Até que emfim vou ter o gosto de o ver arder.

O outro não percebeu. «Que se explicasse...»

—Um urso, no arraial queima-se um urso.

—Então ardemos ambos, redarguiu embezerrado o Alves.—Tambem se lá queima um burro.

Às duas por tres, o Antonio Fagote viu a casa cheia de gente. Quem não ia, mandava recado: todos queriam saber se vinha o animalejo da sua predilecção.

O homem começava a azedar-se. Chegou mesmo a mandar fechar a porta, por dentro.

—Põe a tranca, se fôr preciso.

Mas então era cá da rua:

—Ó sr. Antonio!

E na porta as pancadas ferviam:

—Truz! truz! truz! Sr. Antonio!

—Éna! c'um raio de diabos!—fazia lá de dentro o homem, furioso.

—O senhor faz favor? É só uma palavrinha.

Á janella assomava então o Antonio Fagote, com os olhos na ponta do nariz e a carta do foguetorio na mão.

—O camello? perguntava zangado.—O urso?! Camellos me parecem vocês, ouviram? O que o homem diz é isto.

E lia a carta, rematando:

—Uma cegonha, outros animalejos, quem sabe lá o que serão, e talvez o macaco, se houver tempo de o acabar. E agora, sabem que mais?... Tirava os olhos e ia-se embora, capaz de os trincar a todos.—Irra!

E lá de si para si pensava que era melhor ter guardado segredo. Não fosse elle burro... Mesmo porque cada um começou logo a inventar animaes, e todos é que não podiam vir. Claro! E não vindo todos, ahi tinhamos nós descontentes. E havendo descontentes, quem lucrava era o José da Loja.

—Temos o caldo entornado! pensava afflicto o Fagote, amedrontado com aquelle espectro do José da Loja, o seu rival! De mais a mais, já lhe tinha chegado aos ouvidos que o outro agoirava mal do negocio...

—Farofias! tinha dito o José da Loja. Farofias!

—Pois se m'o diz na cara, arrebento-o! vociferava o Fagote, quando tal soube.

E arrebentava, que o Fagote era homem para isso, tinha pulso. Desde rapaz que uma lenda de valentia se fizera na sua vida: contavam-se proezas, desde uma vez que varrera uma feira, por causa de eleições. Depois, bom olho para a caçadeira. D'uma occasião, que foi preciso dar montaria aos ladrões, portou-se como um leão, foi elle que deu voz de preso ao chefe da quadrilha. E como foi que lh'a deu? A phrase ficou lendaria:

—Como-te a alma se te mexes!

—E o outro não se mexeu, que elle comia-lhe a alma! commentavam convictos.

Como esta, muitas outras. E foi talvez por estas proezas que a sua figura adquiriu para a velhice o geito desempenado que tinha. Estava com 60 annos e a sua attitude viril impressionava ainda agora. Não era nutrido, mas era sanguineo, tez morena, cara rapada, olhos pequenos, uma largura de hombros que era o principal indício de força. Pescoço curto. Mesmo a brincar, quando cerrava os punhos e arremettia com força, conhecia-se-lhe a rijeza dos musculos n'aquelle movimento sacudido.

—Safa! que isso ahi é de ferro! diziam os rapazes. D'uma canna, hein?

Mas bom homem, d'uma grande franqueza de modos, simples e affavel. Para se sair era preciso pical-o. E uma vez, quando era juiz ordinario, uma testemunha tanto o picou em audiencia, que elle desceu lá da cadeira, foi-se a ella e quebrou-lhe a cara. Por isso fallava sério quando promettia arrebentar o José da Loja. A mulher interveio pacificadora:

«Que não desse ouvidos a ditos. Deixasse o homem, que não era tão mau como o pintavam.»

—Ó mulher! cala a caixa e não me defendas esse velhaco! redarguiu o Fagote. Do que elle é capaz sei eu.

Mas n'esta occasião, de todas as velhacarias do José da Loja, só lhe lembrava uma: ter sido juiz o anno atraz!

Isto parecia-lhe com effeito uma velhacaria, feita a elle que era juiz este anno.

—Pois tu que pensas? dizia elle para a mulher. Quem me metteu a festa em casa foi elle. Elle é que se lembrou de me escolher, como quem diz: «entrego-te a vara, sempre quero vêr como te arranjas...»

—Nome do Padre, do Filho... A mulher benzia-se «das idéas do seu Antonio.»

—Sejam idéas, que não sejam! teimou o Fagote. Isto foi tal e qual, assim me

Deus salve!

—Mas quem t'o disse, homem? Quem foi que t'o disse?

—Quem m'o disse? Olha! E mostrou-lhe o dedo minimo da mão direita.—Foi este mindinho. Não falha.

E então desabafou: «que não pensasse o José da Loja, que o havia de levar á parede. Agora levava! A festa ha-de se fazer, e festa de arromba; *nanja* como a d'elle que só levava seis anjos, e não sei quantos andores, acho que meia duzia!»

—Ó mulher, então é para que saibas onde chega o brio d'um homem! Caramba! Sendo preciso, ouves? sendo preciso até vendia a camisa do corpo. Nem trinta sanfonas como o sanfona do José da Loja! E espipava olhos de colera para a mulher que remendava uns saccos, compungida de ver assim o seu Antonio.

E poz-se então a renovar ordens, recommendações que a mulher já estava farta de ouvir. «Mas com tempo é que as coisas se pensavam, não era ao atar das sangrias!»

—Leitões se os cá não houver, manda-se o Miguel á cata d'elles por esses povos á roda. Querem-se de 7 semanas, tres pelo menos.

A mulher contraveio:—«dois seriam bastantes...»

—Mau que ahi principiámos nós!—E poz-se a assobiar e a rufar com o pé no soalho, arreliado.—Tres é que hão de ser. Não quero cá dois, porque dois eram os do *outro*, o anno passado.

A esta razão, a mulher calou-se. O Antonio Fagote gostou do silencio da mulher, que o lisongeava nos seus despeitos contra o *outro*.

—Agora não fanfas tu... insistiu elle, risonho. É assim mesmo que eu gosto. Signal é que tens vergonha. A *outra* tamem não é mais que a ti.

A *outra* era a mulher do José da Loja, está visto.

—Nem mais, nem tanto, emendou a Luiza Fagote, abespinhada.

—Isso mesmo! abundou o juiz da festa. Não me lembrava agora que antes de casarem...

—E olha que depois de casada... insinuou a sr.^a Luiza, de ventar no ar, enfiando a agulha. Cala-te bocca.

Façamos de conta que a bocca se calou, com effeito. Que não se calou. Mas n'este particular, o resto do dialogo convém que se omita, mesmo porque afinal nem eu nem os senhores queremos mal á mulher do José da Loja. Ha-de perdoar-me o Antonio Fagote, mas n'isto não lhe faço a vontade. O pudor acima de tudo! E ademais elle bem sabe que eu sou conhecido da mulher. Adeante. Basta que lhes diga que por uma associação logica de idéas a conversa veio parar em vitellas...

—É preciso vermos como ha-de ser isso da vitella, disse o Antonio Fagote. Sem vitella é que se não faz nada. Uma perna sempre se gasta.

Combinaram fallar com tempo ao Manoel Cortador, segurar esse negocio. De mais a mais sabia-se que o prégador dava o cavaco por um bom pedaço de vitella assada.

—O prégador é que arrasta ahi muita gente, observou a sr.^a Luiza. Para um bocado de sentimento não ha como elle. Quando foi das missões, o que elle dizia d'aquelle pulpito abaixo! É quanto se póde!

—A mim o devem, se cá vem!—disse orgulhoso o Fagote. Que o homem não queria vir, desculpava-se com a saude: que tinha de ir a umas caldas, e 14 leguas a cavallo por estas caniculas eram de acabar com elle.

—Isso desaba ahi o poder do mundo! Em se sabendo que é o missionario...

Estavam n'isto, quando bateram á porta. O Fagote foi ver á janella.

—Bem, muito obrigado. E a senhora mestra? Estimo, estimo.

Era a creada da mestra regia, foram abrir.

—A senhora mestra manda muitos recadinhos, saber como está a sr.^a Luiza, e

este bilhete para o sr. Antonio.

Entraram todos na saleta. Como era já tarde, o Antonio Fagote foi accender uma luz.

«Que conversassem, enquanto elle via se tinha resposta.»

—Muito calor, começou a sr.^a Luiza.

—E então a casa da sr.^a mestra que é mesmo um forno, disse por demais a creada.

E antes que a conversa pegasse, avisou a sr.^a Luiza, ao ouvido, de que lhe queria uma palavrinha.

Foram para uma varanda que havia nas trazeiras. A tarde descahia, n'uma serenidade calma. Sentaram-se uma junto da outra, muito familiares.

—Está se aqui bem! exclamou consolada a sr.^a Luiza.

—Está. E então bonitas vistas. Mas o que eu queria dizer era pedir-lhe um favor, disse atrapalhada a creada.

—Se estiver na minha mão...

A outra começou: «A sr.^a Luiza estava ao facto do que se dizia d'ella com o criado do inglez. Decerto estava ao facto. Mas era mentira. Jurava-lhe pelo que havia de mais sagrado que era redonda mentira.»—Estamos para casar! é o que estamos! «Elle já mandara vir os papeis lá da terra, não podiam tardar».—Está claro que eu tenho affeição ao rapaz...

—Elle esteve ahi doente uma temporada, interveio a sr.^a Luiza, para dizer alguma coisa.

—Esteve. Umas quartans que o iam arrebanhando. Mas é ahi que eu quero chegar.

—Que experimente o limão azedo, aconselhou a sr.^a Luiza. É milagroso nas

quartans. Não se afflija, que isso não ha-de ser nada.—E dispunha-se a consolar a rapariga, a dizer-lhe tudo o que sabia de bom para matar quartans, pensando que era o que ella queria, afinal.

—Não senhora. O rapaz está melhor. Caso é que não recáia. Mas é por via d'isso que eu lhe quero pedir um favor.

Chegou para ella o banco de cortiça e confidenciou:

—Já o andam a desinquietar para ir com os mais furtar a bandeira, qualquer noite. E elle vae, prometteu que sim. Mas veja, n'aquelle estado! inda não ha nada que sahiu da cama.

—Pelos modos, os rapazes vão este anno longe pelo pau, disse com pompa a sr.^a Luiza.—Muito longe!

—Ouvi que á Ribeira Velha, ao lameiro do Canellas. E logo com quem elles se vão metter, o Canellas! Se desconfia, vae-se para lá de clavina e faz alguma desgraça. Mais elle, que é atrevido!

Cautelosa, a mulher do juiz redarguiu que lá onde elles iam pelo pau é que ella não sabia.

—A outra noite é que para ahi estiveram a combinar, o meu Antonio mais os mordomos. Não ouvi.

—Pois é lá! exclamou a creada. Mas o que eu queria, sr.^a Luiza, é que o seu marido me não deixasse ir o rapaz na malta,—supplicou afflicta a rapariga.

—Lá isso, esteja descansada, não vae! prometteu com grande auctoridade a sr.^a Luiza.—Digo-lhe eu que não vae. E se não quer mais nada...

—Era só isto, muito agradecida á senhora.

N'esse momento entrava o Fagote, em mangas de camisa, os olhos para a testa.

—Ora pois então aqui vae a resposta. Má letra, a sr.^a mestra que desculpe. Mas emfim que leia como poder.

—Então muita massada co'a festa? inquiriu solícita a rapariga.

—Muita. Faz lá ideia? Massada e despesa. Olhe que se faz despesa. Todos os dias são precisas coisas, mais isto, mais aquillo. Ahi está que já hoje mandei pedir para o Porto uma palheta para o clarinete do Alves.

—Chh! fez admirada a rapariga.

—Pois é verdade. Fóra o mais! fóra o mais! Nicas! E depois d'uma pausa:—Só com o que se gasta no jantar, e é verdade que ha muita coisa de casa, mas só com o que se gasta no jantar, a bem dizer que se fazia uma horta, além no prado.

—Muita gente... disse a rapariga.

—Muita! e depois de certa aquella... Á meza talvez vinte e quatro pessoas...

A rapariga benzeu-se!

—Vinte e quatro, p'ra mais que não p'ra menos, insistiu o Antonio Fagote.—Olhe: o prégador...

—Isso dizem que é coisa asseada! interrompeu a rapariga.

—É. Não o ha melhor. Missionario...—explicou o juiz. Pois o prégador, um; com mais quatro padres, cinco; com quatro musicos, nove; o compadre, os pequenos, dois, doze.

—A comadre não vem! que pena! fez do lado a sr.^a Luiza.

—Não. O compadre e os pequenos já disse. Doze. O Morgado da Fonte e o Antonio Capador, quatorze. O Telles, é verdade, Telles escrivão, quinze. (*Pausa*). Com mais alguém que venha, vinte e quatro. Póde-se contar com mais de vinte e quatro pessoas á mesa.—E a rir-se: Mas ha-de sobrar muita coisa, graças a Deus... E depois os pobres?

—Isso então é uma praga! exclamou a sr.^a Luiza. Até parece que veem do chão assim... E collocava em pinha os dedos todos das mãos ambas. Assim...

Mas fazia-se tarde, a rapariga despediu-se.—«Adeusinho! o que havia de estimar é que tudo corresse como desejavam.»—E se fôr preciso qualquer coisa... offereceu-se. As minhas fracas posses...

—Obrigada. Não faltarão ocasiões. Muitos recadinhos á senhora mestra...

—E que hei-de estimar que o mano chegue de saude, concluiu o Antonio Fagote.

E então explicou á mulher: «Aquelle bilhete da mestra era a mandar-lhe perguntar se sempre era certo vir o macaco de fogo».

—Diz que o irmão, o brasileiro, assim que souber que ha macaco de fogo no arraial, não tem mão em si que não venha. E Deus o queira, porque o ponho ao pallio. Como tres e dois serem cinco.

A senhora Luiza quiz saber a resposta que lhe mandára.

—Disse-lhe que sim. Pois?! O que eu quero cá é o brasileiro. Sempre é homem que sabe dar o merecimento ás coisas... Mas o diabo agora é o macaco! ponderou muito apprehensivo. Está para ahi meio mundo á espera do macaco...

A senhora Luiza quedou-se pensativa, absorta no seu receio de que o bicho não viesse.

—Táte! fez o Antonio Fagote, batendo uma palmada rija na testa.—Dá cá d'ahi a minha vestia. Manda-se uma «parte» ao homem.

—Tambem póde ser, concordou a senhora Luiza. Mas hoje é que não, aquillo já está fechado, o fio.

—Vae ámanhã. «Agradeço favores. Traga macaco sem falta». Isto. Talvez accrescente: «Não se olha a dinheiro». Mas é que accrescento, por via das duvidas.

Então, a senhora Luiza confidenciou quasi ao ouvido do homem:

—Ouves? já se não póde ir ao lameiro do Canellas pelo pau.

—Han? qual pau?

—O da bandeira. Todo o mundo já o sabe.

Elle riu-se.

—Todo o mundo, hein? Melhor! Oh! oh! todo o mundo!...

E como ella ficasse estupefacta.

—Nunca ouviste dizer que se põe o ramo n'uma porta e que se vende o vinho n'outra?

—Ah!...

—Mas são verdes. Pois ahi é que vae a historia, e cantarolou, satisfeito:

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho



Mas o melhor do caso foi no dia seguinte, quando logo de manhãinha o Antonio Fagote sentiu bater á porta, de riço.

—Vae lá ver o que será, ó Luiza!—disse da cama o Fagote sobresaltado.

Não tardou nada que o José Manco lhe entrasse de rompante pelo quarto.

—Vista-se, homem! Ande d'ahi depressa! Vista-se.

—Ha novidade? perguntou logo o Fagote, sobresaltado.

—Vista-se! com dez milhões de diabos! Insistiu o outro.

—Hom'essa! fez espantado o Fagote. Alguem á morte?

—Peor do que isso! resumiu o José Manco.

—Peor do que isso, então não sei...

—Não tardará que o saiba. Avie-se, que eu cá o espero na rua.

O Antonio Fagote vestiu-se á toa, aparvalhado. Foi já na rua que acabou de enfiar a jaqueta. As correias dos sapatos iam de rastos, não levava chapéu.

—Prompto! cá estou!

—Venha comigo, avie-se. Abotõe as calças, se faz favor.

E rodaram rua acima.

—Diabo! mas então...? ia perguntando o Fagote.

—Aguarde, que já vae saber. Não tarda.

De quatro escanchadas foram dar ao adro da igreja.

—Roubaram Nosso Pae, aposto?!

—Peor! redarguiu o outro. Peior! Alto ahi! Ora arregale-me esses olhos e veja vossemecê isto, esta porcaria!

E tragicamente, o José Manco apontou para meia folha de papel, pregada na torre com miolo de pão centeio mastigado. Era um pasquim! Varios desenhos de animaes, sobresaindo um burro de grandes orelhas, aos coices. E no fundo, em grandes caracteres, isto:—*Farofia!*

Por um pouco, Antonio Fagote, de mãos atraz das costas, amarasmou-se, com os olhos fitos no papel.

E quando o outro pensava que elle ia romper desaustinadamente n'uma escamação, aos labios do Antonio Fagote aflorou apenas um sorriso.

—Hum! resmungou. Bem sei...

—Não tem que saber,—fez o outro.

—O patife do Jose da Loja...

—Pois está visto.

—Bem, levará quatro lambadas, epilogou com grande socego o Fagote.—Arranque lá isso, e venha você d'ahi, se quer ver.

O José Manco não queria ver, fazia ideia. Mas opinou prudentemente que era melhor botar o patife ao desprezo.

—Pois sim, disse o Antonio Fagote, dobrando em quatro o papel e mettendo-o na algibeira de dentro.—Pois sim!

Mas o outro que o conhecia, insistiu no pedido, com certos argumentos arrancados do código penal. «Que não fosse agora pagar por bom semelhante estafermo. Como mordomo, também era com elle a offensa, com elle José Manco. Mas fazia de conta... Como o outro que diz, vozes de burro não chegam ao céu».

—Bem, levará só uma lambada, attendendo a que mais ninguem viu isto, disse n'um grande ar de condescendencia o Fagote.—E você vá lá regar a horta.

Foi-se d'alli direito á casa do José da Loja. Estava ainda fechada. Poz-se á cóca, de longe, com a ira muito exulcerada pela arrelia d'aquella demora.

—Grande cão! grande cão! monologava.

Até que enfim reparou que a porta se abria. Era o rendeiro em pessoa, de casaco de lona e chinelos de trança, muito fresco. Não deu pelo Antonio Fagote senão quando se viu ao pé d'elle, cara a cara entre o balcão e a porta.

—Ó sr. José.

—Dirá.

—Venho aqui saber d'um caso.

Tirou do bolso o papel, desdobrou-o, devagar, e depois de lh'o pôr ao pé da cara:

—Foi o sr. José que fez isto?

O outro olhou-o, attonito.

—Sim! se foi o sr. José que fez isto?

—Nada, eu não senhor.

—Jura pela boa sorte dos seus filhos?

Aqui, o tendeiro entupiu, desconfiado.

—Jura pela boa sorte dos seus filhos? repetiu mais de rijo o Fagote.

O José da Loja, moita! Então o juiz explicou-lhe:

—É porque se jura, muito bem. Se não jura o caso é outro.

—É outro, que outro?!—disse arrogante o José da Loja, n'um impeto, barriga panda sob o casacorio de lona.

—Isto!—E foi-lhe uma bofetada para a cara.—E muito caladinho, que eu também não digo nada. Agora o papel, olhe! Fel-o em pedaços, e atirou-lhe com elles á cara aparvalhada.

Sahiu d'alli e foi *matar o bicho*, tranquillamente, como quem vem de cumprir uma obra de misericordia.



Na vespera da festa, um sabbado ás 10 horas da manhã, o fogueteiro passava emfim n'um deslado da villa direito á capella da Senhora das Dôres. Largou um foguete, que estrondeou no ar, galhardamente.

—O fogueteiro! chegou o fogueteiro!

Por toda a villa passou um longo fremito d'entusiasmo quando se ouviu o foguete. Deshabituaados, os cães ladravam, em correria doida pelas ruas. O rapazio levantou-se em algazarra, e correu ao encontro do fogueteiro, a admiralo, a offerecer-se. Na labuta viva das casas renovavam-se ordens já dadas. Aquelle foguete era a bem dizer o primeiro ruido da festa, não havia tempo a perder. De casa dos mordomos saiam esbaforidas as creadas, com ordem de se informarem do que precisaria «o sr. fogueteiro». Alguns mais previdentes mandaram almoço, e que dissesse o que queria para o jantar.

Solemnemente, o juiz da festa atravessou quasi a correr a villa, perguntando a todo o mundo se o que estoirára tinha sido effectivamente um foguete.

—Foi foguete! pois que duvida! diziam-lhe radiantes. Promettia, sim senhor! promettia! Se fossem todos assim... Caramba! que esteiro! Pum!

—P'ra que saibam! clamava o Antonio Fagote. E então isto? e punha-se a girar de volta com o braço—o que é fogo do chão?—Mas tinha-se visto em calças pardas para que o homem não faltasse. Complicações! Pelos modos tinham-no convidado para outra festa, com mais bagalhoça, está claro. O caso tinha estado sério!

Mentia.

—Hein? mas não o enganavam?

—Qual! era o fogueteiro sem tirar nem pôr. Lá ia elle a atravessar as eiras, com duas bestas carregadas. Caramba! duas cargas de fogo!

O juiz botou a fugir. Quando passou pela porta do abbade, gritou cá da rua:

—Senhor abbade! ó senhor abbade!

—Que é lá?

—Chegue á janella, faz favor?

—Mas está muito sol, entre você, se quer.

—Só duas palavras:

O abbade, um rapaz novo, assomou á janella.

—Que é?

—Chegou o homem!

—O homem! que homem?

—O fogueteiro, quem ha-de ser?

—Ah, sim, disse o abbade a rir-se, velhaco. E você vae ter com elle?

—De cara.

—Faz-me então um favor?

—Dirá.

—Dê-lhe recados meus.

E retirou-se da janella, a rir, enquanto o Antonio Fagote proseguia no seu caminho, esbaforido, espalhafatoso, perguntando a toda a gente se aquillo tinha sido o fogueteiro.

—Grande homem! com seiscentos diabos!

Quando chegou ao adro estava tudo cheio de rapazes, em redor dos dois machos carregados. O Fagote cuidou morrer de contente. Foi-se ao fogueteiro, com furia.

—Esses ossos! e abraçou-o arrebatado, enternecido, chamando-lhe «seu amigo, seu grande amigo».

—Rapazes! gritou elle então. E tirou o chapéu da cabeça, muito solemne.—Viva o senhor fogueteiro!

—Viva!

...Isso não juro, porque não reparei. Mas estou em dizer aos senhores que o Antonio Fagote—chorou!...

I

TYPOS DA TERRA

DESEMBOCARAM n'um largo. Era o ponto mais central da terra,—«*a praça.*»—Aqui e alli, ao acaso, algumas arvores enfezadas, quasi tudo olmos brancos, vegetavam a medo, com os troncos protegidos por velhas grades de madeira, desmanteladas. Era um terreiro vasto, muito chato, com casas em volta,—o que na villa havia de melhor em construcções. Ficava ao meio o pelourinho, exotico, mutilado, d'uma pedra grosseira e muito negra. Era uma alta columna de oito faces, com o seu annel de ferro ao meio, e uma argola pendente do annel. A columna, que se eleva sobre um pedestal de tres degraus, em hexagono, terminava ao alto n'um grande X de pedra deitado horizontalmente. Um espigão de ferro, de tres gumes como os floretes de esgrima, irrompia hostilmente do meio do X, perfurando o espaço. Em volta, a casaria era triste, sem estylo, sem gosto, sem cal. Algumas *pedras d'armas* em velhas paredes decrepitas, desequilibradas, hydropicas, attestavam aristocracias remotas, agora de todo extinctas. Ao alto, dominando a negrura chamuscada dos telhados, o velho castello, romano de origem, fazia tristeza com as suas ameias derrocadas, e as grossas paredes em ruinas. Ao lado do castello erguia-se destacadamente a velha torre do relógio, d'uma architectura primitiva. Tinham dado onze horas, mas eram apenas as sete: aquelle—«*estafermo*»—é que não andava nunca direito. De dia ninguem o entendia, com o seu ponteiro de ferro girando n'um mostrador sem letras, d'uma pedra azulada. De noite fartava-se de badalar, alvoroçando a povoação como se fosse a fogo, ora atrazado ora adeantado, dando meia noite

quando eram quatro da tarde, e meio dia mal despontava o sol.

Eram as sete. Áquella hora é que os—«*figuros*»—da terra, quasi tudo empregados publicos, vinham para o largo, á fresca. Alguns passeavam,—seu fraque, sua bengala de canna com castão, chapelinho á banda, sapato branco um ou outro. Nas escadas do pelourinho, sentados, outros do mesmo feitio cavaqueavam,—colletes desabotoados, perna cruzada, chapéu para a nuca, ás tres pancadas. Um de pera comprida, no degrau superior, contava facecias. Os outros riam alarvemente, chamavam-lhe intrujão. Algumas—«*madamas*»—pelas janellas em volta, nostalgicas, anafadas, de claro. Á porta do estanco, em cima, havia outra roda,—uns de pé, outros sentados em caixas, alguns montando cadeiras de pinho. Era a—*roda mais forte*,—quasi tudo maiores burocratas:—o Mello da Administração, o Antunes da Camara, o Escrivão de Fazenda, o Rodrigues do Real d'Agua. E outros. Á porta, perfilado e muito cerimonioso, o dono do estanco, alto, esguio, flexivel, com a sua cara rapada e o seu chinó castanho, eriçado e velho. Era de maneiras feminis, uma tallinha melliflua, cantante, viva, muito desempenado quando andava, saracoteando-se todo, em biquinhos de pés como se fosse levantar vôo. Chamavam-lhe Ernestinho. Não se podia fallar deante d'elle n'um rato morto, n'uma carocha. Aquillo «fazia-lhe nervoso», enojava-o, ficava-se a cuspinhar meia hora, dizendo constantemente:

—Ai Jesus! ai Jesus! Caticha! Nossa Senhora do Carmo! Nem sei como não lanço fóra.»

E se riam, elle exasperava-se: não comprehendia como podessem fallar em taes coisas... De resto, bom sujeito, finorio para o seu negocio,—um pouquinho beato,—diziam-lhe.

—Meu proveito. Não que eu não quero a minha alma nas penas do inferno, a arder. Leiam a *Missão Abreviada*, leiam esse rico livro.

E as palavras saham-lhe a correr, espremidas nos seus labios delgados, um pouquinho sibiladas nos ss.

—Cigarros, Ernestinho, um vintem d'elles. Querem-se dos de Lima, d'esses fortes.

Declarou que tambem havia dos «especiaes.» Algum senhor queria? Tinham chegado tres massos, p'ra ver. Oito por um vintem.

—Pois guarde-os!—disseram alguns, horrorisados com a idéa de dar um vintem por oito cigarros.—Guarde-os!

«O senhor engenheiro, quando vinha á villa, perguntava-lhe sempre por elles. Dos de Lima nem o cheiro, não gostava.»

—Olha o figurão!—disseram a rir. Por esse mundo fora sempre ha muito idiota! forte cavalgada!

O Ernestinho veio com os cigarros, em feixe nas pontinhas dos dedos. Á porta, antes de os entregar contou-os de novo. Doze. Estavam certos.

—O senhor Ernesto, se faz favor, ponha isto lá no caderno, ao pé dos outros.

Ernestinho foi para dentro, contrafeito, fazer o apontamento. Houve um silencio opprimido, o dos cigarros tossiu para o quebrar, ao mesmo tempo que n'um gesto acanhado, receoso, fazia menção de offerecer:—«alguem era servido?»

Dentro do balcão, ao pé das garrafas com licôr, e das botijas de genebra, Ernestinho sommava a conta. Era já taluda.—«E vão dois e dois quatro e dois seis, seiscentos e vinte! Sabe Deus quando os receberia!»—E suspirava, arrumando os massos encetados, sob o olhar tranquillo e indifferente do Santo Antoninho que lá estava em cima, ao alto das estantes quasi vazias, no seu nicho feito d'um caixote forrado a verde, com flores artificiaes muito sujas e duas velinhas dos lados. Mas resignava-se, que não tinha outro remedio. Eram os ossos do officio...

Cá fóra tinham dado fé, acotovellavam-se chamando asno ao Ernestinho,—um pulha a quem ajudavam a viver... Se hoje não ha dinheiro, ha-o amanhã, essa é boa! E pagava-se, c'os diabos! E pagava-se. Mas não senhor! aquella besta mostrava sempre má cara, o alarve! A culpa tinham-na elles, afinal que o procuravam, que o preferiam. Tomaram os outros ter aquella freguezia...

O dos cigarros fiados annuia, assobiando baixo o *Agua leva o regadinho*. Por fim levantou-se, lentamente, com um ar de enfado, um sorrisinho de despeito nos labios, encolhendo os hombros.

—Estender as pernas,—disse. Quem vem d'ahi?

Todos ficavam, era uma estopada andar p'ra traz p'ra diante, n'aquella semsaboria da praça.

—Até logo. Você apparece no *sítio*, á noite?

—Appareço, vou á desforra.

E cumprimentando em roda:

—Meus caros! Muito boa tarde, sr. Ernesto.

Foi-se, puxando para baixo as pernas da calça, alisando as joelheiras.

—Que tal está o asno, hein? Quer, ainda por cima, que o Ernestinho lhe diga *bem-haja...*

Era um parvo.—Era um tolo.—Tinha dividas nos outros estancos.—Em toda a parte.—Lá em casa a familia passava fomes.—Um batoteiro de marca.

Houve agitação, alguns pozeram-se de pé, outros mudaram de logares. Ia a passar um grande carro de palha chiando muito. Ernestinho chegava-se de novo, muito ronceiro, roendo as unhas.

—Com que então... *ponha lá ao pé dos outros?*—disseram-lhe, para o lisongear nos seus despeitos.—Bem bom freguez!

Elle encolheu os hombros e cerrou os olhos, beatificamente, n'um gesto de martyr resignado. E não disse palavra—p'ra fallar d'aquelle tinha de fallar tambem d'elles...

Mandaram vir limonadas,—tres limonadas!

—Ahi vão trinta réis!

Diabo! era preciso animar aquillo. Assim não tinha geito. E pozeram-se a fallar do tempo, das moscas, d'aquelles idiotas que andavam na praça a dar-se ares. Ensoberbecia-os a ideia de que iam tomar tres limonadas,—e sentiam-se felizes, alegres, um tanto estroinas.

O Ernestinho deu dois passos fóra da porta, e chamou para a varanda, onde grandes mangericões floriam:

—Ó Emilia! Emilinha!

A mulher assomou, gorducha, muito molle.

—Tres limonadas, ouves? Tres limonadinhas, depressa.

As conversas animavam-se. Pois senhores! havia de ser difficil encontrar uma collecção d'asnos assim. Falavam dos que passeavam na praça, aos grupos.— Deus os faz, Deus os ajunta. O palerma do Fernandinho dera-lhe agora para cantar. Lá andava elle. Volta meia volta,

Vai alta a lua na mansão da morte

com umas tremuras na voz, que eram mesmo de o esbofetear. Estava antipathico, aborrecido, desde que andava de namoro com a Marques. Só tinha uma coisa boa—a caligraphia.—Um talhe de letra bonito,—confessavam.—E as calças, hein? reparem vocês n'aquellas calças, vae flammante. Casualmente, Fernandinho olhou de longe para os do estanco, disse-lhes *adeus* com a mão, affavel. Corresponderam todos, muito risonhos, mas a chamar-lhe nomes por entre os dentes:—idiota, palerma, pechisbeque...

Sósinho, n'uma lentidão moribunda, olhos nas botas, olhos no céu, o Telles escrivão passava ao largo, ruminando alguma poesia. Ás vezes quedava-se extatico, suspenso, o pollegar esquerdo entre os dentes, um olho cerrado fortemente, a meditar. Vinha um gesto e punha-se de novo em marcha, contrafeito.

—Ó senhores! mas não me dirão em que anda a parafusar o Telles, aquelle telhudo? E isto:—e poz-se a imitar o escrivão.

Riram. O Mello imitava-o bem, o alma do diabo, no andar especialmente. Mas aquillo era um logogripho. Ha uma semana ás turras a um logogripho em acrostico.

—Isso é o Telles!—fez um que vinha da praça.—Aquillo é um intrujão. Na rua não é que se adivinham logogriphos. Ó Ernestinho, você ainda tem d'aquillo que *ferve*?

O Ernestinho deixou descair o labio, não percebia...

—Homem! d'aquillo que vinha n'umas garraforias escuras, compridotas...

—Quer dizer gazosas. Uma rolha segura com guitas...

—Ora é isso mesmo, nem mais.

—Bem sei.

Mas não tinha já. Nem mesmo queria mais, p'ra que? Achavam caro um tostão...

—Eram aos tres para beber uma garrafa...

—Podera! Por um pataco, trinta réis levando o assucar, fazia o *Hervas* uma sóda, —objectaram alguns. Ponha lá que em gosto é a mesma coisa.

—E aquella porcaria, ó Ernestinho, e aquella porcaria amarella que sujava tudo de escuma?

Alguns cuspiram, disseram ao Alves que se calasse, que vomitavam, com seiscentos diabos!

—Cerveja!—disse o Ernestinho—cerveja! uma coisa que lá p'ra baixo toda a gente bebe por gosto, as senhoras mesmo.

E com um sorriso de desdem, exclamou:

—O que é ser do calcanhar do mundo! Em nome do Padre, e do Filho...

Mas na praça um grupo altercava. Ouviu-se distinctamente a palavra —«*pulha*»—pronunciada com força. Sahiram em tropel, ficaram só tres.—O que pagava as limonadas exultou:—Homem! nem de proposito! Ficava exactamente quem elle queria, estava mesmo a ver que aquella sucia lhe chupava o refresco:

—Tó Russa! já lá vae esse tempo.

Precisamente, a senhora Emilia chegava, com os copos n'uma bandeja:—Que provassem, diriam se precisava mais assucar. Mas parecia-lhe que devia estar bom...

Beberam d'um trago, estava optima. A senhora Emilia tinha dedo para aquellas coisas.

—Obrigado, ó Mello!

—Obrigado, ó menino!

E os dois sairam de rompante, chamando *pato* ao Mello, rindo-se d'elle e limpando os beiços.

Quando o Mello ia sahir,—a ver o que ia na praça,—o Ernestinho, muito cortez, objectou-lhe que faltavam trinta réis:—Se alli não tinha, depois. Isso era o mesmo...

—Mas trinta réis?!... De que são os trinta réis?—perguntou desconfiado o Mello.

—Do assucar, foi do refinado,—explicou o Ernestinho. O mascavado acabou-se. Amanhã ou depois já devo ter mais. O senhor Mello desculpe.

Não tinha que desculpar; sómente notava que aquellas coisas diziam-se no principio.—E sahiu sem dar mais palavra, furioso:—Uma ladroeira! Tres vintens não valiam os dois que lhe tinham chupado o refresco...

Na praça tinha cessado a altercação, os grupos, reunidos, formavam uma grande roda, commentava-se. O Mello quiz informar-se:—que lhe contassem—«o *escandalo*».

Ora! não fôra nada: o Veiga que se tinha lembrado que as correspondencias na *Voz do Districto* eram escriptas pelo Albano. Disse-lh'o na cara. O Albano negou, deu a palavra de honra. O Veiga que é casmurro, teimou:—que não acreditava, ainda assim!—Vae o outro chama-lhe pulha, iam-se pegando. Ora ahi está!

—Mas afinal, quem diabo escreve aquillo?—quiz saber o Mello. Aquillo ha-de ser escripto por alguem, está claro.

Dez réis pela novidade! Que havia de ser escripto por alguem sabiam elles...

—Quem, então?

Divergiam as opiniões. Podia ser Fulano, podia ser Beltrano. Um ou outro dava a sua palavra de honra que tambem não era elle, jurava-o. Houve um que se lembrou se aquillo seria do padre Mendonça.

—Qual! Do padre Mendonça não é. Fazia coisa melhor, se se mettesse n'isso. Olha o padre Mendonça, o da *gibreira* de Braga...

Mas o da idéa insistiu, renitente:—havia alli suas coisas que o faziam lembrar,

certas facecias, como a de chamar *Frei Asneira* ao Reitor e *Cabeça de Comarca* ao Felisberto.

—Pois se é elle, que se regale, póde limpar as mãos á parede. Mente como um alarve, mente da primeira linha até á ultima!—disse firmemente o verdadeiro auctor das correspondencias. Olhem o que elle diz do juiz de direito, só calumnias! O juiz! um homem teso! Tem lá o seu fraco pelas saias, mas isso, que diabo! isso não é defeito.

De resto, eram todos accordes em que as correspondencias eram uma infamia. O que se chama uma infamia pegada. Mexericos e mais nada, uma coisa de soalheiro. E depois, o dizer-se lá que entre os rapazes não havia duas amizades leaes, que era tudo uma impostura...

Houve um silencio significativo, talvez de approvação.

—Só de pulha!—rematou, por fim o Nunes da Fazenda, o tal que escrevia as correspondencias com o pseudonymo de *Aramis*. Vejam vocês aquellas gallegadas ao commendador. Aquillo chama-se lá fazer politica?! Discuta-se o homem como presidente da camara, sim senhor, discuta-se o homem publico, o funcionario; mas deixe-se-lhe em paz a *marreca*, os fundilhos das calças; ninguem quer saber se os creados lhe param em casa ou se não. E depois, aquellas allusões á família, aquellas piadas á D. Engracia, pobre velha...

—A quem?—interrogaram uns poucos. Á Dona quê?

—Á D. Engracia, está bem de ver. Aquella beata que fazia piugas de lã aos missionarios é ella. Presumo eu que é ella—fazia o Nunes das correspondencias com um grande ar de supposição. Eu cá foi para onde deitei.

Os outros não. E como o das correspondencias tinha promettido explorar a chronica beata, aguardariam mais informações. Suppunham, no emtanto, ser com a D. Joanna, a do—«*chá de herva cidreira*.»—Outra canalhice! A D. Joanna, para festejar os annos da filha, convidára tudo, *lazarões e penicheiros*, não fizera politica. Depois foi aquella tarefa que se viu:—que o chá era herva cidreira, que tinham bolor os doces de ovos, que ella parecia a quaresma e a filha o entrudo. Ora isto não se diz, a pobre mulher doeu-se. Citavam-se de cór phrases inteiras da correspondencia. Por exemplo:—*A deusa da festa dizem que recebeu telegrammas de... amor*.—Uma facecia de mau gosto alludindo ao

Proença telegraphista. Depois do que por ahi se diz, é forte... Que afinal, quem sabe lá? Entre os dois que diabo póde haver? Namoro?

No grupo alguns tossiram forte, rindo. O Nunes interveio:

—Não senhores! Isto agora alto lá. A Amelia é uma rapariga séria...

Riram ás gargalhadas, foi um barulho com a tosse.

—Quando digo uma rapariga séria... Mau! Accomodem-se lá com o *banzé*, vocês deixem fallar,—tornou o Nunes, formalisado. Quando digo uma rapariga séria, quero dizer... sim... quero dizer...—e procurava a phrase, entalado,—por exemplo, que ella não é capaz de receber ninguem, alta noite, lá pelos quintaes, como o tal das correspondencias quer fazer suspeitar.

Iam replicar-lhe, mas elle atalhou:

—Chama-se áquillo ser canalha ás direitas, arre! Isto agora é fallar franco.

Saltaram-lhe:

—E você jura, ó Nunes? você jura?—perguntou, com gesto perfurante, o Alves dos Pesos e Medidas.

Não... isso agora...Jurar, não jurava, mas, c'os diabos! pelo que se via, pelo que se podia julgar...

—Léria!—disseram todos.

O Nunes parece que estava com os beijos com que mamára. Com que então, para elle era tudo uma récuia de *santas*? Desenganasse-se, que era tudo uma canalha, uma corja de sonsas. Que diabo de ingenuidade!

O Nunes observou modesto, quasi agradecido:

—Ingenuidade, eu te digo... Não é bem isso... O que sou é prudente. Desconto sempre noventa por cento áquillo que vocês dizem, ahi é que está...

—Vocês é um modo de fallar,—emendaram alguns.

—Vocês, digo eu, vocês... quando escrevem correspondencias,—explicou sophisticatedamente o Nunes.

Calaram-se, disfarçaram. Proximo d'elles, a Amelia toda de verde, com guarnições de fita preta, caminhava ao lado da mãe, solemnemente. Tiraram todos o chapéu, cortejando risonhos, respeitosos. O Nunes foi cumprimental-as, submisso.

—Dar o seu passeio, não é verdade?—E apertando-lhes a mão:—Vosselencia como passou? A senhora D. Amelia? Obrigadissimo. Assim... assim...

Então? que diziam áquelle calor?

—Abafava-se, alli pelas duas. Que forno!

—O Brazil tal e qual—reforçou o Nunes.

Mas que fôra feito, que as não tornara a ver desde os annos? Uma noite de truz, aquillo sim!

—Olhe, senhora D. Amelia, a flauta... a flauta é que nem por isso, foi pena! O Abelsito andava constipado.

A D. Amelia explicou. A mãe ficara doente, já não era para aquellas noitadas.—E em voz mais baixa, quasi dolente:

—Depois, veio a *Voz do Districto*, aquillo chocou-a muito.

—Não ha tal!—fez a mãe. Metteu-se-te isso na cabeça. Deixe-a fallar, senhor Nunes.

E por pouco que não chorava ao dizer isto.

O Nunes affectou um sentimento profundo:—Era melhor não fallar n'isso, não pensar em tal; todos as conheciam, todos lhes faziam justiça. Tinham acabado de fallar na tal correspondencia, agora mesmo. Uma garotada!—resumiu o Nunes. —E em tom confidencial:

—Anda-se na pista do garoto. Elle ha-de apparecer. E depois... e depois... Muito boa tarde, minhas senhoras! O que fôr soar. É preciso dar um exemplo,—concluiu terminantemente. Uma severa lição!

Despediram-se, ellas agradeceram ao Nunes—«a parte que tomava no seu desgosto.»—E seguiram cumprimentando para as janellas, perguntando se vinham d'ahi, um bocadinho até á capella, esparecer.

As Silvas pediram que subissem. Um bocadinho só. Ficava muito bem aquelle vestido á Amelia.

Não podiam subir, talvez á volta.

—Pois sim, has-de ver o meu bordado a missanga. O papagaio está quasi prompto, que trabalhão!

Estava na duvida se lhe poria o bico assim, de gancho. Não gostava. O risco era do Fernandinho. Já lhes fizera outro, talvez mais bonito. Coisas de anjinhos:

—Verás.

Os grupos tinham-se reunido em volta do Pelourinho. Passava gente que vinha do trabalho, da labuta aspera da eira,—homens com malhos, e mulheres de cestas á cabeça. A tarde descahia n'uma serenidade calma. No degrau de cima, o Paula, official da administração, com fama de typo de chalaça, cantava em surdina umas cantigas de caserna, obscenas, zaranzando na barriga como se fosse uma guitarra. De volta, os outros formavam roda. Todos riam, pediam *bis*.

—Tu has-de conhecer isto, ó Chico,—dizia o Paula para o Francisco Maria, um cabo que estava de licença. Tu has-de conhecer isto.

O administrador do concelho, um pobre diabo desmazeladão e philosopho, affirmava que lhe lembrava Coimbra, a pandega das viellas. Ao Paula valia-lhe a prenda, palavra de honra que lhe valia a prenda, senão já o tinha demittido, ás vezes que lhe entrava borracho pela repartição. E pedia a rir, boçalmente:

—Ó Paula, aquella do *bate-bate*, canta lá.

E trauteava as primeiras notas, castanholando com os dedos.—Se era preciso, o

Fernandinho ia pelo violão.

—É verdade, você que fez hoje que não me appareceu na repartição, ó Fernando?

—Dormi, está claro. Ao senhor doutor acontece-lhe o mesmo ás vezes. Olhem que pergunta!

Mas o Paula tinha-se calado, bocejava.

—Então, ó Paula...—supplicava o administrador.

—Está fechado o realejo... Depois.

Quem lhe dera que fossem as nove para irem até ao «sitio». Ou perder ou ganhar; tinha alli seis tostões que eram para um *mico*.

—Mas eu não lhe dizia, sr. doutor? eu não lhe dizia hontem que a *dama* se negava? Eu estava mesmo a ver aquillo... Bem feito! «gramou» um entalão que se consolou.

—Quatro corôas.—Na vespera tinha ganho um quartinho.

N'esse momento passava o juiz, sósinho como sempre. Todos tiraram o chapéu, elle passou gravemente, cortejando.

—Quem eu te quero á perna é o *Aramis*...—rosnou o Telles escrivão que embirrava com o juiz desde que o suspendera uma vez.—E ainda elle não sabe tudo...—insinuava perfidamente.

—Pois o resto diga-lh'o você, diga-lh'o no *Almanach de Lembranças*, em verso —fez d'um lado o Rodrigues do Real d'agua.

O Telles, com famas de litterato, redarguiu que não dava confiança a analphabetos.

—E eu a brutos, sabe você?

Mau! que elles lá começavam. Officiaes do mesmo officio... Ó senhores, lá

porque ambos faziam versos não se seguia que devessem embirrar um com o outro. Pelo contrario.

O Telles, furioso, disse que não embirrava com o outro, que nem lhe dava essa importancia, essa honra.

O Rodrigues ia saltar-lhe, tiveram mão n'elle. Mas jurou que d'outra vez seria, que fizesse de conta que já lá tinha na cara quatro bofetadas tesas.

—Tesas, hein? olá! quatro bofetadas tesas.

Havia de dar-lh'as, tão certo como dois e dois serem quatro, só para ter o gosto de dizer depois, n'um communicado, que desaffrontara as lettras portuguezas,—elle, o Rodrigues, elle, um simples fiscal do Real d'Agua.

Aquillo fez surpresa, convidaram-no a explicar-se.

—Não senhores! dizia colerico o Rodrigues, com grandes gestos.—Bem sei que não valho nada. Escrevi, é verdade que escrevi; faço ainda o meu verso quando me dá na cabeça. Uma rapaziada! Estão maus? Concorde. Mas não ha de ser aquelle *négalhé* que o ha-de dizer. Não o julgo habilitado. Lá porque tem soletrado dois romances, não se segue. Mas o que mando para publico sim, o que entrego aos prelos—é meu!—E batia no peito com a larga mão espalmada, furioso, n'umas raivas, de orgulho triumphante.—Não roubo! nunca roubarei!—affirmou mais alto o Rodrigues, para que o Telles que se ia retirando, no meio de dois amigos, conciliadores, o ouvisse.—Repito: não roubo, não faço como elle! —E as palavras sahiam-lhe salivadas, violentas, por entre os labios espumantes, atiradas ao Telles como pedradas.

Os outros escutavam agora com interesse. Estavam a dar razão ao Rodrigues, instinctivamente, sem comprehender bem o que elle queria dizer.

—As provas...—e metteu a mão no bolso do seu casaco de lona, com impeto:—as provas, vel-as aqui estão!

Mostrou no ar a brochura verde do *Almanach de Lembranças*.—Era do anno que vem, tinha-lhe chegado hoje. Alli estava o Peres do correio que lh'o tinha entregado elle mesmo.

—Sou testemunha—confirmou do lado não sei quem.

O Rodrigues, então, affirmou que era preciso historiar, contaria a coisa em duas palavras. O sr. Telles, o borrabotas do sr. Telles, lembrara-se um dia de ser escriptor, de ser poeta. O alarve! Todos os annos—zás! versalhada para o *Lembranças*...

—Era collaborador—disse o Antunes da Camara que admirava o talento de Telles.—Era collaborador.

—Era quê?—interrogou logo o Rodrigues, de mão atraz da orelha.—Massador, massador é que elle era. Nunca lhe admittiram as asneiras, se me faz favor, nunca! Na *correspondencia* troçavam-no, chegaram a dizer-lhe que podia fazer fortuna pelas tombas, que o não chamava Deus para as lettras. Aquelle *Serei ousado?* é elle, sei que é elle. Nunca o admittiram.

—Lembro-lhe a *Flor do Campo*, sr. Rodrigues, lembro-lhe esses versos—insistiu o Antunes.

O Rodrigues teve um risinho feroz, fitando o Escrivão da Camara. Não lhe respondeu. Subiu os tres degraus do *pelourinho*, pausadamente, com pompa, e chamou a attenção dos amigos. Ia ler. Abriu o *Almanach de Lembranças*, onde trazia um papel, e rompeu:—«Indignidade».

—Em lettras bem graúdas, queiram inspeccionar.

E colou ao peito o *Almanach*, voltando para fóra na pagina onde o seu dedo reboludo apontava a terrivel palavra, escripta ao alto em epigraphe.

Houve um sussurro, alguns pediram silencio. O Rodrigues que lêsse.

«Os versos intitulados *Flor do Campo*, que viram a luz no *Almanach de Lembranças* do anno extincto, foram-nos remettidos pelo sr. José Maria Telles, escrivão.»

—Copiados por mim, uma letra floreada—esclareceu o Fernandinho.—Elle depois assignou—e fez no ar, com o dedo, o traço complicado da firma complicada do Telles.

Pediram silencio outra vez. O Rodrigues continuou:

«Publicámol-os na convicção de que eram da lavra d'aquelle senhor, pois que elle os assignava.»

—E então?—perguntaram uns poucos, sem comprehender ainda.

—«Pura illusão!»—continuou solememente o Rodrigues.—«Escreve-nos o mimoso e assaz conhecido poeta sr. Alfredo Mendonça, dizendo que os versos lhe pertencem, e que o sr. Telles os roubara (sic) do seu volume *Lyra Matutina*.»

Foi uma estupefacção! O Rodrigues proseguiu mais alto, fugindo aos commentarios:

«Averiguámos, e d'isso alfim nos convencemos. Os leitores avaliarão a probidade do sr. Telles, a quem mais de uma vez tinhamos fechado a nossa porta por incapaz. Hoje damos-lhe com ella na cara—por indigno.»

E o Rodrigues fechou o livro com estrondo, como os outros fechariam a porta na cara do Telles escrivão; tomou praça fóra, o livro debaixo do braço, e foi-se para o estanco do Ernestinho, altivo, solemne,—vingado!

Os da roda seguiram-no silenciosos, corridos de vergonha, desnorteados, porque além de sempre terem julgado o Telles muito superior ao Rodrigues—e o Rodrigues bem o sabia, olha elle!...—tinham dado uma sorte de mil demonios, agora é que elles viam! distribuindo no theatro, por occasião da festa de Santa Barbara, a *Flor do Campo* que elles tinham mandado imprimir avulso—para lisongear o Telles que tivera o trabalho de os ensaiar no *Santo Antonio*. Hein? quem diabo havia de dizer que aquelles papelinhos de côr, uns verdes, outros amarellos, chovendo sobre a plateia entre o segundo e o terceiro acto, e quasi disputados a murro, n'um alvoroço de seiscentos diabos, encerravam uma insidia,—um logro á boa-fé, á credulidade ingenua de toda a comarca!

E relembravam episodios, particularidades quasi extinctas: o Fernandinho vestido da menino do côro, batina vermelha e roquete de rendas, cobrindo-se de teias de aranha lá pelo fôrro do theatro, de gatinhas e com um «tôco» de vela na mão, aos tropeções, só para ter o gosto de ser elle a despejar do *oculo* aquella papelada; o Mello da administração, vestido de Frei Antonio, sandalias e grande chinó de calva redonda, feita d'uma bexiga de porco, com o Telles em triumpho

por entre os bastidores, seguido pela turbamulta dos companheiros, em habitos de frade e fardetas de galuchos, dando vivas ao *poeta*! ao grande Telles, ensaiador da rapaziada!

Que desastre! Afinal tinha-lhes sahido um intrujão! E quasi se regalavam da sorte que tinham dado, pelo prazer que sentiam de o ver agora humilhado, corrido, esbofeteado pelo ridículo. Bem feito!

O Antunes da Camara, sobretudo, estava furioso. Fôra elle o da lembrança de se mandar imprimir a versalhada. Escrevera para Coimbra ao Manuel Caetano, ao Manuel Caetano da Silva, Praça Velha n.º 11, que mandava os impressos para a camara, e pedira-lhe aquillo como especial favor. O homem—prompto. Duzentos exemplares, quinze tostões. Quinze tostões que se tinha combinado dividir por todos, contas do Porto, mas que desembolsara elle só, afinal. Bem feito! ninguem o mandava ser burro. Arre! cavalgadura!

E dava patadas no chão, cada vez mais furioso, apopletico.

—Mas a bem dizer, tudo isso é nada!—continuou commovido o Antunes.—Ó senhores! e a figura que eu fiz... sim, a figura que eu fiz n'aquelle intervallo do drama para a farça?...

Todos desataram a rir, tinha sido fresca... Elle sempre acontece cada uma! E relembavam:—levantara-se o panno quando os ouvintes menos o esperavam. Os que tinham sabido lá fora, ás doceiras, voltaram apressadamente com os cartuchos na mão, ensacando os rebuçados. Ia um reboição pela plateia. Na «galeria dos camarotes» para onde só iam senhoras, gente fina, começavam a apparecer caras barbadas de sujeitos que iam saber «que tal», perguntar se ia uma pinguinha de licôr, um docinho. Em cima, na galeria alta, creadas e raparigas do povo, debruçadas no parapeito, apontavam para o palco, d'olhar attonito.

—Elle que dianho é?—perguntavam.

De baixo, da plateia, todos faziam *chut*! voltados lá para cima:

—Caluda, sua gentalha!

No palco estavam todos perfilados, trajando como na peça. O Freitas da

recebedoria com o seu fato de Marco Aurelio; o Paula de cardeal, baculo em punho e a cara mettida n'uma estriga; o Fernandinho de menino de côro, todo lépido; a Anna Pisca muito acanhada no seu fatinho de Olivia; a Margarida que tinha feito de anjo no quadro final da *Gloria*, em que ella subira n'um cesto vindimo á «região sidéra dos astros»; o pae de Santo Antonio, em ceroilas e de saia branca pelo pescoço, livido como saira do tumulto; aquella canalha da tropa — todos emfim!

N'isto, entra pelo fundo o Telles todo de preto, no meio do Mello vestido de Santo Antonio e do Proença telegraphista que fazia de Frei Ignacio. Avançaram. Em baixo, o Felisberto mandou tocar o Hymno da Carta á meia duzia de musicos que não entravam na peça. O hymno rompeu com grande estampido de pratos, n'uma cadencia funebre. No palco, tudo immovel. Ninguem sabia o que era aquillo, não estava no cartaz. Esquecimento do Fernandinho, talvez... pensavam.

Mas ao acabar o hymno, o Antunes da camara, com farda de centurião, durindana e botas d'agua, irrompe furioso do buraco do ponto e préga um discurso na bochecha extatica do Telles:

«Não era elle o mais competente, de certo, o mais... etc. Mas tinham-no encarregado, obedecia... e tal. Só sentia não ter phrases, oratoria, porque emfim estava falando a um poeta...—collaborador do *Almanach de Lembranças* para Portugal e Brazil—acrescentou voltado para o publico, esclarecendo. Emfim, finalmente... vinha para aquillo: dar-lhe um abraço em nome de todos...—e abraçou-o commovido, enquanto os espectadores berravam *apoiados*, dando palmas—«... e para isto»—acrescentou fazendo com a mão que se calassem, que se calassem depressa.

Houve um sussuro de applauso, dos camarotes creanças gritavam—«ó Emilinha!» Era com effeito a Emilinha, a filha do Alves dos Pesos e Medidas, que sahia tambem do buraco do ponto, vestida de anjo, tules verdes e muita lentejoula a brilhar.

Ficou-se a olhar a plateia, immovel, muito fria, ensaiada, enquanto o Felisberto preludiava na flauta. Em certa altura, n'um requebro doce da «melodia», elle fez-lhe com a cabeça «que entrasse», e a Emilinha rompeu n'uns guinchos, cantando a *Flor do Campo*, com musica da *Muchagateira* original do Peres do correio.

O Telles sorria, entre glorioso e modesto, fallando a Santo Antonio e a Frei

Ignacio:—Era de mais, era de mais, elle não merecia...—Ora essa! pareciam dizer-lhe os outros—seríamos ingratos se...

A «cantoria» acabou, o theatro parecia desabar com palmas, tudo berrava, um ou outro cão latia. Se não quando, os do palco desataram a rir, cosendo-se uns aos outros, fingindo um grande medo de que as bambolinas do tecto desabassem.

Todos olhavam, curiosos. E n'aquella espectação viram de repente descer do alto, sobre o palco, agarrado a uma corda, o Freixedas da Mercearia vestido de Lusbel, rubro e com chavelhos. Cuidaram de estoirar a rir. Da bocca muito inchada sahiam-lhe faulhas, do algodão a arder que lá trazia dentro. Fazia caretas horrendas, arremedando Satanaz nos impetos da colera. O panno começou a descer, obliquo, esfarrapado d'uma banda. O Freixedas, suspenso, atirou fóra o algodão e gritou, furibundo:

—Alto! suas bestas! Inda não!...

Voltou-se de costas para o publico, e um letreiro que trazia d'hombro a hombro dizia em caracteres amarellos—*C'est fini!* O panno desceu então, estabalhoadamente. Os espectadores olharam uns para os outros, não tinham percebido... Foi n'esse momento que o sr. Antoninho, que tinha estudado em Braga, traduziu d'um camarote, em voz alta:

—*É findo!*

VAE VICTORIBUS!

A Maria Lucilla.

Em dezembro, ás seis é noite cerrada. Mais boccado, menos boccado, a essa hora recolhia do monte o José Gaio, sósinho, sachola ao hombro, um pouco atarantado com a trovoada que rugia ao longe, em surdina. Por cima d'elle, o céu ia-se fazendo cada vez mais negro, d'essa negrura espessa de tempestade que infunde pavôr á gente, e da qual os proprios passaros teem medo. Cessara de

chover. Mas o vento do sul principiava agora, agitando os grandes ramos despidos dos castanheiros, fazendo-os murmurar não sei que extranha elegia... A um relampago mais vivo, o José Gaio apressou o passo, e, benzendo-se, rezou a *Magnificat*. O trovão chegou, depois, lugubre, cavernoso, alastrando-se em roldões na larga amplitude do céu. Debaixo dos pés, o José Gaio sentia o caminho lamacento, encharcado das enxurradas valentes de todo o dia. Mas a ponte já não ficava longe. Depois, a ladeira, e no meio da ladeira a casa.

—Vamo' lá com Deus! fazia elle animando se.

Um clarão subito de relampago deslumbrou-o. Deante d'elle surgiu de repente a paizagem, e de repente desapareceu, feericamente illuminada. Deitou então a correr, aterrado; mas tão forte veio em seguida o trovão, que elle instinctivamente parou e levou ao céu as mãos afflictas, n'um gesto de quem implora misericordia. N'aquella imminencia de perigo as proprias arvores lhe pareciam immobilisadas pelo terror, á beira do caminho. E atravez dos castanhaes, o surdo rumor do vento era como a voz implorativa da natureza, unindo-se á voz d'elle n'um longo côro de supplicas...

O José Gaio ia transido. Mas peor ficou quando de repente, sem saber d'onde, alguém chamou por elle, lugubrememente:

—Ó José Gaio!

O homem parou. E como perto d'elle apenas enxergasse os braços da cruz negra, que era o signal de alli terem matado o José Tendeiro, ha annos, apertou o passo e tomou por um atalho, direito á ponte. Mas então a mesma voz tornou-lhe mais de perto:

—Ó José Gaio!

Quiz fugir, mas o medo parece que lhe tolhia as pernas. N'isto veio um relampago que illuminou a mil côres a paizagem. Elle cerrou os olhos com força, nervosamente, ferido por aquelle deslumbramento que por milagre o não prostrou. E quando o trovão bramiu, rudemente, uma immobilidade de estatua prendia o campones á terra. Foi então que veio de novo aquella voz, como um prolongamento do trovão:

—Ó José Gaio!

Ia avançar para ganhar a ponte. Parecia-lhe que, uma vez transposta, galgaria a ladeira n'um instante. Mas involuntariamente, cedendo a uma força violentissima, entrou de retroceder, cambaleando. Aquelle rugir da agua que logo abaixo da ponte fazia cachão, rugir violento mas monotono, infundiu-lhe um grande pavor. Teve medo e deixou-se retroceder... Senão quando, estacou ouvindo a mesma voz:

—Ó José Gaio!

E logo atraz da voz, com um rastro, um intensissimo relampago côr de sangue. Viu tudo vermelho, afogueado, tudo menos aquella cruz preta de longos braços, sempre abertos e sempre firmes, que pareciam desafiar a tempestade...

Aquella serenidade da cruz estonteou-o. Dir-se-hia que esse nobre exemplo de altivez vinha agora humilhar mais a sua fraqueza. Desviou os olhos e cerrou violentamente as palpebras. Mas em vão! que fôra tão vivo o deslumbramento, e tanto lhe ferira o cerebro, que n'um fundo côr de sangue, como n'um transparente de magica, elle via nitidamente desenhada, sempre firme e sempre altiva, a cruz que o estonteara. Então deram-lhe impetos de fugir; uma onda de coragem parecia dilatar-lhe o peito impellindo-o. Precisamente n'esse momento, a voz tornou a chamar:

—Ó José Gaio!

Sentiu-se alquebrado, transido até ao mais intimo do seu ser. Um longo desfallecimento invadiu-o todo, quebrando-lhe a ultima fibra de energia, como se quebra um vime secco. Aquella paralyisia atacou-lhe tambem o cerebro: não formava um só raciocinio nem elaborava sequer uma idéa, a mais simples. E foi preciso um grande trovão para todo elle tremer, abalado como a propria terra. Depois, outro relampago fez reviver n'elle a vida do espirito; sentiu um grande pavôr áquelle aspecto subito do campo que deante d'elle se perdia de vista, afogueado como se estivesse todo em chammas. Aqui, um pinhal, uma ermida além, para toda a banda casaes, surgiam de repente, nitidos nos seus contornos, definidos maravilhosamente nas suas attitudes. As grandes arvores despidas, sobretudo, tinham um ar phantastico, n'essa pureza nitida de recorte que traçava na luz as sinuosidades mais delicadas dos troncos e ramarias. No meio d'este scenario de magica, a um tempo magestoso e tetrico, o triste camponez sentia-se apavorado, jactitante e quasi inerte, alli chumbado á terra, hirto como a cruz que

tinha deante. E nem um só gesto implorativo, e nem uma só palavra de supplica lhe sahia dos labios crispados. Porque uma vez que tentára uma palavra, o mais formidavel trovão cortara-lh'a na primeira syllaba. Depois, aquella voz não o largava, imperturbavel e monotona:

—Ó José Gaio!

E elle, não respondendo nem fallando, pensava esconjural-a, exorcismal-a como se fosse a voz d'um duende. E para esta evocação do sobrenatural muito concorria, como os senhores comprehendem, esse aspecto sereno da cruz negra, inabalavel sob a aza agitada da procella.

N'isto veio a chuva, em grossas gottas a principio, em cordas d'agua depois. Ella varejava-o inclemente, impellida agora por um vento sul furioso. Não deu um passo para procurar um abrigo, não se mexeu sequer. Como todo elle ardia em febre, aquelle diluvio era quasi um celeste beneficio para a sua cabeça n'um vulcão. Mas quando os relampagos vieram, aquella reverberação da luz nas cordas d'agua fez-lhe um deslumbramento mais forte. E cahiu inerte sobre o caminho lamacento por onde a agua escorria impetuosa, ao mesmo tempo que a voz do costume, sobrelevando o trovão, repetia do lado da cruz:

—Ó José Gaio!

Cobarde, sujo como um sapo, encharcado até aos ossos, como cahiu assim ficou —de bôrco. Depois, quando abriu os olhos, na larga poça onde quasi tinha a cara, via reflectir-se a cruz, a cada relampago. Ella lá estava no seu posto, altiva, serena, intemerata, recta como um exemplo... E pois que parara o diluvio, dos seus braços abertos as gottas da chuva cahiam, vermelhas á luz, como grossas lagrimas de sangue...

Cobarde! Nenhuma comparação póde dar idéa do estado de prostração d'esse miseravel, reduzido pelo terror a uma quasi inacção de besta morta. Dir-se-hia um immundo trapo alli cahido, abandonado alli na lama ignobil de um caminho, á espera da enxurrada que o levasse... Era objecto!... E enquanto esse animal assim jazia, atordoad, como boi que uma malhoada prostrou, ao fundo do horizonte, para sul, o encastellamento phantastico das grandes nuvens plumbeas, listradas de negro e roxo, metralhando com furia o largo espaço, aos quatro ventos, era tudo quanto o nosso espirito póde conceber de mais grandioso e de mais sublime, epico e tragico a um tempo, soberbo, magestoso, imponente.

Mas a voz sempre a ouvia, por cima do vento e por cima dos trovões, aquella voz:

—Ó José Gaio!

Assim largo tempo, horas talvez. O torpor do frio agravava-lhe o outro, o do medo. Parecia colado á lama, preso ao caminho como se fosse uma rocha. No entanto, a espaços, tinha a compreensão clara da sua posição e do seu estado. E então uma raiva subita galvanisava-o: queria erguer-se, fugir, desaparecer—erguer-se como aquella cruz, fugir como aquelle vento, desaparecer como esses relâmpagos, que nem deixam rastro na treva...

Taes rebates de coragem eram, porém, ephemeross, impotentes para lhe provocarem um movimento. Aquelle diabo tinha de morrer alli, miseravelmente, ignobilmente, como um cão a que houvessem amputado as quatro pernas. E esta idéa, que o instincto de viver lhe suggeriu, apavorou-o ainda mais que a propria tempestade. Morrer alli! Mas que duvida, se ninguem lhe vinha acudir, se não passava por alli viv'alma, a taes deshoras! Era horrivel! No meio de um caminho, n'uma noite medonha de tempestade, ao pé d'aquella cruz negra de longos braços hirtos—morrer alli!... Eram então já por elle as lagrimas que essa cruz parecia chorar?...

Estava n'isto, quando n'um silencio de acaso ouviu passos a distancia. Vinha gente. Quem quer que era tinha de passar por alli, de tropeçar n'elle, talvez. Subitamente, sentiu-se reviver. Estava salvo. Em breve estaria de pé,—de pé como essa cruz que um relâmpago muito vivo acabava de lhe mostrar... No entanto, a voz é que se não importava:

—Ó José Gaio!

Mas os passos vinham-se chegando; e então, como se receasse que o calcassem, reuniu n'um supremo esforço as maximas energias, e rebolou-se para um lado, até ficar detraz d'umas urzes. Coisa notavel foi, senhores, que esse miseravel em vez de gritar calou-se, e todo se recolheu n'uma absoluta quietação, com medo que o surpreendessem... E quem quer que era passou, cabeça nua, deante da cruz gottejante... Aos ouvidos do miseravel chegou um como murmurio de prece... Não ia só a rezar; ia tambem chorando, aquelle homem...

...Quem seria?

Um clarão branco de relampago fez irromper da treva, livido como um espectro, o filho do José Tendeiro...

O desgraçado ia a chorar pelo pae, alli assassinado havia annos, por uma noite como aquella...

Passou, ladeira abaixo, na direcção da velha ponte. Só aquelle cobarde não se mexeu, prostrado sobre as urzes, quasi arrumado á cruz.

E assim esteve horas e horas, até que, noite velha, cessou a tempestade, perdida n'um murmurio longiquo, lá na extrema fimbria do horizonte... Quando a lua rompeu, livida n'um céu de anil, nem a grande sombra da cruz, incidindo sobre aquelle corpo, como um beijo ou uma benção, logrou reanimal-o. Tinha morrido, o estafermo!

Ao outro dia, está claro, foram lá os da justiça. O velho abbade foi depois, buscar o corpo. Os medicos nem lhe tinham mexido.

—Sangue pelos olhos, sangue pela bocca, sangue pelo nariz, uma congestão muito linda—dissera um a rir.

—E muito mal empregada—fizera o outro do lado, indifferente.

Mas quando os da maca disseram a um tempo—*Upa!*—esse bom velho do abbade cahiu de joelhos deante da cruz, n'uma convulsão agudissima de choro. E elevando ao céu as mãos mirradas—ao céu que um divino azul fazia diaphano—elle exclamou, soluçando:

—Senhor! Senhor! a vossa justiça é tremenda, como é infinita a vossa misericordia!

...Segredo de confissão...—mas o abbade bem sabia quem tinha alli matado o José Tendeiro...

BALLADAS

A Luiz Osorio

I

MARICAS

VOCÊS lembram-se da Maricas, aquella magrita de cabellos muito castanhos, quasi louros, que morava defronte da redacção, lembram-se? A boa da rapariga era nossa amiga, pois não era? Sempre benevola e complacente para as nossas balburdias e algazarras de todo o dia e de toda a noite. E vocês bem sabem que taes ellas eram, as nossas balburdias e algazarras...

Eu, na Maricas, admirava uma virtude rara, toda original e encantadora—a de não mostrar jamais na sua amisade preferencia por algum de nós. Dir-se-hia que era nossa irmã, ou mesmo nossa mãe, pois que nos queria a todos por igual, a pobre Maricas de olhar azul e brando...

Não sei se já vos disse: adivinho o interesse com que ella vos perguntaria por mim, nos meus dias de cabula, pela solitudine e interesse com que me perguntava por vocês, quando faziam gazeta ao escriptorio.

—Então esses cabulas? então esses marotinhos? Doente, algum?

—Na esturdia, Maricas. Andam todos por lá...

—Ora vejam!—fazia ella quasi escandalisada.

Ah, como eu me lembro n'este momento da vivacidade franca dos sorrisos que nos mandava, quando todos em pinha, furando pelos hombros uns dos outros, palreiros conversavamos com ella de janella para janella, n'um *tête-à-tête* que durava horas, muito familiares, muito dados, quasi que chamando-lhe por tu e ella a nós!

Como eu me lembro!

Ella tinha sempre uma resposta e um sorriso para cada uma das mil perguntas que lhe faziamos, e então uma grande paciencia inexaurivel. Nós, os estroinas, quasi que chegavamos a adorar aquella ingenuidade singela do seu coração de vinte annos. A boa da Maricas era adoravel, toda ella bondade e paciencia para os nossos disturbios e para as nossas algazarras de toda a hora e de todo o instante.

Mas como se familiarisou ella comnosco e nós com ella, é que me não lembra, e porventura a nenhum de vocês, acho eu. O que é certo, rapazes, é que nós como que a consideravamos uma companheira de redacção, especie de directora com casa áparte e viver independente pois que se entravamos no escriptorio (parece mesmo que estou a ver aquella barafunda d'escriptorio!) e, assomando á janella, a não viamos na sua, diziamos quasi sem querer, mas invariavelmente:

—Mau! falta hoje a Maricas! Diacho! mas onde iria a Maricas?

E passados instantes debandavamos todos, um agora, outro logo, á formiga, mal nos convenciamos de que ella passava a tarde fóra, em casa da *freira* de Quebra-Costas—d'essa lembram-se vocês... No emtanto, deveis recordar-vos que ella, no dia seguinte...—coitada!—...a primeira cousa que fazia era justificar a sua falta, «estive aqui, estive alli, fui a umas compras com a mamã», um pouco ruborisada e confusa, como se na realidade a sua obrigação fosse estar alli a aturar-nos. Por pouco ella nos não pedia de mãos postas que lhe perdoassemos, a boa da rapariga.

E nós então galhofeiros, brincalhões:

—Sem mais *aquellas*, D. Maricas! A congregação risca-lhe a falta, ora essa!...

E ella mais confusa, fazendo girar no dedo o seu anelzito de cobra:

—Pois sim, mas é que ás vezes...

—Ás vezes quê?...

«Não! ora adeus! Ninguém desconfiava que ella estivesse zangada comnosco. Saíra, porque tinha de sair, essa é boa...»

—Pois não era verdade—perguntavamos-lhe—que ella adorava aquella *troupe* de bohemios?

—São todos muito bons rapazes—dizia já a sorrir.—Todos me tractam muito bem...

E quando dizia isto, o seu rosto miudinho e muito pallido todo se illuminava de prazer e sorria de intima gratidão. Mas porque sympathisava ella comnosco, a pobre Maricas?

Quando nos via em palestras interminaveis, nas libações do *congnac* e do café, ouvia-se lá da janella um *pschuu!* muito sibilado.

—Que manda a D. Maricas? É servida?

E ella, levantando os olhos da costura, com ares de formalisada:

—Mando que escrevam, que trabalhem! Já fizeram o jornal?

O cuidado que lhe dava o jornal!

—Ora faz favor de não fallar em coisas tristes? Olhem agora que lembrança, o jornal!

Ella então, por unica resposta, dizia-nos ás vezes que na semana passada o typographo viera queixar-se de que havia falta de originaes, quantas vezes o

garoto da imprensa viera pedir as provas emendadas.

E por fallar em provas:—a Maricas sabia todos os signaes das emendas, todos.

—Olhe lá, Maricas, está aqui uma letra a mais n'esta palavra.

—Risco por cima, risco á margem, e um *d* cortado; é facil.

—Um *m* de pernas para o ar, e esta?

—Risca-se, e um tres cortado, á margem. Está farto de o saber...

Quando via algum sentado á meza, a rabiscar, pedia sempre que lhe fosse mostrando as tiras, á medida que as escrevesse, talvez porque adivinhava que isso era um estímulo. A gente fazia-lhe então a vontade, e mal escrevia a derradeira letra pegava da tira e dizia-lhe para a janella, acenando-lhe com o papel:

—Maricas, cá está uma, vá contando. Veja: escripta d'alto a baixo.

Á terceira que se lhe mostrava, ella saía-se de lá com um *bravo!* e recommendava, solicita, cinco minutos de folga, enquanto se fumava um cigarro.

A Maricas era quem nos cortava as cintas para o jornal e quem nos fazia a gomme nos dias de expedição. Que ricas cintas e que bella gomme! Em paga, quando o jornal chegava da imprensa, quasi sempre nos sabbados á noite, o primeiro exemplar era para ella. Como a rua era estreita atirava-se-lhe da janella.

—Maricas, ahi vae ainda fresquinho!

—'stá bem, obrigada. Vou lêr, até ámanhã.

Corriamos todos á janella, a dar as boas noites á nossa amiga.

—Durma bem, ouviu?

E no dia seguinte, a Maricas repetia a cada auctor phrases e phrases do artigo publicado, jurava que nos conheceria no estylo ainda que mudassemos de

pseudonymo. De resto, sempre benevola: achava tudo muito bom, «escripto com muita graça e muito bem», como ella dizia.

Nos serões que faziamos e que por via de regra não passavam de um interminavel cavaco, dizia-se mal das mulheres, discutiam-se escandalos, desvendavam-se segredos, tal e qual como em todas as redacções... Mas da Maricas ninguem tinha que dizer senão bem; era a privilegiada n'aquellas sessões de má lingua. Quasi sempre a conversa degenerava em algazarra—um que se lembrava de cantar, outro que ia pela guitarra e gemia fados com acompanhamento de violão. E era de vêr o Santos Mello, d'olhos cerrados e cabeça á banda, como cantava a sua quadra predilecta:

Sei cantigas mysteriosas,
Cantigas de endoidecer,
Que os lirios dizem ás rosas,
Que as rosas me vêm dizer.

Mas no meio d'esta inferneira havia sempre um que recommendava silencio.

«Com mil demonios! não viam que a Maricas não podia pregar olho...»

Todavia...—ó suprema bondade!—...ella nunca se queixava quando no dia seguinte nos vinha dizer até que horas durara a estroinice, o que se tinha tocado, o que se cantara, quem tinha rido mais, e, até, as vezes que as cadeiras tinham caído.

«Ora viam?! Não a tinhamos deixado dormir! A Maricas que desculpasse; palavra d'honra! d'óra ávante...»

Ella então acudia logo, como a remediar uma grande desgraça:

—Não, não, eu até gósto. Entretem-me vel-os alegres, faz-me bem, ora essa...



Pois, meus amigos, a boa da Maricas—morreu! vocês não sabiam! E morreu tysica, a desgraçada Maricas! Só depois que o soube, é que eu comecei a pensar n'aquella tossesinha muito secca em que ás vezes a surprehendiamos, n'aquella branco pallido das suas faces, no bistre das suas olheiras, n'aquella magresa transparente das suas mãositas de marfim...

Pobre Maricas!

Haverá tres mezes que ella me desapareceu da sua janella, onde continuei a vê-la depois que o jornal acabou. Eu sabia lá para onde ella tinha ido?!...

Mal diria eu que estavas no cemiterio, tão longe e tão só! porventura na valla commum, sem umas folhas de rosa sobre a tua sepultura humilde,—onde n'este instante cáe chuva e chuva! Ainda se as noites fossem todas de luar... Minha triste amiga! como eu agora relembro cheio de magua a tua phrase de infinita bondade e de infinita resignação:

—...«Entretem-me vêl-os alegres, até me faz bem»...

Compreendo agora tudo: vivias da nossa alegria, já que a tua alma era triste... Mas porque foi que nos não disseste, pobresinha! que n'essa phrase singela ia a revelação do presentimento que tinhas da tua morte prematura?! Triste creança que nós não mais veremos!

Olha, Maricas, escrevi quatro tiras. Já me não dizes—*bravo!*—ora não?...

...Bom Deus! bom Deus! para que a terra produza diamantes, e d'ella rebentem flôres, são talvez precisos estes corpos a avigorar-lhe as seivas...

II

PARA A ESCOLA

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula de primeiras letras. A porta lá estava, amarella com fortes pinceladas vermelhas, ao cima da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subil-a. Obra de frades, os senhores calculam... Já tinha principiado a aula quando a Helena entrou commigo pela mão. Fez-se um silencio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua taboada, n'um rithmo cadenciado e monotono, cantarolando. E ouviu-se então a voz da Helena dizer para o senhor professor, um d'oculos e cara rapada, falripas brancas por baixo do lenço vermelho, atado em nó sobre a testa:

—Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encommendinha.

Oh! oh! a encommendinha era eu, que ia pela primeira vez á escola. Ali estava a encommendinha!

—Está bem, que fica entregue. E lá em casa como vão?

E enquanto o velho professor me tomava sobre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia mettido nem eu sabia o quê. Meu pae é que lá sabia... E alli estava eu entre os joelhos do senhor professor, com o *bonnet* n'uma das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito compromettido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se para me dar um beijo, e disse-me adeus.

—Adeus, Josésinho, logo venho cá pelo menino.

Choraminguei, quiz sair na companhia d'ella.

—Não, agora o menino fica—disse-me a Helena.—Isto aqui é a escola, é onde

se aprende a ler.—E agachando-se, deante de mim:—Olhe tanto menino, vê?

—Mas fica tu também—disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir, iracundo:

—Caluda, sua canalha! Não veem que está gente de fóra? Caluda, que vae tudo razo com bolaria!

Foi então que reparei em toda aquella rapaziada. Ah, elles eram todos meus conhecidos! Vivam lá vocês! E estavam todos alegres, p'los modos. Reanimei-me. Então já eu podia ficar, estavam ali os meus amigalhões, cheguei mesmo a rir das caretas que me faziam alguns, o Estevão principalmente.

—Isto é preciso muita paciencia, senhora Helena, muita somma de paciencia. Um mestre precisa de ser um santo.—(Pausa. Olho duro sobre as bancadas.)—Mas está bem, diga lá que a encommendinha cá fica. Em boa hora entrasse...

—Entrou, elle ha-de estudar. Ora ha-de, Josézinho?

Das bancadas alguns acenavam-me que não, arregalando muito os olhos.

—É verdade,—insistiu por sua vez o professor—o menino ha-de estudar as suas lições, não é assim?

—Diga, sim senhor—ensinou-me então a Helena.—Hei-de estudar muito e ser socegadinho na aula, diga.—E a meia voz para o professor:—isto em casa é o vivo mafarrico; faz lá ideia?

Elle riu, já sabia; as creanças são todas assim, enquanto estão no mimo das mães. Mas uma vez mettidas na escola, as cousas mudavam um pouco. E piscando o olho, designou a palmatoria. A Helena ficou transida.

—Faz milagres, sr.^a Helena. Digam lá o que disserem, olhe que faz milagres.

Eu tinha percebido. Começava de novo a *embezerrar*, com vontade de sair quando a Helena saisse. Aquillo sabia eu para que servia, a palmatoria...

—Mas para o nosso Zézito não ha de ser precisa, ora não?

—Diga assim: não senhor, porque eu hei de cumprir com as minhas obrigações, diga.

—Ora ahi é que está—atalhou o professor.—Vê, sr.^a Helena? Aqui já os pequenos tem a sua obrigaçõesinha, os seus deveres a cumprir, as suas coisas...

—Sim senhor, sim, enquanto que em casa...

—Em casa é o que nós sabemos. Tudo são mimos, meu menino isto, meu menino aquillo. Vão assim creados á lei da natureza, sabe vossemecê? É mau isso, pessimo! Porque é que os rapazes são todos teimosos?—E bateu n'um «Monteverde» pousado sobre a mesa, dizendo:—Olhe, aqui está n'este livro: «*de pequenino...*

—...*é que se torce o pepino*»—concluiu rapida a Helena, orgulhosa de saber o que estava no livro, coitada!

—Nem mais. A modos que isto faz rir. Um pepino é uma cousa que se cria na horta...

Risota dos rapazes!

—Ora vê isto, sr.^a Helena? vê estes brutinhos?—E com entono, de palmatoria alta, fazendo-se carrancudo:

—Caluda, seus fedelhos! Caluda, porque se peço licença á sr.^a Helena, começo n'uma ponta e levo tudo a eito, corro tudo a bolos, tudo, mas o que se chama tudo!

E fitou-os altivo, sereno, minaz. Sob aquella ameaça, os rapazes ficaram transidos, cabisbaixos, olhos pregados nos livros. É verdade que elle podia pedir licença á sr.^a Helena, e mesmo deante d'ella *cascar* de rijo... Uma sombra de terror passou por toda a sala, socegaram; até o Estevão deixou de me fazer caretas.

—É o que vê, sr.^a Helena—disse então victorioso, a sorrir-se, o bom do professor.—É o que vê! Um mestre sem palmatoria é um artista sem ferramenta,

não faz nada. *Santa Luzia* milagrosa! Aqui onde a vê tem feito muitos doutores.

—Essa?—perguntou ingenuamente a Helena, disposta a venerar aquelle pedaço de pau de buxo, se na verdade elle tivesse feito muitos doutores.

—Não, mulher, se não foi esta, outras como esta, essa é boa! Isso não faz ao caso.

Pela resposta bem se vê que foi indiscreta a pergunta da pobre Helena. Tambem elle, velho n'aquelle officio, muitas vezes investigara com magua o motivo por que a sua palmatoria não fazia um unico doutor... Morreria sem ter essa «gloria,» decerto! Forte martyrio que a Helena veio recordar-lhe!...

Houve uma interrupção, um rapaz que se levantou e de braço no ar pedia para ir lá fóra.

—*Licéte!*—foi como elle disse, arremedando o latim *licet*. Outros havia que diziam, por troca, *Aniceto!*

—Ora já a mim me admirava,—tornou-lhe o professor.—Se tu não havias de pedir para ir lá fóra, tu...—E ficou-se a fital-o, meneando pausadamente a cabeça.—Ora vá você lá fóra.

O rapaz saiu apressado, com grande estrupido de pés.

—Olá?—chamou zangado o sr. professor.

O outro assomou á porta, contrafeito.

—Para a outra vez faz-se menos barulho com esses pés, ouviu? Não sei se percebes... Ora já que tem tanta pressa, eu não tenho nenhuma; faça favor de esperar um pouco.

Poz-se então a correr a vista pelas bancadas, resmungando:

—Tu não... tu não... tu não... Tu, olá, venha cá!

Levantaram-se uns poucos, foi um barulho.

—Canalha!—gritou-lhes então, batendo o pé.—Corja de atrevidos! Sentados, já!

Grande silencio nas bancadas. Um perguntou de lá, humilde, se era elle, apontando para o peito.

—Sim, és tu, p'ra que queres os olhos? Avance e perfile-se.

Mediu-o d'alto a baixo. Depois:

—Isso mesmo. Essa mão no bolso é que não é do *regulamento*, fóra com ella. Agora, sim senhor. Ora vês além aquelle sujeito? o tal das pressas?...

—Vejo, sim senhor.

—Bem sei que vês, se o não vissem é porque eras cego; que tal está o palerma? Ora acompanhe-o, já sabe p'ra que. E sempre quero ver se tenho de vos ir lá buscar pelas orelhas.

Sairam. Mal tinham salvado a porta, gritou-lhes o sr. professor:

—Olá?

Elles assomaram, outra vez, atrapalhados.

—Então, seus cabeças d'avelã, torres de vento, então não falta nada?

Os dois pozeram-se a coçar a cabeça, muito compromettidos. Faltava com effeito alguma coisa...

—Então é ahi?

Elles avançaram até ao meio da sala, tropeçando um no outro.

—Ora passa por esta vez, em attenção a estar aqui a sr.^a Helena.—E enrugando o sobr'olho, commandou em tom marcial:—Ordinario! marche!

Faltava aquillo. Em obediencia aos seus velhos habitos de militar, dava o sr. professor aquella voz, sempre que mandava algum alumno cumprir ordens suas:

—Ordinario! marche!

Sentou-me então no joelho e perguntou:

—Olha lá, Josésinho, tu queres ser militar, queres? Assim como o sr. capitão do destacamento, que lá está aboletado em casa, queres?

—Corneta, mais queria ser corneta. Ou então como o sr. prior, dizer missas.

Riram-se. Quem sabia lá o que d'ali sairia? Mas o sr. professor fez notar que era bom que os pequenos tivessem já assim uma tendencia qualquer. E poz-se a puxar-me o nariz, a dar-me palmadinhas nas bochechas.

—Corneta ou prior, hein? Pois isso é que é preciso escolher.—E para a Helena: —Pois olhe que os tenho conhecido, sr.^a Helena, que respondem a pés junctos que não querem ser nada. Mau signal, pessimo, sr.^a Helena! Quando elles assim dizem, de ordinario assim fazem, depois. Nunca são gente.—E virando-se para mim:—Mas então, Josésinho, em que ficamos? Corneta ou prior?

Preferia ser prior. Sempre me parecia melhor, mais bonito, especialmente em dias de festa, com aquella capa toda doirada...

—Muito bem, escolheste bem. «*Telha de egreja...*

—...*sempre gotteja*»—concluiu a Helena que ainda hoje é forte em adagios.

O bom do professor tinha finalmente chegado onde queria.

—Prior, então! Está muito bem, seu reverendo. Pois olha, Josésinho, para ser prior é preciso estudar, saber ler no missal, ora é?

—É.

—Ah!... Não é assim que se diz. É, sim senhor—emendou a Helena.

O sr. professor teve um gesto de indulgencia.

—Mas tu não sabes ainda, ora não?

—Não senhor.

Elle então, fingindo uma grande surpresa, perguntou se o que eu trazia na sacca era um livro.

—Querem ver que é um livro?...

—Diga—ensinou a Helena—é o meu livro para aprender a ler. Mostre-o lá ao sr. professor, tome.

Houve na sala um murmurio, ao verem a capinha verde, toda lustrosa, do meu livro.

—Muito bem! muito bem!—applaudiu o sr. professor.—Mas este livro é mesmo para aprender a prior... O menino já tinha dito lá em casa que queria ser prior, ora já?

Fiz que sim com a cabeça. Era verdade aquillo; mas como é que elle o sabia?

—Bem se vê por este livro. É livro para prior. Queres então principiar, não queres?

—Quero, sim senhor,—ensinou ainda a Helena e eu repeti.—O que eu quero é dizer missa quanto mais cedo melhor, diga.

—Primeiro do que aquelles?—perguntou voltando-me para as bancadas.

Então fui eu mesmo que respondi:—«Sim senhor!»—contente com a lembrança de vir a dizer missa, e de a vir a dizer primeiro do que todos aquelles. Até podia acontecer que o Estevão das caretas me ajudasse a alguma...

—Ora então está muito bem, estamos entendidos.—E com intenção, ferindo muito as palavras, para m'as gravar no espirito:—A primeira coisa que é precisa para prior é saber bem isto, vês?—E punha-me diante dos olhos o livro aberto na primeira pagina.—Isto aqui é já missa, chama-se o *a b c*, e é aquillo que os priores dizem quando vão para o altar.

—*Ito?*—inquiri curioso, furando a pagina com o dedo.

—Sim, isto. E amanhã já me has-de trazer sabido d'aqui até ali. Hein? valeu?

—Diga que sim, menino, diga. Valeu, sim senhor.

Eram as seis primeiras letras, ainda me lembro bem. A minha primeira lição!

A B C D E F!

A minha primeira lição!

—Ora sabe vossemecê o que isto é, sr.^a Helena? isto que eu tenho estado a fazer?

—Sim senhor, sei... é assim... como quem diz... é...

—Não sabe, não admira,—disse complacente o sr. professor.—Puxar o gosto, sr.^a Helena, puxar o gosto é que isto é. Nem todos os mestres o fazem, todos o deviam fazer. O pequeno, assim, até já vae estudar com mais gosto, digo-lh'o eu; olé se vae!

«Mas elle não a queria demorar mais, tinha lá em casa as suas obrigações, as suas voltas, e deviam ser horas.»

—Pois isso é verdade, sr. professor; mas não sei que é, custa-me a separar do menino...—disse a boa da Helena, quasi a chorar.

—Foi ama, deu-lhe o seu leite, ahi é que está a coisa. Pois tenha paciencia. Aprender é tão preciso como mamar—concluiu n'uma prosa que é mesmo poesia.

—Pois é preciso, é!...

E a pobre Helena beijou-me, para se ir embora. Quando me beijou, senti na minha cara as lagrimas d'aquella boa amiga. Retirava-se, deixando-me ainda sobre o joelho do meu velho professor, quando este a chamou:

—sr.^a Helena!

—Meu senhor!—respondeu, levando aos olhos o avental.

—Já agora, espere mais um instante.

Percorreu com a vista, minuciosamente, as bancadas todas da aula. Depois, intimou:

—Tu, Francisco, olá, chega acima. E tu do lado, como te chamas, abaixo um pouco.—E virando-se para a pobre mulher lacrimosa:—Ora é alli, sr.^a Helena, alli é que é o lugar do pequeno. Leve-o lá, ande, que lhe não deve pesar.

E dos braços do meu professor passei para os braços da ama. Novo beijo, lagrimas mais quentes, e saiu a boa da Helena, deixando-me no meu lugar...—o meu primeiro posto na arriscada milicia das letras...

Depois, só vi isto: o mestre a sorrir-se para a porta e a conversar por acenos com a pessoa que estava de fóra. Pequeno como era, percebi, no emtanto. O mestre vinha a dizer na sua mimica:

—Bolos?... Não?!... Perdoe a sr.^a Helena, mas isso, quando forem precisos... Pois sim... lá isso sim... pequeninos... Han? mesmo com a mão?... Está bem... Descance... Mesmo com a mão...

E ella devia sorrir por entre lagrimas, porque foi tambem por entre lagrimas que o bom velho se sorriu, dizendo adeus...



...Helena, minha boa amiga! Acabo de chegar ao fim da viagem que principiei n'esse dia. Não volto mais á escola! Venho hoje restituir-te, querida amiga, aquelle beijo—dulcissimo beijo aquelle!—que tu então me déste. E afinal não fui prior, ora vê!... Mas ainda bem. Se o fosse, acho que parecia mal beijar-te, minha boa e santa amiga! Pois ainda bem que não fui prior, ainda bem... Não é verdade, Helena?

Em Coimbra,

no dia do meu acto de formatura.

TRAGEDIA RUSTICA

I

Madrugada de segunda feira de entrudo, tapada dos Nobres, Alemtejo, á porta do José Grillo

Truz! truz! truz!

Os de casa acordaram, sobresaltados.

—Schuu! nem pio!—fez o José Grillo para a mulher.—Moita!

—Truz! truz! truz!

Do seu cubiculo, a Anna, filha do José Grillo, poz-se a chamar pelo pae.—Bem ouvia, que deixasse bater. Algum bruto que se queria divertir...

Mas logo outra vez na porta:

—Truz! truz!

—Arre que é bruto! vá bater ao inferno, quem é! gritou de dentro o José Grillo, zangado. E pois que se poz á cóca, de orelha fita, olhos cravados na telha-van do casebre, sentiu distinctamente os passos de alguém que fugia.

—Eu não te disse? aquillo foi bruto que se quiz divertir—explicou elle para a mulher.

Mas palavras não eram ditas, pareceu-lhe ouvir o vagir de um cachorrinho, mesmo rente á porta. Veio-lhe logo á ideia que lhe tinham vindo pôr zôrro...

—Ó mulher, queres tu ver que ha novidade?

De um pulo saltou da cama, embrulhou-se na manta e abriu a porta do casebre.

—Elle que demonio de embrulho...?

Pegou-lhe com muito geito. Era effectivamente uma creança, envolta em dois trapinhos muito velhos.

—Coitadinho! fez o ganhão achegando ao peito a creancinha.

—Grandes cadellas!—E poz-se logo a fazer uma algazarra, alarmando a gente da casa.

—Andem! a pé! levantem-se! está aqui este innocentinho que vem dar os bons dias á gente!

Correu a filha, veio a mulher. Mas ao tempo, já o bom do José Grillo mettera a creança na cama, visto que a pobresinha estava gelada...

—Elle quem diabo ha por ahi que tenha leite? A filha do Antonio das Varedas, é verdade, a Brites que lhe morreu o cachopo.

Despediu immediatamente a filha, a Anna, á procura da Brites que chegasse o peito ao innocentinho. E da porta, gritando para a rapariga que ia correndo:

—Que se não demore, ouves? que se lhe paga aquillo que fôr.

Mas a mulher do José Grillo, a senhora Joanna, de pé no meio da casa, a saia amarella deitada pela cabeça, de braços cruzados, muito embezerrada, permanecia sem dizer palavra.

—Ó mulher, nada de afflicções, é tal e qual como se fosse nosso, faz de conta...
—observou-lhe logo o José Grillo que percebia o ar taciturno da femea.

Ella só redarguiu que *nosso* era um modo de fallar. Seria d'elle, mais de qualquer desavergonhada...

O José Grillo, que estava a enfiar as calças, parou no serviço e pregou-lhe uma gargalhada.

—Ageita-me o pequeno, ouves? Vê lá que talvez esteja molhado. E deixa-te de cantigas, que hoje é dia de entrudo.

A mulher ia reguingar; mas elle, pegando-lhe de um braço, levou-a ao pé da creança, affirmando-lhe ás risadas que sim, que o pequeno era filho d'elle.

—O pequeno?... mas é que pode ser cachopa—disse o José Grillo para a mulher.
—E certificando-se:—Nada! é rapaz.

Seguiu-se uma altercação. A senhora Joanna, a chorar, ia jurando pela sua salvação que «o crioulo» era filho do seu homem.

—Ai Jesus que estou perdida! chamava ella muito comica, braços no ar, o balandrau da saia amarella enfiado pelo pescoço n'um geito de sobrepeliz.—Má hora em que me eu casei! ai Jesus que vae ser de mim!

—Olha que é rapaz, ouves? anda cá ver que é rapaz—disse-lhe de lá o José Grillo, muito fleugmatico, debruçado sobre a creança.

Mas como visse que a mulher continuava n'um estardalhaço, muito afflicta, desaustinada pelos cantos da casa, o José Grillo virou-se para ella e disse-lhe muito solemne:

—Pois assim me Deus salve como não é meu o rapaz.

Ao ouvir assim fallar o seu José, a senhora Joanna voltou-se logo para elle, olhos esbugalhados, muito suspensa.

—Juras pelas cinco chagas, ó homem?

—Juro pelas cinco chagas.

—Assim te Deus dê saude, ó José?

—Assim me Deus dê saude.

—Preto sejas tu como o teu chapéu?

—Preto seja eu como o meu chapéu.

A senhora Joanna botou-se logo a correr para um canto da casa, e abrindo a arca de pinho, do bragal, entrou aos beijos a uma Nossa Senhora da Conceição, pegada na face interna da tampa, com boccadinhos d'hostia.

Depois desabafou, muito aliviada:

—Ai!

O José Grillo poz-se a rir.—«O demonio da Joanna, com ciumes!»

—Mas ciumes de quê, ó mulher? não farás favor de me dizer de que diabo tens tu ciumes?—perguntava muito casto o amigo José Grillo, serenissimo deante da mulher desconfiada.

A outra, muito delambida, redarguiu com ironia—«que o seu homem era um santinho...»—O José Grillo ia defender-se. Mas ella, atalhando logo, reguingou d'alto:

—Sabes tu que mais? estafermos é o que mais ha. Olha a cadella que engeitou este...

Aqui, fez uma suspensão; depois perguntou, muito lampeira:

—Mas quem seria a grande cadella?

Poz-se então a mirar muito o pequeno, a ver se lhe dava ares de alguém, murmurando phrases d'odio, moralistas:

—Precisava ser enforcada, a tua mãe; quem quer que é tem mesmo entranhas de lobo.

O pequenino entrou a vagir, muito friorento, embrulhado n'uma camisa do José Grillo.

—É fome, coitadinho! o infeliz inda não sabe que coisa é mamar—disse

contristado o lavrador.

Foi-se logo á porta, a ver se a Brites chegava. Mas quem vinha com a Anna era a outra, a Dorotheia do Antonio das Veredas.

—Tua irmã, tua irmã é que se cá precisava. Que demonio vens tu cá fazer? Ouves? não me dirás que diabo vens tu cá fazer?—E deu um bofetão na filha, «para que soubesse dar o recado».

A Dorotheia poz-se a explicar que a rapariga não tinha culpa. A irmã é que a mandara para levar a creança, porque ella, adoentada, fazia-lhe mal sair de casa assim cedo...

—Só se lhe queres tu dar de mamar—insistiu ainda o José Grillo, virado para a Dorotheia, irreverente pelos seus dezenove annos inda virgens.

A senhora Joanna fez-lhe de dentro que se calasse:

—Credo, homem! essas coisas não se dizem, nem por graça.

—Eu sei lá se não se dizem?—observou o lavrador, muito zangado.—Dá cá d'ahi o pequeno.

Veio a senhora Joanna com o embrulhinho, que entregou ao José Grillo. O lavrador depol-o nos braços da Dorotheia, com mil cuidados, e depois elle mesmo ajudou as mulheres a ageitar o pequenino, em termos que fosse bem quente.

—Roda forte, ouves? E diz lá a tua mãe que eu de tarde por lá appareço, p'ra ver isto do ajuste.

A rapariga saiu. E como o lavrador dêsse fé que tinham alli ficado os farrapos, gritou para a rapariga:

—Ó D'rotheia! espera que inda cá ficou isto.

Então poz-lhe os farrapos ao hombro—uns pedaços miseraveis de velha chita—e a Dorotheia partiu onde á irmã.

II

Quarta-feira anterior a domingo gordo. Monte do Rosario. Em casa de Antonio Palma, casado com Rufina Maria

O Antonio Palma tinha acabado de jantar, rodeado da pequenada. A mulher, a Rufina, principiava a lavar a louça, quando á grade do quinchoso uma voz chamou:

—Ó sr.^a Rufina!

Vieram os pequenos, veio o Antonio Palma, a mulher com as mãos fumegantes. Foi preciso fazer calar o *Farrusco* para se poder ouvir o que dizia aquella mulher que lhes estava fallando do caminho.

—Queria-lhe uma palavrinha, a si mais ao seu homem.

O Palma foi abrir o cancelorio. E foi com grande desgosto que deu de cara com a Francisca Fortunata, de grande ventre alçado, uma desavergonhada que tinha fugido ao marido, o José Thomaz negociante de gado. Entrou, fizeram-lhe uma recepção fria. Os proprios pequenos olhavam desconfiados e silenciosos aquella grande mulher gorda que elles não conheciam. Ella sentou-se logo n'um sacco, muito esfalfada, enquanto o Palma e a mulher affectavam procurar ambos um banco, acotovelando-se, com tregeitos de quem se sentia arreliado com a visita. O *Farrusco* investiu com a mulher, achando-a extranha; mas uma vez enxotado com o pontapé do Palma, fez-se na casa um grande silencio, e a mulher começou assim:

—Venho pedir por caridade e esmola que me deixem aqui estar uns dias. Já veem como eu ando, isto deve estar por pouco. Logo que tenha o meu filho, em arribando da quebreira do parto, deixo-os e vou-me embora. Lá em casa de minha mãe aquillo é uma grande miseria, passam-se dias que não comemos. Não ha uma cama, a gente dorme sobre umas palhas, sem geitos de roupa com que se cubra. Mas eu ando n'este estado, bem veem como eu ando...

Aqui desatou a chorar, levando aos olhos o avental miseravel. O Palma e a mulher diziam não sei que monosyllabos, o *Farrusco* rosnava. A outra proseguiu:

—Não é por mim, sabem? não é por mim. É este innocentinho que tem de nascer

no chão, como os cães... Bem sabem que isto custa. Pouco se me dava de morrer, afinal, mas queria que o meu filho vivesse... Coitadinho!

Ergueu-se n'um impeto, depois caiu de joelhos, mãos erguidas para o Palma e para a mulher.

—Pelas cinco chagas de Nosso Senhor! exclamou.

O Palma fez para a mulher um gesto resignado e de lastima. Cada um de seu lado, ajudaram-na a levantar-se, dizendo-lhe submissamente que tudo se havia de arranjar, que socegasse.

—Que a fallar os pontos de verdade, sr.^a Fortunata, vossemecê é que tem a culpa d'esses trabalhos, disse-lhe logo o Palma.

Ella escondeu a cara no avental, fazendo-lhe com a mão que se calasse.

—Má sorte d'aquelle pobre José Thomaz, acabou-se! Quando elle casou com vossemecê antes tivesse quebrado uma perna.

Ella chorava cada vez mais, parecendo muito afflicta.

—Agora ahi o tem, anda por esses caminhos que parece doido. Nem gado, nem o diabo. Des'que vossemecê alvorou que o rapaz não vae a uma feira. Pois olhe que era homem para junctar, videiro como poucos.

Poz-se a fazer um cigarro, olhando os pequenos attonitos. Depois continuou:

—Esteve aqui um d'estes dias, por signal que sentado n'esse mesmo sacco...

A Fortunata levantou-se n'um impeto, como se o sacco a repelisse. O Palma proseguiu:

—Sente se vossemecê, mulher, o sacco não faz ao caso. Pois foi ahi mesmo que elle esteve, até parecia um pobre de pedir. Nem botões na camisa, coitado! Mas pela conversa bem se vê que inda lhe não quer mal. Que a bem dizer elle quasi não conversa, anda a modos que amalucado, sempre a levar a mão á cabeça, como se lá dentro aquillo andasse azoado. E mais é que bem póde o rapaz dar em doido...

A senhora Rufina foi de parecer que doido já elle andava. Passavam-se dias que não apparecia em casa do tio José Garção, que o levára logo para elle, mal a sr.^a Fortunata o deixára. Por onde andava? que fazia? Contava-se que uma noite dormira n'uma coutada, no mesmo telheiro que os porcos. Que d'outra vez fôra ter com o vigario para que lhe baptisasse o filho, dizendo que já tinha nascido.

—No filho inda elle aqui se poz a fallar, lembrou o Palma.—Anda com ella ferrada que o filho já nasceu.

Aqui, a Fortunata, de pé junto á porta, rompeu n'uma choradeira, ouvindo fallar no filho. O Palma interveio, condoido, dizendo que se não affligisse, que o filho sempre teria uma caminha onde nascesse.

Ella ia ajoelhar, o Palma não deixou.

—Não é por vossemecê, mulher, assim me Deus salve como não é por vossemecê. Mas é que o innocentinho que ahi traz esse é que não tem culpa. Faço de conta que é o pae que me pede, o pobre José Thomaz. Vossemecê bem sabe que eu era amigo do José Thomaz. Diabo! a gente já diz *era*, já falla n'elle como se o pobre tivesse morrido...

N'isto vieram chamar o Palma, que no lameiro alli embaixo andavam uns bois que não eram d'elle. Foi-se a buscar um marmeleiro, e depois, quando já ia para sair, disse em resumo:

—Fique vossemecê então, sr.^a Fortunata. Ouves, Rufina? Talvez que ella inda não jantasse. Faz-lhe a cama lá dentro, e o resto arranjem-se.

Caso é que a Maria Fortunata, amanhecendo para domingo gordo, desentupiu e teve um filho. Mas nem sequer o tinha ainda beijado, nem lhe tinha feito uma caricia, quando por volta do meio dia a avó do pequeno alli chegou, vinda de longe. O Palma que estava no quinchoso, a dar a bolota aos cevados, ficou espantado:

—Pois senhores! havia de jurar que você adivinha, sr.^a Anna!

Ella, sem mais rodeios, perguntou se a creança já tinha nascido.

—Já nasceu, sim senhora, vá lá dentro se a quer ver. Venha d'ahi.

Mas iam ainda á porta, quando a velha, filando o braço do Palma, lhe perguntou n'um sobresalto:

—Vivo ou morto, sr. Antonio?

O Palma percebeu. O estafermo da velha queria que a creança nascesse morta. Aquillo fez-lhe nojo, deram-lhe ganas de correr a mulher a pontapés. Conteve-se. Mas todo elle vibrou de colera, quando em presença do pequenino a velha, sem o beijar, perguntou o que se lhe havia de fazer.

O Palma, furioso, repelliu a mulher com despreso. E como ella insistisse com a pergunta: «que se ha de agora fazer a isto?» elle redarguiu, irado;

—Dar-lhe de mamar, está bem visto. Inda você pergunta o que se ha de fazer á creança. Talvez você queira que o pequeno vá já cavar...

A velha ia fallar.

—Nem pio, seu estafermo! Que tal é o amor que você lhe tem, que inda nem sequer a beijou. Nem a mãe o beijou ainda, coitadinho! Você já viu uma cadella quando tem os filhos, já viu? Com mil diabos, qualquer cadella vale mais que vocês duas.

O Palma ia-se pondo amarello, a sr.^a Rufina interveio, aconselhando-o a que saísse.

—Saio, e vou-me embora, ouviste? Ouviste? Aparelho a egua e vou-me de vespera até á feira.

Poz-se a procurar pelos cantos, aqui os estribos, além o freio da egua.

—Tanto faz ir ámanhã cedo, como ir já agora. É já de cara. Mette-me qualquer coisa nos alforjes, que vou já aparelhar a egua.

D'ahi a meia hora, o Palma montava á porta, no meio do rancho dos cevados, e chamando a mulher dizia-lhe com má cara:

—Em estando capaz, rua!

—D'aqui a tres dias, talvez...

—Então até d'aqui a quatro. Ouves? E olha se defumas a casa, quando esses estafermos sairem.

Ora o Antonio Palma a virar costas, e a velha a sair porta fóra—com o embrulhinho do neto ao colo...

Como ella corre, a maldita! Parece que o leva roubado...

Onde passou ella o dia? Onde passou ella a noite? Não sei. Caso é que na madrugada seguinte, a desavergonhada abandonava o pequenino á porta do José Grillo.

Madrugada de fevereiro, nevava...

III

Quando a Dorotheia saiu com o pequeno, para o levar á irmã, tinha amanhecido havia pouco. A neve cessara; mas um nordeste frigidissimo retalhava a cara da rapariga, encolhida sob aquella atmospha de gelo. Nunca o soto que ia atravessando lhe parecera tão comprido e tão triste. Os grandes castanheiros despidos, cheios de neve até ao alto, faziam-lhe mais viva e mais cortante aquella impressão de frio. O chão estava coberto de neve; e lá em cima, muito alto, o céu muito azul annunciava um dia de sol.

A rapariga ia triste. Dir-se-hia que a tristeza lhe nascia toda d'aquelle lado em contacto com o pequenino...

Por isso quando passou pela azenha, e que a mulher do Paulo lhe perguntou o que levava alli, erguendo a voz sobre o ruido forte da levada, a rapariga entrou de chorar e respondeu que era um engeitadinho.

—Um quê, mulher? que dizes tu? insistiu a outra.

Mas o moleiro, que vinha chegando, espécou deante da mulher, e repetiu como um echo:

—...Um engeitadinho.

Entreolharam-se os tres, n'uma incerteza vaga.

—Sim, um engeitadinho, deve ser isso...—continuou o moleiro.—E d'ahi... póde ser que não seja...

A rapariga, muito impaciente, perguntou se sabiam alguma coisa.

—Nada! pode ser que a historia seja outra—elucidou o moleiro.—Onde foi que isso foi posto?

—Esta madrugada, á porta do José Grillo.

—Olá! isso então pode ser coisa d'elle—observou a rir o moleiro.—Esse diabo não é seguro.

Pozeram-se a rir da lembrança. Já dentro do moinho, o homem pôz-se a explicar á rapariga:

—É que hontem á noite veio aqui um homem pedir pousada, um homem a modos que adoidado. Boa figura d'homem, por signal. Assim ás primeiras, tanto eu como a Luiza tivemos o nosso medo...

—Ó Dorotheia! interrompeu a mulher do moleiro, dá cá o menino e senta-te. Vou-lhe dar de mamar, que o pobresinho ha-de ter fome.

A Dorotheia passou a creança para os braços da moleira. Foi uma alegria ao verem-no sugar no peito, minuscuro, com os olhitos inda fechados.

—Meu rico anjinho, meu amor! A fome que o desgraçadinho tem! Quem seria a desavergonhada?...

—Mas depois? inquiriu a Dorotheia, voltando-se para o moleiro.

—Depois, dormiu cá, ahi lhe demos da ceia e ahi ficou. Mas dá-se o caso que o homem não pregou olho em toda a noite, sempre a malucar, n'um fallatorio pegado. «Que o filho era d'elle, que se a cabra da mãe teimasse em o engeitar, elle ia dar parte á justiça.» Um arrazoadado assim, muito comprido.

Espantada, a Dorotheia ia fallar.

—Mas espera, que o melhor da festa é que o homem tão depressa dizia isto, como dizia que o filho já tinha nascido, que era muito lindo, que onde elle o tinha escondido ninguem lh'o ia roubar.

Ficaram-se um instante a mirar consolados a creança.

A pobresinha vagia, mamando com sofreguidão.

—Mas então sempre elle sabe do filho, reatou com interesse a Dorotheia.—Ora! assim este engeitadinho soubesse quem era o pae, coitadinho!

A sr.^a Luiza, que não gostara que se recolhesse o homem, resumiu com ar compungido:

—Um doido, o pobre de Christo! Deixal-o ir!

Fez-se um silencio, mirando todos a creança. A taramella do moinho batia, n'um rithmo vivo. Maquiando uns saccos, o moleiro explicou ainda que o homem alvorara muito cedo, debaixo de neve, sem ao menos dizer obrigado. Mas que perguntando-lhe onde ia aquellas horas, o outro lhe respondera:—«Para a feira. Vender um gado.»

—Ora vá lá o diabo entender isto!—rematou por fim o moleiro. Um doido a vender gado.

Conversaram sobre o caso, algum tempo. Até que a Dorotheia, com pressa por causa da irmã, pegou outra vez na creança e abalou pela porta fóra, direita á casa do pae.

—Olha os trapos, ó Dorotheia! olha que deixas cá isto.—E o Paulo correu a

levar á rapariga os trapos segunda vez esquecidos, e que eram todo o enxoval do triste pequenino...

Ia mais contente, a Dorotheia. Ao menos levava a certeza de que a creança não ia com fome. E para que também não fosse com frio, a boa da rapariga achegava ao peito o engeitadinho, n'uma solicitude toda materna.

—Louvado seja Deus! ia dizendo a rapariga. Como haverá gente que seja capaz d'estas crueldades! A nevar, e deixa-se assim um innocentinho, embrulhado em dois farrapos, na soleira de uma porta! Vamos que o José Grillo não dava fé! Alli se morria de frio o anjinho, capaz de virem depois os cães e comel-o.

E espreitando pela fenda estreita do chale:

—Meu anjinho! que ruim cadella que foi a tua mãe, ora foi?

—Foi! rugiu uma voz detraz d'ella, como um echo.

A Dorotheia deitou a fugir, espavorida. Mas aquelle homem que já de longe a acompanhava, sem ella dar fé, corria também atraz d'ella, e não tardou que a filasse, como um lobo. A rapariga soltou um grito, ia cair com o susto; mas valeu-lhe que n'esse mesmo instante uma voz que ella conhecia gritou alli de perto:

—Larga a rapariga, ó José Thomaz! Larga a cachopa!

E de um pulo, o pastor caiu entre os dois, separando-os.

—É o José Thomaz que está doido,—explicou o pastor.—Desde que a mulher lhe fugiu, que o pobre anda assim, coitado!

Mas palavras não eram ditas, eis que o José Thomaz de novo se arremessa á rapariga.

—Tu que levas ahi? Tu levas ahi o meu filho!—rugiu elle com voz furiosa.

E como se sentisse agarrado, e visse que acudia mais gente, o pobre lançou-se por terra, de joelhos sobre a neve, as mãos erguidas, impetrando a chorar que lhe dessem o seu filho...

A Dorotheia cobrou animo, ao ver-se rodeada de gente.

E fez-se luz no seu espirito, quando reparou que os trapos do engeitadinho eram reconhecidos pelo doido que os estava mirando, a rir-se...

—Conheces? perguntou-lhe a rapariga.

No extasi em que cahira, mirando e remirando os farrapos, o doido não respondeu.

—Se conheces isso? perguntaram-lhe uns poucos.

Nem palavra. Nada a não ser um riso nervoso que o sacudia todo. Como estava de joelhos, quizeram levantal-o; mas elle então oppoz-se, caindo sobre os calcanhares.

E ria... ria... enquanto dos olhos amortecidos, cravados no miseravel farrapo, as lagrimas corriam, copiosas...

Mas d'ahi a pouco, pelas palavras soltas do doido, todos ficaram percebendo. Os farrapos que embrulhavam a creança eram da saia da mãe. A mãe era a mulher do José Thomaz, e o pequenino era filho d'elle... A grande cadella tinha abandonado o pequeno, depois de ter fugido ao homem!

—Um raio venha que a parta! rogou do lado o pastor.—Ora vês ahi um estafermo que precisava que a matassem!

O José Thomaz poz-se a rir muito, fitando aquella gente. Uma forte impressão de piedade estampava-se em todos os rostos.

—Ó Dorotheia! chamou então um dos do grupo. Traz aqui o menino. Um pae deve sempre beijar o seu filho. Traz cá o pequeno, ó rapariga.

Mas não foi preciso; que o José Thomaz, sempre de joelhos sobre a neve, foi para ella de mãos postas humilde como um rafeiro... E como aos labios do pae a rapariga achegasse o pequenino, no silencio que se fez ouvia-se o rir convulso do louco, beijando de joelhos o filho.

Como se fôra uma chuva de petalas, do céu de madreperola a neve cahia mais densa...—ao mesmo tempo que nos ramos altos dos castanheiros, como no seio immenso de um órgão, o vento sul—gemia...

ABYSSUS ABYSSUM...

N'esse dia, os dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim elles tivessem uma coisa boa!... Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquellas terriveis palavras com que a mãe os intimidara, um dia que lhe appareceram em casa tarde e ás más horas.

—Ouvistes?—ralhara-lhes a mãe.—Olhae se ouvistes: se voltaes ao rio, matovos com pancada. Andae lá...

Ih! como ella dissera aquillo, Mãe Santissima! Colerica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas loiras... Lembravam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquella ameaça terminante. E então, n'esse dia, elles não tinham ido ao rio. Aos passaros sim...—lá estavam as calças rotas do Manuel a dizel-o—...aos passaros é que elles tinham ido. Ao rio era bom! a mãe que o soubesse...

Ah, mas então não os deixassem dormir n'aquelle quarto. Logo de manhã, mal abriam as janellas, a primeira coisa que viam era o rio, uma corrente muito lisa e esverdeada, serpeando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, d'onde os rapazes se atiravam despídos, de cabeça para baixo, e então o barquinho branco do fidalgo,—lindo barquinho!—sempre á espera que o fidalgo o desamarrasse para passar á grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo que logo pela manhã assaltava os dois rapazes

era o de irem por alli abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, metterem-se dentro do barco, desprendel-o da praia, e deixal-o ir então por onde elle quizesse, comtanto que fosse sempre para deante... Quando fechavam as janellas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo atravez da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu—«adeus até ámanhã!»—áquelle pequeno objecto que valia thesoiros, que para os dois valia mais que tudo, tudo...

Ah! tivessem elles assim um barquinho, que não queriam mais nada...

—Mais nada?

—Isso não... mais alguma coisa. E a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas n'essa manhã, bella manhã, na verdade! a mãe viera acordal-os mais cedo. Ia já pela aldeia um claro rumor de vida—gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado pessimo da rua, os patos da vizinhança que saiam em rancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em vôos curtos, espantados da aggressão accintosa dos rapazes. Havia mais de uma hora que alli perto se ouvia o retintim agudo do martello do ferrador atarracando cravos na bigorna. Já o reitor passara para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E áquelle hora, onde iria já a missa! A ultima beata, encapuchada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhára na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpinteiro, no meio da rua, dava com valentia n'um carro cujo eixo *ardera* na vespera, e que era urgente compor, p'los modos. Até o Ernestinho do estanco abrira já a loja, e subira á varanda a regar os mangericos. Começos da labuta diaria, emfim; os senhores sabem.

Pois como lhes disse, a mãe viera n'essa manhã acordar mais cedo os dois pequenos.

—Fóra, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro ha que tempos, vem ahi o sol, e os morgadinhos na cama.—E enquanto fallava, ia-lhes abrindo as janellas.—Persignar e vestir, vamos! Calças... colete... os jaquetões... tomem.

E poz-lhes tudo sobre a cama.

—Mãe, a benção!—balbuciaram os dois, tontos do somno ainda.

—Deus os abençõe. Que Deus não abençõe mandriões, ouviram? Ora eu já volto. Queira Deus que não vos encontre cá fóra, tendes que ver.

Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos áquella hostilidade viva da luz que invadira o quarto n'um jacto repentino e brutal. Pela abertura larga da camisa assomava-lhes o peito que elles afagavam n'uma ultima carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo sentados! O mais novito ainda tentou deitar-se outra vez, pesaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem! onde os sonhos eram tão lindos!

Mas a mãe não tardava alli. Era preciso vestirem-se, que remedio! Foi então que o Manuel, mais esperto do somno, olhando para o campo o achou encantador, todo resplandecente de verduras.

—Bonita manhã, não vês? As arvores parecem mais lindas, repara. Porque será?

O outro encolheu os hombros, não sabia: só se fosse por não haver nuvens...

Pela janella aberta, avistava-se um trecho de paizagem que a luz viva da manhã fazia muito nitida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares humidos das baixas. Revestidos de folhagem, ascendiam ares fóra os olmos gigantescos. Pedacos d'horta estavam em toda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas a cuja sombra regalam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio que n'essa manhã deslisava muito sereno, esverdeado d'aguas, espelhante sob aquelle céu immaculado.

—Ah! ah!...—riu-se o Manuel, contemplando-o.—O rio! Que te parece? Olha que é lindo, o rio; ora é, ó Antonio?

—É, lá isso... Mas *tamem* de que vale?—tornou-lhe com desalento o irmão.—A gente não pode lá ir... Olha se a mãe o soubesse, han?—E mirando por sua vez a paizagem perguntou:—Já reparaste no barco, ó Manuel?

—Tão bonito!

Os dois riram.

—Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara.

—Poderá!...—explicou o Manuel—...amarrado com uma corda...—E depois radiante, gesticulando para o irmão:—Mas eu era capaz de o desamarrar...

—Ai eras!—disse duvidoso o Antonio, para o incitar.

Calaram-se. Era bom podel-o desamarrar, lá isso era. Ambos dentro d'elle, sósinhos, isso é que seria bom! E elles então que estavam mortos por ir ás azenhas, e pelo rio era um instante emquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar no barco! E aquelle então era lindo, como não tinham ainda visto outro. Nunca lhes haviam esquecido—olhem lá não esquecessem!—aquellas tardes em que o fidalgo os levava dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava.

O Manuel foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito á janella. Passava n'aquelle instante um bando de andorinhas, chilreando.

—Está um dia lindo, avia-te.

—Olha avia-te! p'ra que?—perguntou o Antonio torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Manuel sorriu-se, triste.—Era verdade... Aviarem-se p'ra que? A mãe não os deixava ir ao rio... E se não que fossem! «Mato-vos com pancada se desceis a ladeira.» Já se vê que depois d'isto...—E os dois suspiravam, desgostosos. Que pena serem pequenos!

N'isto o Antonio chegou-se tambem para a janella. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se desfitavam do barco, fascinados. Demonio de tentação! E para mais, tinham-no pintado de novo: sobre o branco, a todo o comprimento, uma faxa azul-clara destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nivel da agua.

—Táte, ó Manuel! E se fugissemos?

—Ora! se fugissemos!... E depois? A gente tínhamos de voltar...

Ora ahi esta! isso é que era o peor! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha promettido. E arregalando muito os olhos, imitando a colera da mãe:—«Se voltaes ao rio...» Ai, ai, a triste sorte!

Recahiram em silencio. Ficaram-se por instantes a ver o sol que rompia ao nascente, n'uma explosão violenta de luz, accendendo coloridos na largura muito ampla da paizagem.

—Mas palavra que o barco parece pintado de novo... lembrou com alegria o Manuel.

—Mas é que está, palavra que está. Agora é que ha-de ser bom andar dentro d'elle...

Os dois riram-se muito áquella ideia encantadora de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho! e porque não? Por isso, cobrando animo, o Antonio disse resolute:

—Olha agora o medo! Seguro que nos mata.—E puxando-o pela jaqueta:—Vamos lá, ó Manuel?

O Manuel fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

—Á tardinha, hein? dois pulos e estamos lá. Não é tão facil dar pela nossa falta, alli á tardinha. A gente finge que vae para o adro. Levam-se os peões...

—Ha-de ser mesmo assim! á tardinha!—concordou o Antonio.—Eh! eh! tu cá desatracos.

—E eu remo,—disse logo o Manuel com gesto de quem remava.

—Ao leme vou eu: o leme é aquillo que regula—explicou.

—Pois sim, mas á vinda pertence-me a mim, remas tu. Se quizeres assim...

—Pois está bem, quero! Assim mesmo é que ha-de ser!

E recapitulando, para melhor ficarem combinados:

—Ao p'ra baixo remo eu, ora remo?

—Remas.

—E tu regulas, ora regulas?

—Regúlo.

—Ao p'ra cima é ás avessas, ora é?

—É.

Muito bem, basta palavra! E ambos ao mesmo tempo, um ao outro se impozeram segredo...

—Schiu!...

—Schiu!



A tarde descahia limpida. Na vasta cupula do céu, penachos de nuvens alvejavam, immoveis.

Accesas n'aquella explosão rubra do occaso, as arestas dos montes franjavam-se de purpura e oiro, na decoração magica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquillã dos crepusculos, e uma quietação dulcissima e vagamente melancolica entrava de adormecer a natureza para o grande somno reparador de toda a noite.

...E a tarde ia descahindo, cada vez mais limpida.

N'aquella luz indecisa de crepusculo que mansamente se ia accentuando, os

montes do sul tomavam um torvo aspecto de sombras gigantescas, immobilizados n'um fundo em que se iam apagando ao de leve todos os cambiantes de luz. Os pormenores da paizagem perdiam-se n'aquella indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma especie de silencio confrangedor dominava a natureza toda, recolhida n'um como spasma amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obrigam a retina a exagerar as formas ás coisas...

Muda de gorgeios, atravessando o espaço em vôos muito rapidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava. Cahiam já pesadas sobre os valles as sombras das montanhas, e um fumosito subtilmente azulado nadava á flor das coisas, velando-as para o tranquillo somno em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silencio, o barquinho branco deslisava mansamente sobre a agua tranquilla do rio, onde as primeiras estrellas começavam de lampear. Dentro d'elle, os dois irmãositos silenciosos iam-se deixando enlevar n'aquelle ruido suave dos remos abrindo fendo nas aguas... Não! era bem certo que elles não tinham jámais sentido uma tão poderosa e viva alegria—alegria doida que lhes trasvasava do peito, fundindo-se em energia nos musculos e crystallizando-se nos labios em sorrisos.

Dentro d'aquelle adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse, livres de admoestações alheias, sósinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada, fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo elles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam jámais?... No emtanto a noite accentuava-se. Espertava nas margens o marulho da agua nas raizes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno scintillavam as estrellas em cardumes.

—Remas, Antonio?—perguntou o do leme.—Olha se a vês...—E apontava para Vesper, a estrella que mais brilhava.

Tinham os dois concebido o extranho desejo de alcançar a estrella cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!

—Anda-me tu com o leme!—tornou-lhe com intimativa o Manuel.—Ai a estrelinha! Deixa que ella faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adeante, só

por isso...

—Olha o milagre! Ella está quêda!—fez o outro, convencido da facilidade da empreza.

—Está quêda, está quêda, mas sempre na frente de nós; vae lá entendel-a. Olha como brilha, ó Antonio.

—Mas rema que eu cá vou, falta pouco. Ao direito d'aquella fraga é que ella está.

Não era difficil passar-lhe adeante, qual era? Era menos de meia hora era certo alcançal-a.

E engastada no azul escuro do céu, a estrella parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.

—De que são feitas as estrellas?—perguntou o mais novito.

—De prata, pois está visto.

Então o outro, lançando um amplo olhar á vastidão infinita do céu, exclamou:

—Eh! tanta prata!

—O sol, esse é d'oiro—disse ainda o Manuel.

—Bem de ver!—volveu-lhe convencido o irmão.—Que eu, se me dessem á escolha, antes queria as estrellas. Olha que rebanho!

—Pois eu antes queria o sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande.

E enquanto fallavam, os dois não desfitavam olhos da estrella feiticeira que perseguiam. Os remos, no emtanto, iam abrindo fenda na agua, com certo ruido muito doce... E lá no alto céu, dir-se-hia que de instante para instante a feiticeira estrella mais brilhava, incitando-os.

—Vêl-a a fazer assim?—e poz-se a pestanejar, imitando a palpitação crebra e irregular da luz sideral.

—É que tem somno—respondeu o outro.

—Olha que não. Aquillo é a fazer-nos negaças, *tamem* t'o digo.

—Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga...—E apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir:—Eh, *boieira*!

N'este momento, uma estrella cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituaes:

Deus te guie bem guiada,
Que no céu foste creada.

—Vês? disse o Manuel que era dos dois o mais supersticioso.—Torna a apontar para ellas... Eu cá não aponto, que nascem «cravos» nas mãos.

—A ti talharam-te o ar, ó Manuel.

—Diz a mãe. Á meia noite levaram-me á fonte e esparrinharam-me agua para o corpo. E a agua havia-de estar fria... observou, encolhendo os hombros. Depois, viraram-me para as estrellas e disse então a mãe:

Ar vejo,
Lua vejo,
Estrellas vejo:
O mal do meu corpo
Pr'a trás das costas o despejo.

Riram muito. O Manuel, despidozinho, coiracho ao colo da mãe, havia-de ser engraçado. E então todos de volta, a ver quando o ar se talhava.

—Mas talhou-se. Agora, em paga, uma vez por anno, ao menos uma vez por anno, tenho de olhar pelos ralos do lenço p'r'as *cinco chagas*, umas estrellas que

além estão, e rezar uma Ave-Maria.

—Sempre, sempre?

—Até que morra. Depois de morrer vou morar tres dias com tres noites dentro de uma.

—Ora! tornou-lhe incredulo o irmão.—Tu não cabes lá...

—Não sei: assim é que anda nos livros.

...Mas os braços doiam já dos remos, doiam muito...

Devia ser tarde, e elles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrella.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silencio continuo dominava tudo em volta. E amolentadora e múrmura, a agua da corrente ia espumando na quilha, com certo ruido de uma brandura suavissima e doce.

...Mas os braços cada vez doiam mais!...

Agora, no céu, havia muitas estrellas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquella, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para ella, pois que irresistivelmente a cabeça lhes pendia para o peito, e as palpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço.

...E os braços sempre a doerem!...

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levissimo ruido. Immobilisara-se tambem o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do subito desleixo do outro.

...E os braços já não doiam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava agora á mercê da corrente, sem impulso algum extranho. Dentro d'elle... a musica levissima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Senão quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande allucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:

—Manuel! Ó Manuel!

O remador acordou, sobresaltado.

—A estrella? Ainda lá está, olha!—disse incoherente, estonteado pelo somno.

—Uma fraga de cada lado! Ouves o rio? É já muito tarde!Â—continuou afflicto o Antonio.

—Então não lhe passamos adeante?—perguntou ingenuamente o Manuel, referindo-se ainda á estrella.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsamente, procurando chamal-o á realidade, de novo lhe gritou, com lagrimas na voz:

—Manuel, acorda! Olha que estamos perdidos, Manuel!

E mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam n'um choro muito convulso, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto que a hora e o logar augmentavam cruelmente. Parecia-lhes medonho aquelle marulhar continuo da corrente, affligia-os como se fosse o psalmodear monotono e rouco de uma legião de espiritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos os rochedos informes das margens affiguravam-se-lhes negros gigantes, que n'um requinte de malvada indifferença houvessem jurado assistir impassiveis e mudos á escura tragedia da sua desgraça.

E o barco sempre encalhado, não havia forças que o arrancassem d'alli. Tinham perdido os remos. Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus afflictivos gritos.

Crudelissimo transe!...

E então os braços continuavam a doer, doia-lhes agora o corpo todo, ao mesmo

tempo que uma tristeza mais e mais pesada lhes opprimia o espirito, parece que embrutecendo-os.

—Mas a estrella sempre além...—notou ainda o Manuel, balbuciante de medo, como se quizesse increpar a propria estrella da sua indiferença criminosa, no meio d'aquelle enorme infortunio em que por causa d'ella se haviam precipitado. —Se ella podesse acudir-nos...

Até que por fim, prostrados da fadiga e das lagrimas de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas na sua furia constante, a corrente que alli era muito forte não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as aguas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com elle, violentamente. Quando a agua se precipitou para dentro, os dois pequenos assim de subito acordados romperam em gritos lancinantes:

—Ai quem acode! Ai Jesus, quem nos vale!

Tinha surgido a manhã, serena, tranquilla, cheia de gorgeios e de azul. Mas como ninguem acudisse e a lucta no rio fosse desigual, n'um repelão mais violento o pobre barco esphacelado investiu de proa com o abysmo e lá se sumiu para sempre! Feridos de morte, no ultimo paroxismo da sua enorme dor desesperada, os dois irmãositos abraçados sumiram-se tambem com elle!...

...N'esse mesmo instante...—e mais longe do que nunca—...a estrella feiticeira acabava de cerrar tambem a palpebra luminosa!...

MÃE!

Ao dr. J.C. da Moita Prego

BELLA cabra, a Russa!—posso dizel-o aos senhores. A melhor da manada, luzida, de pello macio, sem saliencias de ossos como as outras, altiva de porte quando á frente do rebanho parecia commandal-o, badalando cadencialmente o seu chocalho enorme—tlão! tlão! Era no rebanho a que mais dava que fazer ao pastor, requerendo vigilancias particulares no seu atrevimento, pois que se a deixassem livre não havia arvore a que não trepasse, oliveira especialmente, nem rebento novo que não triturasse esfomeada no seu dente acerado de roedora.

E depois, alli onde a viam, estava cara só pelas coimas, que muitas vezes illudira ella a attenção do pastor, e se ficara por hortas e quintalorios, causando estragos que os louvados depois avaliavam caro. Por isso Alipio José, pastor, a quem doiam as denuncias, ao pescoço da Russa prendera o chocalhão, para dar do atrevido animal mais facil rumor, pois era de timbre muito distincto dos demais, e muito mais grave.

Em pastagens pelos montados, a Russa era de uma audacia extrema. Fazia gosto vel-a trepar ás ultimas cumiadas, subir destemidamente ás arestas superiores dos rochedos, muito serena, erecta nas suas pernas delgadas, pescoço alto, ajoelhando destemida a retouçar as hervas dos declives alcantilados e escorregadios, não medindo perigos nem se importando com abysmos, enquanto

as companheiras se ficavam pelas encostas e correios, saboreando as giestas, sem se atreverem a segui-la nas suas excursões arriscadas de *touriste*.

Se a miravam de baixo, sentia-se orgulhosa de superiores audacias, e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, pouco se lhe dando de perigos. Cobra que encontrasse por essas paragens era para ella um desespero—tamanha a furia com que a perseguia, e a insistencia com que se ficava ás marradas na lura onde se lhe acoitava. O chocalho então badalava com força, e o Alipio que dormia á sombra das azinheiras, de chapéu sobre a cara, levantava-se sobre um cotovello e intimava para o alto, com o seu vozeirão que fazia echo:

—Toma tento, Russa!

E depois, de ventre para baixo, estirado sobre a manta, cotovellos fincados no chão, os queixos entre as mãos espalmadas, Alipio José ficava-se a olhar a cabra, invejoso d'aquella facilidade em subir aos ultimos pinaculos, admirado dos saltos que ella fazia para salvar gargantas pedregosas e perpendiculares, onde, se caisse, a morte seria infallivel. E por lá andava dias inteiros a Russa, n'aquella vagabundagem por sitios inaccessiveis ao resto do rebanho, resguardando-se da chuva em reconcavos de rocha, onde as aguias faziam ninho.



Foi n'um d'esses sitios que a Russa teve o primeiro filho, e por lá se deixou ficar, acho que dormindo ou toda a noite velando. Ao outro dia quiz ella descer, e vir para o rebanho que a aguardava. Mais de cem vezes, fitando o topo da ladeira, Alipio José gritara cá debaixo, cada vez mais desesperado:

—Volta ao rebanho, Russa!

E, cuidando que mais lhe feria assim a attenção, punha-se a agitar com furia o mólho dos chocalhos, gritando sem cessar:

—Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas impossivel! que a não deixava a quebreira em que toda ella ficara do parto,

nem o pequeno poderia—pobresinho!—descer por taes ladeiras, de pedregosas e asperas que eram.

Mas de noite o frio era intenso n'aquellas alturas, e o pequeno congelava unindo-se á mãe que o bafejava para o aquecer, e a si o aconchegava mais e mais para lhe transmittir o natural calor do seu corpo enfraquecido e doente.

Por altas horas da noite, na solidão lugubre d'aquelle sitio, alcantilado e ingreme, entre penedias escarpadas onde o vento sibilava lugubrementemente, n'um como choro dolente e prolongado, o balido da mãe, traduzindo angustias e desesperos intimos, respondia ao vagido fraco do filhito, cuja vida parecia ir-se apagando de hora a hora e instante a instante, inteiriçando-se-lhe com o frio os membros delicados e tenros.

Eram assim as noites dos desgraçados. Por taes frios e doenças, impossivel dormir. Toda a noite velavam e gemiam, achegando-se mais e mais n'um como abraço de eterna despedida—amigos que se iam apartar para uma longa viagem de trevas, com o coração alanceado pela saudade, soluçando e gemendo, n'um adeus! que era infinito, como o infinito amor que os unia...

E a cada momento, como um dobre de finados, o chocalho badalava lugubrementemente, assustando o animalsinho, como se aquelle fôra o signal para o transe derradeiro...

Para maior desgraça, as noites eram sem lua. Encravadas na abobada, as estrellas bocejavam dormentes, n'uma criminosa indiferença por aquella dôr suprema de que eram as unicas testemunhas.

E balando muito, e balando sempre, a pobre cabra imprecava ao céu a vida do filho, ao menos,—ora supplice em balidos de resignação que uma profundissima dôr ungia, ora desvairada e louca, em gritos que significavam blasphemias, blasphemias de desespero contra o céu que a não ouvia, e contra a morte que bem sentia aproximar-se para lhe estrangular o filhinho que ella amava tanto.

E a fazer-lhe mais incruenta a sua enorme dôr—a ironia acerba da chocalhada longinqua das companheiras, que se iam pelos montes da outra banda, deixando-a a ella sósinha com o filho, á espera da morte que era inevitavel.

Então ergueu-se por instantes! Agitou convulsamente o pescoço, e pelo ar fóra o

som triste do chocalho espalhou-se lentamente, n'um adeus! adeus! de despedida ás companheiras felizes que lá iam, n'um ruído longínquo de chocalhos...



N'aquella solidão os dias eram melhores. Com os primeiros raios do sol entravam de reanimar-se os dois; pouco a pouco os membros desentorpeciam e o sangue circulava.

E o cabritinho sem poder ainda descer!...

De pé, ao lado do filho, a pobre cabra lançava olhos compungidos para as escarpas da ladeira, ia para um lado e outro, desvairada e tremula, como que a escolher o melhor caminho por onde levasse o filho. Mas eram todas horripilantes! Silvedos e rocha viva era o que mais se via. E depois o rio, lá baixo, rugia nas cachoeiras, augmentando-lhe o receio.

Impossível! impossível!

E sentia-se enfraquecer á mingua de sustento, pois a herva, por alli, estava comida e recomida pela pastagem miseravel de tres dias.

N'um momento de desespero, quando os gemidos do filho eram mais dolentes e crebros, refez-se de coragem a cabra, e segurando entre os dentes o chibito tentou o primeiro passo, arrastando-o pela ladeira, do lado em que o declive era menor. Mas em breve desanimou a pobre, que o filhito, assim arrastado, mais e mais gemia, convulsionado e tremulo...

Impossível! impossível!

Nada que signifique a dôr d'aquella mãe, e traduzir possa em linguagem toda a gamma de sentimentos e emoções no seu balar expressos. Atirou-se de joelhos sobre o corpinho do filho que hirto chorava e tremia, estendido para alli, na prostração pesada do ultimo desalento; animava-o com caricias, aproximava-lhe da bocca os uberes já flaccidos e amolentados, convidando-o a mamar, como se aquelle leite podesse levar ao filho a coragem que a ella propria faltava em tamanho transe afflictivo...

Mas pouco a pouco a noite ia caindo. Tinha-se já apagado a ultima cambiante do poente, e sobre as gargantas dos montes passavam subtilmente as primeiras nevoas, alvadias e tenues. Á medida que a treva se condensava, decresciam os ruidos em todo o horizonte, accentuando-se cada vez mais a melopéa somnolenta do rio nos açudes. Perpassavam pelo ar as aves para os ninhos. Bandos de pombas, como flocos volateis de arminho, cortavam em vôos mansos a profundidade calma do céu, demandando os pombaes e os povoados, onde se acolhessem da noite que vinha caindo. Revoadas de perdizes e de tordos passavam por alli alegremente, n'um chilrear sonoro, caindo de chofre sobre o monte, a esconderem-se nos estevaes e nas urzes. Pelas hervagens seccas rastejavam apressados os reptis, e sob os tojaes bravios a lebre buscava a cama...

...E tudo tinha ninho—pombas que voavam e perdizada sonora, quem passava no ar e quem rastejava no monte, lagartos, sardões, cobras, toda a colonia vagabunda de reptis e de aves, que passou alegremente o seu dia, e se ia recolher agora para recomençar dia ámanhã...

Só a desgraçada cabra, alli, junto do filho tenro, não mais fizera passo. Com as brumas da noite, as brumas da tristeza para o seu coração alanceado de mãe. Ahi vinha o frio inclemente flagelar-lhe o filho...—o filho que já tremia a ella aconchegado—o triste pobresinho!

Rompia de toda a banda o gri-gri sonoro dos grilos, vivo e cantante n'aquelle silencio que se definia. Cerrou de todo a noite. O céu era baixo e torvo de nuvens. Estrellejava a espaços a abobada, irradiando uma luz mortiça e alvadia, que levava a pensar em ultimos transes de creanças, em que a vida gradualmente se extinguisse, n'um latejar vagaroso de palpebras somnolentas...

Mais algida fazia a noite, e mais pesada de melancolias, essa torva apparencia da atmosphaera e do céu. Noite peor do que as outras, porém com menos balidos, pois que mãe e filho estavam extenuados de forças e nem gemer podiam. E a morte que não vinha arrancal-os do abraço em que se uniram, mal cerrara a noite!

A pequena distancia, o monte era cortado de profundissima garganta em rocha viva. Do lado opposto, e quasi defronte dos moribundos, accenderam-se na treva dois pontos phosphorescentes, de uma claridade esverdeada rutila. E, immoveis, esses dois olhos estoirados de lobo, a que parecia terem arrancado as palpebras,

projectavam a sua luz sinistra na direcção do grupo que velava. A natureza inteira retrahia-se n'um como pavôr medonho, concentrado de intimos terrores e silencios lobregos d'horas altas. Cerrava-se mais no céu a phalange muda das nuvens, densificando-se em tintas negras, impenetraveis e caliginosas, sem scintillas de estrellas, por fugidias e tenues que fossem...

E sempre, e constantemente immoveis na escuridão pesada, aquelles dois olhos flammejavam, de instante a instante mais vivazes, perscrutando a treva da direcção mais exacta do grupo. Transida de susto, arquejando convulsamente no ultimo paroxismo da sua enorme dôr, a pobre mãe não ousava arriscar um unico movimento e mais e mais cerrava contra si o corpo inanimado do filhito que parecia adormecido.

Assim durante horas que aquelle atrocissimo supplicio fez enormes, quasi eternas, tumultuosas de acerbos soffrimentos e de indiziveis angustias, vasias de esperança na vida do seu pequenino filho.

De repente, aquelles dois pontos brilhantes apagaram-se na treva, e de novo os viu brilhar a cabra, mas já a maior distancia. Estremeceu a pobre de subita alegria,—e no abalo que soffreu o seu corpo, até então retrahido, o chocalho badalou. Voltou a correr o lobo, e então a desgraçada viu errarem na treva, como dois grandes coleptéros de azas phosphorescentes, os olhos até então immoveis do inimigo. E por alli levou a noite toda, farejando e uivando, até que cansado de perscrutar o insondavel, se foi ladeira abaixo, aos primeiros assomos da madrugada que vinha, docemente, alumando pincaros e arestas.



Ao romper d'alva o céu era azul. Apenas de longe em longe pennachos de nuvens brancas ondulavam as suas cristas alvadias, que se esfarpavam lentamente ao menor sopro da aragem. Pouco a pouco o azul ia desmaiando, diluindo-se na luz esbranquiçada que vinha do alto em gradações imperceptiveis e suaves.

Começavam de animar-se os longes da paizagem, e a retina accusava já as differenças mais salientes dos campos e herdades, pedaços esbranquiçados de restolhos, tons pardos de olivae, terras plantadas de vinhedo, e pinheirae

cerrados galgando desfiladeiros e investindo com o céu no alto dos montados.

Pelas ladeiras d'além, caminhos e atalhos corriam em torcicolos até ao areal da margem. Em turbilhões de espuma alvissima precipitava-se a agua nos açudes, marulhando nos altos penedos marginaes, denegridos e informes, de uma mudez contemplativa e perpetua. Do tecto do moinho, lá em baixo, uma columna azulada de fumo elevava-se tranquillamente no ar sereno e doce, até se desfazer no espaço amplo e benigno, como uma ambição ou como um sonho...



Foi então que Alipio José, á frente do rebanho, de novo abordou áquellas paragens, no intuito de procurar a cabra tresmalhada.

—Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas precisamente a essa hora, a Russa exhalava o ultimo alento, pendida sobre o cadaver do pobre filhinho morto!...

E ao pino do meio dia, quando o sol faiscava causticando nos rochedos—passava na direcção da montanha, crocitando lugubrememente, a esfaimada legião dos amaldiçoados corvos...

ARRULHOS

A.M. da Silva Gayo.

Ao fundo do jardim ficava o pombal—uma casinhola redonda, com orifícios triangulares no alto, em toda a volta, alegre na alvura impecável do muro que fallava ao longe, muito ao longe, a leguas de distancia.

—Pombal da Morgada! diziam.—Lá se vê além...—E um gesto muito longo levava a vista horizontes fóra, á cata do Pombal da Morgada, que alvejava longe, muito distante, na meia sombra dos montes sobranceiros, como um pequenino ermitério cheio de lendas, onde santos de carne e osso provocassem romarias, promessas avultadas de pessoas ricas, e onde seriam encantadoras as tardes quentes de estio, á sombra de arvores seculares em cuja ramagem trinassem passaros em barda, pardalada sonora, gralhadora, rindo da nossa merenda e da nossa semceremonia—frangãos assados e boa vinhaça da terra.

Pombal da Morgada porque? Historia singular que vou contar-lhes. A Morgada era uma senhora rica, muito rica, tinha vinte e cinco annos e outras tantas quintas, viuva antes de casar, pesarosa da morte desastrada do noivo—um trambulhão de um cavallo que o matara logo alli, sem mais pio, n'um ai.

A recordar esse amor—um casal de pequeninos pombos que elle lhe dera na vespera, symbolizando, dizia elle, a pureza da sua alma d'ella, e a castidade das suas intenções d'elle...

Muito bem. Fez-se então o pombal, o casal procreou, vieram pombos novos—todos brancos uns, rajados outros, de um *gris* delicadissimo alguns, todos encantadores, velludineos, muito mansos.

Bellos pombos, na verdade!

Todas as tardes, quando as tintas do crepusculo começavam de esbater-se n'uma uniformidade vagarosa de tons, e a percepção clara das coisas entrava de se desfazer em imperceptiveis *nuances* subtis, n'um *smorzando* melancolico onde palpitavam vagos terrores de noite que vem caindo, quando os valles se cobriam de uma sombra azulada e a vida cessava no campo e começava no céu em scintillações argenteas de estrellas—todas as tardes, digo, quem quer poderia ver aberta a estreita porta do pombal, e uma mulher nova, vestida de preto, espalhando no pavimento terreo, com sollicitudes de *menagère*, as provisões de um pequeno cabaz que lhe pendia do braço—milho em abundancia e fartura de alpista.

Assim todas as tardes, ia já em quatro annos, que não havia forças que levassem a Morgada para fóra do seu pequeno solar, onde vivia só, retirada de tudo, a tudo indifferente, impassivel a pedidos de amigas que saiam para as praias, no inverno para Lisboa, e que a queriam levar para que se distrahisse, para que se alegrasse—«era nova ainda, podia arranjar noivo, nada mais facil...»

—E as pombas? objectava.—Mas era peccado deixal-as, dizia comsigo. Quando voltasse estaria deserto o pombal, umas que fugissem, outras que matassem, haviam-de até roubal-as, entrar de noite no pombal, leval-as todas.

—Que não e que não! insistia renitente;—que tivessem paciencia, que se divertissem muito, ella ficava.

—Platonismos! gargalhavam depois as amigas.—Saudades do outro que rebentou do trambolhão. Bem tola!

E partiam sós, rindo da Morgada e do seu amor pelas pombas, achando-a ridicula com aquelle seu luto perpetuo, escarnecendo da simplicidade habitual da sua *toilette*—vestido preto todo liso, muito afogado, um pequeno *ruche* no pescoço e mangas, nem uma préga, nem sequer um laço.

Muito respeitadas, as pombas da Morgada. Caçador que as visse não desfechava sobre ellas. Assim, a manada crescia de hoje para ámanhã, desenvolvia a propagação o bom tracto, a habitação confortavel, muito abrigada de ventos, onde a chuva não entrava e os ninhos eram flaccidos—folhas de milho mudadas cada dois dias.

Que bom, ser pombo da Morgada!

A musica dos arrulhos, uma volata muito languida, começava com o aclarar, muito cedo, depois do descanso do somno na placidez do ninho, quando as forças eram sãs e as azas pediam vôos.

Hora dos amores!

Pombos atrevidos, sanguineos, de iris rutilante e indole impaciente, lançavam-se sobre as pombas, forçavam-nas, perseguiam-nas se voejavam, ameaçando-as de bicadas primeiro, picando-as nas cabecitas se resistiam, possuindo-as á força, a tremer, azas em concha, pennugem erriçada, arrulhando muito, arrulhando

sempre, cahindo desfallecidos depois, hirtos, palpebras cerradas, trementes, frementes, em spasmos de luxuria e paroxismos do goso; emquanto ellas, as pombas, se emplumavam agora de contentes, sacudindo as azas, pescoço levantado, orgulhosas talvez, muito felizes.

Outros então, mais meigos ou mais pachorrentos, mais velhos por certo, quedavam-se horas seguidas, horas longas, defronte da sua eleita, n'uma doçura plangente de musicaes arrulhos, frementes de desejos, mas pedindo ás boas, não querendo violencias, detestando-as, bem se via, supplicando, rogando, commovendo. E se logravam intentos, redobravam os carinhos, havia meiguices de geitos e friccionamentos leves de pennugens, arrulhos mais doces e toques delicadissimos de bicos—beijos com certeza.

Isto todos os dias, nas manhãs ennevoadas especialmente. Imagine-se a vida do pombal áquellas horas:—pombas que voejavam assustadas, esquivas mesmo, e pombos que as perseguiam; pombas que condescendiam e pombas que queriam arrulhos: quem não voasse arrulhava, quem não arrulhasse voava; e tudo gozava—quem era feliz e quem estava para o ser, quem era sanguineo e quem era pachorrento.

Ar dos campos, depois; alegres, muito amigos, pousando todos quando um pousava, retomando vôo se um voava, sempre juntos, sempre na mesma direcção, a beber no mesmo ribeiro, em linha, todos a um tempo, n'um ruido muito doce de bicos que sorviam.

Ainda com sol, iam pousar de revoada no telhado da casa onde habitava a Morgada, participar-lhe por certo que iam recolher, cumprimental-a ao balcão da sua janella, alegre de trepadeiras em flôr, pousar-lhe nos hombros, na cabeça as mais ousadas ou as mais amigas, segredando-lhe não sei que arrulhos que ora a faziam sorrir, ora lhe traziam lagrimas, mas que sempre provocavam novos affagos, affagos interminaveis:

—Minha pombinha... minha amiguinha... minha querida...

D'alli para o pombal, continuar aquella vida de bohemios felisões, vida de concubinage, n'uma promiscuidade sem limites e n'uma libertinagem de harem.

Polygamia desenfreada!

Excepção a ella, apenas um casal—a melhor pomba da manada, pomba branca, de uma alvura impecavel de neve, e então um pombo rajado, preto e cinzento, de *nuances* azues-escuras, ares aguerridos de luctador vaidoso, um D. Juan emplumado, tentador.

Era o pombo mais atrevido do pombal, o de genio mais insoffrido e spasmos menos longos, muita vida, n'uma mobilidade continua de pescoço, nervoso, libertino. Pomba que desejasse possuia-a, sem arrulhos previos, sem pedidos, brutalmente se resistia, pacificamente porque muitas se lhe entregavam, preferiam-no, vinham deitarse-lhe no ninho, disputando primazias á força de bicadas.

E umas atraz de outras, e dias após dias, sempre assim!

Mas todas fugiam em seguida, não sei se de esfalfadas, se para dar logar a outras; uma só, a pomba branca, se quedava ao lado d'elle, paciente, resignada, n'um arrulhar cada vez mais doce, cheio de ternuras, muito meigo, idealmente brando, que agradava ao rajado, que o ufanava, incitando-o, convidando-o, provocando-o. Por isso entrou de aborrecer as outras, achando-as menos pombas, umas desavergonhadas que se iam entregar a outros, e de se affeição á branca, a ella só, acarinhando-a muito, arrulhando com ella, alternadamente, ora um ora outro, gemendo amores.

Não imaginam os senhores nem ha nada que possa dar ideia da desordem, da perturbação que isso levou ao rancho tão dado a instinctos commodos de polygamia, tão avesso a duetos d'aquella natureza, onde os pombos eram de todos e as pombas eram communs.

E tal desordem subiu de ponto com o proceder do casal que levava dias inteiros dentro do pombal, sem sair, n'uma concubinação que revoltava de egoista. E quando saíam não se juntavam com os outros—uma desfeita! uma offensa!—tomavam rumo differente: para a direita se os outros iam para a esquerda, para a esquerda se os outros iam para a direita, sempre ao contrario.

Recolhiam mais cedo, com sol ainda, e quando os outros vinham, já os encontravam no pombal, em ninhos contiguos a principio, no mesmo ninho depois!

Um escandalo! Um desaforo!

E planeavam-se ataques, desfeitas ao casal, muitas desfeitas.

Se os dois eram felizes arrulhando manso, entravam os outros a arrulhar forte, troça talvez, desespero decerto, todos juntos, combinados. E se isto não bastava, começavam todos a voar, batendo muito as azas, levantando a palha dos ninhos, precipitando-se sobre o casal, fingindo quedas, dando bicadas os mais raivosos, ou então os mais despeitados...

Prestes o rajado saltava do ninho, oppunha defesas de azas sobre a pomba branca e timida que o susto transia, inquieto, colerico; reagia depois, luctava por fim, levando-os não raro de vencida, obrigando-os a fugir do pombal em vergonhoso tropel, muito assustados, vencidos. E noite além, entravam um a um, vagarosos, muito mansos, sem ruido de azas, receiando acordar o casal que dormia aconchegado, muito quente, pescoço escondido sob a aza veludinea.

Dois mezes assim—dois mezes!—n'uma fidelidade conjugal ininterrupta, digna de servir de exemplo a outros bipedes que eu conheço, que os senhores conhecem, não?... Vida boa, na verdade, perfumada de arrulhos e esplendida de alegrias, passada em bellas digressões campos fóra, pousando no mesmo ramo, bebendo na mesma poça, dormindo no mesmo palmo de ninho, sonhando os mesmos sonhos, talvez...

Mas no fim d'esse tempo o rajado entrou de ter desconfianças, suspeitas de inconstancias e receios de infidelidades, de noite, enquanto dormia. Havia certa frieza nos geitos da pomba, menos ternura nos arrulhos, modos de enfadada ás vezes, certas perrices, resistencias mal disfarçadas. Ficava-se em casa se o rajado sahia, impassivel a supplicas, muito mona, com enlanguescimentos de palpebras e quebramentos de azas, uma desleixada; e espreitando-lhe o vôo, tomava para norte se o rajado ia para sul, vinha tarde e ia aninhar-se só, para lhe fugir.

Estava farta, vê-se. E como os outros a não queriam—rameira do rajado!—um dia levantou vôo e fez-se ao largo.



Abbate d'aldeia, conhecem, d'esses mui dados aos latins e ao *vinagrinho* de Xabregas, muito nacional e muito fino, bons velhos de *quinzena* e calça de alçapão, feros, muito rijos, á prova de rheumatismo e á prova de vintem, felizes na sua pobreza, amigos das creanças, bem humorados sempre, flôres de uma arvore que ora vae dando cardos. Perto do solar da Morgada, a tres kilometros só, havia um assim, o abbade das Donas, bom prégador n'outras eras, com famas de theologo ainda ao tempo.

—Disse-o o das Donas, collega! disse-o o das Donas!—era assim que muitas vezes acabavam disputas acaloradas, salpicadas de varios latins, sobre textos da Biblia e passagens dos apostolos.

—Theologia velha, diziam, a genuina!

A casa da residencia era uma casa muito antiga, portas em arco, paredes a desabar,—uma invernoada forte e ia abaixo. O pateo da entrada era terreo, rimas de lenha secca d'um lado e d'outro, seguia-se a cosinha, um pequeno corredor, e ao fim uma velha varanda em ruinas que dava para um quintalorio, e cujas pedras se deslocavam, de mal assentes que estavam.

Preferia-a o bom do abbade para a reza das suas devoções, e n'essa tarde quem quer o poderia ver passeando-a a todo o comprimento, oculos na ponta do nariz, breviario na mão direita, a dois palmos, a esquerda a segurar a aba da *quinzena*, e um pequeno solideo com borla resguardando-lhe a calvicie.

A interromper a leitura, de quando em quando, umas pequenas exclamações de desgosto, arremessos de breviario, e por fim levantando a voz:

—Fome as pombas, sr.^a Luiza: não fazem senão saltar...

—Bem fartas!—retorquiu de dentro, da labuta da cosinha,—mas têm lá visita, pomba que arribou.

E depois informando:

—Pomba guapa, toda branca. São agora tres ao todo, e então o pombo...

—Huum!... resmungou o abbade em voz de reticencias.—Percebo... percebo perfeitamente...—E foi metter-se no quarto, continuar a leitura.—Deixal-as!

concluiu evangelico.

Era a pomba do rajado, adivinharam, que alli viera parar á reles pelinragem d'aquelle metro de gaiola feita de um caixão velho, com grades só na frente, muito suja sempre, arrumada p'r'alli ao fundo da varanda, humida de aguas entornadas, exhalando maus cheiros, um nojo.

Quando a mostrava á creada, o abbade dizia-lhe sempre:

—A sua vergonha, sr.^a Luiza; a vergonha da sua cara. Como se os animaes não fossem tambem creaturas de Deus...

As pombas eram magras e o pombo era esquelético.

Fez-se de amores com elle, tomou-lhe os habitos canalhas, manchando a alvura immaculada das pennas na immundicie fetida da gaiola em que ambos se aninhavam, arrulhavam, se espojavam. E como ella era gorda e bem tratada, flaccida de pennugens e de carnação consistente, apetitosa, o pombo não a largava—genio de libertino em corpo de tisico.

Em breve periodo entrou a pobre de emagrecer, sem forças para voar se queria voar, quedando-se dias inteiros ao canto da gaiola, encolhida, tristonha, arrependida talvez de ter deixado o pombal,—saúdosa do rajado, o seu primeiro amor, quem sabe!

E depois, o pombo sujo já não se importava com ella, desprezava-a, tentara mesmo expulsal-a de parceiro com as outras, dando-lhe maus tratos,—á intrusa. Dôr incomparavel!

Mas um dia o ataque foi mais violento e ella teve de fugir, de voar, descansando amiudadas vezes, porque lhe faltavam as forças, arquejando sempre, arrastando-se em vôos baixos, sentindo vertigens se subia mais alto. Para passar um ribeiro descansou uma hora, e quando cobrou alento e começou o vôo, viu-se na agua e estremeceu, molhou ainda as azas, viu um corvo na sua propria imagem, um corvo negro que a perseguia silencioso, traiçoeiramente, que a ia talvez devorar... O que ella tinha sido e o que era!...

Lembrou-se então do pombal, do seu primeiro ninho, do rajado... Oh! o rajado!... Receiou primeiro, quem sabe se elle a queria, tinha pomba, decerto... Iria?...

Não iria?... O pombal ficava perto, um vôo valente e estava lá, acharia tudo em casa, era cedo ainda.

Fez-se de vôo e partiu.



A manhã era calma e o céu era azul. Canções de cotovias vibravam pelo ar que as balseiras alastravam de aromas, perfumando-o. A estrella d'alva tinha os ultimos bocejos para fechar de todo a palpebra cansada e adormecer no azul; e o oriente começava de animar-se de um alaranjado esplendido—decoração triumphal com que se orna aguardando a visita de quem tem de rolar pela eclyptica, alumando o hemispherio e fecundando tudo—o cardo que rasteja e o cedro que vê longe...

N'aquelle repontar da manhã, o alto céu era de uma limpidez crystallina. Evolava-se de toda a banda um perfume virginal de dulcissima paz, e pelas ramagens verdejantes a volata suavissima dos ninhos começava, como uma saudação ao dia que vinha rompendo. No altar das laranjeiras, florido como em Domingo de festa, o rouxinol cantava a missa d'alva.

Em manhãs placidas como aquella, quantas vezes a branca não fizera as suas excursões alegres de *touriste*, na companhia do rajado, perdendo-se com elle atravez do horizonte áquella hora tranquillo e para toda a banda transparente!

Como tudo isto lembrava, agora!

Em todos esses pinheiraes, ao largo, os dois haviam descansado muitas vezes, muitas, expandindo em arrulhos de uma ternura ineffavel o amor extraordinario que os unia! Em toda a largura não se descobria um só campanario ou um só telhado onde não tivessem pousado ambos, alegres, contentes, doidos! E ella sempre ufana, acompanhava o macho nos seus vôos ainda os mais arrojados, perdia-se com elle para além das serranias mais distantes, destemida com a companhia que levava—um amigo que empenharia a vida só para salvar a da amante.

E que bella manhã, aquella! Tudo tão alegre! Era ver como as calhandras

acordavam contentes, e se atiravam ares além no seu vôo perpendicular e rapido!

Entravam de animar-se cada vez mais as ramarias, com a vida dos ninhos; melros ensaiavam solícitos a sua partitura vibrante. Mas a toda a largura—nem uma aza de pomba palpitava. Ella só, desalentada e cheia de maguas, ia para onde a levava o destino,—quem sabe se para a morte...

Então chegou a branca ao pombal e voejou em torno espadanando as azas contra o muro, arremettendo os buracos, desejando entrar, faltando-lhe a coragem, voejando de novo para arremetter em seguida. Os seus antigos companheiros sentiram-na, conheceram-na, e arrulhando muito, e arrulhando forte, saíram em tropel e foram pousar no telhado, batendo muito as azas combinando ataque.

E como a pomba teimava em entrar, corriam a oppor-se, vedando-lhe a passagem.

De repente, um pombo negro abriu muito as azas, agitando-as, tenteou vôo n'uns pequeninos saltos nervosos e investiu com a pomba, com a desgraçada pomba, e os mais apoz elle. Havia sangue nos bicos e pennas voando em elypsoides, um barulho de azas que se chocavam com furia. Por fim um baque, a pomba caiu no chão, toda sangrenta, um olho arrebetado, bico aberto, n'um arquejar convulso, cortado de um arrulho guttural de vida que se esvae lentamente, gradualmente, com dôr. Um estremecimento de membros por fim, uma agitação geral repentina, e—morta!

Ares além, os assassinos em bando voavam á busca talvez de um ribeiro onde lavassem os bicos ensanguentados...



E o rajado?—hão-de os senhores perguntar. Demorem-se um pouco e vel-o-hão sair da janella das trepadeiras, alegres, felizão, bohemio, depois de uma noite passada na meia sombra dos cortinados leves de um leito, a rir, a amar, beijando o colo da Morgada, arrulhando com ella, arrulhando, ora um ora outro,—debicando... debicando... debicando...

BATALHAS DOMESTICAS

BATALHAS DOMESTICAS^[1]

A Luiz Trigueiros.

PARA o meu proposito, é inutil narrar-lhes esse pequenino e perfumado idyllio, côm de roza, que foi na vida d'ambos, durante um anno, o seu mais vivo encanto. Isto em Lisboa, onde elle, Joaquim Seabra, maior, empregado de escriptorio commercial, vivia desde pequeno uma furiosa vida de trabalho. A mãe tinha-lhe morrido, ainda elle era fedelho: e passados poucos mezes, tinha o Joaquim sete annos, uma doença complicada levará-lhe tambem o pae—homem de lavoura, pobre mas honrado, bronco mas leal, que nascera e levará a vida não me lembra em que aldeia da Beira, nas abas da serra da Estrella.

Sentindo-se morrer, o João Seabra pediu os sacramentos. Deram-lh'os. E quando o reitor ia retirar-se, grave, revestido, aconchegando ao largo peito o vaso sagrado das particulas, solemne sob a umbella branca de grandes ramagens amarellas, o pobre homem preveniu o padre de que em podendo lhe desejava uma palavra.

—Volto por aqui de caminho, dissera o reitor.

Assim fez. Mas caso é que ao abeirar-se de novo do catre do doente, junto do qual estava o Joaquim, descalço, mal remendado, o velho, entreabrindo os olhos e cerrando-os logo para sempre, mal tivera tempo de lhe murmurar, designando vagamente o filho:

—O pequeno, coitadinho!

De modo que foi o proprio reitor em pessoa, quem, passados dois annos, veio metter o orphão, como marçano, n'uma loja de ferragens da baixa, loja escura, funda, com uma ventana de vidraças, combalida, dando para uns saguões de predios contiguos. De marçano subiu com o tempo a caixeiro; e como era applicado, humilde, supportando com uma placidez resignada de beirão um trabalho por vezes superior ás suas forças, pulou um dia para a escrevaninha da casa, no andar de cima, vaga pela sahida para a cadeia do outro que commettera umas falcatuas.

—Precisava um tiro nos miolos, esse cão! dissera deante dos patrões o Joaquim.

E a incisiva phrase que fôra, enquanto remexia a papelada, todo o seu commentario ao procedimento irregular do companheiro, valera-lhe a involuntaria conquista do lugar, como revelação, que era, das qualidades fundamentaes do seu character,—communs, de resto, ao typo beirão, profundamente animal, audaz, sobrio, musculoso, no fundo generoso e bom.

A vida começou então a ter para elle umas entreabertas mais risonhas, livre d'essa prisão estreita da escura loja, onde os seus instinctos hereditarios de independencia, acordados no fundo de uma natureza barbara de herminio, tinham, de quando em quando, uns bruscos, violentos repelões de rebelião... Até que um dia, n'uma d'essas guinadas que mesmo á escrevaninha o assaltavam, pensou em ir á terra onde não voltara desde pequeno. Ainda lá tinha uns tios, vivia ainda o reitor. E n'uma introversão de momentos, mirando atravez da janella o claro céu azul, alto n'aquella manhã serena de maio, o Seabra teve a remota visão do seu passado—das coisas da sua infancia, da sua pobre e humilde aldeia encravada n'um declive de serrania que ao longe elevava o dorso, nitente de neves eternas. E como se mirasse tudo atravez de um binoculo invertido, elle lá via além, muito longe para as suggestões do seu desejo, muito afastado para as debeis reminiscencias da sua memoria, tudo isso que elle dizia em tres palavras —«a minha terra!»—isto é, esse montão informe de velhos tectos chamuscados onde havia um debaixo do qual nascera; o campanario alto e esguio; a igreja oblonga; a fita branca do muro do cemiterio onde seu pae e sua mãe jaziam; a paizagem circumdante cortada de canaes e regueiras, que parecem fios de prata serpeando na esmeralda das baixas, toda retalhada em hortejos; e então a velha legião amiga das arvores—o zimbro ao alto dos môrros nús; depois, descendo, as urzes brancas; os piornos; os bellos carvalhos altivos; e já a meio da encosta,

estendendo sobre a zona agricola e horticola o verde e tenro parasol das suas soberbas folhas—o castanheiro, emfim.

Atravez da sua vida de balcão, duramente moirejada a mover barras de ferro, feixes pesados de vergas, ceirões informes de pregaria, com intermittencias raras de descanso, algum domingo, pelas hortas dos arredores, ou ás vezes n'um bote, pelo Tejo,—a sensação melancolica da sua paizagem nativa não chegara a obliterar-se-lhe no cerebro, nem tão pouco a lembrança dos seus velhos conhecimentos de infancia, dos seus companheiros de escola que iam todos os dias, de manhã e de tarde, á lição a casa do reitor, n'aquelle velho sotão da residencia, com paredes denegridas e tecto de madeira com manchas...

E que seria feito d'elles? Talvez que os não conhecesse, que o não reconhecessem, agora. Talvez. E esta duvida, esta desconfiança, dava ao seu desejo de os ver, de se lhes mostrar,—com o seu fraque, a sua bengala, a sua cadeia de oiro escorrendo sobre o colete claro—o encanto subtil e ingenuo de uma vaidade. E acabou de o decidir, emfim, a propor aos patrões essa viagem, certa imagem de rapariga loira, olhos azues e toda rozada de cutis, que elle, sem quasi dar por isso, espontaneamente, insensivelmente, fora sabendo, de longe, que se conservava ainda solteira...

...a Emilia!

E porque seja extranho ao meu proposito, e quasi indifferente á historia que lhes vou contando, a chronica preliminar d'esse consorcio, direi que a velha estola do reitor os uniu emfim uma manhã—manhã de julho, na velha e ampla igreja da freguezia, toda banhada de sol, toda rumorejante de vozes, e sobre a qual cahia sem despejar, como uma chuva alegre de pétalas, a saraivada metalica dos sinos, repicando... Até que passados dias, eil-os emfim em Lisboa, installados não sei em que beco da Baixa, perto da «obrigação» do Joaquim, que era, como lhes disse, o escriptorio.

E aqui rompe a historia; e se é do agrado dos senhores, comecemos.

Bem, aquelle primeiro anno. Por uma banda a Emilia a cuidar da casa, toda se desvelando nos minimos pormenores do interior, na cosinha, no amanho das roupas, no decorativo, mesmo, dos quartos e saletas que a mobilia, comprada de novo, tornava alegres e confortaveis. Elle, por outra banda, trazendo-lhe nos fins dos mezes intacto o seu ordenado, e trazendo-lhe, cada dia, uma caricia mais fresca e mais suave. E dada a homogeneidade dos seus temperamentos, a proveniencia commum das suas naturezas, originarias do mesmo solo, filhas da mesma raça, temperadas do mesmo sangue, ricas das mesmas infiltrações de seiva e de saude, explica-se logicamente esse parallelismo absoluto de vontades que os dois levavam na vida, sem um choque nas suas aspirações, sem um encontro avesso nos seus desejos, sem a minima divergencia no seu modo de vêr e de pensar. Educados em meios differentes, embora! o que nas suas naturezas havia de fundamental, e até de intensamente uniforme no raio visual das suas intelligencias, tornara podemos dizer nullo, sem consequencias no fio commum das suas vidas, esse largo periodo passado em latitudes differentes:—ella, onde ambos tinham nascido, debaixo do mesmo céu, á luz do mesmo sol, á sombra das mesmas arvores; elle, sequestrado de tudo isso, mas n'um meio sem côr para elle definida, pardo, estreito como uma gaiola, e onde, portanto, a sua natureza se conservara estagnada,—estagnada como uma pequena lagoa, dormente debaixo do luar melancolico...

Vinha d'ahi, e do fundo ingenuo das suas almas, estrelladas das mesmas superstições, povoadas das mesmas imagens, embaladas, ao nascerem, ao rythmo da mesma canção, essa forte, dulcissima corrente de ternura espiritualisada que era o motor primeiro dos seus abraços, o mais vivo e fresco perfume dos seus beijos, a mais alta, a mais serena e orvalhada efflorescencia do seu profundo amor... E pois que havia tambem no sangue d'ambos—bem como no seio de um diamante as iriações mordentes—as rubras, incandescentes faulhas de uma animalidade impetuosa, adivinha-se quanto seria intensa nos dois a vida sexual,—casta a despeito de tudo, vivente como um largo pampano, nimhada, emfim, como certas telas classicas, por umas cabecitas loiras de creanças, frescas, ridentes, côr de rosa...

D'ahi, como lhes disse no principio, esse pequenino e perfumado idyllio, côr de rosa, que fôra na vida de ambos, durante um anno, o seu mais vivo encanto...

Em certo dia, porém, regressava o Joaquim do escriptorio, noite cerrada já, quando uma rapariguita que lhes servia de creada havia dois dias, vindo abrir a cancella, lhe desfechou estas palavras no accento beirão:

—A minha madrinha está muito mal.

—Muito mal?

—Sim, parece que lhe deu pela cabeça não sei quê.

Joaquim Seabra estacou, como que fulminado. E encostando-se á hobreira, para não cair, sentiu passar-lhe pelo cerebro, como um tufão de peste, uma ideia que lhe fez vertigens. Teve um presentimento... E cobrando alentos, confuso deante da rapariguita que o olhava, disse-lhe com a voz trémula, no tom de quem procura, comprometido e humilde, esconder um pensamento:

—Bem sei... Isso costuma-lhe dar... Uns ataques... Foi depois que veio da Beira.

—Parece que lhe chamam flatos, volveu-lhe a pequena.—Fica-se como doida...

—Sim... chamam-lhe flatos... fica-se como doida... É isso.

E como se sentissem passos subindo a escada, inquilino ou pessoa do andar de baixo,—talvez alguém que o procurasse!—fechou a porta com força; e apagando a luz, com um sopro trémulo, coseu-se a um canto impondo silencio, com a mão sobre a bocca arquejante da rapariga.

—Cala-te, ouviste? disse-lhe quasi com o bafo—Se te calares hei-de te dar dinheiro. Cala-te.

A rapariga calou-se, aniquillada, toda enroscada a um canto, como um novello. E passados instantes, quando um grande silencio envolvia todo o predio, ouvindo-se apenas, de quando em quando, o rodar de algum trem nas ruas proximas, o Seabra tomou nos braços trémulos a pequena, e foi, cauteloso como um bandido, leval-a á cama.

—Ouves, Luiza? Não faças bulha. Dorme.

E fechando-lhe a porta á chave, respirou, hirto no meio do corredor em trevas. Devia de ser assim a sepultura: aquelle silencio, aquella escuridão impenetravel! E elle, como um cataleptico, alli encafudado vivo...—triturado pela magua, roído pela dôr, desfeito pela desgraça, como se milhões de larvas o triturassem, roessem, desfizessem, implacaveis e crueis, famelicis da ultima particula da sua carne, sedentas da ultima gotta do seu sangue, famelicis e sedentas até da sua propria alma... Vivo, ó Deus cruel! ó Deus desapiedado! Vivo e no emtanto... morto: vivo para a sensação esphaceladora da sua atroz desgraça, do seu cruel, cruciantissimo martyrio; morto, aniquillado, desfeito, para a visão aureal das suas esperanças...—as suas esperanças! revoada alegre de pombas, candidas, serenas, immaculadas, que um tufão de desgraça varrera do ninho do seu peito, para longe e para sempre...

E humilde como um rafeiro ou como um trapo, n'uma prostração de louco embriagado, dir-se-hia que o cerebro deixara de funcionar n'esse infeliz—como relógio subitamente parado, marcando um momento fatal!—e que tudo quanto elle sentia, e que tudo, oh Deus! quanto elle gosava! era essa impressão anniquilladora do *Nada*, que o fundia na treva circumdante, com ella identificando-o, irmanando-o, confundindo-o, e tanto e tão intimamente, que elle proprio n'ella se sentia diluido, e no silencio...

Subito, porém, a um gemido, a um grito, a um ranger, escoado alli de perto como um reptil, escoado alli de perto, como um verme, phosphorejante na treva á semelhança de um demonio, que agitasse um *pierrot* de cascaveis,—uma centelha de vida animou esse corpo aniquillado, e dentro d'aquelle cerebro fez repontar, como luz de lampada funerea allumiando um cenobio silencioso, a chamma de uma ideia... E teve então de si proprio a extranha, diabolica visão de um esqueleto carcomido, desossado, alquebrado, mirando pelo arco immovel das orbitas, d'onde dois feixes de luz escorriam—aquelle trapo miserando alli cahido, informe, esqualido, repellente, montão de gelo, e lagrimas, e trevas...—que era elle tambem!...

Entretanto, e como por força mesmo d'essa allucinação desvairada e tragica, o cerebro perdera n'elle a recta, serena faculdade do raciocinio, elle continuava absorto, incomprehendido, estúpido, deante da «sua desgraça»—como deante de um grande mar de negrume, profundo e estagnado, por uma noite sem lua e

debaixo de um céu sem estrellas, torvo de um borel cerradissimo de nuvens, a sombra de um espectro... E assim em breve, retomou n'essa altitude que diremos irracional,—mudo, aniquillado, desfeito, no meio da treva silenciosa, como no lodo fundo de um poço um bloco inanimado...



No escuro do seu cubiculo, a pequena soluçava a espaços. E era como se a propria treva soluçasse, esse chorar abafado da creança, espavorida das coisas que a cercavam, para ella mysteriosas e funebres. Era como se um alegre pintasilgo, vivo, irrequieto, palreiro, fosse do seu ramo florido de amendoeira, por uma tarde serena de abril, pousar, n'um vôo de acaso, na mansarda tristonha de um morcego, em qualquer frincha desabrigada de velho muro, abandonado algures...

E porque viera? E para que viera? Não sabia. No emtanto, ao contrario do que lhe tinham promettido, que saudade infinita, repassada de profunda nostalgia, da telha vã do seu humilde casebre, atravez do qual passavam os primeiros alvares da manhã, como um perfumado beijo de frescura! Dois dias, apenas! Entretanto, já dois dias! Tanto tempo em tão pouco tempo! E não tornara mais a vêr passaros! e não mais tornara a ouvir, de manhã, tocando á missa d'alva, tangendo á tarde a Ave-Marias, o seu querido e alegre sino d'aldeia...—além, n'aquella riba suave e pittoresca, prateada, beijada do luar áquella hora!... E o fio do seu pensamento, que outr'ora derivava limpido, sereno, crystallino, como pequenino arroio murmurante que vae entre duas alas de flores singelas, torvelinhava agora estupidamente, desnorteado, ao acaso, convertido n'um veio torvo, lodoso e borbulhante, soluçando, como se fôra de lagrimas, occulto sob a folhagem pallida...



A dois passos, no corredor escuro, o outro continuava prostrado, junto da porta que dava para o quarto onde a mulher, deitada, devia talvez dormir, de borco sobre a roupa revolta, ou no chão talvez... Mas como acontece ás tempestades da natureza, tambem a tempestade d'aquella alma de homem entrou de se diluir em

pranto, pouco a pouco, serenamente, gradualmente. Chorou. E como se fôra o véo das lagrimas que lhe não deixára vêr até então os pormenores do seu infortunio, d'este permittindo-lhe apenas uma sensação que diremos informe, entrou de se fazer com a vasante mais lucido o raciocinio, mais precisa e mais esperta a ideia que se lhe accendeu no cerebro, como luz que pouco a pouco vae surgindo na lampada de um claustro, allumiando nitidamente, sob o docel frio das sombras, as arestas marmoreas de um sepulcro...

Ah! mas então, sob a impressão raciocinada e fria da sua tragedia, cujas linhas contornaes pareciam feitas de gelo, uma nova tempestade rebentou,—como uma trovoadas enorme em tarde secca de maio. E foram então as imprecações, os gritos estrangulados irrompendo, em surdina, por entre as maxillas ferradas, do fundo do peito em ancias. Então foi o arrancar convulsivo dos cabellos, ás guinadas, teimosamente, n'um duello de loucura com a dôr physica, desafiando-a, espicaçando-a, dando-lhe a beber o proprio sangue do peito, rasgado pelas dez unhas crispantes, lacerantes como se foram de abutre.

—Ah! raios do céu, e não morro!

E como o grito lhe sahiu mais alto, prestes levou ao chão, como beijando-o, os labios estranhamente rasgados pela colera. Veio-lhe então o pudor melindroso da sua desgraça, o medo horrivel de que se divulgasse, de que os outros a soubessem,—de que a pequenita, mesmo, a conhecesse... O que diriam? o que pensariam? E todo elle se encolhia, e todo elle se sentia gelado até ao mais intimo da sua alma, suppondo-se na rua, como outr'ora, ao vivo e claro sol, levando adherente ás costas, como um ferrete ou como um caustico o olhar de «toda a gente»... E com as unhas ferradas na testa, escondia da propria treva, com as mãos ambas, o rosto cobarde e arrepanhado.

—Diabos do inferno! levae-me!

A este novo grito, porém, subito se recolheu n'um grande pavor religioso. Do fundo da sua natureza alguma voz se elevou, serena, doce, harmoniosa, como na paz tranquillada do campo o fumo azul-claro de um casal... E teve a doce visão de um arco-iris, bonançoso e rutilante, repontando luminoso no borel asperrimo da sua alma, onde uma clareira se abria. E foi quasi a sorrir, chorando as primeiras lagrimas tranquilladas, que dos seus labios quasi serenos voou como uma pomba alvinicante, que transporta no rosado bico um ramo de oliveira, esta palavra de amor:

—Deus!

E para logo sentiu sobre a sua fronte, de manso e manso erguida n'um como enlevo de visão, um ruflar de azas de pombas... á hora d'alva... sobre os campos... n'uma clara manhã de maio, perfumada...

E como se mão invisivel o erguesse, de vagar, serenamente, enxugando-lhe da orla das palpebras a ultima lagrima de sangue deposta alli pela sua alma, o pobre foi submissamente escoando-se para o quarto contiguo, onde sua mulher estava, o seu anjo, o seu thesoiro, a sua vida... E foi submissamente, como um cão duramente batido que volta aos affagos do dono, que sobre os labios da adormecida esposa, seccos, pallidos, desbotados, ao claro luar vindo do céu, o triste uniu os seus labios frementes,—...n'um beijo suavissimo de perdão. Ao mesmo tempo que ella, n'um delirio, repetia a phrase cruel:

—Mais vinho!

NOTAS:

[1] Sendo necessario completar o numero preestabelecido de paginas de cada volume d'esta *Collecção*, numero além do qual se não póde ir e aquem do qual se não deve ficar,—o editor pediu e obteve do auctor, em vez de novo conto, um excerpto do seu livro em preparação, livro provisoriamente baptisado com o titulo de *Batalhas domesticas*. O excerpto póde dizer-se que constitue só por si, como os leitores verão, um trabalho litterario, independente e uno, o que de certo modo lhe dá logar n'esta collecção, ao lado dos precedentes, estabelecendo, além disso, a transição do espirito do auctor para uma nova phase, litteraria e artistica.

N. do E.

INDICE

Idyllio rustico	<u>1</u>
Sultão	<u>18</u>
Ultima dadiva	<u>41</u>
Preludios de festa	<u>55</u>
Typos da terra	<u>73</u>
Vae Victoribus	<u>101</u>
Maricas	<u>111</u>
Para a escola	<u>119</u>
Tragedia rustica	<u>131</u>
Abyssus abyssum	<u>153</u>
Mãe	<u>169</u>
Arrulhos	<u>179</u>
Batalhas domesticas	<u>195</u>

OS MEUS AMORES E A CRITICA

Da Revista Illustrada (extracto da chronica):—«...*Os meus amores*, de Trindade Coelho, é um volume de contos para toda a gente, em condições agradabilissimas ao paladar d'ambos os sexos, e com delicadas circumstancias a prazerm, principalmente, ao feminino. Porque uma das preocupações litterarias mais evidentes d'este escriptor primoroso é fazer jus á amisade das leitoras, e como dispõe de pericia no ferir de certas notas emoventes e no tocar

certas fragilidades de sentimento, consegue-o.—*Alfredo Mesquita.*

Jornal da Noite:—«Trindade Coelho—Este illustre escriptor, nosso talentoso colega do «Portugal», brindou-nos com um exemplar do seu novo livro de contos *Os meus amores*.

De entre a pleiade de prosadores, que por ahi mourejam no mundo das letras, a individualidade de Trindade Coelho destaca-se distinctamente, e impõe-se á admiração dos que apreciam os talentos brilhantes privilegiados.

Os trabalhos do illustre escriptor, se pela estrutura original e encantadora são dignos do maior apreço, pela elegancia da fórma, burilada a primor n'um estylo finissimo e scintillante, despertam os mais francos, sinceros e entusiasticos encomios dos que os lêem.

Quem conhece o formoso talento de Trindade Coelho, e o seu bello character, avalia bem, por certo, como ambos estes seus característicos serão traduzidos no novo livro de contos do nosso distincto collega.»

Diario Popular:—«*Os meus amores*.—Assim se chama um livro de graciosos contos, retratando aspectos da vida d'aldeia e do campo, que acaba de apparecer, firmado por Trindade Coelho.

O escriptor, como verdadeiro artista que é, localisa todas as suas atensões, de ha muito, no trabalho de apprehender com fidelidade o viver campezino, sobretudo da vasta região transmontana, a qual lhe foi berço. Por isso o seu fabrico litterario se aprimora de dia para dia n'uma escala crescente de sinceridade, e por tanto merito: *Os meus amores* o attestam, quando postos em paralelo com os primeiros contos publicados avulso.

Trindade Coelho cultiva com cuidado especial o dialogo que busca e consegue photographar com particular exactidão. Em vez dos descriptivos, quasi despresados, são trechos successivos de conversas d'uma encantadora rudeza ingenua que formam o estofa principal de todas as suas producções. Isto e a felicidade com que sabe observar, dão o cunho pessoal da sua obra, que proporciona agradaveis e confortaveis momentos de leitura.»

Diario Illustrado:—«Abrem *Os meus amores*, de Trindade Coelho, com um admiravel soneto de Luiz Osorio, que depômos nas mãos da leitora, como o perfumado ramo de cravos valencianos, a flôr actual das suas predilecções femininas: (*segue o soneto incial.*)

E pelo braço do poeta da *Alma lyrica* subimos ao doce convivio espiritual da alma de Trindade Coelho.

O conto *Mãe*, uma rica joia engastada n'este livro, brilhando ahi por todas as suas facetas cortadas em diamante, e buriladas com a fina arte de um joalheiro florentino, bastaria para autenticar-lhe o valor e para aferir os dotes mentaes de Trindade Coelho, que tem no seu brilhante estylo moderno, fluente e sobrio, incisivo e profundo, vibratil e melodico, o diploma do seu notavel talento.

É principalmente pela sinceridade intuitiva e pela naturalidade espontanea que estes contos nos captivam.

O auctor diz-nos, sem preocupações de escola e sem pretenções a abrir caminho pela deslocação do vocabulo ou pela selva escura do escandalo, o que viu, analysou, observou e sentiu.

As suas doces narrativas, penetradas da alma campestre, deslisam suavemente, tocadas a espaços de uma inegualavel melancolia contemplativa que lhes duplica o encanto.

Mas n'esses singelos contos, artisticamente concretisados, Trindade Coelho revela o superior poder evocativo da visão intima, que o singularisa.

A complexa natureza, para tantos inexpressiva e muda, tem para elle, como para todos os artistas de raça, attitudes, expressões, côres e sons, que o auctor vê, adivinha, sente e traduz com a fascinadora eloquencia dos iniciados, e o mysterioso enternecimento, que só nos transmite a simples leitura dos poetas.

Ha rapidos traços de analyse emotiva ou de commoção reflexa que valem poemas.

E não serão o *Idyllo rustico*, a *Mãe* e outros contos, soberbamente delineados e intimamente vividos, verdadeiros poemas em prosa?

Felicitamos calorosamente Trindade Coelho, o nosso querido amigo, pelo seu primeiro livro, que embora glorifique o seu nome, não é de certo o seu primeiro triumpho.—*Gabriel Claudio.*»

Jornal do Porto:—«*Os meus amores.*—A collecção Antonio Maria Pereira augmentou se d'um novo volume original. Intitula-se *Os meus amores* e está escripto pelo nosso illustre collega e litterato distincto o sr. Trindade Coelho.

D'este livro que, pelas suas destacadas qualidades litterarias, deve achar grande acceitação no nosso publico, escreveremos em breve as palavras apreciadoras que elle merece.»

CORREIO ELVENSE:—Trindade Coelho.—Este nosso amigo e festejado escriptor, publicou agora o seu primeiro livro de contos e balladas a que deu o titulo: *Os meus amores*, editado pela acreditada livraria de Antonio Maria Pereira.

Trindade Coelho, que hoje occupa um proeminente logar no jornalismo da capital, fez ainda ha pouco algumas das suas melhores armas na imprensa em Portalegre, onde creou dois jornaes, um dos quaes ainda vive, que tiveram vida gloriosa em quanto os animou o trabalho do distincto estylista.

Não só nos seus escriptos passados, mas então, conhecemos o grande valor que indiscutivelmente possue. Não nos surprehendem pois os seus triumphos e rejubilamo-nos com elles com a alegria e sinceridade de bons e sinceros amigos.

N'um dos proximos numeros falaremos da impressão colhida em *Os meus amores*, agradecendo desde já as expressões affectuosissimas que acompanham a dedicatória do livro, que o seu auctor nos offertou.»

Correio do Norte:—«*Os meus amores.*—Contos e balladas.—Trindade Coelho, o já conhecido e apreciadíssimo escriptor, acaba de publicar um livro de contos com o titulo acima indicado. É esta uma bella novidade para o nosso mundo litterario, onde Trindade Coelho de ha muito soube conquistar um logar dos mais distinctos, pelo seu bello talento e poderosas qualidades de escriptor.

Limitamo-nos por agora a dar esta simples noticia do apparecimento do novo

livro, para depois escrevermos mais detidamente sobre elle.

Agradecemos ao nosso presadissimo amigo a delicadeza do seu offerecimento.»

O Globo:—«*Os meus amores*.—Mais um livro editado pela livraria de Antonio Maria Pereira. Intitula-se *Os meus amores* e subscreve-o o nome de Trindade Coelho.

Não o lemos ainda porque o recebemos agora; mas ha-de ser por certo trabalho de grande valor artistico, como invenção e como execução, porque Trindade Coelho é incapaz de produzir uma obra litteraria má. A sua educação litteraria está feita, e os seus numerosos trabalhos tão apreciados, tão portuguezmente escriptos, tão sentidos e tão espontaneos revelam qualidades de escriptor de raça. Elle tanto póde ser um jornalista eminente como é um contista original.

Os meus amores é uma collecção de contos e balladas. Conhecemos alguns capitulos, que são primorosos, mas carecemos de ler todo o livro para não errar na apreciação. Vamos lel-o com a convicção de que teremos de saborear um d'esses raros mimos litterarios que só os privilegiados de talento sabem offerecer aos seus leitores.»

DIARIO DE NOTICIAS:—«*Os meus amores*.—*Contos e balladas*.—Anunciámos, em tempo, o proximo apparecimento d'este trabalho, com que o brilhante contista e nosso collega do *Portugal*, o sr. Trindade Coelho, ia augmentar a collecção, já tão valiosa, das edições do sr. Antonio Maria Pereira.

O livro acha-se, emfim, publicado, e em nada desdiz do conceito que desde logo nos auctorisaram a emitir os elevados meritos litterarios do seu auctor, tantas vezes comprovados em numerosos escriptos anteriores.

Com uma observação escrupulosa, e um pittoresco estylo, d'uma pujança e d'uma riqueza não vulgares, sem attentados contra o bom gosto, nem rebeldias contra o bom senso, os contos do sr. Trindade Coelho são, a todos os respeitos, um verdadeiro primor, uma obra que ha-de entrar, sem hesitações, na acceitação do publico, e que ha-de ficar longo tempo, a attestar, n'uma formosa prova, a riqueza de um espirito, superiormente educado, ductil e promptamente malleavel.

Porque esses contos são a obra de um genuino artista, cuja *maneira*, simultaneamente facil e apuradissima, revelando a espontaneidade de uma fecunda phantasia, traduz e affirma a fina sensibilidade de uma alma delicadamente temperada, a viveza de um talento exuberante de vigor e de seiva.

Não póde entrar nos curtos limites de uma simples noticia, a mais desenvolvida critica d'esse trabalho, que tem, na proprio nome do seu auctor, o melhor e o mais seguro titulo de recommendação para obter do publico a consagração de um largo e legitimo successo.

Apenas acrescentaremos que abre o livro um encantador soneto de Luiz Osorio —preciosa chave de oiro, na realidade bem merecida por aquelle rico e primoroso escriptorio de verdadeiras e puras joias litterarias.»

A Actualidade:—«*Os meus amores*.—Este nome é o de um novo livro da collecção Antonio Maria Pereira. Pelo titulo presume-se um volume de versos; mas não é, o que não quer dizer que n'elle se não surprehenda legitima poesia. Trata-se de contos e balladas, originaes do sr. Trindade Coelho, um dos nossos mais apreciados e brilhantes escriptores.

Eis, muito resumidamente, as prendas que distinguem este primoroso contista:

Estylo correcto, elegante, vivo; descripções ricas de observação e attrahentes tanto pelo colorido como pelo esmerado da fórmula; despidos de grandes artificios os entrecchos, mas subjugantes pela muita naturalidade; o dialogo, em summa, admiravel pela singeleza e, sobre tudo, pela propriedade.

Com estes predcados o livro *Os meus amores*, do sr. Trindade Coelho, deve incontestavelmente ser de valor. E é. São encantadoras todas as narrativas que contém. Logo ao abrir depara-se-nos um *Idyllo rustico*, que embriaga e predispõe para a leitura de todo o volume, onde se encontram quadros soberbos, reproduzidos do natural com um notavel poder de observação e que deixam o espirito suavemente impressionado. Leiam, e verão que não exageramos na opinião que ahi deixamos rapidamente exposta.

Ao auctor o nosso reconhecimento pelo mimo da offerenda.»

CORREIO DA MANHÃ:—«Registrar o apparecimento de um livro bom, linguagem elevada e singella, desartificiozo e artistico, repositorio vasto de observação, vibrado por uma grande impressão pessoal e subjectiva, é sempre agradável á chronica, n'este tempo sobretudo de litteratura gafada, ou de arte ainda litteraria quasi pornographica.

Os meus amores que amavelmente acaba de nos offerecer sr. Trindade Coelho é um livro d'esses. Collecção primorosa de contos e balladas, em que no mais despretencioso dos estylos nos conta recordações e idylios e nos mostra uma galeria rica de typos e de figuras cuidadosamente observados e primorosamente expostos.

O ultimo conto *Para a escola*, que d'essa bella collecção acabamos de ler, é encantador de verdade, de singeleza, de arte, e assimelha se notavelmente á maneira de Gustavo Droz.

Não é o logar nem a accasião de fazermos a critica do livro e a apreciação d'este novo, d'este debutante, que ao primeiro assalto parece estar já senhor da batalha.

É por isso que sinceramente o felicitamos.»

VANGUARDA:—«*Os meus amores*.—O nosso collega, o sr. Trindade Coelho, que quasi só conheciamos pelos seus libellos accusatorios, acaba de nos enviar um livro primoroso com este titulo, no qual a feição carregada e sombria do agente do ministerio publico desaparece por completo, para nos deixar apreciar só o espirito finalmente delicado do homem de lettras conhecedor dos melhores processos de arte e verdadeiramente sabedor do seu officio.

Confessamos que nos apraz muito mais admirar este Trindade Coelho, que o outro que temos visto apertado dentro da negra vestimenta de agente do ministerio publico, que parece lhe oblitera ás vezes as suas excellentes faculdades.»

PRIMEIRO DE JANEIRO:—«*Os meus amores*.—Acabamos de receber o formosissimo livro de contos «*Os meus amores*», de Trindade Coelho.

Não é ainda a ocasião de pôrmos em relevo todas as qualidades litterarias, complexas e brilhantissimas, que se evidenciam n'este livro, demonstrando um dos talentos mais vivos e assignalaveis entre os mais illustres cultores da prosa portugueza.

Os contos por onde «*Os meus amores*» se repartem não são apenas maravilhas de linguagem, onde tão sómente se destaquem dextrezas e fulgurações do estylo: a acção que os anima constitue uma deliciosa galeria de quadros, aspectos intimos e exteriores da vida, colhidos em flagrante com uma extraordinaria subtileza e lucidez de observação e trasladados a uma fórma superiormente artistica, onde ha firmemente accentuados todos os caracteres de uma esplendida organização litteraria.

É um livro vibrante e magnifico—adoraveis paginas intensamente ou delicadamente emocionadas e primorosamente escriptas, cuja leitura é um verdadeiro encanto.

As nossas cordeaes felicitações a Trindade Coelho, a quem agradecemos a gentilissima offerta do seu livro.»

FOLHA DO POVO:—«*Os meus amores*.—Esta publicada em volume uma série de *contos e balladas* com que o sr. Trindade Coelho, o brilhante collaborador do *Portugal*, vem enriquecer a litteratura *contista* entre nós, hoje tão querida do publico, depois que os trabalhos de Fialho d'Almeida deram a esse genero litterario um valor até então mesquinho.

A primeira qualidade que notamos logo nos *contos e balladas* do sr. Trindade Coelho é um estylo muito seu, cheio de uma crystallina naturalidade, *affastando-se completamente d'essas excrescencias de mau gosto*, que ultimamente têm abastardado a lingua portugueza,—prova da superioridade intellectual do escriptor de que nos occupamos—, visto que não mira a uma falsa gloria, conquistada facilmenle pelas excentricidades de estylo, que são hoje uma verdadeira mania entre alguns escriptores da chamada geração moderna.

O sr. Trindade Coelho escreveu a sua prosa obedecendo á espontaneidade das suas impressões, ao seu sentir, sem deixar de se revelar um artista, porque nunca a phrase lhe sae banal, nem tão pouco envolvida em europeis de mau gosto litterario.

E no entanto encanta-nos,—prova de que está alli um primoroso escriptor, um espírito delicado, reproduzindo todos os cambiantes da natureza por uma fórmula de observação, que não é d'esta nem d'aquella escola. É simplesmente sua, individual.

Notamos mesmo um progresso no livro do sr. Trindade Coelho; porque as suas primeiras producções litterarias ressentiam-se de uma tal ou qual preocupação de *effeito* no modo de construir a phrase. Hoje, o escriptor adquire a independencia da sua maneira, do seu processo, e feito a tirar decorre fatalmente d'essa independencia, visto que os seus quadros obedecem apenas a uma rigorosa e fiel reproducção do que o artista observa em volta de si.

Certamente que o publico lerá com encanto o novo livro do sr. Trindade Coelho, pelo que felicitamos o auctor, e—podemos mesmo dizer—a litteratura portugueza.—*Silva Lisboa.*»

DIARIO ILLUSTRADO:—«De tempos a tempos chegava-nos do Atemtejo um periodico que não deixavamos nunca de lêr pelo fino gosto litterario, pittoresco e moderno, que se revelava em todos os seus artigos, incluindo os politicos. Esse periodico era redigido por Tindade Coelho, cujo talento conheciamos desde Coimbra, e cuja individualidade litteraria viamos agora accentuar-se com um vigor de originalidade verdadeiramente notavel.

De quando em quando, Trindade Coelho obsequiava-nos com um artigo para o *Diario Illustrado* e, vindo estabelecer residencia em Lisboa, algumas vezes tivemos a honra de receber n'esta redacção a sua visita, sempre agradabillíssima para nós, porque a sua conversação scintillante aligeirava as nossas pesadas horas de trabalho.

Pois bem, Trindade Coelho acaba de reunir n'um volume—que faz parte da collecção *Antonio Maria Pereira*—os seus deliciosos contos, cheios de observação, de verdade, de simplicidade artistica, que é, a nosso vêr, suprema expressão de belleza n'este genero de composições litterarias.

Os meus amores são um bello livro, em que o estylo se não contorce atormentado, como em tantos outros, em que os rebuscados esplendores da forma litteraria denunciam uma carencia absoluta de espontaneidade. Tudo alli deriva naturalmente, tanto na sequencia logica dos caracteres e dos episodios,

como na contextura facil, mas colorida, dos períodos.

N'uma palavra, *Os meus amores* são a obra de um artista, de um homem que sabe do seu officio, e que tem uma individualidade bem definida por traços profundos de verdadeira originalidade.»

VOZ PUBLICA:—«*Os meus amores*.—Trindade Coelho, innegavelmente um talento de primeira agua, acaba de brindar a litteratura portugueza com um excellent livro de contos subordinado áquelle titulo e que constitue o duodecimo volume da elegantissima *Collecção Antonio Maria Pereira*.

Contos e balladas é o sub-titulo do livro, e muitos ao lêrem-n'o julgarão que se trata de versos; mas não, é em prosa, em prosa vernacula, correcta e vibrante que estão escriptos os bellos contos de que se compõe este livro, digno a todos os respeitos de ser lido.

São todos elles uns contos ligeiros, encantadores pela espontaneidade e verdade dos seus typos e das suas situações, lembrando um tudo-nada os formosos typos de aldeia, tão magistralmente desenhados pelo mallogrado auctor da *Morgadinha dos Canaviaes* e dos *Fidalgos da Casa Mourisca*.

Lemos d'um folego o magnifico livro, e ninguém que o comece a lêr deixará de o fazer como nós; tão attrahente é a fórma por que Trindade Coelho conduz todos os ligeiros contos de que elle se compõe, que sem querer, sem se sentir mesmo, chega-se ao fim e fica-se como triste d'elle ter acabado.

Todos magnificos, dizemos, mas se alguns ha que mais nos prendessem, foram os que se intitulam *Typos da terra* uma galeria curiosa de typos, e *A mãe*, um conto de natureza, simples e commovente na sua simplicidade, e notavel pela sua originalidade.

Recommendar o livro de Trindade Coelho é prestar um serviço aos nossos leitores.»

ORDEM DO DIA:—«*Os meus amores*.—Este é o titulo do 12.º volume da collecção Antonio Maria Pereira, innegavelmente a publicação mais elegante, mais barata e mais interessante do paiz.

Os meus amores são uma serie de contos e balladas, em prosa, devidos á penna d'um moço talentosíssimo, de ha muito conhecido nas lides do jornalismo, Trindade Coelho, mas que ainda não lançára ao mercado um livro; com este debuta o auctor, e é uma estreia auspiciosissima a sua.

A leitura do volume, longe de fatigar, faz-se com agrado, e n'elle é cultivado um genero—o de contos, alguns á maneira de Gustave Droz, que prendem e interessam o leitor em todo o sentido.

Foi gratissima a impressão que elle nos deixou no espirito e esperamos que Trindade Coelho continue a brindar o publico com as suas bellas producções, porque estamos certos de que quem lêr *Os meus amores* será com sofreguidão que esperará novo volume do distincto escriptor, tal é o encanto da sua escriptura».

O SORVETE, (com o retrato do auctor):—«Dr. Trindade Coelho.—Mais uma prova do seu brilhantissimo talento! Mais uma vez justificada a alta competencia e finissimo espirito de escriptor distinctissimo!

O novo livro de Trindade Coelho,—*Os meus amores*—contos e balladas—editada pela casa Antonio Maria Pereira, de Lisboa, é, no dizer dos entendidos em litteratura,—uma verdadeira joia.»

O ESPOZENDENSE:—«*Os meus amores* (contos e balladas) por Trindade Coelho.—Faz parte este volume da interessantissima collecção Antonio Maria Pereira, tão bem acceite do publico, pela superior escolha das obras publicadas e pela modicidade extraordinaria dos seus preços.

Os meus amores é um precioso agrupamento de contos, alguns ineditos, outros já conhecidos, e que Trindade Coelho espalhara com applauso por differentes jornaes do paiz. Decorridos quasi todos em plena aldeia trasmontana, cujos costumes o auctor conhece de sobra, pois é natural de Traz-os-Montes, e foi durante alguns annos, delegado do procurador regio n'uma cidade de provincia—os contos d'esta collecção tornam-se sobretudo notaveis pela propriedade e pela fidelidade da acção, verdadeiros, nitidos, reais, palpitando da côr propria da paizagem, vivendo da vida natural, intima e intrinseca, dos personagens e das

cousas.

Entre as nossas obras litterarias originaes, *Os meus amores* merecem, pois, um logar á parte, não como uma estreia auspiciosa, que o nome de Trindade Coelho é já demasiado conhecido de todos quantos se interessam pela litteratura nacional, mas como a poderosa affirmação de um prosador elegante e de um contista distincto, no meio da grande maioria da chata vulgaridade indigena.

Os meus amores é, em summa, um livro de valor, bem cabido nas mais escolhidas bibliothecas.»

O PORTUGUEZ:—«*Os meus amores*.—Delicioso titulo de um livro delicioso.

O livro é uma collecção de graciosos contos, editorada pelo sr. Antonio Maria Pereira; e o auctor é o nosso collega do O livro é uma collecção de graciosos contos, editorada pelo sr. Antonio Maria Pereira; e o auctor é o nosso collega do *Portugal*, sr. Trindade Coelho, que, nos ocios da magistratura, de que é digno representante, cultiva as lettras com desvelado amor.

Em Coimbra, estudante ainda, era já litterato apreciado, collaborando, com applauso dos mais doutos, em jornaes e revistas, que ha mais de dez annos tornaram o seu nome festejado e querido. Hoje, reune ao seu título de jornalista a invejavel nomeada de contista esmerado, e brinda as lettras portuguezas com um volume, que está tendo a mais justa e lisonjeira acolhida.

O primeiro conto do livro, *Idyllo rustico*, não obstante ser agora publicado pela primeira vez, cremos nós, é já nosso conhecido, porque appareceu manuscripto n'um concurso litterario da extinta *Associação dos jornalistas*, sendo premiado. Depois da consagração de um jury, terá agora a consagração do publico.

Depois do *Idyllo rustico*, vem o *Sultão*, um quadro magnifico da vida campesina, notavel de simplicidade e graça; e a *Ultima dadiva*; e os *Preludios de festa*; e os *Typos da terra*; e as *Balladas*; e a *Tragedia rustica*; e a *Mãe*; e os *Arrulhos*; e as *Batalhas domesticas*: outros tantos primores, que ás vezes nos fazem lembrar as deleitosas e serenas paizagens de Daudet.

Agradecendo ao auctor a gentileza da sua offerta, congratulamo-nos por não haver ainda expirado entre nós a litteratura san, que, ou nos desperte o sorriso ou

nos obrigue a lagrimas, não nos deixa no espirito a impressão doentia das nevroses litterarias...»

JORNAL DA MANHÃ, Porto:—«*Os meus amores*.—Mais um volume acaba de ser publicado da collecção Antonio Maria Pereira, por sem duvida a mais elegante, a mais escolhida e a mais economica bibliotheca que se publica em Portugal.

É o primeiro livro de Trindade Coelho, *Os meus amores*, contos e balladas, em que o talentosissimo escriptor acaba de reunir todos os seus contos dispersos por varios jornaes, e alguns ineditos.

Do primeiro ao ultimo, os contos que compõem *Os meus amores* são specimens no genero, porque, além de constituirem uma esplendida galeria de quadros intimos, de retratos, de typos, são a confirmação d'uma verdade já por nós ha muito acceite: que o seu auctor tem todos os requisitos d'um escriptor de primeira ordem; estylista vibrante, correcto e sempre elegante.

E se formos a escolher o melhor d'hesses contos, ver-nos-hemos em serios embarços, porque são todos por igual deliciosos, constituindo a sua leitura um verdadeiro encanto; entretanto, se ha que mostrar predilecções por algum d'elles parece-nos que os melhores serão *A Mãe* e *Para a escola*, aquelle uma delicada e emocionante historia arrancada flagrantemente á natureza, e este saudosas recordações d'um passado que não volta.

A edição, escusado é dizel-o, é nitidissima.»

O TEMPO:—«*Os meus amores*.—Este livro teria vindo melhor nas noites invernosas para serões ás lareiras crepítantes:—as faíscas d'ouro subindo no tecto, o vento zenindo fóra açoitando a chuva, e dentro, no conforto recolhido, gosar-se o contraste das paizagens alegrdas pelo sol, espelhadas na agua rumorosa, com gorgeios e trinados d'aves, paizagens que o sr. Trindade Coelho sabe encantar com a delicia suave e subtil d'illudidor ameno. Mas não se póde aconselhar o leitor a que se prive de saboreal-o desde já, tanto mais que os tempos vão agoureiros para a arte de manancial, e os que a cultívam teem de separar-se dos estragadores d'Ella e das cabeças quasi vasiaas que expremem e segregam o pus nauseabundo do sadismo mediocre.

Estes estão agora entretendo o publico arrebanhado para saborear com prazer as estapafurdices atoleimadas, e que os eguala—o vingador—ao imbecil que escreveu o *Senhor Dupont* e aos auctores das *Pimentinhas* e *Berbigões Ardentes*.

Que o livro de glorificadora arte do sr. Trindade Coelho seja o perfumador dos excrementicios e appareça em plena luz nas mesas e nas familias dos que compravam os outros, é o voto que faz o alinhavador d'estas linhas corredias, na certeza de que recommenda á attenção um artista recolhido que sabe ter força nos traços tenues e meias tintas dos seus quadros, que capricha em suavisar idyllicamente as dôres vulgares da vida acceite, da materialidade animal, dourando-as com recantos de natureza chilreante. Que me perdoem insistir na impertinencia: mas, o que no livro mais particularisa o talento de quem o assigna é a comprehensão das paizagens, o sabel-as colorir, animar, pôl-as ante os olhos que lêem.

As grandes dôres obscuras e sinceras, as brandas affeições, amidades arreigadas, a placidez do recanto habitado, os amores simples sustentados por ingenuas crenças e suavizada fé, tudo o que a aldeia tem de ameno, d'attraente, de pittoresco, de consolador, os seus ridiculos mesmo, vestindo atitudes de parodia em theatrinho de curiosos, tudo reveste bem o sr. Trindade Coelho, e aligeira com um optimismo de bom humor, sublinhando aqui e acolá umas notas reaes, bem apanhadas, como se diz, e que refrescam o rosto n'um aberto sorriso de ventaróla. O livro encanta porque traz todo o aroma da aldeia onde o auctor encerrou por annos a sua nostalgia—a peor de todas: nostalgia de delegado!—apertando os vãos do seu espirito d'artista que ama pairar com a fantasia para o longiquo, para o que se Imagina, para o Distante, o Inaccessivel, o Insaciavel. Sonhos e fantasias que morreram e se dispersaram como o fumo e as cinzas das fogueiras a que se aqueceria nas noites uivantes do inverno trasmontano; mas que deixaram sementes de recordação e de saudade d'onde brotou o livro, escripto decerto nas horas feridas do trabalho arido, com a documentação da natureza que vivifica, com a elaboração pachorrenta de quem não tem pressa e se compraz na arte libertadora.

Especificar um ou outro conto não é depreciar os não citados, mas dar preferencia pessoal—e talvez peccadora—ao *Idyllo rustico*, á *Ultima dadiva*, á *Mãe*, ás *Batalhas domesticas*, que fecham o livro e deixam entrever no auctor um desejo de animar os personagens tanto como anima a natureza onde elles sentiram. Ha contos nos *Meus amores* que fazem lembrar um Cladel menos retumbante e por isso mesmo livram quem lê da patada epica do que fez *Créte-*

Rouge e Ompdrailles.

O sr. Trindade Coelho é um escriptor tão distincto quanto aclarado pelo jorro d'arte que vem de ha muito confundindo os convulsionarios do talento; os serenos no desdem; os entusiastas; o que, despindo o metaphorico, quer significar que elle está em posição artistica onde decerto o seu talento e o seu trabalho continuarão a chamar attenção e respeito.—*M. Caldas Cordeiro.*»

ANTONIO MARIA, (com o retrato do auctor, desenho de Raphael Bordallo):—«*Os meus amores* por Trindade Coelho.—A livraria portugueza tem tido uma enchente, como raramente lhe succede, na ultima quinzena. Depois do exito do romance de Abel Botelho e do livro de memorias de Luiz Palmeirim, veio o volume de contos de Trindade Coelho, com a amavel denominação de *Os meus amores*.

Aqui o temos, já todo aberto, já todo lido... É originalissimo, agradabilissimo o modo de escrever, de descrever, de dizer, de contar, que usa o auctor d'este bello livro,—agradabilissimo contista, escriptor originalissimo, cujo nome a bibliographia regista hoje, tão notavelmente, como o jornalismo de ha muito o registara.

A quem o lêr, garantimos, sob a palavra de honra do nosso gosto, algumas horas muito bem passadas, passeadas por aquellas paizagens e recantos provincianos que elle pinta, tão real e verdadeiramente como se lá se estivesse; em companhia d'aquelles typos que elle retrata, tão photographicos, tão nitidos, que é estar a gente a vêl-os, a ouvil-os, a falar-lhes...

—*Os meus amores*, meus amores, que encanto!»

O TEMPO:—«*Os meus amores*.—É como Trindade Coelho intitula a collecção de formosos contos, publicados em volume, editado pela livraria do sr. Antonio Maria Pereira.

Ha muito tempo que conhecemos e apreciamos o talento de escriptor de Trindade Coelho, desde quando lhe lêmos as suas producções litterarias n'um jornal de Coimbra, e que eram as primicias de trabalhos mais primorosos, como são hoje os contos a que nos vimos referindo.

O livro de Trindade Coelho é dos raros que se lêem da primeira á ultima pagina sem um momento de cansaço ou de fastio. O espirito do leitor delicia-se seguindo todas aquellas scenas campezinhas, d'uma singeleza tão commovente, e que nos *Meus amores* são descriptas n'uma forma em que se revelam todas as qualidades d'um distincto e notavel escriptor. Só póde apreciar bem o merito d'aquelles contos quem souber quanto cuidado ha no labôr paciente do artista para conseguir dar ao estylo o tom de naturalidade e de espontaneidade, que se requer n'este genero de pequenas novellas, talvez o mais difficil de todos.

Não nos demoraremos a falar dos *Meus amores*, que contém preciosas joias litterarias, e ao qual está, sem duvida, destinado um honroso logar na nossa litteratura contemporanea.»

CORREIO ELVENSE:—«Trindade Coelho.—Este nosso amigo e festejado escriptor publicou agora o seu primeiro livro de contos e balladas que deu o titulo: *Os meus amores*, editado pela acreditada livraria de Antonio Maria Pereira.

Trindade Coelho, que hoje occupa um proeminente logar no jornalismo da capital, fez ainda ha pouco algumas das suas melhores armas na imprensa de Portalegre, onde creou dois jornaes, um dos quaes ainda vive, que tiveram vida gloriosa em quanto os animou o trabalho do distincto estylista.

Não só nos seus escriptos passados, mas então, conhecemos o grande valor que indiscutivelmente possue. Não nos surpreendem pois os seus triumphos e rejubilamo-nos com elles com a alegria e sinceridade de bons e sinceros amigos.

N'um dos proximos numeros fallaremos da impressão colhida em *Os meus amores*.»

O DIA:—«*Os meus amores*.—Se fosse no seculo passado, os fazedores de proemios, prologos e conversações preambulares com os pios leitores, á falta de jornalistas que noticiassem ou criticassem, por certo aproveitariam a occasião para sobre o nome do auctor glozarem varios elogios ao livro, visto que aquelle se chama Trindade e é ao mesmo tempo um poeta sincero, um escriptor de raça, e um observador attento, qualidades que se equilibram por tal sorte, que do conjuncto nasceu uma obra formosissima, animada de verdadeira commoção,

sentida nas suas mais pequenas minucias, sempre elevada, sempre humana e sempre artista.

A vida e a poesia trasmontana encontram-se a cada passo n'esta reunião de contos, que o sr. Trindade Coelho dialogou com um cuidado meticoloso, copiando do natural, e em que os personagens foram surpreendidos nos seus labores de cada dia ou nas suas intimas cogitações.

Não temos espaço nem tempo para nos alongarmos na noticia d'este livro, e por isso nos limitamos a recommendal-o como leitura attrahente, como obra d'arte tratada com esmero, embora nem sempre com a mesma egualdade nem com o mesmo folego, como uma grande licção litteraria aos fazedores de naturalismo brutal.

Ao auctor agradecemos a remessa do seu livro, ficando fazendo votos para que elles sejam tantos, que afoguem os autos e libellos em cujo meio o magistrado tem de viver, e d'onde sae amiudadas vezes para nos provar que quando se é artista lá de dentro, o contacto dos escrivães não prejudica a indole do escriptor.»

NOVIDADES,(entrevista com João de Deus ácerca dos *novos*):—«*Litteratura nova*. —Eu conheço limitadamente os novos, porque não leio jornaes, e não os leio porque os litterarios occupam-se na propaganda da immoralidade, e os politicos na propaganda do suicidio, e na do jogo das loterias, que seduz principalmente os engeitados da fortuna, mais sequiosos de domarem, n'um acaso da sorte, as agruras da sua vida. E enquanto o rico joga o superfluo, o pobre joga os trinta réis de tres quartos d'um pão.

Mas aqui está o livro do Trindade Coelho, que me encheu de verdadeira alegria! É um rapaz de talento! O que é preciso é que elle dispa a toga, que lhe impede os movimentos. Não o conheço, mas dizem-me que trabalha muito. Já leu o *Sultão*? Se ainda não leu, não o deixo sair de cá sem lh'o ler.

—Li já todo o livro.

—E depois, meu amigo, nós andavamos precisados d'uma coisa casta, onde fossemos purificar o espirito d'essas taes observações physiologicas, e não sei que mais, que por ahi apparecem todos os dias. O livro do Trindade Coelho tem o que eu chamo graça, e que não posso bem definir-lhe. Olhe: alli está aquelle

quadro, em que os traços são correctos e a execução perfeita, mas não tem graça; e aqui, este, uma bella cabeça de rapariga, a physionomia dôce, o olhar abstracto: este tem graça. Até a Virgem Maria se chama cheia de graça, e foi mãe de Deus por ter graça. A graça na litteratura é tudo, mas é muito rara.»

NOVIDADES:—«*Novellas rusticas*.—Trindade Coelho.—*Os meus amores* (contos e balladas.)—Lisboa, livraria de Antonio Maria Pereira—1891.

No seu penultimo artigo do *Temps*, dizia M. Anatole France, esse sceptico amavel e pirrhonico, que tem sido o terrivel sapador de todas as doutrinas axiomaticas da critica: «Il y a beaucoup moins de lecteurs pour les nouvelles que pour les romans, par cette raison suffisante que seuls les délicats savent goûter une nouvelle exquise, tandis que les gloutons dévorent indistinctement les romans bons, médiocres ou mauvais.»

O conto moderno é como o romance, essencialmente analytico e psychologico, escripto em estylo technico, e destinado sobretudo a apresentar uma imagem precisa de qualquer meandro torcicolado da alma humana. A litteratura contemporanea tem procurado, quasi invariavelmente, os seus themas entre os vicios, as paixões e todas as energias depravadas do coração. A arte do sr. Trindade Coelho é muito differente d'isso, porém. O seu idylico livro de contos e balladas, aberto sobre um fundo de verdura reluzente, amorosamente evocado da paisagem trasmontana, e habitado por heroes simples, colhidos com intencional singeleza no meio do seu viver provinciano, não tem, decerto, parentesco nenhum com os volumes carimbados com a etiqueta actualmente em moda. É natural até que o leitor, habituado aos livros dos escriptores realistas, sinta uma profunda sensação de espanto ao emprehender a leitura dos *Meus amores*, duzentas paginas suaves e simples, sem pedantescas pretenções a passarem como tratado didactico de psychologia.

Disse-se de Julio Diniz que elle era principalmente um paisagista, e que as suas figuras só serviam para dar expressão e vida á paisagem.

O sr. Trindade Coelho possui, igualmente, a sensação visual particularmente desenvolvida, e as suas descrições são tambem, como as do auctor das *Pupillas do sr. Reitor*, magicamente poetisadas, como que apercebidas de longe n'um esbatido vago de sentimento e de saudade. Chega-se ás vezes a ter a illusão de que o artista está alli, paginas a dentro do seu livro, fazendo reviver no

pensamento a alacre impressão das madrugadas lactescentes e dos poentes
doirados da sua aldeia natal, cuja lembrança, elle conserva sempre viva, como
nos versos de Salvador Rueda:

Por donde voy me sigue como memoria tierna
tu imagen que en mi pecho conduzco en un altar;
¡y mi cerebro canta como una estrofa eterna
el coro que tus árboles entonan á la mar!

Ahi teem, para prova, esse trecho d'um descriptivo de manhã aldeã, quando o sol começa a subir na linha ainda indecisa do horisonte:

A esse tempo, no ceu alto e lavado a estrella de alva fenecera por fim, e o horisonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o ceu em cupula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias estranhas que iam despertar tudo, a côr da paizagem e a musica dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos. Manhã de verão, serena, tranquilla, dulcissima. Ia pelo ar um movimento extraordinario de azas—passarada alegre que saía agora dos ninhos e voava a matar a sede á borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinholas em reconcavos de rocha e tomavam para hortejos convísinhos onde a vegetação era mais rica de seivas e mais facil a presa dos insectos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros. Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos em torcicollos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos carregados de taleigos, e berrando-lhes cada *cho!* que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações proximas, sinos chamavam para a missa de alva ou tocavam a Ave-Marias. Nas quintas casaes fumegavam os tectos, dizendo horas de almoço. De modo que o sol quando rompeu, solemne e triumphante no ceu immaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a Natureza accordada para a labuta interminavel do dia.»

«No notavel estudo de psychologia litteraria de M. Fr. Paulhan sobre a descripção pittoresca, então habilmente apreciados os elementos constitutivos da pintura do meio, em todas as suas maneiras diversas na qualidade e na intensidade.

«Chama-se imaginação sensível», diz o distincto observador, «o acto pelo qual nós nos representamos um objecto ausente, e esta representação, como tem sido ha bastante tempo notada, não é,—principalmente se considerarmos só certas classes de imagens,—senão uma copia enfraquecida d'uma sensação. Por exemplo, se eu trato de me representar um momento, um quadro, uma estatua, qualquer coisa que imagino, se as minhas recordações são bastante nitidas, é

uma especie de copia enfraquecida da sensação que eu terei, se vi realmente o monumento, o quadro ou a estatua. A imaginação, tomada até no sentido restricto que lhe damos aqui, varia muito d'uma pessoa para outra, quer em intensidade, quer em qualidade. Por um lado, certas pessoas teem as imagens, as representações muito mais enfraquecidas, mais vivas, mais concretas; em uma palavra, as suas imagens approximam-se muito da sensação; outras, pelo contrario, são inclinadas para as idéas abstractas e teem necessidade d'um esforço para se representarem as sensações d'uma maneira um pouco nitidas. Tem-se reparado que a visão mental, nitidissima em geral nas creanças e nas mulheres, torna-se muito fraca e por vezes desaparece nas pessoas preocupadas sobretudo de ideias abstractas, ou habituadas a não exercer a sua imaginação visual. Eis uma pequena experiencia indicada por Wundt, que, mostrando as analogias entre a imagem e a sensação, parece pôr em relevo tambem as diferenças individuaes com relação á intensidade com que a imagem concreta é percebida. Sabe-se que quando fixamos o olhar por algum tempo n'um objecto corado, se voltamos os olhos para uma superficie parda, vemos uma mancha corada da côr complementar da primeira. Se o objecto era vermelho, a mancha será verde, e reciprocamente; se o objecto azul indigo, a mancha será amarella, etc. Ora é possível, mas isto não succede a toda a gente, perceber esta côr complementar não só depois de ter fixado um objecto corado, mas simplesmente depois de o ter imaginado. Póde-se, por exemplo, pensar n'uma cruz vermelha: lançando em seguida os olhos para um papel pardo, deve-se ver uma cruz verde, se ha uma boa imaginação visual.»

«Essa imaginação parece tel-a o sr. Trindade Coelho. A vivacidade, tonificada quiçá por um pouquinho de nostalgia, do seu descriptivo, que nos dá conjunctamente a impressão da forma, da côr, do som, e até ás vezes do aroma, representa um phenomeno especial de evocação sensacional. E o maior encanto da sua obra é esse, e, depois d'esse, a intima satisfação que faz aflorar, aos labios do leitor inteligente, um sorriso de doce commoção, a cada singelo episodio das suas narrativas, todas frescas e sadias, e cujo menor merito não é, decerto, o de serem escriptas n'uma linguagem airosa e despreocupada, mas tersa e legitimamente portugueza.

O livro do sr. Trindade Coelho não é para ser sujeito a longas analyses introspectivas, o papel da critica perante *Os meus amores* é bem facil, porque ella deve quasi cingir-se á affirmação do seu applauso incondicional, ou ao registo da repulsão do processo do escriptor, o que póde muito bem representar uma livre depravação de gosto.

Por mim confesso sinceramente que me deixou no espirito a mais amavel recordação, para a oxygenada, a leitura d'essas bellas novellas rusticas, todas impregnadas d'uma ideal graça campesina, tilintando d'um ecco amoravel de arroio murmurante, que discorre mansamente por entre margens baixas, bordadas de sécias e papoilas: e, para a minha sympathia, desejo mencionar eapecialmente o conto que abre o livro e o caso do *Sultão*.—*Armando da Silva*.»

TIM TIM POR TIM TIM:—«Um grande poder d'observação e uma enorme justeza d'expressão, constituem, quanto a mim, as duas essenciaes qualidades litterarias de Trindade Coelho, puras auxiliares da sua alma de verdadeiro artista, aberta á comprehensão ampla da natureza, e fundindo os phenomenos, as coisas e as creaturas n'um conjuncto nitido que se desata em descripções opulentas de vida e de calor, fulgurantes d'energias dominadoras, prodigas d'imagens que o melhor crystal de Veneza não teria reflectido tão bem, avigoradas em onomatopeias possantes que prendem o espirito mais inculto e o obrigam, alli, a fixar e a comprehender o objecto que o auctor quiz frisar.

E essas qualidades resaltam brilhantemente de todos os contos que compõem *Os meus amores*, realçadas ainda pela fina emotividade que o delicado sentir do auctor transmittiu a cada scena onde o coração tem parte, ou seja o coração de qualquer d'aquelles dois pequenos do *Idyllo rustico*, ou o da *Russa*, a bella cabra que no meio de mil angustias de mãe morre junto ao filhinho. E se o querem surprehender a elle proprio, a Trindade Coelho, em flagrante de uma ternura honesta, viva e sentida, vejam o affecto que irradia d'aquelle *Para a escola*, quando falla da velha e boa criada que o levou ao mestre das primeiras lettras.

Se das coisas affectivas, que mais o namoram, e das descripções naturaes, que mais o apaixonam, Trindade Coelho desce a brincar um pedaço caricaturando uns typos com tanta sobriedade de *charge* que mais nos parece estar fazendo retratos, saem-nos então figurões como os da villoria da *Comedia na provincia*, que entreteem a tarde na praça a dizer mal uns dos outros. Tão verdadeiro nos *croquis* como nos habitos. E quando aos typos pode juntar um estudo de costumes, aquella *Vespera da festa* exemplifica vantajosamente o que elle sabe fazer.

No fim do livro, foi para mim surpresa aquelle excerpto das *Batalhas domesticas*, onde me pareceu descobrir uma novissima orientação do auctor,

inspirada porventura n'uma atmospherica densa d'innovações que vae por ahi. Claro que o seu talento adapta-se mais essa fórma com a malleabilidade com que a tudo se sujeita, mas se eu tivesse a característica litteraria de Trindade Coelho, evidenciada em tantos escriptos, não a sacrificaria a coisa alguma.

O que o livro é, em summa, é um conjuncto de bellezas que tem sido largamente apreciado pelos fanaticos da Arte; e oxalá seja apenas a promessa de muitos outros, que pennas como aquella não devem calotear-nos na contribuição que nos devem.

—Mas,—perguntou-me um dia d'estes alguém—porque *Os meus amores*, e não qualquer outro titulo?

Não respondi. E demais eu sei porque deu Trindade Coelho esse nome ao livro onde ha tantos trabalhos de tempos que lhe são saudosos e em que lhe foi grande parte da alma, da sua bella alma de rapaz que nenhuma lama d'este mundo é capaz de conspurcar.—*Santos Gonçalves.*»

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO:—«*Os meus amores*, contos e balladas por Trindade Coelho.—Um livro peregrino, que se lê com encanto e que nunca mais se esquece. É um talento e é um artista quem escreve assim. Uns contos singelos, attrahentes, delicadissimos, admiraveis de observação e de honesto realismo. Esbocetos apenas; mas que admiravel simplicidade de colorido em alguns delles e que tons inapagaveis de verdade!

Uma bella obra d'arte e uma altiva lição.

Alli está como se póde chegar ao naturalismo na litteratura, sem estropear a lingua e sem chegar ás torpezas da pornographia. Para attrahir, para ser original, para impôr a supremacia do seu talento, para conquistar o applauso sincero dos que lêem, Trindade Coelho não precisou de escrever extravagancias, nem de escalavrar pustulas, nem de escancarar bordeis.

Ahí fica uma rapida noticia do livro. Voltaremos a fallar d'elle, se o tempo nos chegar para a homenagem que desejamos prestar ao seu auctor.»

CORREIO ELVENSE:—«*Os meus amores.*—Com poucos dias d'intervallo as letras

portuguezas contaram dois ruidosos successos de livraria.

Depois de apreciar o *Barão de Lavos*, obra de analyse, de profunda observação, resentida do exaggero do naturalismo e do character quasi scientifico que actualmente se pretende imprimir aos livros, que devem ser exclusivamente litterarios, mas que, não obstante este pequeno senão, confirmou plenamente todas as esperanças que o nome de Abel Botelho creára com os seus livros anteriores, a critica tem de render respeitosa homenagem ao trabalho d'um outro escriptor novo como aquelle e como elle igualmente distincto pelos brilhantes dotes do seu espirito, pela sua notavel orientação litteraria e pelo esplendor de fórma que caracteriza todos os seus escriptos, mesmo os mais despreoccupadamente feitos.

Sinto um delicioso prazer de consciencia ao traçar estas linhas. Momentos como este são mesmo os unicos oasis em que se reconfortam os que, dia a dia, esgotam o melhor das suas faculdades na faina improductiva e ingloria do jornal.

Tracto de apreciar o trabalho d'um amigo, d'alguem a quem me unem intimas relações de confraternidade e sympathia e ao ter de formular o meu juizo conheço que posso manifestar o mais incondicional louvor e applauso sem que se suspeite que as minhas palavras são reflexo d'um sentimento pessoal, mas sim a expressão exacta e verdadeira d'uma admiração justamente sentida, solidamente baseada.

O livro a que me refiro intitula-se: *Os meus amores*. E em tudo corresponde ao encanto d'este titulo.

Com que saudade li as ultimas paginas!

Por vezes desejava espaçar essa leitura para demorar o delicado prazer que sentia, n'outras precipitava-a soffrego de admirar a naturalidade das descripções, a limpidez e o crystallino do estylo emocionante e simples, tão delicado e ao mesmo tempo tão poderoso que dá vida aos mais diversos sentimentos desde o pavor do remorso do assassino José Gaio, até á recordação saudosa e terna que o auctor sente do primeiro dia em que entrou na aula d'instrução primaria da sua modesta aldeia.

Dando a impressão singela e despretenciosa que me cansaram *Os meus amores*, não vou referir-me demorada e especialmente a cada um dos pequenos quadros

que formam esse livro verdadeiramente consolador. Na epoca actual quando os vicios da sociedade e a decadencia dos nossos dias nos gravam no espirito, a cada hora, um carimbo de desanimo e descrença, quando a litteratura, obedecendo á vertigem mais do que nervosa, allucinada, que caracteriza o *fin de siècle*, cria as escolas mais extravagantes que se comprazem em baralhar todas as ideias, em apedrejar as normas mais impeccaveis e até agora consagradas da arte, e em descrever todos os aspectos da natureza com as palhetas mais escuras e muitas vezes asquerosas, sente-se conforto, adquire-se animo, desannuvia-se o espirito ao vêr que ainda ha alguém, a quem sobeja talento e tenacidade, que escreve 200 paginas de prosa sã, eminentemente sentida, deliciando-se na descripção das scenas mais simples e tocantes, na apothese da natureza em toda a sua magnificencia e no convívio da vida campesina, tão cheia de sinceridade e de encantos, tão livre das convenções e pretenciosidades que dão um tom falso e mentido aos sentimentos da sociedade em que vivemos.

Disse em cima que não me alongaria no esmiuçar de perfeições de cada um dos contos e balladas que formam *Os meus amores*. Não representa este proposito ideia de menos consideração pelo livro ou por quem com tanto amor o escreveu. Ao contrario, sinto que não posso, a não transformar este artigo n'um hymno laudatorio, referir-me especialmente a cada um d'aquelles contos e balladas. Mais do que este motivo domina-me o de não poder alongar demasiadamente a apreciação que estou fazendo.

Muitas das paginas que Trindade Coelho reuniu no seu livro já as haviamos lido e simultaneamente admirado, publicadas em differentes jornaes. Como escriptor conheciamos tambem o primoroso estylista dos *Meus amores* pelos seus trabalhos jornalisticos, já na bohemia coimbrã, já em pequenas folhas de provincia e ultimamente nos jornaes da capital, trabalhos em que elle empregava o escrupulo e a correcção que nunca abandonam os verdadeiros artistas.

Pelos seus trabalhos litterarios ha muito que formára a opinião de que elle se podia alistar sem desdouro ao lado do Conde de Ficalho, de Fialho d'Almeida e de Teixeira de Queiroz que, no meu parecer, são, em Portugal, os mais distinctos escriptores contemporaneos d'este genero, na apparencia tão ligeiro, mas no fundo tão complexo e difficil, a que se denomina: *Contos*.

A leitura do recente livro enraizou-me mais a opinião formada.

Pelo sentimento descriptivo, pela verdade dos *typos*, pela naturalidade do

dialogo, e pela modalidade do estylo que se apropria sem o minimo esforço a todas as impressões que pretende transmittir, o auctor dos *Meus amores* prova que não desconhece nenhum dos segredos do genero de litteratura que tão brilhantemente cultiva, e que não é inspirada na amizade a opinião dos que, não obstante elle terçar agora quasi as primeiras armas, o consideram já como um escriptor distinctissimo e n'um futuro muito proximo um mestre consagrado.

O livro abre com um soneto formosissimo e nem podia deixar de ser assim desde que se saiba que o firma Luiz Osorio. Portico apropriado ás bellezas que nas paginas que se seguem se accumulam com uma riqueza oriental.

Não obstante o meu proposito de não me referir nomeadamente a nenhum dos pequenos quadros, não posso deixar de dizer rapidamente da impressão que me causou a *Ultima dadiva*, um primor de sentimento, uma pagina emotiva arrancada em flagrante a uma das scenas em que tão variadamente se divide a tragedia em que se debate a humanidade; o *Vae victoribus*, onde passa um folego de epopeia, em que o estylo attinge alturas quasi desconhecidas, casando se com uma verdade admiravel a grandiosa ideia em que se inspira o conto; *Para a escola*, quadro delicioso a cuja leitura cada um de nos sente accordar uma recordação muito querida de infancia descuidada e alegre, e por ultimo: os *Arrulhos*, em que Trindade Coelho ostenta gloriosamente todas as qualidades do seu estylo tão malleavel e tão justo.

Além d'estes contos, que especialmente destaco pela admiração que me inspiraram, são modelos de humorismo e de verdade os dois *Preludios de festa* e *Typos da terra*.

Quem escreveu os *Preludios de festa* e especialmente os *Typos da terra*, é porque estudou com muita atenção, com muito cuidado, os personagens que mais avultam na vida das nossas aldeias e terras pequenas. São typos tirados do natural, com uma perfeição photographica em que Trindade Coelho denota o mesmo rigor de execução que demonstra na descripção da natureza nos seus mais variados aspectos.

Por ultimo, e para não se dizer que eu n'este paiz de má lingua realisei o cumulo de escrever um artigo só de palavras encomiasticas e sem a minima censura ou reparo, devo dizer que não gostei do *Sultão*, lastimando que Trindade Coelho gastasse tantas paginas d'um estylo formosissimo n'um assumpto que sem duvida é verdadeiro, mas que não commove o leitor, nem lhe imprime, pelo menos

assim o julgamos, a minima impressão duradoura. Para Trindade Coelho manifestar todos os seus recursos d'estylista, não precisava realmente do *Sultão*.

O livro faz parte da edição mensal d'obras portuguezas, editada por Antonio Maria Pereira, um trabalhador incansavel a quem as lettras portuguezas devem assinalados serviços.

Está impresso com o maior esculpulo e revisto com um cuidado e esmero a que nem sempre estamos habituados.

Terminando estas linhas tão despretensiosas como sinceras, fazemos votos para que Trindade Coelho possa continuar a furtar algumas horas á semsaboria dos autos e a deliciar-nos com novos livros, tão perfeitos como este, para honra do seu nome de escriptor já tão justamente laureado, e agradecemos ao amigo a offerta do seu livro, archivando a dedicatoria que elle contem como nova prova d'uma amisade a que somos profundamente gratos, e devotadamente retribuidores.—*Lourenço Cayola.*»

TRIBUNO POPULAR:—«*Os meus amores.*—Recebemos o volume da *Collecção Antonio Maria Pereira*, que sob aquelle titulo contém alguns contos do apreciado contista Trindade Coelho.

Pela rapida leitura de dois d'elles—*O Sultão* e *Typos da terra*, parece nos que a collecção é estimavel, e que os contos são joias de grande preço da nossa litteratura, pela linguagem pura genuínamente portugueza, e pela graça da contextura originalissima, nacional, sem laivos d'imitação estrangeira, em que se pintam scenas e episodios, cheios de verdade e de encantadoras descripções, da vida portugueza nas provincias.»

O SECULO:—«*Os meus amores*, por Trindade Coelho.—É um livro de contos, editado pela casa editorial do Antonio Maria Pereira, a publicação recente que mais tem emocionado, com justo motivo, o nosso meio litterario, bem pouco acaroavel e mazorro no fundo, sobresaltando-se com tudo quanto perpetra o escandalo de não ser rotineiro, ou vulgar, e bem pouco emocionavel tambem—diga-se a verdade.

Parece uma contradicção; mas não é. Se o nosso bom publico fosse dado a

esbanjamentos de emoção artistica, não o sobresaltaria tanto a pessoalidade, e o imprevisto.

O sr. Trindade Coelho accumula com o seu cargo official de magistrado severo, a profissão, ou antes o desenfastio espirital de ser homem de letras, nas suas horas de remanso.

É só, porém, como homem de letras, que nos compete em tal logar aquilatar-lhe a esthêsia, e as faculdades de emoção, ou de attenção artistica.

Ambas estas possui o sr. Trindade Coelho, em subido grau. A fôrma adapta-se perfeitamente ao fundo, e é sempre fluente, vernacula, concisa, e precisa. É sóbrio no descriptivo, e não raras vezes entenece. Não commette a velharia de desenterrar obsoletos termos classicos, sem incisão, sem propriedade, e sem côr, muito parecidos com o latim, mas que no fundo não são nem latinos, nem portuguezes, nem onomatopaicos, e que fizeram a delicia de Filynto. Nem perpetra tambem o mau gosto de empregar neologismos inuteis, e risiveis, possuindo na linguagem patria instrumentos magnificos d'expressão. Sabe a sua lingua, como raros: e o conto, que é, quanto a nós, a forma mais perfeita, mais completa, e mais delicada da prosa, e tambem a mais transcendente e lapidar, achou n'elle um habil e equilibrado interprete. Os contos *Sultão*, *Maricas*, *Typos da terra*, *Mãe* e sobretudo *Para a escola*, não contam muitos rivaes na lingua portugueza nem nas estranhas.

O seu pequeno livro ha-de ficar na litteratura nacional, quando de centenas de romances em seiscentos volumes já ninguem rememorar o titulo sequer.
—*Gomes Leal.*»

REVISTA ILLUSTRADA:—«*Os meus amores*, de Trindade Coelho.—Que deliciosa impressão me deixou aquelle livro, tão adoravelmente simples e sentido!

Antes, porém, de começar a analysar, conto por conto, esse fino trabalho de Trindade Coelho, preciso dizer duas palavras explicando a razão porque me merece tanta sympathia o seu auctor, que de nome conheço só.

Li pela primeira vez o seu nome em umas correspondencias de Portalegre, notavelmente bem feitas, e em que elle elogiava muito um pequenito, distincto em todos os exames.

Aquelles adjectivos de amigo bom e entusiasta fizeram-me convencer de que—o delegado de Portalegre—era um excellente rapaz.

E digo rapaz, porque todos nós temos o habito de considerar sempre muito novos aquelles que são da nossa idade... Depois, graças a uma amiga minha, escriptora de grande talento soube que Trindade Coelho era um grande admirador de Loti —o meu preferido romancista!—admiração entusiasta que elle descrevia em cartas deliciosas de uma vibração que fazia pena não ser repercutida mais longe... Fazia pena ser indscrição publical-as!

Traduzia elle então o «Pescador de Islandia»; tradução esplendida que a *Gazeta de Portalegre* publicou e que o trazia *empoigné*. Para elle era já uma sugestão, aquelle trabalho primoroso.

E desde então, Trindade Coelho ficou sendo para mim um artista. Dava a Loti todo o valor que elle tinha e que ultimamente alguém se comprazia em querer negar ao academico gentil.

Em seguida li uma suavissima elegia escripta á memoria de Antonio Fogaça—uma flor ceifada ao desabrochar!—Eram meia duzia de palavras cortadas por soluços:—eu sei, infelizmente, quando se escreve assim!...

Finalmente, o seu nome vibrou de novo aos meus ouvidos, quando os jornaes annunciaram que elle arrancara um preso á cadeia de Portalegre. Um preso que era um innocente, e que, como tantos outros, estava condemnado a ouvir soar, em vida, a hora da justiça... Publicavam tambem o effusivo telegramma em que Trindade Coelho agradecia ao nosso magnanimo rei o seu perdão.

E eu d'essa vez chorei! Como me succede sempre que um homem põe a lucidez do seu talento e o entusiasmo do seu coração ao serviço da humanidade que soffre...

O nome do dr. Trindade Coelho gravou-se então indelevelmente na minha alma.

Eu só fixo o nome dos bons.

E pensei em que devia ser uma grande mulher a mãe d'aquelle homem! Os filhos herdam, geralmente, o coração das mães...

Ultimamente a imprensa annunciou o livro que acabei de lêr. Pedi-o rapidamente para Lisboa, e li-o de um folego.

Abre com um soneto delicioso, escripto pelo espirito gentil de Luiz Osorio—uma alma luminosa, que brilha na transparencia dos seus versos filigranados e vibrantes...

Segue se o *Idyllo rustico*—um amor—atravez do qual nós vêmos subir lentamente a estrella d'alva que illuminava, coando a sua dôce luz pelo colmo da cabana, duas cabecinhas gentis, adormecidas junto uma da outra...

Depois o *Sultão* um conto singelíssimo cheio de naturalidade, em que o Thomé nos communica a sua alegria contagiosa levada á loucura com a volta do... amigo—bem mais fiel do que muitos outros!

A *Ultima dadiva*, um braçado de goivos atirados por «um simples» a uma sepultura onde lhe ficára preso o coração para sahir de lá no dia em que teve de se diluir, na esteira do barco que lhe levará o filho para o Brazil.

A *Comedia da provincia*, magnifica de côr local. Magnífica, principalmente para quem conhece typos semelhantes e já tem visto a *Morgadinha de Valflôr*—essa perola!—representada pelo Marques do correio... vestido de saias! Para quem dá todo o valôr a esse esplendido estudo de costumes provincianos.

Vae victoribus, uma sugestão de remorso primorosamente traçada... *Maricas*, uma adoravel poesia escripta em prosa. *Para a escola*, um beijo de gratidão de uma singelesa adoravel. *Tragedia rustica*, um vibrantissimo estudo das miserias humanas.

Abyssus abyssum, o agonisar de dois anjos, sob o olhar de uma estrella... *Mãe*, a flôr mais linda do ramo, enlevo e agonia de todas as mães que eram capazes de morrer assim—sem abandonarem os filhos... E, finalmente, as *Batalhas domesticas*.

Repito, deixou-me uma impressão deliciosa o livro de Trindade Coelho, que é, a par de um primor de delicadeza, sentimento e arte, um livro honesto, que não

fatiga os homens nem faz córar as mulheres. Por isso aconselho a todos que o leiam.—*Margarida de Sequeira.*»

Portugal:—«*Livros Novos.*—A acolhida feita ao notabilíssimo livro *Os meus amores*, do nosso querido amigo e illustre confrade, Trindade Coelho, tem sido a que em tempo lhe vaticinámos: em toda a linha o mais legitimo, o mais espontaneo, o mais unanime e o mais carinhoso triumpho.

Bem o merece o crystallino talento, e a ineluctavel tenacidade no trabalho, do brilhante escriptor, que em meio dos violentos paroxismos que na caça de sensações e effeitos novos hoje pavorosamente desarticulam o *meio* litterario europeu, tem uma força de restringir-se a soltar suavemente, com uma sobriedade campesina e tranquillã, a melodia emocionante, ingenua e simples do viver aldeão; e que por entre o estridulo *hallali* de obscenidades, imprecações, blasphemias, dôres, gemidos, que doloridamente rebôam pelas soturnas naves d'este immenso hospital, que é o mundo, ainda encontra a suprema arte de fazer escutar, enternecedoramente, um doce *trillo* sentimental, uma ou outra ligeira nota affectiva, algum limpo e captivante movimento do coração.

Bem haja.

Do côro unisono de quasi incondicional applauso com que a imprensa tem celebrado a apparição d'*Os meus amores* transcrevemos hoje um magnifico artigo do *Correio Elvense*, devido à penna d'um dos mais lucidos e impetuosos engenhos da novissima geração.» (*Seguia-se a transcripção.*)

DIARIO ILLUSTRADO:—«*Os meus amores*, contos e balladas, por Trindade Coelho. —A forja do tempo caldeia-nos o espirito á proporção que envelhecemos. É por isso que os rapazes se desdoiram ás vezes de ouvir os velhos, e parece-me que teem razão, porque nem sempre o são juizo de uma experiencia larga, sabe limar as arestas da caturrice no estudo circumspecto... Eu tenho acompanhado, cantarolando e um pouco a rir com singular scepticismo, este meu seculo, que está no fim, e com elle tenho vindo estudando e aprendendo. Ruíram as theocracias litterarias, revolouteou-se a philosophia, crearam-se novos processos de estylo, arrancou-se o chiró ás velhas phrases, e todo um mundo novo, extravagante e phantastico tem surgido,—mau grado as furias rabídas de escriptores paleontologicos, apparafusados á Arte e á Critica de ha 50 annos e

cheios de amor e melancolia... Ora essa aprendizagem do meu seculo tem-me custado amarguras aterrantas, desequilibrios de espirito e um desfolhar de verdes illusões, que eu tenho visto irem-me fugindo n'um *marche-marche* triumphal, para nunca mais voltarem,—ai! para nunca mais voltarem!...

A vida do escriptor moderno, toda torturante e nevrotica, dá-me a impressão tenebrosa dos contos de Poe, postos palpitantemente na vida real de nossos dias. E lembro Camillo pedindo ao pedaço de chumbo de uma capsula o ponto final redemptor de agonias crudelissimas; Julio Machado, de pulsos cortados, fitando com olhar sangrento o retrato bem amado do filho,—a alegria ruidosa dos olhos da sua alma,... e quantos outros, bom Deus! Dir-se-hia que uma *má sina* persegue os homens de lettras:—quando não é a navalha de barba, é o reвольver, é a consumpção, é a tísica, é o retrahimento amargo, é o abandono proprio e alheio! Por isso o meu visinho Gervasio todo se ufana, com certo profundo bom senso pratico, da insistencia com que quer fazer do filho um *artista* pintor—de portas, e de fóra de portas...

Na *troupe* de escriptores em flôr do meu tempo,—parece-me que já lá vão 30 annos, e tudo isto é apenas de hontem!—havia, joeirados com singular amor de arte pura, uma duzia de rapazes de incontestavel valor litterario, desabrochando esbanjamentos de talento pelas gazetas e revistas mundanas. Poetas e prosadores, contistas e dramaturgos, miniaturistas da poesia, do romance e da chronica, d'essa pleiade de rapazes, um tanto insubmissos e um tanto bohemios, alguns treparam triumphantes,—poucos; outros, quasi o resto, ou foram ainda verdes da vida para os cemiterios das suas aldeias, ou, o que é quasi o mesmo, deram-se a callejar as mãos, dissolvendo as suas aptidões de plumitivos incipientes, nas minas de oiro e de ferro da lucta pela vida. Dos *felizes*, dos que triumpharam,—como quem diz, dos vencidos da vida,—me sorria eu ás vezes em horas de bom humor, lembrando-me como elles com um livro de versos foram nomeados consules; com um tratado sobre a cultura do repolho abriram o *Banco Mineral do Douro*, por acções; com um drama em *D. Maria* foram eleitos deputados; ou como com uma critica do *Salon* de S. Francisco, se guindaram a bibliothecarios das bellas artes e hortaliças correlativas... Dos outros, dos *perdidos* pouco me lembra! Eduardo Salamonde foi-se a espantar os philisteus do Pará, applicando-lhes aos figados hypertrophicos a vermelha caudal da sua prosa mirabolante; Xavier de Carvalho desapareceu em Paris pelo alçapão macabro da *correspondencia* barata; Gualdino Gomes anda ahi amparando o seu rheumatismo a uma certa *maneira* de má lingua e a uma bengala de canna; Leopoldino Gonçalves viaja como medico da armada; e Fortunato, quando as

saudades lhe são mais amargas, abandona o Alemtejo, onde toma pulsos a doentes pela tabella da camara, e apparece ás vezes nedio, côr de fiambre, cheio de barbas, a olhar com tédio os copinhos de cognac do *Leão*...

De todos os rapazes do tempo das minhas alegrias côr de rosa, o que me traz mais doces recordações é Trindade Coelho,—porque eu ligara á minha a alma d'elle, n'um tempo em que dos salgueiraes de Coimbra elle me fazia para uma folha alegre de que eu era director, umas chronicas soberbas, vivas, rendilhadas, cheias de colorido e de affirmações de uma personalidade litteraria. A sua prosa, a um tempo humana e lyrica, dava-me a impressão de um romantismo degenerado... De Coimbra, como sabem, além de bachareis anonymos, tem-nos vindo a *elite* das letras. É da tradição universitaria, fazerem os doutores as suas primeiras armas de litteratos e de poetas, na academia, a intervallos do pesado estudo do Lobão e do direito publico, esvurmado ás cavalleiras do nariz de Pedro Penedo... Toda a nossa legião distinctissima de poetas e prosadores modernos deriva litterariamente da bohemia coimbrã:—Theophilo, Eça, Junqueiro, João de Deus, Anthero, etc. É a affirmação do bom Antonio Ferreira feita axioma:

Não fazem mal as musas aos doutoures.

E não fazem. Tem-se visto. Vão lá inquerir a Junqueiro das bellezas do Codigo Civil, meio metaphysicamente original e meio copiado dos codigos de Napoleão! Ah, mas em compensação que appareça ahi o primeiro advogado a escrever a *Morte de D. João* e a *Musa em ferias*!

Os cantos de Trindade Coelho são narrativas ligeiras, descripções n'uma bella prosa colorida e transparente, trechos de psychologia trasmontana, e um ou outro caso humano superiormente observado. Sobretudo a *maneira* do proceder litterario d'este escriptor é deliciosa de côr e de verdade, sem grandes esmerilhamentos de phrase, nem deslumbramentos de imagens na apparencia côr de oiro, que, em regra, não fascinam senão os saloios ingenuos dos cordões de latão... Tem-se chegado ahi, no abuso da originalidade do estylo, a fazer uma prosa estrelicada, engommada, cabellino á banda, com risca, como os caixeiros de modas ao domingo! O burguez já conhece os processos da *chinoiserie*, e d'ahi não ha espantal-o com nephelibatismos doentios, de importação barata; bem sabe elle que debaixo d'essas bellezas está a oleographia reles de porta de escada, da sultana escarlata que apara as unhas, ou do frade que enxota a mosca do nariz, —muito de apreciar nos covis da municipal em Alcantara...

O livro de Trindade Coelho tem um certo ressaibo de saudavel trabalho, feito com honestidade e sem as preocupações deploraveis que levam os corypheus da escola modernissima, mais que zolaista, á descripção e estudo de pathologias e casos sporadicos, ou não vivos, ou pouco vívidos. Este livro á quasi um parenthesis aberto como uma clareira consoladora na torrente ultra-realista dos ultimos trabalhos apparecidos, do *sujet* de um dos quaes, que é em todo o caso a monographia de um character, assombrosamente executada, o *Gil Blas* dizia, —*qu'on ne peut lui serrer la main que par derrière...*

A feição litteraria de Trindade Coelho parece-me que se define na parte do livro sub-titulada *Balladas*. Os *Arrulhos*, principalmente, são uma duzia de paginas encantadoras, que lembram Droz e Daudet. É uma elegia... tragica, *encadrée* n'uma linguagem côm de opala, em que a gente parece estar vendo Hoffman braço dado a... João de Deus! É uma obra prima. Assim a *Tragedia rustica* e a *Mãe*. Dos *contos* destaco eu os *Preludios de festa*, *Idyllo rustico*, os *Typos da terra*, onde ha paginas soberbamente observadas, suggestivas, *d'après nature*. Magnifico o assassino *José Gaio*.

Trindade Coelho é inquestionavelmente um lyrico. E nem eu sei como elle chegou até aqui sem trazer na mala um volume de versos—*Florinhas de Luar*, por exemplo! Devemos-lhe o grande favor de não conhecer os dictionarios de rimas, senão a estas horas era uma vez um contista encantador... sossobrado! —*Ignacio da Silva.*»

NOVA ALVORADA:—«*Meu caro Trindade Coelho.*—Sabe você, amigo Trindade, que as palavras affectuosas que me endereçou no offerecimento do seu livro *Os meus amores*, vislumbraram no meu espirito um mundo de saudosas recordações, como se foram fugazes emanações balsamicas d'uma quadra primaveril que não volta mais—a vida coimbrã?

Parece-me que tenho ainda presente na retina a sua figura um pouco baixa mas robusta, as *suas feições masculas e energicas*, e a sua *allure* um pouco receiosa ao dobrar a soleira da legendaria Porta Ferrea.

Com o seu olhar penetrante e incisivo, mas velado por umas lunetas de grau apurado, sob a pasta d'um quintannista, mirando á direita e á esquerda, entrou você nos *Geraes* resignado a um diluvio de troças, martyrios, horrores...

Os segundannistas, de cuja respeitavel corporação eu fazia orgulhosamente parte, não o arreliaram logo, talvez porque lhe não encontrassem uma physionomia de chuchadeira, como a d'um Armelim, nem um rosto gretado, empedernido, de homem terciario, como o do bom Raphael do Ranhados.

Mas em que diabo foram elles depois embicar, os malvados!

Em uma medalha d'ouro que você trazia, á guiza de berloque, na corrente!

O amigo arrancou pressuroso a *pedra de escandalo*, de forma que a tempestade de piada desannuviou-se a tempo no seu horisonte de novato.

Depois, um ou dois annos, apparece o amigo com accentuações de academico fallado, o seu nome a salientar-se das vulgaridades escolasticas, a sua individualidade a destacar-se, como se fôra um *urso*. E assim se fallava do Trindade, como do Luiz Osorio ou Feijó por causa dos versos, do Passaro pela fina chalaça, do Saraiva pela força, do Miguel Baptista—pobre amigo!—pelo talento e pelas abstracções, do Banalidades pela gralhadora loquacidade, e tutti-quanti.

Você desencubou o seu nome, pol-o em evidencia—o Trindade—, mas foi por causa d'um excellentes resumo das lições de direito romano, d'um bello discurso no centenario pombalino, e sobretudo das suas graciosas chronicas no *Diario Illustrado*.

Ah! e lembra-se você d'aquelle anno em que formámos «republica» na rua da Trindade, tendo por creada a sr.^a Maria de qualquer coisa, que denominavamos a *Gorda*, matrona muito caroavel e de enxundiosas formas?

Eramos uns poucos:

O Souza, que já tem o galão branco dos tribunaes administrativos, espirito facil, perspicaz e alegre, nada para massadas, que tinha orientações definidas em politica partidaria e expedientes reservados de galopim graúdo contra os progressistas da Barca.

O Manoel Nunes, hoje em Barcellos, muito lucianista, devorando o evangelho do *Correio da Noite*, sempre em questiunculas com aquelle por causa dos seus ideaes politicos encontrados, grande passeador e jogador de manilha, um tanto

lambaz porque sahia mais cedo e sorrateiramente dos theatros, dizia-se, para comer a ceia dos retardatarios, guardada pela *Gorda* n'um cantinho do fogão.

E o Figueiredo que se ria pelos olhos e pelo hirsuto bigode quando lhe chamavamos o Pêgas, o Covarruvias, e lhe liamos um imaginario plano, rigoroso e draconiano, de reforma dos Estatutos da Universidade? Muito desconfiado e estudioso, só não encavacava quando lhe diziamos que elle se applicava... 25 horas por dia!

Depois o Rocha Peixoto, o Bicho, d'aspecto *sournois*, olhos á bufo, que não fallava ainda que o esmurrassem, pobre caloiro silencioso e contumaz!

Em seguida o Sergio Carneiro, o Grillo, seu comprovinciano e hoje conservador algures, com cara de cera, esboçada, sem feições lavradas, muito guitarrista e risonho, se bem que intelligente e applicado.

Eramos mais—você e eu. Você que se mettia muito com a litteratura, fechado no quarto, lendo... lendo... escrevendo...; e eu, que por signal dediquei um fado aos membros da republica, o qual nas vesperas de feriado se cantava, em algazarra tonitroante, quando o Grillo condescendia em o acompanhar na guitarra.

Depois de 1883 creio que nunca mais nos vimos. O amigo marchou mais tarde para Sabugal e eu para Cuba, e hoje está nos tribanaes de Lisboa e eu no berço da monarchia.

Agora vejo-o, litterato conhecido e conceituado, a publicar os seus bellos contos em um elefante volume—*Os meus amores*.

E bellos na verdade, como todos dizem.

A *Mãe*, aquella cruciante tragedia da pobre *Russa*, morta de terror e de amor, é para mim o mais apreciavel e sentido conto da sua collecção.

Costuma-se dizer d'uma mãe descaroavel, d'uma Francisca Fortunata—é uma cabra!—; mas o amigo teve artes de desmentir o erro grosseiro, vingando as calumniadas affeições dos pobres ruminantes.

Quem ler as angustias da misera *Russa*, na espectactiva do filhito devorado pelo esfaimado lobo circumvagante, restituirá áquelle inoffensivo animal o

sentimento d'amor maternal, a natural comprehensão das suas obrigações de mãe e protectora.

E os *Arrulhos*? Se me não engano você escreveu esse conto em Coimbra. Creio até que um dia, estando a jantar, o amigo recebeu um jornal qualquer de Vigo, Corunha ou Pontevedra, em que a sua bella producção vinha traduzida no idioma de Cervantes com o titulo de *Palomas*.

Nos restantes contos, entre os quaes me não agradaram menos *Vae Victoribus*, o *Abyssus abyssum* e o *Sultão*, revela o amigo a força da sua educada phantasia, moderada por um largo peculio de observação; a sua poderosa intuição artistica; o seu dialogo curto, vibrante e natural; o seu estylo já caracteristico pela feição franca, *saccadée*, de dizer e narrar; a propriedade das locuções; o bom emprego dos termos; a verdade das suas descripções e pinturas, que, ao contrario de muitos, não repete, tinta para aqui, tinta para acolá e vice-versa, n'uma pobreza reles de palheta, que faz lembrar casacos virados ou coisa semelhante.

Olhe, amigo. Eu careço de geito para a critica litteraria; mas, enquanto me é licito exprimir a minha humilima opinião, dir-lhe-hei que você alarga cada vez mais e com mais rapidez a sua reputação de litterato distincto e de contista precioso; e que este conceito é merecido, attestam-no os seus valiosos escriptos dispersos e a sua elegante brochura recém-editada.

Resta-me felicitá-lo cordealmente, amigo Trindade, a agradecer-lhe a sua fineza com um abraço de—Velho amigo—*Eduardo Carvalho*.»

NOVA ALVORADA:—«*Os meus amores*.—Acabamos de ser distinguidos com a offerenda do novo livro de Trindade Coelho,—o sympathico e distincto escriptor que de ha tempos se vae honrosamente evidenciando no certamen das letras patrias, onde já agora a sua individualidade tem uma reputação firmada.

Os meus amores é o titulo que o sr. Trindade Coelho escolheu para o seu livro de contos e balladas, e se assim lhe chama, segundo cremos, não é porque estas 200 paginas sejam um auto-historiographico dos idyllos romanescos do auctor, n'quella aurea quadra da sua vida academica, ou um repositorio de alheias aventuras amorosas com acompanhamento obrigado ao bandolim do trovador lendario.

Não. A razão do título parece-nos antes proceder da affectividade psychologica do auctor para com a sua obra, e induzimos isto do soneto com que Luiz Osorio prefacia o livro, e cuja primeira quadra diz:

*Folhas dispersas dos meus annos de oiro,
Vivo enxame das minhas alvoradas,
Tenho zelos de vós, folhas sagradas,
As Desdemonas sois de um outro moiro.*

Se não fosse assim, affirmar-se-hia mais uma vez a verdade do aphorismo—o habito não faz o monge—, porque o *Idyllo rustico*, com que abre esta bella collecção de contos, não seria bastante para justificar o titulo sob que se enfeixam.

Mais que o idyllo, preponderam no correr do livro a comedia, o drama e a tragedia: e basta percorrel-o em rapida leitura, para averiguar-se que se ha na urdidura dos varios contos muitas situações que nos pintam o ridiculo, a desgraça ou o crime, poucas ha, entretanto, que nos prendam o espirito ao devaneio piégas d'um Romeu e d'uma Julieta.

Mas, ou bem ou mal baptisado, o que é consoladoramente verdadeiro é que os contos do sr. Trindade Coelho constituem uma das mais bellas collecções que no genero conhecemos.

Uma urdidura facil e clara, movimentada em harmonia com os melhores preceitos da arte.

Uma linguagem correcta e elegante, sempre amoldada à naturalidade das situações e dos dialogos.

Uns assumptos de felicíssima escolha, a reproduzirem fielmente costumes, a pôr em jogo com a maior verdade os vicios e as virtudes do povo.

Como os contos magnificos de Bento Moreno, os contos do sr. Trindade Coelho são a fiel expressão da vida rustica do nosso povo, e facil é de comprehender a importancia moral que estes livros terão quando as gerações que nos succedam queiram inventariar nas suas tradições o modo de viver, de sentir e de pensar das populações sertanejas, n'este periodo historico em que vamos.

Sem descer aos excessos da eschola ultra-realista, a que Zola preside como Summo Pontifice, o sr. Trindade Coelho, consegue ser de uma verdade inexcédível, de um realismo incontestavel, de um naturalismo a toda a prova, que por igual se evidenciam no assumpto, na narração e nos personagens.

E, sobretudo isto, ha nos seus contos, como nos de François Copée e Theodore de Bauville, a artistica encenação que, sem desvirtuar-lhe a naturalidade da forma e do fundo, lhes imprime o attractivo romanesco que falla à imaginação do leitor.

O *Idyllo rustico*, com que o livro abre, é de uma suavidade deliciosa, e de uma naturalidade tão justa quanto encantadora.

A *Ultima dadiva* é a expressão fiel de muitas scenas que a emigração multiplica cruelmente pelas nossas provincias do norte.

A acção d'este conto é conduzida com uma tal uncção de sentimentalidade, que nenhum leitor, por mais rebelde que seja a commoções, se poderá esquivar a partilha-la.

O conto—*Typos da terra* é a descripção fiel, fidelissima, da mesquinha intriga que fervilha invariavelmente em todas as pequenas terras de provincia.

Os *Preludios de festa* são de um comico admiravel; *Maricas* é de um sentimentalismo commovente; *Vae Victoribus* de uma moralidade edificante; *Arrulhos, Mãe, Tragedia Rustica*, tudo, tudo n'este livro é bom, e de util e agradabilissima leitura.

A forma—já o dissemos—é correctamente vernacula e elegantemente rendilhada.

A titulo de amostra, para aqui trasladámos do conto—*Sultão*—este bello *croquis* de uma tarde de agosto:

«Ao longe, fechando o horisonte que a eira dominava, as arestas dos montes quebravam-se n'uma sombra igual, e embaciavam ainda o poente as suaves e brandas pulverisações doiradas da ultima luz do sol. Riscos vermelhos de nuvens, como grandes vergas de ferro levadas ao rubro, destacavam immoveis n'um fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja.

Pequenos algodões transparentes, com alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul.»

E assim o livro de Trindade Coelho: uma obra á altura da boa reputação do auctor.

A redacção da *Nova Alvorada* congratula-se com o seu illustre collega por tão brilhante producção, e d'aqui lhe envia um cordealissimo aperto de mão.»

A INDEPENDENCIA:—«*Os meus amores*.—Acabamos de ler o primoroso livro de Trindade Coelho, *Os meus amores*. Sem largas aspirações, modestamente, apenas com a consciencia tranquilla de quem escreve bem e com criterio,—Trindade Coelho juntou e concatenou no delicioso volume, que acaba de dar á estampa, algumas producções litterarias que a sua vida de jornalista tinha atirado para a valla commum das paginas de revistas e diarios.

Não é, pois, um trabalho completo, inteiro e homogeneo o que se nos offerece para apreciar: são pequenas joias litterarias, buriladas por mão de artista e d'um fino sabor de naturalismo.

Considerado assim, sem dependencia de escola e confrontação de originaes, o livro é bom.

As suas descripções são perfectas, correctas, desenhadas por quem se acostumou, desde creança, a ler muita e a adivinhar mais na biblia riquissima e inexaurivel da Natureza.

Ha vida e colorido em tudo. As telas dos ceus pincelaram-se com as tintas proprias, e os diversos personagens que nos vão passando sob os olhos, romanescos e serios uns, grotescos e ridiculos outros, deixam-nos uma impressão agradável de realismo, e alta comprehensão. São typos exactos, sem os grandes enfeites que aborrecem e sem phrases banaes que enjoam. Antonio Fagote é um especimen do juiz de festa das nossas aldeias, basofão e vingativo, prompto, olá! a gastar as ultimas moedas da venda do ultimo gado e a deixar fulo e arreliado o seu antecessor; e a deliciosa ballada *Mãe* é uma preciosidade litteraria, magnificamente pensada escripta, digna da penna dos nossos primeiros escriptores.

Não encomíamos, pois, o valor do livro, dizendo que elle é digno de figurar ao pé das mais bellas producções dos nossos escriptores mais consagrados.»

CORREIO DE PORTALEGRE:—«*Os meus amores*, contos e balladas por Trindade Coelho.

Acorda-lhes no espirito um echo de sympathia o nome do auctor, pois não?

Eu creio bem isso, porque a verdade é que apesar da celeuma que Trindade Coelho ahi levantou, grangeando com o seu genio turbulento algumas antipathias nenhuma d'ellas alvejou o seu talento, que os senhores jamais negaram, e lhes ficou sendo sympathico. É por isso que escolhemos para encetar esta secção a producção brilhante do distincto litterato, editada ha pouco por Antonio Maria Pereira, um incansavel editor escrupulosissimo.

Li o livro que o talento do auctor recommenda, impondo-o, quasi, a attenção do nosso cerebro, á contemplação da nossa alma; e essa leitura, feita n'umas horas que um encanto enorme fez parecer tão breves, deu-me d'*Os meus amores* a agradabilissima impressão d'uma caricia, que persiste a sorrir consoladora.

Trindade Coelho, que os senhores conhecem pelo menos do *Commercio* e da *Gazeta*, tem, como viram, o poder invejavel de dar á ideia,—algumas vezes injusta, dirão alguns,—a mais correcta fórma, iriada sempre da limpidez mais viva; e isso, n'um trabalho feito agora para apparecer amanhã, à pressa sempre, n'uma fugida aos calhamaços manuscriptos que demandam a sua attenção de magistrado, e em que o periodo mais suggestivo é o do *Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo*.

É-lhes facil por isso presuppor o livro, que o vagar do auctor desbasta, remodela, lima, muito tranquillamente, muito socegradamente, sob a vigilante direcção do seu delicado gosto artistico.

Os meus amores teem poesia, e teem verdade; e na maioria dos seus differentes quadros, adoravel descripção das scenas simples da vida do campo, da natureza singellamente formosa, o sentimento vibra intensissimo, e é encantadora a phrase, que um conhecimento profundo dictou, de que uma subtil observação resáe. Ha alli retratos d'um brilho sem limite, *typos* que resumem um estudo fidelissimo.

É um cofre de bellas joias, o livro, que nos deixa embaraçadissimo, se queremos

escolher alguma,—tão valiosas são todas.

Todavia,—e isto é uma modesta opinião perfeitamente pessoal,—*Vae victoribus*, de tão grandiosa ideia, e de tão elevado estylo, *Para a escola*, tão grata, a evocar uma saudosa recordação dos bons tempos de creança, e os admiraveis contos de fina graça e tão verdadeiros, *Preludios de festa* e *Typos da terra*, são os meus eleitos, depois d'uma difficuldade enormissima d'escolha, d'entre tantos quadros da perfeição mais rara, e onde a *Maricas* e *Arrulhos* captivam tambem a minha admiração.

O livro é, como todos os sahidos na *Collecção Antonio Maria Pereira*, esplendidamente impresso em bom papel, e cartonado elegantemente em percalina.

N'esta noticia breve, digne-se o distinctissimo auctor d'*Os meus amores* receber o preito da nossa homenagem, prestada tão agradavel como sinceramente.»

O NORDESTE:—«Editado pela casa Antonio Maria Pereira, de Lisboa, em volume d'impressão nitidíssima, escrupulosa, foi recentemente publicado o primeiro livro de Trindade Coelho—*Os meus amores*, que vieram pôr em relevo as complexas e brilhantissimas qualidades litterarias do auctor, um *novo* que já hoje occupa, por direitos justamente adquiridos, um logar proeminente entre os nossos melhores escriptores.

Os meus amores teem obtido na imprensa do paiz uma acolhida entusiastica, fervorosa e sendo Trindade Coelho um trasmontano, nosso conterraneo quasi, commetteriamos uma flagrante descortezia se nos leitores do *Nordeste* não dessemos conta da apparição d'esse livro, juntando ao côro unisono d'applausos as nossas sinceras saudações.

Escriptos em prosa vibrante, fluente e musical, correctissima, esses contos, transcendentemente lapidados, com a fina mestria de joalheiro primoroso, constituem um verdadeiro encanto, captivando-nos com a espontanea naturalidade da narrativa e com a emocionante escolha d'umas historias aldeãs, d'uma simplicidade campesina, repassadas por vezes d'um sentimentalismo suave, lyrico...

A nós, que temos por Trindade Coelho uma vivíssima sympathia, um affecto

antigo e vehemente, seguindo com interesse quaesquer particularidades da sua vida, consolando-nos com os triumphos litterarios que teem glorificado o seu nome e com a sua merecida reputação de magistrado intelligente e trabalhador, ganha durante a sua carreira de delegado do procurador regio, estava-nos impacientando o desejo de lêr o seu livro, e foi nervosamente, sofregamente, que o abrimos quando o correio nol-o trouxe. E, agradabilíssima coincidencia! succedeu-nos deparar com o conto *Para a escola*, quadro tocantissimo que marca distinctamente os dous mais notaveis estadios da vida do escriptor: a altura em que entra na escola primaria, regida por um misero professor, bondoso e marcial, de villota sertaneja, e aquella em que sahe d'uma outra, habilitado com as suas cartas de formatura a encetar a carreira publica, na qual de continuo evidenciará as suas superiores qualidades de talento e character diamantino.

Essa historia, exposta n'um estylo formosissimo, malleavel e correntio, deliciou-nos e impressionou-nos profundamente, a ponto—sem pejo o confessâmos...—de lagrimas espontaneas nos marejarem os olhos, tão enternecedoras são essas paginas que evocam em nós as reminiscencias queridas d'um passado que não volta, e no espirito nos reproduzem, com uma precisão photographica, completa, scenas eguaes da nossa infancia, como de certo acontecerá a todos quantos lograrem a felicidade de lêl-as e sentil-as...

Terminado esse conto, foi d'um folego, a bem dizer ininterruptamente, que *devorámos* o livro, onde o auctor, n'um esbanjamento prodigo de verdadeiras perolas litterarias, se expande em ligeiras narrativas, descriptas n'uma prosa colorida e vibratil, scintillante e rhythmica, apresentando-nos uma serie de quadros, colhidos em flagrante, *d'après nature*, com uma extraordinaria lucidez d'observação, e um outro *caso* humano trasladado para paginas d'uma forma impecavel, accentuadamente artista, e que são uma eloquente affirmacção da distincta personalidade de Trindade Coelho, ao presente um dos mais assignalaveis e esmerados cultores da prosa portugueza.

Não querendo, e não nos sobejando espaço para tanto, ampliar esta breve noticia a uma critica a todo o livro, impossivel se nos torna ennumerar todos os contos em que elle se reparte, emittindo detalhadamente as impressões que nos suggeriram. Por isso o nosso applauso caloroso para todo o livro, sem predilecções por este ou por aquelle conto; e d'aqui, d'esta columna de modesto jornal de provincia, enviamos ao nosso queridissimo Trindade Coelho, n'uma effusão d'acrisolada estima, com um aperto de mão, as felicitações que merece, fazendo votos para que não deixe de ser um cultor assiduo da litteratura

nacional, e continue a honrar o seu nome, já laureado, com a publicação de novos e bons livros.—*José Pessanha.*»

DA REVISTA DO MINHO:—«*Os meus amores.*—Poucos livros terão vindo á luz da publicidade ultimamente em Portugal tão esplendidos como aquelle cujo titulo serve da epigraphe a esta noticia. Em todas as suas paginas se reune o bello e o agradável, tornando esta obra de solido merito, e estimavel debaixo de todos os pontos de vista.

Este volume pertence á formosissima collecção Antonio Maria Pereira, e é devido á brilhantissima penna de um dos nossos mais festejados escriptores—Trindade Coelho.

Não precisâmos alongar-nos em chamar a attenção do publico para esta obra, pois é ella sobejamente já bem conhecida dos amadores de bons livros.»

REVISTA ILLUSTRADA:—«*Os meus amores.*—Ha tempo,—não ha muito,—começou um jornal de Lisboa a publicar, de quando em quando, umas cartas de provincia,—*Cartas alemtejanas*, nos parece,—assignadas pelo nome, então desconhecido, de Trindade Coelho. Lida por nós a primeira, nunca mais nos descuidâmos de procurar as outras, e foi com verdadeiro desprazer que as vimos ir rareando, até deixarem de apparecer de todo.

Essas cartas eram a revelação de um formoso talento; eram a alvorada jubilosa e cantante de um bom escriptor. Trindade Coelho entrava nas letras portuguezas pela porta aurea dos victoriosos, apresentando natural e simplesmente a sua individualidade, como a fundira n'uma só peça o seu talento alliado com a sua observação e o seu estudo, sem esgrimir com os que tinham chegado primeiro, sem acotovellar os que avançavam ao seu lado, sem o apregoarem tambores nem charamellas de apaniguados e sequazes.

Escrevia de um canto da provincia, da sua terra, em horas desoccupadas; escrevia de assumptos comesinhos, de cousas que tinha alli á mão, das scenas campestres a que assistia, e, sobretudo, do sentimento que a sua alma encontrava no tracto sympathico da natureza inteira. Falava de um ou outro livro, que mão amiga lhe fazia chegar á solidão do seu eremiterio, sempre com acerto, propenso ao louvor, despido de invejas. Era um talento e era um character.

Depois, houve na sua vida litteraria um momento de eclipse. Cremos que deve ter correspondido ao periodo occupado e trabalhoso da sua formatura. Bom signal. O estudioso sério sabia reprimir as impaciencias do amor proprio, sacrificando ás altas occupações do seu curso os brilhos attrahentes da facil nomeada. O escriptor experimentara já o pulso; agora conhecia a sua força e sabia e podia esperar.

Eis que nos apparece um dia, subito, no fôro, honrando e glorificando n'um processo de rehabilitação a sua toga de magistrado. O caso deu-lhe celebridade, e ensejo para ser recordado o nome de homem de letras, que elle soubera fazer distincto e conhecido logo aos primeiros trabalhos.

Alguns mezes de collaboração diaria, n'um jornal bem lançado e bem redigido, avigoraram no conceito publico o renome conquistado, e Trindade Coelho tomou serenamente, na imprensa da paiz, o lugar a que tinha direito, sem ninguem lh'o discutir nem contestar.

Estreia-se agora no livro, e difficilmente imaginariamos apresentação mais prometedora e mais sympathica.

Os meus amores são uma collecção de esbocetos, alguns dos quaes, como o *Idyllo rustico*, *Ultima dadiva*, *Vae victoribus!*, *Abyssus abyssum*, chegam a ter a perfeição, o acabamento de verdadeiros quadros. Revelam o amor, o cuidado, o esmero com que o auctor os trabalhou, solcito na sua obra, no empenho de uma execução immaculada. Não porque se conheça o esforço; mas sim porque se sabe que sem elle era impossivel conseguir tão completo effeito, tão seguro resultado.

O estylo do prosador é, quasi sempre, firme, opulento, erudito, original e variado. Não tem reminiscencias d'este ou d'aquelle, e realisa uma das condições essenciaes que deve ter em mira todo o escriptor consciencioso: conservar uma feição propria e individual, sem se afastar da pureza da lingua, evitando ao mesmo tempo o retrocesso archaico, e contribuindo para a evolução progressiva d'ella.

Trindade Coelho, por uma intuição que nos não cançaremos de louvar, em vez de se cingir a modelos cuja originalidade maior ou menor lhe seria facil assimilar,

em vez de decorar mestres e de compulsar estylistas, procurou modo de illuminar a sua phrase e de colorir a sua palavra, na fonte natural de todas as inspirações. Penetrou, para isso, nas camadas mais primitivas do povo campezino, enriquecendo n'esse manancial o thesouro das locuções, e trazendo de lá, simultaneamente, scenas e quadros do um sentimento encantador, e de uma singeleza nativa e adoravel.

É de indiscutível belleza a pastoral com que abre o volume. Affigura-se-nos estar lendo algumas paginas de Longo. A descripção da madrugada na aldeia, o encontro dos dois pastores, Gonçalo e Rosaria,—Daphnis e Chloe,—teem um sabor antigo, como o de uma narrativa idylica, passada nos tempos legendarios da Grecia, e ao mesmo tempo toda a verdade de uma scena campestre dos nossos dias. É de um bom gosto supremo a fôrma subtilmente delicada como o narrador, deixando primeiro receiar a queda dos seus personagens n'uma brutalidade instinctiva, os conduz por fim nas azas da innocencia e da candura a uma situação divinamente sublime.

E, finda a narrativa, o leitor fica deliciado e satisfeito, n'uma doce e prolongada abstracção, seguindo com os olhos do espirito aquelles dois vultos de creança a esfumarem-se nas distancias do espaço e do tempo, longe, muito longe, n'uma paizagem ideal, vista nos dias da infancia, vista talvez em sonhos, talvez em Virgilio ou Theocrito, talvez mais longe ainda, na Biblia...—seguindo, com os olhos da alma, em esquecida contemplação, longe, muito longe,

«...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas, voando, voando.»

Em *Vae victoribus!*, outro quadro de mestre, ha como que um mixto do tragico fatalismo grego e do supersticioso horror christão. Não é vulgar a concepção do assumpto, nem vulgar, tambem, o desenvolvimento que o escriptor lhe deu, o scenario é horrivel e magnifico. Está bem descripto; bem descripta a tempestade, que primeiro se annuncia, depois se aproxima, depois finalmente cresce e se desencadeia n'uma convulsão pavorosa e enorme; bem descripto o terror angustioso e suppliciante do misero assassino, o qual vê, na chamma de cada relampago, projectada a cruz negra que marca o logar do seu crime e que lhe prende os pés ao chão, emquanto o seu ouvido, allucinado pelo terror, lhe dá a sensação de uma voz insistente, que detraz de cada arvore, da espessura de cada moita, de cima de cada pedra, da resonancia de cada trovão, o chama inexoravelmente pelo nome:—Ó José Gaio! Ó José Gaio! Ó José Gaio!

Bastava simplesmente esta narrativa para grangear a Trindade Coelho fóros de distincto e primoroso escriptor. Edgar Poe não engeitaria o assumpto, se lhe occorresse, nem o trataria com muita maior perfeição. Dar-lhe-hia pasto para algumas paginas tão engenhosas como as da *Genese de um Poema*, para alguma composição tão extraordinaria e tão transcendentalmente bella como *O corvo* ou *Ulalume*.

Mas como se quizesse mostrar a malleabilidade da sua penna, ou como se quizesse certificar-se a si proprio da multiplicidade e da variedade das suas aptidões litterarias, o prosador que recortou nos mais perfeitos moldes aquellas paginas classicas ou estas sinistras, detem-se na commovente e lacrimosa narrativa da *Ultima dadiva* e nas ligeiras e facetas descripções dos *Typos da terra*, dos *Preludios de festa*, do *Sultão*, onde transparecem dotes de observação sarcastica, de ironia graciosa e de bem humorado espirito.

Um livro de tantas promessas não póde ser, comtudo, e por isso mesmo, um livro definitivo. Trindade Coelho experimenta apenas a mão para se abalançar a empresa maior, estamos certos d'isso. Já no final do presente volume, em nota do editor a um trecho intitulado: *Batalhas domesticas*, se annuncia a transição da presente phase litteraria e artistica do auctor, para uma outra phase progressiva.

Progressiva, dizemos nós, porque assim o crêmos. Qual ha-de ser, porém, a predominante característica d'essa phase? Póde a critica conjectural-a desde já? Talvez o pudesse; mas seria arriscado fazel-o. Porque, a verdade é que o seu talento tem recursos com que lhe é dado contar, que o seu temperamento litterario tem energias que lhe hão de abrir novos caminhos, e que, na sua vida de homem de letras, ha já precedentes, que enormemente o obrigam.

Temos confiança em que a sua prosa, já segura e elegante, despir-se-ha ainda de um ou outro francezismo escusado, e ha-de adquirir novos dotes de clareza, concisão e vernaculidade. Trindade Coelho sabe onde procural-os. Não é em lexicons, nem em alfarrabios, nem em cartapacios. É na escola, aberta sempre a todos os investigadores, onde aprenderam a falar o portuguez do povo, os seus typos populares.

Não se póde ser bom prosador, sem se ter o sentimento profundo do som, da melodia. Uma das maneiras de adquirir pericia n'esta fórma de escrever, consiste na pratica de versificar. Fazer bons versos é um exercicio util para chegar a fazer boa prosa. Não é, porem, indispensavel, bem entendido.

Contudo, não admittimos que repute possuir as qualidades completas de escriptor, aquelle que só d'uma das duas fórmulas da arte de escrever seja conhecedor. Os mais elegantes cinzeladores da prosa, são os que praticaram largamente no manejo da metrificacão e da rima.

Trindade Coelho, apesar de todos os dons singulares da sua natureza artistica, teria muito a ganhar, e conseguiria maior fluidez na phrase e maior cadencia no periodo, se praticasse um pouco a arte do verso, embora como simples exercicio. E esteja certo de que lhe vale a pena empregar todos os esforços para attingir uma perfeicão, que não está longe, e de que o seu talento proprio e a sua estudiosa boa vontade continuamente o approximam.—*Fernandes Costa.*»

AURORA DO LIMA:—«*Os meus amores*, contos e balladas, por Trindade Coelho. Quando prometti á *Aurora do Lima* esta ligeira noticia bibliographica ácerca do livro do brilhante escriptor e meu querido amigo Trindade Coelho, mal cuidava eu que a doenca me obrigasse a retardar o cumprimento da promessa, ao ponto de me encontrar entre os ultimos da ultima fila, nas saudações entusiasticas á obra e ao seu auctor.

Tenho para mim como certeza indiscutivel que o publico se começou a fatigar d'essas obras torturantes d'analyse fria, cruel, desoladora. Os que se encontram feridos das asperrimas luctas da vida—e estes constituem a maior parte dos que lêem e estudam, preferem as obras consoladoras, de cuja leitura fica uma sensação delicada, uma recordação docemente suave. Assim, Pierre Loti ainda hoje triumpho sobre Zola, apesar do enorme *réclame* que antecede sempre a obra do velho mestre da escola realista.

Ora o livro do sr. Trindade Coelho pertence ao numero d'essas obras consoladoras, de serenidade e de paz. É um livro sincero, que prende pela emoção intima, que interessa pela simplicidade elegante com que está trabalhado, que impressiona pela correcção impecavel do seu estylo, malleavel e harmonico.

Abre-se o livro e depara-se com o *Idyllo rustico*, que é uma soberba tella, amavelmente tratada, denunciando logo ás primeiras linhas um alto valor artistico, na verdade rigorosa da observação, na delicadeza suave do colorido, na simplicidade graciosa dos dois pequenos pastores.

Segue-se-lhe o *Sultão*; e em boa verdade direi que me parece ser este um dos contos mais formosos do volume, em que pese ás opiniões contrarias e até ao proprio auctor, que não perde occasião de o depreciar.

Assumpto simples, esse, e todavia absolutamente verosimil. A descripção da eira, do labutar alegre, da paizagem e dos personagens d'este pequeno quadro, são um primor notabilissimo de execução artistica, de rigorosa e completa observação.

Ultima dadiva, um episodio commovente, completa a primeira parte do livro, a que se segue a *Comedia da provincia*, onde ha preciosos estudos da vida provinciana; as *Balladas*, onde se depara com o formoso conto *Para a escola*, de um alto valor litterario; *Arrulhos*, uma esplendida phantasia, etc.

Eis uma ligeira noticia do volume de contos *Os meus amores*, que tamanho exito conseguiu obter, acordando de surpresa a habitual atonia do nosso acanhado meio litterario, com os merecidissimos applausos que lhe foram dispensados.

Dos meritos litterarios de Trindade Coelho fallam mais alto do que a crítica os seus trabalhos, espalhados em todos os jornaes do paiz, especialmente no *Portugal*, onde escreve como o pseudonymo de *Ch. A. Verde*, e na *Revista Illustrada*, do editor Antonio Maria Pereira. É um infatigavel e primoroso jornalista, sabendo dar ao mais frivolo assumpto um delicioso relevo litterario, que prende e interessa o espirito do leitor.—*Luiz Trigueiros.*»

Os GATOS:—«Vem a proposito de historias, fallar, bem sei que tarde, dos *Meus amores* de Trindade Coelho, como do moderno livro portuguez que mais juvenilmente fascina o talento de narrar, em polyedros de multiplices aptidões. Os contos dos *Meus amores* são pela maior parte uma bagagem de vida academica, assimilativa (Trindade Coelho, muito novo, findou ha quatro ou cinco annos o curso juridico) e como tal sahem da penna do escriptor ainda sem uma crystallisação homogenea de fórmula e de processo. Porém na sua factura ondeante lê-se o ascenso d'um espirito buscando a perfeição com escrupulos d'eleito; de sorte que o volume até como auto-biographia se insinua, elle precisando as phases, notulas, e predilecções litterarias do contista, e emfim, depois de hesitações, emancipando-o n'um dos mais delicados microscopistas do coração, das nossas letras. Como é provinciano, provinciano d'aldeia, e natureza

contempladora inda por cima, Trindade Coelho captiva-se principalmente dos assumptos bucolicos, pequenas scenas de cabana, tempestades de campanario, pastoraes, vida de povo, e sente-se que o não faça por diletantismo de escriptor avocando de cór dramas lambidos, senão por esse estro de visão retrospectiva dos melancholicos despaizados em terras hostis, e que protestam contra o egoismo ambiente, reclinde-se no passado, como n'um sanctuario de mumias adoradas. É a tendencia geral dos nossos mais modernos narradores, buscarem na vida dos humildes, especialmente dos campos, materia prima para seus contos e poemetos. Em poucos porém a predilecção se escóra na sinceridade e conhecimento pratico da vida rustica, e em menos ainda ha perspicacias para uma autopsie sagaz da natureza psychica e moral do camponez. Grande parte dos que teem posto o povo em scena, contenta-se com recortar-lhe os andrajos n'um scenario de convenção, e com o fazer fallar aos bonequinhos mancos que resultam, aravias mais ou menos inventadas d'um pictoresco sorna, em cuja trama não ha vislumbres d'alma regional, de character profissional, d'individualismo typico, ou de paixão. Se alguma vez tiverem pachorra, mandem vir a collecção dos contistas rusticos portuguezes, e riam á larga das fantasias lorpas que lá virem. Em dialogos amorosos ha por exemplo cousas unicas! Cavadores d'aldeia debitam ás namoradas protestos de paixão, em linguagem que seria preciosa até na bocca d'um pisa-flôres do Martinho e da Havaneza. Ellas, de lhes retrucar em phrase equivalente, e de se mecherem em scena com os ademanes que a *Dama das Camélias* consagrou na cachimonia dos auctores, como os mais proprios para mimar o amor que as enchaquéca.

Em paizagens e descripções d'interior, a mesma ausencia de detalhe certo e de visão propria, que reduzem esses quadros, a méras caganifancias d'aguarellistas amadores. De tal maneira que o grupo de *campestres* a quem a arte confia a missão de leccionar aos desregrados habitantes das cidades, os prazeres simples da vida pastoral, em vez de persuadirem os seus leitores, o mais que fazem é pintar-lhes o campo como uma banal imitação da Rua do Ouro, e o camponez como uma arreglo grotesco do alfacinha.

Ora, entre os poucos argutos dedicados a perscrutar a essencia da paizagem provincial, e a alma do provinciano e do camponio, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem o seu criterio do problema, em fórmula d'arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo á vista do leitor, que não mais lhe perderá de vista os vãos poeticos, e a singular gracilidade ironica dos seus quadrinhos de genero, colhidos em prolongadas estações nas duas mais typicas provincias de Portugal, o Alemtejo e Traz-os-Montes. Ha assim nos *Meus*

amores, a par d'algumas benignas composições representativas da transição critica do rapaz para o homem, e do debutante para o laureado, outras de tal guiza iguaes, sobrias, seguras, que não hesito em as apontar como modelos, e dentro da minusculeza da sua trama, como verdadeiras e encantadoras obras primas. *Typos da terra* e *Preludias de festa*, por exemplo, são duas narrações que mordem fundo a attenção de quem nas lê, e que por sua admiravel sobriedade, intuito pictural, e observação ridente sobre o vivo, cuidão que ficarão modelarmente apontadas aos collecionadores de litteratura typica.

Qualquer das peças abrange apenas o folego d'uma ou duas duzias de paginas, deliciosas porém como factura, admiraveis de bonhomia, e d'uma saude moral que faz desejos d'estimar pessoalmente o seu auctor.

Ahi está effectivamente revelado não só um talento plastico e bastante rico em cambiantes, como tambem a pura agua d'um character cheio das mais finas intenções. *Typos da terra* é o quadro satyrico d'uma má lingua d'aldeia, tendo por club a porta da tenda, por scenario a praça publica, e por personagens o pessoal burocratico e elegante da terriola. *Preludios de festa* é um estimulo de festeiros preocupados de qual fará a festa do orago mais sumptuosamente. Os tons são leves, os typos rapidos, a descripção dita a correr, mas no conjuncto ha um tal equilibrio esthetico, a meia tinta é tão fluida, e as intenções ironicas sublinhadas tão de manso, que se adivinha logo um mestre miniaturista, Hogarth com laivos de Tenier, raro de sabor entre os semsaborões que por ahi medram, e certamente fadado a uma supremacia qualquer no moderno romance portuguez.—*Fialho d'Almeida.*»

JORNAL DE SANTO THYRSO:—«*Os meus amores.*—Foi penhorante e commovente para nós a gentilissima offerta que Trindade Coelho nos fez do seu adoravel livro de contos, que tem por titulo a epigraphe d'esta singela noticia.

O nome de Trindade Coelho era já gloriosamente festejado quando o brilhante contista frequentava ainda as aulas da Universidade; hoje, porém, apparece mais radiantemente no seu precioso livro, onde a primorosissima fórmula se allia com o mais delicado criterio d'artista d'*élite* e com a fina observação d'um talento verdadeiramente superior.

O que deixamos dito é profundamente sentido, que a nossa humilde e obscura penna não está—seja este o seu unico merito!—habituada a vir entregar ao

sagrado lume da imprensa os elogios sandeus que cada dia se prodigalisam aos mediocres e aos banaes, que se desvanecem entre as ondas d'esse barato incenso.

Os nossos leitores melhor ajuisarão, em presença do trecho que lhes offerecemos como mimo de rara valia.»

DIARIO ILLUSTRADO, (com o retrato do auctor):—«Trindade Coelho.—N'esta aspera vida das letras, cortada de tantas amarguras que ninguem sonha, ha, entre outras, uma grande e profunda alegria,—que nem a todos é dado experimentar, accrescente-se.

Essa alegria, sentem-n'a os poucos susceptiveis de comprehendel-a,—na elevada faculdade de admirar o que se impõe pelo dominador prestigio do talento ao culto mental, e sobretudo no intimo orgulho de adivinhar, logo aos primeiros passos, a revelação de Alguem, que vae ser unanimemente admirado.

Devo a Trindade Coelho, que figura hoje por direito de conquista na galeria do nosso jornal, este incomparavel jubilo.

Adivinhei-o (consintam-me esta vaidade) quando poucos o conheciam; admirei-o, muito antes d'elle trazer á litteratura patria o livro *Os meus amores*, que foi como que a subita illuminação do seu nome.

Que delicioso livro esse, onde Trindade Coelho nos apparece em toda a sua inconfundivel originalidade de narrador, em todo o desartificio do encanto da sua maneira de observar e referir, revendo-se-lhe o temperamento de artista, impressionavel e vibrante, na fluidez do estylo, que lhe repercute nitidamente todas as modalidades!...

O campo, que a maioria dos escriptores conhecem superficialmente, de rapidas excursões alpestres, sem o menor vislumbre de identificação, vive no livro de Trindade Coelho, com um singular relevo de verdade, com um profundo sentimento do natural. «Entre os poucos argutos dedicados a perscrutar a essencia da paizagem provincial, e a alma do provinciano e do camponio, escreve dos *Meus amores* o nosso grande critico Fialho d'Almeida, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem o seu criterio do problema, em fórma de arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo á vista do leitor, que não mais lhe perderá de vista os vãos poeticos, e a singular gracilidade

ironica dos seus quadrinhos de genero, colhidos em prolongadas estações nas duas mais typicas provincias de Portugal, o Alemtejo e Traz-os-Montes.»

Antes dos *Meus amores*, Trindade Coelho começara a affirmar a sua poderosa, individualidade em uma secção do *Diario Illustrado*, *Cartas alemtejanas*, chronicas expedidas de Portalegre, em um arranque de talento, com exuberancia de fantasia, modos de ver e dizer, flagrantemente modernos, traços de soberbo humorismo á Vacherai, velados a espaços de um ligeiro fumo de melancolia, que lhe avivava a frisante originalidade.

Por esse tempo, o nosso brilhante chronista empreendeu, no exercicio das suas funcções de delegado, em Portalegre, a tarefa humanitaria de arrancar um pseudo-criminoso ao rigor da lei, que injustamente o condemnara.

E em torno do nome de Trindade Coelho, que emplumava para os largos vãos, fez-se um côro de benções, como que uma apotheose de amor, que deverá ter sido na sua vida e para a fina sensibilidade da sua alma effusiva e entusiasta, um d'estes supremos jubilos, superiores a todas as desditas e inacessiveis a qualquer desencanto.

Dá-se em Trindade Coelho e nos transcendentales dotes que o caracterizam e lhe assignalam o ponto culminante em que se evidenciam, uma dualidade, verdadeiramente phenomenal.

É que, sendo elle um artista, na rigorosa accepção titular da palavra, namorado do ideal, amando a Arte com religioso fanatismo, vivendo na extatica adoração de tudo quanto ella sobredoi do seu brilho immortal, é ao mesmo tempo um funcionario exemplar, um delegado do procurador regio, que viu de repente o seu nome respeitado e temido, de tal sorte Trindade Coelho encarna em si, na austeridade do seu character e no correcto exercicio da sua profissão, toda a perstigiosa soberania da Lei. Diz ainda Fialho d'Almeida, inteiramente insuspeito, quando se trata de aquilatar o merito de um auctor:

«Ahi está effectivamente revelado não só um talento plastico e bastante rico, em cambiantes, como tambem a pura agua d'um character cheio das mais finas intenções.»

Ás vezes, o magistrado recorda-se do artista e estremece de saudade nostalgica ou treme de frio... legal.

É então que elle murmura, (perdoa a indiscreta allusão, meu caro Trindade Coelho?) «Ah! que apertada gaiola esta, em que vejo fechado, o meu espirito! O meu trabalho, amo-o porque é o meu dever. Mas como eu ando longe, afastado, extraviado... de mim mesmo! Não faz idéa, não! Dentro d'esta jaula de ferro, veja! E là fóra, e lá em cima—que amplo céo azul para voar!»

Mas n'esse azul para onde lhe foge o espirito, quantos triumphos ainda o esperam, meu illustre amigo?—*Guiomar Torreção.*»

REVISTA DE PORTUGAL:—(Excerpto de um artigo critico ácerca do *Só* de Antonio Nobre).—«Alma doente, o sr. Antonio Nobre soube extrahir da sua doença effeitos de Arte singulares e ás vezes intensos. Outros attingiram o mesmo objectivo pela descripção das emoções naturaes e pelo appello aos instinctos sãos do coração humano. Acabo de rêler o livro d'um escriptor tambem novo: *Os meus amores* de Trindade Coelho. Com casos da vida corrente e com sentimentos que podem ser comprehendidos por qualquer dos seus leitores, uma despedida, a affeição de dois pastorinhos perdidos na solidão do campo, os remorsos de um homicida junto á cruz da sua victima, o amor materno de uma cabra que se deixa morrer sobre o cadaver do filho recém-nascido, consegue o narrador interessar e commover vivamente o espirito de quem o acompanha atravez d'essas duzentas paginas impregnadas dos succos da terra e do suor dos lavradores. Demonstraçãõ cabal de que a Arte é vasta e a capacidade pessoal decisiva para a belleza das obras.—*Moniz Barreto.*»

DA VID'AIrada: «Trindade Coelho.—Uma vez na sua frente, face a face, olhando-o bem, medindo-o d'alto a baixo,—o que não seria difficil mesmo no caso de que a medida dos homens se tirasse a palmos—fixando o olhar no seu olhar, e não perdendo uma só das suas palavras na mais simples conversa de algum quarto de hora,—ao separar-se elle de nós, porque já então a gente não se atreve a separar-se d'elle, tem-se adquirido a certeza de que aquillo é o que é, e chegado á mais solida convicção de que toda a verdade, toda a sinceridade de um temperamento e de um coração de homem, nunca se manifestaram mais expressivamente, mais insubmissas ao menor proposito do menor disfarce, do que na sua physionomia bem aberta, illuminada em cheio pelo brilho intensíssimo do seu olhar muito limpido, muito penetrante, se expressam toda a sinceridade, toda a verdade do seu grande coração e do seu impetuoso

temperamento.

E ao vel-o partir pela rua fóra, decidido e tezo, resoluto e rijo, a cabeça alta, assentando com firmeza o pé pequeno, despejando caminho que dá gosto vel-o, não resistem os olhos ao desejo de acompanhá-lo de longe, até que o percam na dobra da primeira esquina, e a gente diz ou pensa:—«Demonio!... Com meia duzia assim, poderia fazer-se *alguma coisa* ainda!...»

Porque no meio d'esta especie de contagio, que os perversos e as suas perversões vão espalhando em redor de si, fazendo estremecer os honestos quando com elles se cruzam, e tentando para o mal os fracos quando passam—só a presença de homens bons e sãos poderá melhorar este sólo e purificar esta atmosphaera.

Na travessia dos dois mundos diversos a que este homem dedicou a viagem da sua vida,—o mundo litterario e o mundo judicial—affigura-se-me elle, talvez, como um antípoda de si mesmo, ora imprimindo o indelevel cunho da sua vigorosa e honesta individualidade em preciosos documentos para a dilacerante historia pathologica da sociedade portugueza n'este agonisar de seculo, quando aponta o implacavel index do Ministerio Publico contra os altos reus de certas causas celebres,—ora imprimindo n'algumas obras de pura arte litteraria, em que a elegancia da fórmula é posta sempre ao serviço das emoções mais dôces e das mais penetrantes, esse outro cunho, d'essa outra individualidade que n'elle ha, e tão diversa é, tão original e tão rara, tão contemplativa e tão terna.

...Sim! toda a verdade, e toda a sinceridade do seu grande coração e do seu impetuoso temperamento!

No tribunal, quando articule algum libello accusatorio em que as suas palavras se não limitam ao cumprimento do dever de officio, não tardará que á serena exposição dos primeiros articulados succeda a expressão calorosa, indomita, sempre crescente, da indignação, e da colera, que lhe provocam e açulam os factos e as razões de que vae deduzindo a tremenda accusação contra o réo —...esse réo que alli está, alli! sentado n'aquelle banco, sentenciado já, e de grilheta aos pés! Agita-se-lhe a circulação do sangue, a respiração accelera-se, a face ruborisa-se, todas as veias do pescoço e fronte se distendem, o peito enche, as narinas dilatam-se, tremem, fumegam... A excitação do cerebro vigorisa-lhe os musculos, affirma-lhe a energia, parece transportá-lo ao imperio da força, n'um arrebatamento em que os dentes rangem, e as unhas se crispam, punhos cerrados, braços erguidos, completamente desordenado a frenetico!... A voz,

sempre vibrante, chega a parar-lhe na garganta, quasi ronca, vociferando, em discordancias agudas que veem ferir de arripios a espinha dorsal do auditorio... Já não é para a justiça dos homens que elle appella; não lhe bastam, não o saciam as penas maximas dos Codigos! Quer o castigo do Céu, quer a justiça de Deus!

...O que não tira, ainda assim, que resgatasse da morte civil, bem peor que a morte natural, um desgraçado que a cegueira da justiça humana havia condemnado por assassino e ladrão—o pobre Manuel Barradas. Muito commentou a imprensa o facto, espantada de que um agente do Ministerio Publico, um feroz accusador, empenhasse dois annos agoniados da sua vida em apurar uma innocencia... Trindade conserva, encadernada, a collecção desses jornaes, e legou-a em vida ao filho, ao Henrique, pondo-lhe no principio estas palavras: «Meu filho, pela lei de Deus, a vida é só um pretexto para boas obras. Observei um dia a lei do Senhor, e Elle, em premio da minha obediencia, concedeu-me o poder legar-te um pedaço vivo do meu coração. Queres ouvil-o bater? Ausculta essas folhas... Bemdito seja Deus! serão ainda minhas as tuas lagrimas enternecidas, e, ainda depois de morto, viverei na tua commoção e na tua alegria, para a commoção e para a alegria da minha obra...»

Mas passa a tempestade, e volvido o bom tempo, que singular contraste nos offerece a outra phase d'esse mesmo espirito, quando o vulto austero do magistrado, cedendo o logar á delicada individualidade do homem de letras, o desembaraça da toga e o deixa que vá, em mangas de camisa, muito á vontade e á fresca, pelas tardes serenas do seu bom humor, a vaguear pelos campos do seu sonho—sonho feito de saudade, d'essa muito viva e muito affectuosa ternura que á sua alma de artista dá, e que a sua prosa tão sentidamente traduz, a recordação de felizes tempos que não voltam mais, e que por isso mesmo nunca mais esquecem,—recordação a que andam para sempre ligados, n'uma doce e meiga associação de ideias, certos logares, certas pessoas, certas orações, certa ermidinha e certo olmo, que já lá estavam quando elle nasceu, que o embalaram nos primeiros somnos e lhe deram amparo nos primeiros passos; que ao baptismo o levaram, e o conduziram á escola; alegrando-se com as suas alegrias, entristecendo-se com as suas lagrimas...

N'esses momentos, sob o dominio d'esse lindo sonho, inundado do luar da sua terra, desannuvia-se-lhe o rosto, alisa-se-lhe a fronte, vê-se pousar-lhe nos beiços e nas palpebras a serenidade meiga de um sorriso, como que o doce agradecimento á alma de sua mãe, que tivesse vindo, muito devagarinho, muito

devagarinho, abeirar-lhe o leito, aconchegar-lhe a roupa, e pousar-lhe nos olhos e nos labios a amorosa caricia dos seus beijos...

Por isso, a musica do seu estylo produz sobre a nossa sensibilidade essas emoções e excitações violentas, em que a tremura dos musculos e a effusão das lagrimas realisam o phenomeno das emoções reaes.

Os seus escriptos obedecem sempre á logica influencia d'esta convicção em que elle está, quando me diz, bem medindo e pezando cada uma das suas palavras:

—«Positivamente, meu amigo, o publico deseja, antes de mais nada, que o escriptor preste na sua obra o culto que é devido á sua lingua. Depois, deseja que o commovam, que honesta e consoladoramente o emocionem, preferindo que o assumpto do quadro seja a exploração das coisas triviaes da vida, certamente porque reside no Simples a formula mais natural da Verdade... Compreendo que o espirito dos que lêem está fatigado d'essa confusão do *romance* com o *estudo*, e convenci-me, emfim, de que a obra d'arte litteraria tem, como primeiro dever, e como condição primeira de agrado, de ser consoladora e suave, tocada sempre de uma pontinha ligeira de poesia que vá direita ao coração e entretenha, em quem lê, as faculdades emotivas, de preferencia, mesmo, ás faculdades intellectuaes...»

Releio *Os meus amores*, o livro dos seus contos. É o primeiro d'elles, *Idyllo rustico*, de uma deliciosa simplicidade de aguarella, parece que feito sobre um esbatido de céu purissimo, côr de sovaco de andorinha e não sei com que singular sabor eucharistico de primeira communhão... É um sonho de absynto, que serve de aperitivo divino para a leitura soffrega de todo o livro. Dois pastoritos ingenuos, a Rosaria e o Gonçalo, encontram-se e approximam-se, n'uma indecisa alvorada de derriço, cheios de boas tenções e puros ideaes. Acontece, porém, que por viverem longe, raras vezes se falam, e quando essa ventura lhes é dada, imaginem os que como elles se amem a alegria que inunda aquellas duas almas! D'uma vez, passada alguma d'essas ausencias longas, quiz Deus que os dois inesperadamente se topassem, pela madrugada, quando iam levando seus rebanhos ao pasto. Logo combinaram juntarem-se as ovelhas, como juntos os corações traziam, e desde que nasce o sol até que o sol se põe, vagueam nas frescuras marginaes do rio, a par, e sós, elle dedilhando a flauta, ella recordando cantigas, com murmurios d'agua correndo, e ballidos suaves dos lanigeros, n'uma paz d'alma idylica de illuminura. E quando a noite chega, porque lhes custe immenso a separação, o Gonçalo a convida a continuarem juntos, deixando que as ovelhas durmam em mistura e que passem elles a

noitada sobre o mesmo colmo, ao abrigo da mesma cabana. Não sem certa instinctiva reluctancia, Rosaria acceita; e como se deitem ao lado um do outro, tornando as mantas cobertor commum, e pousando as cabeças nos bornaes unidos, parecer-vos-ha, como a mim pareceu, que ali rompem os beijos desmedidos... Nada d'isso, perversos! A pouco e pouco vae escurecendo, e os bons dos namorados, n'uma placida orchestração final que se smorza, referem-se casos de moiras encantadas, e assim pegam no somno e adormecem... Tem a gente remorsos do que foi julgar: sente a tristeza da maldade nossa.

Depois, depois os outros, que seguem pelo livro fóra, e que vamos bisando e saboreando a pequeninos gólos, durante algumas horas bem fugidas, passeadas por aquellas paizagens e recantos provincianos que elle nos pinta, tão real e verdadeiramente como se lá estivessemos; em companhia d'aquelles typos que elle retrata, tão photographicos, tão nitidos, que é estar a gente a vel-os, a ouvil-os, a falar-lhes, a deitar-lhes o braço pelo hombro...

Antes dos seus contos nunca a prosa portugueza me havia dado, posta ao serviço da moderna arte, o ineffavel goso de tão estranhas, tão novas, tão encantadoras surpresas! Quizera eu, inedita, bem fresca, pela primeira vez usada a respeito da sua escripta, esta flagrante comparação:—dir-se-ia traçada com uma penna d'aguia... arrancada d'uma aza de pomba.

Os seus livros ficarão pertencendo ao numero d'aquelles que parecem possuir o raro condão de nunca envelhecerem no espirito de quem os lê. Relêr o que elle escreve é sentir o mesmo prazer, sempre renovado, de quando se contempla pela centesima vez algum querido, precioso objecto, que noventa e nove vezes se contemplara já: privilegio esse de eterna seducção, que só disfructam as obras em que o artista deixou pedaços da sua alma.—*Alfredo Mesquita.*»

DO POEMA DO IDEAL:

Os meus amores! que livro
Tão fragante e saboroso!
Scentelhas aureas e vivas,
D'um prosador luminoso!

Brisas da serra!
Trechos idylicos
Da nossa terra!»

Fernandes Casta.

End of the Project Gutenberg EBook of Os meus amores, by Trindade Coelho

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS MEUS AMORES ***

***** This file should be named 17503-8.txt or 17503-8.zip *****
This and all associated files of various formats will be found in:
<http://www.gutenberg.org/1/7/5/0/17503/>

Produced by Carla Martins Ramos and Ricardo Diogo. Edited
by Rita Farinha (Biblioteca Nacional
Digital--<http://bnd.bn.pt>). (This file was produced from
images generously made available by National Library of
Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions
will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no
one owns a United States copyright in these works, so the Foundation
(and you!) can copy and distribute it in the United States without
permission and without paying copyright royalties. Special rules,
set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to
copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to
protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project
Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you
charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you
do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:
Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.

The Project Gutenberg EBook of Os meus amores, by Trindade Coelho

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Os meus amores Contos e baladas

Author: Trindade Coelho

Release Date: August 30, 2007 [Formerly #22463, now included with #17503]

Language: Portuguese

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS MEUS AMORES

Produced by Ricardo F. Diogo (Spelling modernization of the original version, already available at Project Gutenberg: #17503; Atualização ortográfica da versão original, já disponível no Project Gutenberg.)

OS MEUS AMORES

TRINDADE COELHO

OS MEUS AMORES

(Contos e Baladas)

2.ª edição

LISBOA

Livraria de António Maria Pereira

50, 52—Rua Augusta—52, 54

1894

LISBOA

Tipografia e Estereotipia Moderna

11—*Apóstolos*—11

Ao Doutor

António Xavier Perestrelo

«*Os Meus Amores*»

_Folhas dispersas dos meus anos de ouro,
Vivo enxame das minhas alvoradas,
Tenho zelos de vós, folhas sagradas,
As Desdémonas sois de um outro mouro.

As brancas horas que eu em sonhos douro,
Essas horas febris, iluminadas,
Ei-las fugindo, em tristes debandadas...
Levais nas asas todo o meu tesouro.

Folhas: subi, voai ao céu tão alto,
Que o céu em estrelas vos converta e mude,
Lá nas longínquas ilusões que exalto;

Como as frementes águas de um açude,

Levai a Deus, no derradeiro salto,
O derradeiro adeus da juventude_...

Luís Osório.

IDÍLIO RÚSTICO

A Fialho de Almeida.

Quando atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atrás dele, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas, e não vinha das habitações o mais insignificante ruído. Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobressalto pelo chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadórios de pedra onde ficara de sentinela, ou de dentro das curraladas, onde levava a noite fazendo companhia aos novinhos. Donde em onde, galos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de boémios, nalguma estúrdia, a desoras...

Mas passadas as últimas casas, o silêncio condensava-se para toda a banda, numa grande pacificação de templo adormecido. Nem viva alma pela ladeira que levava ao rio, por um caminho em zig-zags. Fulgiam no céu azul-escuro cardumes prateados de estrelas. A toda a largura, a paisagem era torva e indecisa, imersa numa luz muito mortiça que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No entanto a manhã era calma; nem rumores de brisa pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao córrego por onde o rebanho tomara. Cigarras, grilos nas ervagens, rãs que coaxavam nas regueiras, era o mais que se ouvia acima do rumor brando dos chocalhos. Nem um balido de ovelha em todo o rebanho que se ia submissamente à mercê do pequeno pastor, parando se ele parava a colher as amoras frescas dos silvados, recomeçando marcha se de novo ele se punha a caminhar.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruído de um tiro, que o eco levou para longe.

—Não gastes pólvora, António!—recomendou o pastor.—Ouviste?

E logo a voz do guardador:

—Madrugas hoje, Gonçalo!

—P'ra que saibas: cá um homem não tem medo.

—Está bem. Adeus!

—Saudinha.

A esse tempo ia-se já definindo a manhã, na luz, no som, na cor. Invadia a amplidão da cúpula celeste uma tinta alvacenta, onde as estrelas feneciam no seu brilho. Ao alto, na ladeira de além, entravam de fazer-se nítidas as linhas sinuosas das cristas, onde enormes rochedos tinham altitudes de uma imobilidade misteriosa e sinistra... Neste assomo de alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras em bandos levantavam-se repentinamente, em voo perpendicular, e cortavam ares fora, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por detrás dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas imóveis, o rafeiro espreitava as ervagens secas, onde algum réptil passasse vagaroso.

—Busca, Turco!—fazia-lhe o Gonçalo que tinha medo às cobras.—Busca, valente!

À medida que descia a ladeira, um marulhar monótono de águas ouvia-se, mais e mais distinto. Era o rio que parecia perto; mas primeiro que lá se chegasse ainda era preciso andar... Era um poder de passos e de paciência,—reflectia o pastor, a quem aborreciam de morte os intermináveis torcicolos da vereda. Ia andando, descendo sempre, à frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquele céu ainda estrelado, o Gonçalo desabafou:

—Uff! até que enfim!—E pensava aliviado:—Nada mais fácil do que terem-me saído os lobos!...

Mas vista àquela hora, e no meio de tal silêncio, a corrente líquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças aterradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, numa luta desesperada com as águas, clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe aflitivo. A margem de lá, especialmente, era toda acidentada de rochedos informes, blocos medonhos, por entre os quais no Inverno o vento assobiava lúgubre, e as águas faziam remoinho, o que era um perigo para os pobres barcos que se aventurassem

incautos, num descuido involuntário—simples remadela pouco a tempo, manobra menos segura de leme, ou impulso errado de vara.

E então, cabeços enormes de um lado e doutro, projectando sobre o largo leito do rio a sua sombra pesada e desconforme, que mais triste fazia o sitio e parece que mais solitário, pois fechavam-no bruscamente, fazendo limitada a paisagem.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôs-se então a beber manso e manso, e sem o mínimo ruído.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia também.

—Tate, Gonçalo! Aquela chocalhada...

E imóvel, remordendo o lábio, com o ouvido à escuta, pensava:

—Ora se será ela?...

Súbito, estremeceu. Ante o seu espírito infantil perpassou, como um clarão de relâmpago, a imagem de uma rapariga, pastora como ele, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

—Ai, se fosse a Rosária!... dizia consigo.

E impondo silêncio ao rebanho, que acabara de beber, pôs-se atentamente à escuta do tilintar dos chocalhos na margem oposta.

«O rebanho parecia o mesmo, lá isso... Agora o pastor é que podia ser outro que não a Rosária...»

Senão quando, uma ideia lhe acudiu que o fez sorrir de contente. Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para diante o bernal, feito da pele de uma ovelha branca, morta pelas segadas, tirou de lá a sua flauta e pôs-se a tocar apressadamente um trecho de cantiga rústica.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

—Eh lá, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

—Uh lá, Rosária, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

—Não te esqueceu a moda, rapaz!

—Isso esquece ela!... Ouviste, Rosária?—Se outra fosse que ma tivesse ensinado...

Neste meio tempo já o Gonçalo retomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosária. Mas primeiro perguntou:

—Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

—Vem tu daí. Por cá sempre é outra coisa p'r'as ovelhas. Hã?

—Basta!

E dando o sinal da partida, o Gonçalo pôs-se em marcha. Daí a pouco, entrava mais o rebanho pela velha ponte mourisca, toda severa de construção nos seus três arcos lançados sem elegância, atufados de parasitas seculares que a faziam pitoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

A meio da ponte, mão piedosa fizera construir pequeno oratório ao Senhor Salvador, cujo rosto sereno, espreitando por grades de arame, diziam dar coragem a barqueiros e almocreves, que ante o pequeno e humilde nicho com respeito se descobrissem, e com devoção rezassem uma velha prece que era como um talismã precioso para livrar de maiores desgraças—naufrágios no rio, e então maus encontros por aqueles caminhos escabrosos, que eram um perigo constante para homens e animais.

Daí a pouco, as duas crianças estavam perto uma da outra, cada qual seguida do seu rebanho.

—Ora viva a Rosária!—disse o pastor muito alegre, parando defronte da cachopa.

—Bons dias, Gonçalo; então que ventos?

Entre os dois travou-se então um longo diálogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

—Por sinal que nem rês se vendeu!— lembrou o Gonçalo.

—Por sinal!—disse com pena a Rosária.

Mas ele contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava. «Vê-la agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja ele...»

—Mas se eu estive tão doente!—volveu triste a Rosária.

E como o outro acudiu a informar-se, ela explicou:

—Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E na sua ingenuidade infantil, contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com ele, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido, «tal e qual».

—Assim te Deus salve, ó Rosária?—atalhou rápido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos daquela pequena amiga.

—Assim; pois que dúvida?—tornou-lhe confiada a Rosária.

—Não!—disse agastado o Gonçalo.—Não hás-de dizer assim... Diz certo, hás-de jurar direito.

—Pois assim me Deus salve...

—Como é verdade...—Diz tudo, Rosária!—suplicava o pastor.

—Sim, volveu-lhe paciente a companheira,—como é verdade que sonhava que nos encontrávamos—concluiu por fim, muito risonha.

E sem disfarçar o júbilo, prestes o Gonçalo a certificou de que também não a esquecera. «Tanto é que tirava da flauta as cantigas todas que ela lhe tinha

ensinado.»

—Lembras-te?

A Rosária faz que sim com a cabeça. E logo, batendo na flauta de sabugueiro, o pastor apressou-se a declarar:

—Saem daqui sem falhar uma.—E resoluto:—Vá feito, Rosária, pede por boca!

A Rosária pediu então a *Pastorinha*.

—Eu é da que mais gosto,—explicou.—É a mais linda.

—E é!—concordou o Gonçalo.—Ora escuta lá.

E levando aos lábios a avena, pôs-se a tocar a *Pastorinha*, enquanto a Rosária, com a sua vozita em surdina, entrava a tempo com a letra:

Onde vás, ó Pastorinha,
Ai-li, ai-li, ai-li, ai-lé...

—Sabes essa! É mesmo assim!—disse-lhe a Rosária a rir-se.

—É como vês!—afirmou contente o Gonçalo.

Aos seus pés tinham-se deitado os rafeiros, e já os dois rebanhos, confundidos, andavam na pastagem.

—Olha as ovelhas juntas!—notou o Gonçalo.

—Também nós nos quedámos juntos,—volveu-lhe a pequena, sorrindo.—As pobres dão-se bem, são amigas...—continuou com júbilo.

—E nós também, ora também, Rosária?

—Também—respondeu afoita a pastora.

E foram-se ter conta no rebanho, que choviam as coimas e as denúncias.

* * * * *

A esse tempo, no céu alto e lavado a estrela da alva fenecera por fim, e o horizonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o céu em cúpula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias estranhas que iam despertar tudo, a cor da paisagem e a música dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos. Manhã de Verão, serena, tranquila, dulcíssima. Ia pelo ar um movimento extraordinário de asas—passarada alegre que saía agora dos ninhos e voava a matar a sede à borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinholas em recôncavos de rocha e tomavam para hortejos convizinhos onde a vegetação era mais rica de seiva e mais fácil a presa dos insectos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros. Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos, em torcicolos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos carregados de taleigos, e berrando-lhes cada *chó!* que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações próximas sinos chamavam para a missa de alva ou tocavam a ave-marias. Nas quintas e casas fumegavam os tectos, dizendo horas de almoço. De modo que o sol quando rompeu, solene e triunfante no céu imaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a natureza acordada para a labuta interminável do dia. Numa clareira elevada, dominando o rio e um trecho de paisagem para sul, tinham-se sentado os dois pastores e continuavam conversa.

Ao pastor parecia-lhe agora mais bonita a pequena amiga, com a sua cor trigueira levemente pálida desde que tivera as maleitas. Não se lembrava com que santa que ele tinha visto se lhe parecia agora a Rosária...

—Mas o cabelo assim cortado...—disse com mágoa, mirando-lhe a cabeça nua, e passando a mão pela dele,—é que te não fica bem!

«Melhor fora que lhe tivessem deixado as tranças. Negras, de mais a mais, que era como ele gostava...»

—Promessa da mãe se eu melhorasse—explicou a Rosária—Lembranças... A gente quando está aflita...

—...Quando está aflita...—repetiu como um eco o pequeno. E depois, amuado: —Se promete os olhos...

A rapariga fitou-o, espantada.

—...é porque tos tirava!—concluiu convicto.

Houve um momento de silêncio, em que o Gonçalo se pôs a escavar o chão com uma pedra, e a Rosária a torcer um fio saliente do seu vestido grosseiro. Ouviam-se as ovelhas chocalhando nas pastagens, ia a passar na rodeira, longe, um carro que chiava, com uvas para algum lagar.

—Não falas, Rosária?—perguntou o pastor sem levantar os olhos para ela.

—Também tu...—começou com medo a pequena,—logo te zangas! Olhem a lembrança dos olhos! Se a mãe fazia isso, credo!—E depois animando-se:—Já foste à Senhora dos Remédios?

O Gonçalo fez sinal que não tinha ido.

—Pois foi lá que deixámos as tranças, eu mais a mãe. Num prego ao lado do altar, um lacinho verde nas pontas. Ficou lindo.

O pastor teve um movimento de enfado, não lhe agradava a conversa. E para acabar com ela:

—Que enfim como melhoraste...—fez que concordava, pondo o bilro a girar.—Olha como dança...—E depois, mais pensativo, batendo com o bilro nos dentes:

—Que às vezes as promessas pouco fazem...—E interrompendo:—Sabes quem fez este bilro?

—Foste tu, aposto.

Bateu no peito e fez com a cabeça que sim, mostrando-lho orgulhoso—«que visse os *torneados*.» Depois continuou:

—Vai uma pessoa andando e os santos não se importam. Ora, os santos!—Olha a minha Joaquina, tu não conhecestes. A gente bem rezou e bem promessas fez, mas ela foi-se.

E pondo-se de joelhos, começou a procurar pelo rebanho.

—Aquela ovelha, a branca, não vês? A que se vai agora deitar... Pois era p'ra Nossa Senhora, repara que é a melhor.—E deitando-se para trás:—Lá anda ela a pastar!—concluiu desalentado.

—Mas tinha de ser,—volveu-lhe triste a Rosária,—que as promessas sempre fazem, lá isso...

E convicta, a pequena contou casos acontecidos para convencer o Gonçalo de que sempre valiam as promessas. No entanto, deitado de costas, com a jaqueta a fazer de travesseiro, as pernas em ângulo tocando-se com os joelhos, o Gonçalo soprava pela palha o bugalhinho que constantemente ia subindo e descendo, acompanhado pelo olhar bondoso do cão que ali perto se deixara estar sentado. E contando, contando casos, a Rosária ia entretendo o pastor. Mas quando ela fazia pausa, logo o rapaz acudia, firme na sua objecção:

—Ora! mas a nossa Joaquina morreu-se! Coitadinha da Joaquina!

* * * * *

À medida que o sol ia subindo, no céu glorioso e fulvo, iam os dois conduzindo as ovelhas para sítios mais ensombrados, para se livrarem da estiagem que ia valente. Calor de rachar, ali por volta do meio-dia, que foi quando tomaram para a banda das azinheiras, e para os pinheirais, depois. E sempre ao lado um do outro, os dois companheiros levaram de conversa quase o dia inteiro. Nunca tinham dado fé que as horas passassem tão depressa. Ainda armaram aos pássaros, mas foi o mesmo que nada, os demónios andavam espantados e já conheciam as esparrelas.

—Olha lá não caiam,—tinha dito o Gonçalo, já cansado de estar à espreita, agachado, com o fio da armadilha preso ao dedo.—Se eles fossem tolos...

E foi-se a recolher as esparrelas, dando ao demónio os pássaros. Ela então propôs que jogassem a pocinha.

—E o fito, ó Rosária? Sabes jogar ao fito? No adro, aos Domingos de tarde, bato-me com qualquer, sabias?

E generoso:—Mas a ti dou-te partido: vinte e cinco às quarenta...

Como o tempo rendia, jogaram tudo—a pocinha, o fito, as necas, a bilharda. Na bilharda, como o rafeiro trazia à mão, era ele que ia buscar o pauzinho, quando zinia longe.

—Turco, traz cá!

* * * * *

No entanto, ia descaindo a tarde. Ao alto, o largo céu esmorecia no seu azul suavíssimo. Em todo o espaço o ar estava tranquilo e sereno, e já começava para poente a decoração fantástica do ocaso. Parece que se ouvia mais distinto o marulhar das águas no rio; já não faiscava assim tão viva a areia branca das margens.

Foi quando o Gonçalo lembrou que era melhor irem-se chegando, mais as ovelhas, para as terras onde tinham de pernoitar. E fitando fixamente os olhos negros da Rosária, disse-lhe assim:

—Mas olha o que prometeste... Inda vais feita no que disseste?

«Ora que lhe custava a ela! Já que as ovelhas tinham andado juntas todo o santo dia, que mais era que dormissem no mesmo curral, essa noite?»

—E o mais, ó Rosária?—perguntou de novo com interesse.

A pequena ficou perplexa. Mas como o pastor não cessava de a olhar, respondeu:

—Também.—E sorriu-se.—Pois eu...

Só depois desta segunda promessa o Gonçalo se levantou, e deu o sinal de partida, assobiando aos cães.

Daí a pouco, estavam de marcha para o curral, Quando passavam a velha ponte, a obliquidade dos raios do sol fazia alongar desmedidamente pelo areal a sombra dos três arcos. Nas rugas da corrente, uma luz alaranjada tremeluzia, tirando à água a sua translucidez normal.

—É bonito!—fez notar o pastor.

A Rosária explicou logo:

—São as moiras a caçar com redes de oiro, sabias?

Para a outra banda, um pouco mais abaixo, assomavam à flor da corrente as cabeças dos dois rapazotes do moleiro. Dentro da *chata* que vogava serenamente, a mãe com o mais novito ao colo não os perdia de vista, enquanto

o pai, em mangas de camisa, de pé num topo de fraga, lhes ia ensinando as *manobras*. Ao fundo, três vitelas passavam o rio a vau, muito devagar, parando a espaços, alongando o pescoço para a veia de água serena, bebendo mansamente. Sobre o vitelo das malhas brancas, o guardador cantarolava, acenando com o chapéu ao moleiro—«boas tardes! boas tardes!» Ao sair da ponte, o rebanho teve de se afastar um pouco do caminho: aproximava-se um almocreve com a longa fila de machos carregados, tilintando campainhas.

—Adeus pequenos! cumprimentou.

—Venha com Deus!—tornaram-lhe ambos.

E de novo se puseram em marcha. As ovelhas continuavam confundidas, confraternizavam os cães como bons e leais amigos. À frente, o Gonçalo ia tocando na flauta o mesmo que a Rosária cantava. O brando rumor dos chocalhos, que se levantava de todo o rebanho, casava-se com a música, fundindo-se numa nota subtil, de um pitoresco ingénuo de balada...

Até que chegaram a um topo de serra, escurentado de matagal rasteiro, e então, parando um momento, o Gonçalo perguntou, colocando na sua frente a Rosária, e pondo-lhe à cara a flauta, na direcção em que devia olhar.

—Vês além... neste direito? Resvês do castanheiro, não enxergas?

A outra fez que sim com um gesto, e interrogou:

—Então é ali?

—Ali mesmo—volveu-lhe já de marcha.

E repousando a mão direita sobre o ombro esquerdo da rapariga, repetiu-lhe muito contente:

—É mesmo além.

Numa terra de restolho, um largo quadrado de cancelas marcava o espaço que as ovelhas tinham de ocupar essa noite.

—Falta pouco; a gente vai pelo atalho que é só mau p'ra quem passa a cavalo.

E como ele ia expansivo, e a companheira não dava palavra, quis então saber:

—Estás triste, ó Rosária?

—Triste... não. Já agora... tem de ser—volveu-lhe cabisbaixa.

—Huum! Arrependeu-se...—volveu consigo o pastor.

* * * * *

Até que por fim chegaram, tinha anoitecido havia instantes. Gado para dentro e toca a merendar; o que era de um era doutro: ele ainda trazia azeitonas, um naco de queijo, pão. Mal acabaram de comer, o Gonçalo apontou para a cabana que ficava ali perto, e propôs que se deitassem: estavam moídos da soalheira de todo o dia e da caminhada agora.

Quando o Gonçalo e a Rosária entraram na cabana e se deitaram sobre o colmo, cobrindo-se com as mantas, e achegando para a cabeça um do outro os bornais que faziam de travesseiro, cerrara de todo a noite, e formigueiros de estrelas cintilavam vivezas de prata polida no azul indefinido do céu.

—E os lobos?—perguntou a Rosária com medo.

—Não há perigo—tranquilizou-a o Gonçalo.—Isso é lá com os cães.

* * * * *

Pouco a pouco, foi-se extinguindo no curral a música triste dos chocalhos. A ladar, os cães faziam eco. O rebanho devia dormir profundamente, imerso no mesmo sono em que jazia prostrada toda a Natureza, ao largo. Dentro da cabana, os dois conversaram algum tempo, num ciciar brando de vozes, até que por fim, vencidos da fadiga, se deixaram adormecer,—quando a história das moiras encantadas ia no seu melhor episódio...

E lá no alto céu, mesmo sobre a cabana, a estrela da tarde não era nem mais pura nem mais luminosa do que a alma simples e boa daquelas duas crianças...

Quando ao repontar da manhã se levantaram, e saíram a ver o céu...

—Bonito dia, Gonçalo!

—Bonito dia, Rosária! Olha...

...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas iam voando...
voando...

SULTÃO

(Copiado do Natural)

Ao meu Henrique e a Beldemónio, seu amigo.

I

Ao cair da tarde, o Tomé da Eira entrava em casa, cansado, esfalfado de andar um dia inteiro a mourejar no campo.

—Meus pecados, boa tarde!—dizia ele para a mulher, com um sorriso a afectar seriedade.

Vinha logo o pequeno, o Manuel, de mãos postas pedindo-lhe a bênção.

—Deus te abençoe.

—Pai, olhe que o «Sultão»... ia a dizer o pequeno.

—Bem sei! atalhava logo o Tomé.—O «Sultão» é um maroto e tu és outro.

E enquanto procurava no bolso da jaqueta a sua bela navalha de *meia-lua*, que lhe custara um pinto havia bons quinze anos, e abria a gaveta do pão, o Tomé punha-se a fazer de interesseiro consigo mesmo, resmungando alto p'ra que a mulher o ouvisse:

—É que por este caminho não tenho um dia descansado... Nem uma hora...

Vinha a mulher com as azeitonas, com o queijo, sem dar palavra.

—...Pois vamos já que já era tempo... Porque p'ra mim há-de chegar... A

modos que vou já cansando...

Mas o Tomé não era homem que dissesse estas coisas de coração. Pareciam-lhe longos, intermináveis, os aborrecidos Domingos que passava sem ir campos fora, madrugador como um melro.

—Uma aquela como outra qualquer! dizia o bom do Tomé encolhendo os ombros, como quem está desgostoso com um génio assim.

Partiu uma ampla fatia, um naco de queijo muito branco, do leite da sua cabrada, e veio sentar-se, consolado, ao fundo da larga escada de pedra que dava para a rua, arregaçado, em mangas de camisa, muito à vontade.

Costume velho do Tomé:—mal se sentava, mastigando o «bocado», dizia logo para o filho:

—Ouves, Manuel? Bota cá fora o «Sultão».

O rapazito corria o caravelho de uma pequena porta lateral, que rangia nos gonzos ao impulso dos seus bracitos roliços, e punha-se a pular de contente, dizendo cá da rua:

—«Sultão»! Sai cá p'ra fora, «Sultão»!

No fundo negro do pequeno cortelho, na moldura rectangular da porta baixa, destacava-se então a cabecita parda de um jumento, orelhas em riste, grandes olhos de uma tristeza perpétua, num movimento moroso de pálpebras pestanudas...

E ali se quedava parado, absorto, muito bem posto nas suas pequeninas pernas delgadas, a olhar o Tomé que o chamava,—um grande riso de alegria nas feições amorenadas, contente de ver o seu «Sultão».

Mas o pequeno jumento não avançava um passo, divertindo-se em arrelhar o Tomé, fitando-o com um ar estagnado. Altivo na sua nobre linha de quadrúpede de boa raça, alguém lhe poderia ler no olhar, mole e impassível, o frio, gelado desprezo a que parecia votar o dono...

Mas era àquilo mesmo que o bom do lavrador achava graça. E punha-se então a falar muito sério, entre resignado e cortês, para o pequeno e desdenhoso jumento

—o pão e o queijo esquecidos numa das mãos, na outra a navalha de *meia-lua*:

—Então, «Sultão», não vens?

—Não! parecia responder-lhe o animal. E abstracto, continuava a envolvê-lo no seu olhar profundo. A quebrar a harmonia daquela imobilidade de estátua, apenas de quando em quando uma pequenina patada na soleira, zap!

—Zangado, «Sultão»? perguntava o lavrador.—De mal comigo?

E prestes voltava a cara para a outra banda, para se rir à vontade...—que não fosse vê-lo o «Sultão»... Metia entre dentes um pedacito de queijo, logo uma côdea de pão, e fazendo umas grandes rugas na testa, de quem começa a zangar-se, voltava-se então muito sério:

—Ficas aí, «Sultão»? Já não és meu amigo?

O jerico abatia um pouco as orelhas, inclinava o pescoço, parece que fazendo-se humilde...

—Então se és, anda daí. Olha...—E mostrava um pedacito de pão.—P'ra ti se vieres...

O «Sultão» dava três passos, e ficava fora do cortelho. E por se vingar, o Tomé carregava o semblante numa seriedade muito pesada, e erguendo o rosto iracundo chamava-lhe interesseiro, maroto, afirmando que já lhe não dava o pão. E desfechando-lhe enfim a ameaça de o vender a um cigano, entrava a tratá-lo por senhor—sôr «Sultão»...

Mas o pequeno jumento ia andando muito devagar... andando... orelhas baixas, pescoço caído, a modo de arrependido, parece que pedindo perdão da arrelia.

Nervoso, sapateando, o Tomé voltava a cara para a outra banda, a rir como um perdido.

—Diabo do jerico! diabo do ratão! Capaz é ele de fazer rir as pedras, o mariola!
—E tossia de engasgado, uma migalhita de queijo na goela.

No entanto, o «Sultão» ia avançando, muito ronceiro, até que tocava com o focinho, levemente, nos joelhos do lavrador. O Tomé sacudia-o:

—Sai-te p'ra lá! dizia ele muito amuado, sem se voltar.—Cuidas talvez que te não conheço, cuidas? Já te não quero, vai-te!

Mas como que irreflectidamente, fingindo não querer, chegava-lhe ao focinho um pedacito do pão, o melhor da fatia. «Sultão» lançava um olhar oblíquo, entre sorrateiro e medroso, levantava cautelosamente o beijo superior, a tremer, e roubava-lho da mão.

Pazes feitas! Era então rir a perder, numas casquinadas agudas, muito estrídulas.

—Credo, homem! dizia de cima, da janela, a Sr.^a Josefa.—Até pareces doido!

—Você assim rouba seu dono? Diga! Você assim rouba seu dono? perguntava o Tomé, nuns grandes gestos.—Vamos que eu lhe não queria dar da merenda? Ladrão, de mais a mais!... Ora bem! agora brinque.

Era precisamente o que o Tomé queria:—ver o «Sultão» a brincar.

...Nada, com efeito, meus amigos, que mais divertisse o bom do lavrador, e melhor o indemnizasse daquelas fainas laboriosas que lhe consumiam os dias, imperturbavelmente, perpetuamente, sob sóis causticantes e chuvas torrenciais.

Por isso, era de ver como ele ria, com uma boa vontade deliciosa, das «partidas» e «diabruras» do «Sultão»! Às vezes, o pequeno jumento, ferido não sei por que vespa invisível, despedia sem mais nem menos numa carreira aberta, focinho entre as pernas dianteiras, agitando a cauda, por aquela rua fora. Rompia de toda a banda num alarido o rancho pacífico das galinhas, que já no ar andavam como doidas, cacarejando, como se um pé de vento as levasse. Acudia gente aos postigos, às portas, às janelas, a ver a polvorosa; e súbito se inundava a rua de rapazes, rotos, descalços, alguns quase nus, correndo atrás do burro, gritando-lhe, acenando-lhe, espantando-o—como se o mesmo vento de folia os houvesse varrido a todos, varrendo a própria rua... E um lá ia a terra, e sobre esse passavam os outros, e sobre todos voava o «Sultão», apupado, perseguido, aclamado, na malta espavorida dos inimigos...

—«Sultão»! eh lá! «Sultão»!

Súbito, como se lhe estalasse a corda, o animal estacava, e logo de volta dele postava-se a rapaziada, mas num alor de nova fuga, não lhe desse na bolha atacá-los... E abriam alas de repente, quando ele, tomado de novo acesso, voava para

as bandas do dono, que por se não deixar atropelar investia com o «Sultão» de braços abertos, o que era, já se vê, um modo de o abraçar, fingindo medo. E vinham as gargalhadas estrídulas, os rogos para que pusesse tréguas, as súplicas para que se acomodasse, recuando o lavrador até ao último degrau da escada, onde se deixava cair,—derrotado!

—P'ra lá, «Sultão»! p'ra lá! fazia então o Tomé, opondo-lhe os pés, desviando-o, apoiando-se nos cotovelos, muito inclinado para trás, a rir como um perdido.

Então o pequeno jumento estacava, ofegante. Mas prestes rompia a girândola dos coices, em que era exímio, sacudindo muito as patas, cauda no ar, muito direita, ao mesmo tempo que o Tomé solícito dava aos rapazes o aviso de se arredarem—«porque era doido, aquele demónio»!...

Outras vezes, parece que variando de tática, entrava de seguir muito cauteloso, num ronceirismo pérfido, como um borrego ou como um cão, certa mulher que passava. Até que lá ia uma focinhada, e logo após os saltos do costume, respondendo com uma ameaça de pinotes à surpresa da viandante.

—Dê, tia Luísa! bata nesse maroto! fazia de lá o Tomé, com ares de zangado. E depois, batendo o pé, pedindo que lhe dessem uma verdasca:—«Sultão»! venha já p'r'aqui! intimava.

E se encontrava um cão? Se encontrava um cão, ia logo direito a ele, muito devagar, cauda caída, orelhas murchas, num cumprimento humilde de focinho. O cão regougava, desconfiado, entreabrindo a dentuça, preparando a sua dentada. Não dava o «Sultão» sinais de medo, e humilde prosseguia para o outro, propondo paz. Mas ao primeiro latido, recuava um passo, espertando da sua indolência passiva; e de espinha arqueada ganhava o terreno perdido—fitando impassível o cão... O bruto formava então o salto, regougando forte, o pêlo eriçado; e ao investir para a primeira dentada, salvava-o de um pulo o «Sultão», evitando-o, até que por compaixão lhe dava um pequenino coice, «mais feitio que outra coisa», pondo em fuga o mastim, corrido, ganindo, vencido:

—Eh! valente! gritava-lhe então o Tomé.

E com duas palmadas na anca, espantava-o enfim para o cortelho, dizendo ao correr a caravelha:

—Não há dinheiro que te pague, assim me Deus salve!

E comido o caldo-verde da ceia, nunca o Tomé da Eira ia para a cama sem primeiro descer a ver o «Sultão»,—de candeia na mão esquerda, e na direita, contra o sovaco, a bela quarta do grão, acogulada.

Muitas vezes acontecia esquecer-se o Tomé a vê-lo comer, de candeia atenta, encostado à manjedoura, sorrindo: e, de cima, a Sr.[^]a Josefa tinha de intervir então, gritando-lhe pelas frinchas do sobrado:

—Tomé, vê se te vens deitar, meu pasmado! olha que são horas.

E piamente, como fanático, achava verosímil a lenda da burra que falou,—história que uma tarde, passando, o abade lhe contara. Tanto que mais de uma vez, dando ao burro as boas-noites, estranhou com certo desgosto que o «Sultão» lhe não respondesse:

—Boas noites!

* * * * *

Mas o demónio, que sempre as arma, armou-lha também um dia! Foi ao cortelho, de manhã cedo, e não encontrou o burro. Ficou parvo! Pôs-se a mirar, espantado, a loja que lhe pareceu enorme, e além de enorme—gelada...

—Ó Josefa! Josefa! entrou de gritar da rua.—Ó Josefa!

A mulher assomou à janela, sobressaltada.

—Queres apostar que me roubaram o burro, ó mulher?!

—Que te roubaram o quê? fez a Sr.[^]a Josefa, muito atónita.

—O burro, o «Sultão»! Vem cá ver que mo roubaram!

E como ao tempo acudira já o Manuel, em camisa, descalço, romperam todos três na gritaria, defronte do cortelho vazio:

—À d'el-rei! À d'el-rei! À d'el-rei!

Até que o regedor, que era compadre, intervindo estremunhado, pôs na peugada do burro, mais dos larápios, os cabos que compareceram.

Mas em vão! Um a um foram regressando, pelo dia adiante, e desfechando ao peito abatido do Tomé a negra e vazia palavra:

—Nada!...

II

Dois anos depois. Tarde de Agosto. Ao longe, fechando o horizonte que a eira dominava, as arestas dos montes quebravam-se numa sombra igual, e embaciavam ainda o poente as suaves, brandas pulverizações doiradas da última luz do sol. Riscos vermelhos de nuvens, como grandes vergas de ferro levadas ao rubro, destacavam imóveis num fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja. Pequenos algodões transparentes, com alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul. Num deslado, sob os castanheiros próximos, surgiam os telhados da aldeia, a torre branca da igreja, as paredes caiadas da escola.

A vasta eira comum, levemente acidentada, apresentava àquela hora o aspecto tranquilo e de paz de uma grande oficina em repouso. Poucas «medas», iam no fim as colheitas: mais uma semana, duas quando muito, e estaria tudo recolhido. Já sobre a palha das «parvas» ou ao sopé das «medas» altas, entre os utensílios da trilha e a criançada estrídula que brincava, os da lavoura descansavam—vermelhos da soalheira intensa de todo o dia, alguns deitados, em mangas de camisa, peito nu, arregaçados os braços musculosos, numa prostração regalada de matilha que alfim tem a sua hora de sossego, após um dia de caçada. Parecem prostrados da fadiga os próprios malhos, os trilhos, as pás, os «baleios» que levaram todo o santo dia varrendo o chão em volta das «parvas». E aqui e ali, dando uma sensação agradável de fartura, perfilam-se os altos sacos no meio das rasas, extravasando de grão. Além, gente em mangas de camisa, ao redor de um grande montão de palha triturada, vai «limpando»—visto que sopra um «ventinho». E sente-se sobre as pás a chuva do grão, ao mesmo tempo que a palha, voando, faz monte da outra banda, e os «baleios», em mãos de mulheres, não cessam de arrebanhar o grão, varrendo em roda num afã... Em certo ponto, carros vazios; um além, de altíssimas «angarelas», vai-se enchendo de palha; enquanto outros, atulhados de sacos, em rimas entre as cancelas mais baixas, estridulamente chiando abalam para as tulhas, levados pelos bois gigantes.

Eiras além, livres dos trilhos que ficavam em cima da palha, levadas de bois

caminhavam vagarosamente, as largas orelhas pendentes, caudas oscilantes afagando nas ancas espaçosas o luzidio pêlo. E lá vão encosta abaixo, roçando pelos troncos ásperos dos castanheiros a enorme corpulência, fartar o largo bandulho à serena água das ribeiras, sorvendo vagarosamente, impando a cada sorvo, pesadamente, monotonamente, parece que insaciáveis no meio da água em que se atolam, submissa...

Ao fundo da eira, rente aos castanheiros escuros, um rancho de mulheres cantava alegremente, em coro. Acabara de ensacar-se o último grão da farta colheita do Tomé da Eira.

—Colheita rica, sim senhor! vinham dizer-lhe os vizinhos.—A primeira da aldeia!

—Qual? isso sim! vão vocês ver a tulha. Muita palha, é que vocês hão-de dizer, muita palha e pouco grão...

E muito azafamado, sem prosápias de maioral nem jeitos de soberba, as mangas arregaçadas pelos cotovelos, o Tomé ia e vinha, dando ordens, repetindo avisos, distribuindo aqui e além as últimas tarefas.

—Aí vai um saco, ó tu! É p'r'as «rabeiras». Que não fique nem um grão, ouviram? É aviar, toca a aviar! Cautela que não fique por aí alguma coisa esquecida: essas pás, esses «baleios», tudo isso. Margarida! ó Margarida! qu'é da tua rasa? Deixa! se vai no carro está bem.

E era como um doido a meter-se no serviço de todos, muito expedito, loquaz, alegre, pedindo pelas bentas almas que se não deixassem agora dormir...

—Vamos lá! vamos lá! As pás, ó tu que cantas? Deixa-me por aí alguma, que eu depois te ensinarei, ouviste?—Que faz aí no chão esse «rasouro», ó coisa?—Olha p'r'o que estás a fazer, tu: esses sacos que fiquem bem atados.

O criado, que ia abalar com a carrada, perguntou, já de «aguilhada» no ar, se era preciso mais alguma coisa.

—Não, podes ir. Ouves? lá em casa que tenham a ceia a horas. Avia-te. Ouves, Francisco? Não piques os bois, a carrada é valente. A passo, deixa ir os animais a passo. Vai-te.

Como o carro chiava, levantou a voz para dizer:

—Olha, descarrega na tulha do meio. Na tulha do meio, não ouves? Os bois para o lameiro.

Mas o Francisco apontou dois sacos que ficavam:—«seria preciso vir por eles?»

—Não vale a pena, lá irão.

E depois, para aquela gente, observou que bem sabia ele quem os levava, aqueles dois sacos...

—Com mil demónios! Apostar que vocês não adivinham?

«Eles sabiam lá?... Quem quer podia levar os dois sacos, olhem agora!»

—O «Sultão», sabem? o «Sultão»! Esse é que os levava. E digo-vos então que valia o dobro a colheita, assim me Deus salve!

Alguns riram da lembrança. «Tinha graça que a cisma do animal não lhe passava nem à mão de Deus Padre!»

—A modos que isso é já mania, ó Sr. Tomé?

Nisto, porém, o lavrador soltou um «oh!» de surpresa. Voltaram-se todos—«que era?» Na estrada que a eira dominava, um homem ia passando, a cavalo.

—Vocês não querem ver, ó rapazes?! perguntou o lavrador, fazendo-se pálido.—Aquele burro, hein? se não é o «Sultão» é o diabo por ele...

Recordaram:—«estrela malhada na testa, a mão direita branca»...

—É ele, com um milhão de diabos! não há que ver! E aquele é o ladrão!

E cusbindo nas mãos, e arregaçando mais as mangas da camisa, arrancou, de um abanão, o cabo de uma «espalhadora» e botou a fugir direito à estrada.

Prestes ouviu-se um berreiro, as mulheres do rancho em alarido:

—Que o mata! gritavam todas.—Ai que o mata! Acudam! Ai a desgraça! Nem a alma lhe deixa! Acudam!

Os homens deitaram a correr atrás dele, afluía gente de todas as bandas da eira, os cães ladravam.

—Então, Sr. Tomé? olhe que se perde, Sr. Tomé! diziam-lhe, já agarrados a ele.

—Largue o cabo, que se desgraça! Tudo se faz a bem, Sr. Tomé, largue vossemecê o cabo!

—Qual bem nem qual diabo! Qual larga? Arreda! Racho-lhe as costelas, mais a vocês, se me não largam! Arreda!

E esbracejava furioso, levando-os de roldão, agarrados a ele mais ao cabo. Chegou a ferir um, os outros desanimaram por instantes.

—Vê, Sr. Tomé?!

«Não via nada, não queria ver coisa nenhuma! Arreda!» E num rompante de ira, abrindo brecha com um «sarilho», de um pulo saltou à estrada, aos tropeções nas pedras que encontrava, mal se equilibrando.

—Abaixo! intimou.—Você é um ladrão!

—Um quê?

—Um ladrão! É meu esse burro! Hei-de matá-lo aqui, seu patife! Deixem-me! larguem-me! Há-de aí ficar estendido, como um cão!

E no meio da malta em alvoroço, com a arreata do burro na mão esquerda, e na direita o minacíssimo cacete, berrava que o deixassem, que ia tudo raso—«com seiscentos milhões de diabos!»

Seguiu-se altercação, vieram razões de parte a parte, insultos.

—Já lhe disse que você é um ladrão!

—Ladrão será você!—tornou-lhe o outro já de pé, avançando de punhos cerrados.—E não mo diga outra vez, que o racho!

Aflitas, algumas mulheres voltavam-se, de mãos postas, para a capelinha próxima, rogando o socorro da Virgem. O lavrador entrava de tremer como varas verdes, desfigurava-o a raiva, uma saliva muito branca bordejava-lhe os cantos

da boca. Pela camisa rota, via-se-lhe já um pedaço de ombro. Tinham, alfim, conseguido arrancar-lhe o cacete, mas agora esbracejava, punhos no ar sobre aquelas cabeças em desordem.

Já, para uns certos do grupo, o homem do burro se desculpava:—«tinha-o comprado a uns ciganos, fossem lá adivinhar que o burro era roubado...»

—Vê, Sr. Tomé? acudiram logo uns poucos.—O homem não tem culpa.—E gritavam-lhe aos ouvidos:—Não tem culpa! Comprou o animal na boa fé. Vês— aí está!

—Mente! objectava incrédulo o Tomé, cada vez mais irado.—Mente!

—Mente?! perguntava o outro de lá, assanhado.

—Como um judeu! cuspia-lhe da outra banda o Tomé.

De modo que para o convencerem, foi preciso afinal levá-lo quase à má cara, chamar-lhe homem de rixas, despropositado, bulhento. Ele então, abrindo os braços como se fosse para nadar, sossegou um pouco, amainou,—prometeu levar aquilo com paciência, às boas. Chegou quase a pedir desculpa, limpando com a manga branca as bagas das camarinhas.—«Mas tinha perdido a cabeça, que lhe queriam?»

Chegou-se por fim a um acordo. «Sim, senhores, acomodava-se, mas punha uma condição: largasse ele o burro, e o burro é que havia de resolver...»

—Serve-lhe o contrato?

—Qual contrato?

—Mau! Larga-se o burro, você entende? deixa se o burro às soltas. Depois, é p'ra onde ele for. Se o burro larga p'ra trás, lá p'r'as bandas donde você vem... Você donde vem?

—Dos Casais.

—Pois aí está. Se o burro tomar p'r'os Casais, o burro fica seu...

—E tomando direito à aldeia, é do Sr. Tomé,—concluíram alguns do grupo,

conciliadores.

—Nem mais! Serve-lhe assim? Diga se lhe serve assim.

Por um desfastio, o outro concordou. Mas lá lhe parecia história que o burro tomasse para a aldeia... Vinha de tão má vontade, que até lhe custara tirá-lo de casa.

—Olhe que vai pr'os Casais! Digo-lhe então que vai pr'os Casais...—afirmou.

—Melhor p'ra você. Mas nós veremos p'ra onde vai. Você está pelo dito?—quis saber o Tomé.

—Sim senhor, estou! Pois que dúvida tem que estou? disse-lhe o outro num rompante. Olhe: uma, duas, três; às três largo-lhe a arreata.

Ia já a abrir a boca para dizer—«uma!»

—Alto! fez o Tomé. Espere lá um pouco. Primeiro hei-de fazer duas festas ao animal.

E pôs-se a bater-lhe na anca, no pescoço, no peito, demorando-se um pouco a fitá-lo de frente, «para que o animal o conhecesse.»

—«Sultão»! gritou-lhe de repente. Eh! «Sultão»!

O burro estremeceu... Dir-se-ia que no fundo da sua memória, a lembrança porventura adormecida daquele nome despertara subitamente...

—Eh! Eh! riu-se muito satisfeito o lavrador. O burro, agora, vira-se p'ra ali. Isso. Nem é p'r'os Casais nem p'r'o lugar. Assim. Eh! Eh!

E afastou-se para o lado, aguardando.

Uma ansiedade dominava naquele momento os do grupo; o Tomé pôs-se a roer as unhas, nervoso...

—Então você porque espera? perguntou.

Ouviu-se logo a voz do outro, dizendo:

—À uma!...

O Tomé sentiu um calafrio; sapateava nervoso, cheio de medo, o olhar de esguelha, e entre os dentes ferrados o polegar da mão direita...

—...às duas!

—Ih! c'um raio!... dizia baixo o Tomé.

E sem querer, os olhos cerraram-se-lhe com força.

—...às três!

Foi então um barulho de palmas, um berreiro atoador de vivas e gargalhadas! O Tomé vencera: corriam todos a abraçá-lo, afirmando que o caso era para foguetes.

—Viva o Sr. Tomé! Viva o «Sultão»! Aquilo é que é burro!

—Aquilo é que é amigo, hão-de vocês dizer!—emendava o Tomé a rir. Tenho-os com dois pés, que não valem metade...

—Oh! Sr. Tomé! protestavam alguns.

—Isto não é com vocês, mas é como quem se confessa... Está visto que não é com vocês.

E ria, ria como um perdido, enquanto, estrada fora, o «Sultão» corria que voava, cauda no ar, corda de rastos, perdendo-se por fim lá ao fundo, na poeirada imensa da estrada, como que nimbado num resplendor de apoteose. E na peugada do burro, esbaforido e como doido, seguia agora o lavrador, após o fraternal abraço, pregado no dos Casais...

Quando o Tomé chegou a casa, ofegante, a suar, cheio de gestos e de palavras entrecortadas de riso, já o «Sultão», relinchando, pateava à porta do antigo cortelho, numa grande impaciência, um «rap-rap» contínuo na soleira.

—Venham ver! Venham cá ver! berrava o Tomé para a vizinhança. Ó António! Ó compadre! Ó Maria Engrácia!

Às janelas assomava gente, perguntando se era fogo.

—Qual fogo, nem qual carapuça! É o «Sultão», mas é! Este inimigo! Ó Josefa! Josefa! cá temos o burro, este demónio. Assoma.

Ora imaginem agora os senhores, se podem, a efusão do lavrador. Abraços? E até beijos. Aquilo era um tesouro perdido que reaparecia alfim. A mulher, do alto da escada, benzia-se, perguntando se o seu homem teria endoidecido...

—Palavra de rei, «Sultão», palavra de rei! Anda daí pelos sacos. São só dois. Ó Josefa! Ouves? p'ra cá esse garrafão que está ao pé da arca, avia-te. A caneca também, ouviste? Essa das riscas vermelhas, a maior.

E atirando as mãos ambas para a albarda, montou muito regalado, de um pulo.

—Ah!

A senhora Josefa assomava, ajoujada com o enorme garrafão.

—Anda, mulher, põe aqui diante de mim. Avia-te.

Ia a boa da senhora Josefa arriscar uma observação, um conselho, qualquer coisa de tomo...

—Adeus, minhas encomendas! Não me fanfes, mulher, não me fanfes. Põe aqui, que mando eu, avia-te. Assim. Está bem.

—Nome do Padre...

—Então que lhe queres? Deu-me agora p'r'aqui!

—Nome do Padre, nome do Filho...

—A caneca! Venha de lá agora a caneca!

—...nome do Espírito Santo!

—Passa bem, ó mulher,—concluiu às gargalhadas, entre as gargalhadas dos demais.—Ouves? Quando o Manuel vier dos ninhos, esse maroto, manda-mo às eiras. A trote, «Sultão»! Eh! valente!

E lá parte, veloz como uma seta. Já de longe volta-se do repente:

—Josefa! ó Josefa! nesse alguidar do meio umas sopas de vinho p'r'o «Sultão», ouviste? No do meio. O grande é muito grande, e esse pequeno não presta. Ouves? mas quer-se coisa que farte, bem entendido.

E de novo despediu como uma flecha, abraçado ao garrafão. Arreata para a direita, arreata para a esquerda, pernas a dar a dar, ele lá vai numa corrida, sumido numa onda de poeira, até chegar às primeiras «medas».

—Vinho, rapaziada! Ó Maria do Carmo, toma lá uma pinga, mulher! Lá por andarmos de mal há 15 anos isso acabou-se!

E o Tomé atravessou a eira sempre a cavalo no «Sultão», caneca de vinho para a direita, caneca de vinho para a esquerda.

* * * * *

Meia hora depois regressava, o «Sultão» pela arreata, o Manuel no meio dos sacos, e adiante do Manuel o belo garrafão—sem pinga...

Pelo caminho, a todos o Tomé contava a história, a rir como um perdido, num ah! ah! de gargalhadas sonoras, muito íntimas.

—Colheita rica, sim senhores, um colheitão!

E parando à porta, ainda a mulher se benzia do alto da escada, mexendo e remexendo o alguidar de barro:

—Nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo.

...Ao mesmo tempo que o Tomé, abrindo os braços, respondia reclamando as sopas:

—Ámen!

ÚLTIMA DÁDIVA

Ao dr. A.A. da Fonseca Pinto.

Distante do rio apenas um tiro de bala ficava o horto do José Cosme, belo horto ainda que pequeno, todo mimoso de frutas e hortaliças, fechado entre velhas paredes musgosas, atufadas em silvedo, comunicando com a estrada por um pequeno portelo mal seguro. E eis ali quanto ao pobre homem restava dos seus antigos haveres:—o horto, a um canto a nora, e perto da nora, sob a umbela tufada e virente da antiga magnólia gigantesca, a mísera casinhola de alpendre, apenas com uma porta e duas janelitas laterais mas toda pitoresca das heras que a revestiam, que lhe pendiam dos beirais enlaçadas com as trepadeiras.

De modo que na Primavera, quando as parasitas abriam serenamente os seus melindrosos cálices sobre esse fundo de verdura reluzente, e a magnólia toda se toucava de flores fazendo docel à vivenda, aquele pequeno canto de horto, com a sua nora e com a sua água espelhante e límpida, tomava a feição ingénua de uma delicadíssima tela de paisagista, aguarela deliciosa, alegre e idílica, cheia de encantos na poesia rústica da sua simplicidade.

No Verão, às horas de calor, quando o sol caía a pino sobre a larga paisagem adormecida e turva, e as árvores da estrada não davam sombra que aliviasse, aquela tranquilidade com que o José Cosme ressonava sob o alpendre, braços nus e peito nu, o chapeirão de palha grossa resguardando-lhe a cara, fazia inveja aos que por ali passavam, cansados e cheios de poeira, flagelados por aquela estiagem inclemente.

—Ó tio José!—gritavam-lhe do caminho.—Tio José! Ó regalado!

Mas os que entendiam de lavoura, proprietários e maiores, esses deixavam dormir o José Cosme e ficavam-se a admirar o horto.

Ora na verdade!... Belo horto, sim senhores! Por aquelas redondezas não havia outro que se lhe comparasse, tão esmerada era a sua cultura—tão esmerada e tão completa, pois que de mais a mais nem palmo de terra ficara inculto. Nas leiras, dispostas com simetria agradável, verdejavam cheios de viço, frescos e medrados, legumes de todas as castas—desde a alface muito tenra, de folhas verde-claras, toda acaçapada no chão húmido das regas, até às trepadeiras das vagens que enroscadas ascendiam pela basta «rodriga» de castanho aparada com todo o esmero, formando maciços de verdura sombria que os casulos esguios dos feijões crivavam de alto a baixo. Árvores, apenas as precisas para aformosearem o horto, sem prejudicarem com a sombra a vegetação franca das hortaliças. Mas todas as que havia eram mimosas de frutas nas estações competentes—cerejas, peras, maçãs, pêssegos mesmo.

Poucas flores: uma coisa que todos notavam com estranheza. Mas desde que lhe morrera a mulher mais a filha, o José Cosme deixara-se de as cultivar, e nos canteiros assim devolutos tinha semeado repolhos, que por sinal vinham enfezados. Só teve o cuidado de não deixar morrer os goivos. Uma vez por ano, em fins de Maio, colhia-os todos de uma vez, e ia levá-los em braçado à sepultura rasa das suas defuntas.

Exactamente nessa tarde tinha ele ido ao cemitério fazer a fúnebre visita. Quando se recolheu era já noite. Mal acabou de cear levantou-se bruscamente da mesa e foi-se para o horto, com uma grande vontade de chorar. Estava nas suas horas tristes, nessas horas em que as energias todas da sua alma e até as do seu corpo vergavam sob o flagelo de uma dor violenta, exacerbada agora pela saudade dos que lhe tinham morrido... E para maior desgraça fugira-lhe o bem das lágrimas. De modo que sem esse lenitivo, aquelas medonhas tempestades custavam o dobro a suportar. Abstracto, numa espécie de entorpecimento idiota, percorria sem descanso todas as ruas do horto, cabisbaixo, acabrunhado, autómato. Se por vezes parava, recolhendo-se numa quietação atenta, logo um gesto brusco desmanchava a sua imobilidade de estátua, soltava um fundo gemido, e punha-se de novo a andar.

—Vens ou não vens?—perguntava ele, evocando com dorido esforço a imagem da mulher ou da filha. Não vinha; e quando aparecia era como se fosse um relâmpago, apagava-se logo.

Nesta lua com a sua dor as horas iam passando longas. Era já tarde, talvez a uma da noite. Luz, apenas a das estrelas, pois que o luar nascia tarde. Pesava sobre

toda a paisagem o largo silêncio da noite, apenas cortado, ao longe, pela melopeia sonolenta do rio.

Um rapaz que ia na estrada olhou por acaso para o horto do José Cosmo e viu um vulto perpassar de repente e de repente sumir-se num recanto onde a sombra era mais densa.

—Temos história...—resmungou consigo o rapaz.

E, rente a uma árvore, quedou-se alapardado, à espreita. Não desconfiou que fosse o José Cosme: aquilo era mariola de larápio que vinha por ali fazer das suas. Agachou-se então, e pôs-se a procurar uma pedra. Apanhou duas, para o caso de não acertar a primeira.

—Cão do diabo!—exclamou baixo o rapaz, pondo-se em posição de jogar a pedra.—Espera que eu te arranjo...—E já ia arremessá-la na direcção do canto, quando o vulto saiu da sombra e tomou por um carreiro, direito ao lugar onde o rapaz estava.

—Melhor! Mais a jeito ficas...

E debruçando-se um pouco na parede, pôs-se a fixar o vulto que avançava, para ver se o conhecia. Quem quer que era trazia a jaqueta sobre os ombros, alvejavam-lhe as mangas da camisa. A meio do carreiro, mesmo defronte dele, parou. Foi então que o rapaz se lembrou do José Cosme. O vulto parecia, com efeito, ser o dele; lembrava-se agora de ter ouvido que o pobre homem, quando o ralavam saudades da mulher e da filha, levava noites em claro, a percorrer como doido aqueles carreiros por onde elas tinham andado.

Quando ouviu soluçar, acabou então de se convencer. Insensivelmente, deixou cair as pedras e perguntou:

—Tio José! Ó tio José! Sou eu, o Luís... Vossemecê que tem?

O lavrador não respondeu, parece que nem tinha ouvido. O rapaz insistiu:

—Dói-lhe alguma coisa, ó tio José?

—Não dói, não. Sabes que mais? peço-te pelas alminhas que me deixes. Bem me bondam as minhas aflições. Vai com Deus, vai.

O rapaz ficou surpreendido, triste do tom de súplica dorida que o José Cosme dera àquelas palavras, e retirou-se silencioso, quase aterrado agora com a ideia de que poderia ter matado o pobre homem, caso jogasse a pedrada.

No entanto a noite ia avançando, grave, soturna, sem outro ruído que não fosse o das águas do rio. E o José Cosme, sem despegar do seu fadário, ia e vinha pelas ruas do horto, lembrando um autômato ou um sonâmbulo. Às vezes abeirava-se da porta de casa e punha-se a escutar. Como não sentia nada, voltava de novo ao seu passeio. Nisto, de uma vez que passava em frente do cancelo, pareceu-lhe ouvir passos.

—Ó Tomás!

—Sr. José!—respondeu o que entrava, numa voz que era mesmo voz de barqueiro.

O Cosme sentiu então uma grande vontade de chorar, mas remordendo os beijos dominou-a. Como o barqueiro estranhasse encontrá-lo a pé, ele então redarguiu-lhe que nem se tinha deitado.

—Como tinha de madrugar...

—Pois são horas de largar, Sr. José; isto vai p'r'as duas. Não tarda que comece a amanhecer.—E como estavam à porta de casa:—Será bom acordar já o pequeno: veste, não veste, é tempo que se vai.—Iam à vela se o tempo não mudasse. Era bom aviar, por isso.

Mas à ideia de ter de acordar o pequeno, o José Cosme deixou-se cair sobre o banco que estava debaixo do alpendre, e desatou a chorar violentamente.

O barqueiro tentou animá-lo, constrangido.

—Então, Sr. José?... O chorar é lá para as mulheres. Olhem agora que homem! —E tentava levantá-lo, pô-lo de pé.—Limpe lá essas lágrimas, que vai afligir o pequeno! Ou quer que ele vá a chorar todo o caminho?

O Cosme fez que não com a cabeça, violentamente, e pôs-se a enxugar os olhos com a manga da camisa.

—Pois então levante-se lá.—E segurou-o com força por baixo dos braços.—

Assim! Lá porque o pequeno vai para o Brasil não fique vossemecê a pensar que o não torna a ver.

Mas era isso mesmo o que ele pensava...

—Porque não sei que me adivinha que não torno a ver o pequeno—concluiu a chorar o José Cosme.

—Cismas! lembranças que vêm à gente quando está aflita. Mas há-de vê-lo que o não há-de conhecer, digo-lho eu. Mais ano menos ano, aparece-lhe aí rico...

Rico! bem lhe importava a ele que o pequeno viesse rico. O que desejava era que voltasse e que ele ainda fosse vivo só para o abraçar.

Pois sim, mas era preciso aviar, que tivesse paciência: o José Cosme que se animasse para animar o pequeno—recomendava o barqueiro.

—Sim... sim...—tartamudeava o Cosme.—Vamos lá com Deus! Com'assimU+2026.

E num profundo ai dolorosíssimo, foi-se direito à porta para chamar a pequeno. Não havia remédio, tinha nascido em má hora, havia de ser desgraçado até que o levassem para a cova... Sobre a estreita e humilde cama o filho dormia profundamente. Que dor, ter de o acordar! Vieram-lhe tentações de mandar embora o Tomás e deixar dormir a criança. Quem sabe se a sua sorte futura, se toda a sua vida, valeria a boa tranquilidade daquele sono! Não tinha coragem para o acordar, fazê-lo vestir: era quase um pecado quebrar aquele último sono dormido sob o tecto paterno... O último sono! o último sono!

—Ainda se o deixássemos acordar...—aventurou-se a dizer o triste.

Mas o Tomás que estava com pressa, lembrou secamente que eram horas de pôr o barco a andar.

O José Cosme acendeu então a candeia, receoso de que a luz o acordasse, e achegando-se do filho pôs-se a escutar-lhe a respiração. Dormia!... Mas brandamente pousou-lhe a mão sobre a cabeça e chamou baixinho, quase ao ouvido, beijando-o, sobressaltado como se fosse praticar um grande crime:

—Filho, olha que são horas, meu filho...

Quando o pequeno se sentou na cama, estremunhado, ainda sob o estonteamento do sono, cerrando os olhos àquela hostilidade viva da luz, o pai agarrou-se a ele num abraço, e ambos romperam a chorar.

—Adeus, pai!

—Adeus, filho!

Confrangido, o Tomás que se deixara ficar à porta, avançou para desatar aquele abraço.

—Olhe que é tarde, Sr. José. Perdoe, mas olhe que é tarde!

O pai vestiu o pequeno, beijou-o ainda muito, e saíram. Debaixo do alpendre, o Joaquinzito ficou-se um instante a olhar o tecto.

—A andorinha, filho?—perguntou o José Cosme.—Deixa que eu hei-de olhar por ela, mais pelos filhos quando os tiver. Vai sossegado.

Mas o pequeno quis vê-la, pediu ao pai que o erguesse, era só um instante. Lá estava ela, coitadinha! sentiu-a estremecer quando lhe tocou com as pontas dos dedos...

—Adeus!—disse-lhe o pequeno afagando-a.

A esta palavra, o pai retraiu os braços e tomando o filho no colo seguiu. Atrás, o barqueiro levava ao ombro a mísera arca de pinho: toda a bagagem do Joaquim.

Ao transpor o cancelo o José Cosme deteve-se um pouco e perguntou soluçando:

—Quando voltarás ao horto, meu filho?

O pequeno não respondeu. Chorava constantemente de ver que o separavam de

tudo o que adorava—a andorinha, depois da andorinha o horto, as árvores, a velha nora, o cancelo, tudo enfim.

Atravessaram então a estrada e tomaram para a banda do rio. Quando o sentiram murmurar, aperraram mais o abraço, deram-se um longo beijo, húmido das lágrimas que ambos derramavam. Ah, como o triste pai desejava que o rio ficasse ainda longe, mui longe, que fugisse diante deles, de modo que nunca o alcançassem! Mas eis que a areia principiava, divisava-se já perto o vulto escuro do barco onde os da tripulação falavam alto.

—Pronto?—perguntou ainda de longe o Tomás.

Do barco responderam que era só marchar, de mais a mais ia romper a lua.

Chegaram enfim. Num leve silêncio de acaso ouviam-se os soluços dos dois, parece que prolongados infinitamente, na sua expressão de angústia, pelo deslizar monótono das águas... Aquilo confrangia o barqueiro, ele também era pai... Por isso, mal chegaram à beira do rio, apressou-se a dizer para o pequeno:

—Ora bem, Joaquinzinho, beija a mão a teu pai e dize-lhe adeus.

Ouviu-se um chorar lancinante, a voz do pobre José Cosme a querer animar o filho:

—Então, meu filho?... Deus te abençoe, meu amor... Nossa Senhora te veja ir.

—E fez-lhe prometer que havia de rezar sempre a Nossa Senhora, ele também lhe rezaria, pois era ela quem dava saúde, quem fazia a gente feliz.

—Não te esqueças dela mais da alminha de tua mãe e de tua irmã...

Mas o pequeno chorava cada vez mais, agarrado ao pescoço do pai, beijando-o sofregamente, acarinhando-o, sem forças para dizer palavra. Então o José Cosme, perdida a esperança de animar o filho, só exclamava desvairado:

—Valha-me Deus! O Senhor me valha pela sua infinita misericórdia!

E o Joaquim sempre agarrado a ele, beijava-o na cara, na cabeça, nas mãos. Até que o Tomás teve de intervir, era preciso despegar dali por uma vez.

—Com'assim, Sr. José, isto tem de ser...—E segurando o pequeno com força

puxou-o para ele. Quando já o tinha nos braços, ouviu-se o José Cosme que suplicava de mãos postas:

—Só um instante, só um quase-nadinha, Tomás!—E o pobre pai caía de joelhos na areia, numa atitude de súplica.

Mas nesse momento, o barqueiro saltou de um pulo para o barco, levando ao colo a criança.

—Rema!—intimou em voz rápida.

O barco recuou então subitamente, ao mesmo tempo que os remos fizeram *plhau!* sobre a água.

Então o choro do José Cosme tornou-se de uma violência desesperada, ao ouvir a voz lacrimosa do pequeno dizendo-lhe adeus lá do barco.

—Adeus, Joaquim, adeus!

—Adeus, pai!

—Adeus!

Mas repentinamente, com voz resoluta e firme, o José Cosme gritou na direcção do barco:

—Tomás! ó Tomás! por alma de teu pai faz lá alto um instante.

Acabou-se! custara-lhe tomar aquela resolução, mas já agora era melhor ficar sozinho de todo. E segurando nos dentes um pequeno objecto, arremessou a jaqueta ao areal e de um lance deitou-se a nado. O Tomás que ouvira o mergulho do corpo, fez recuar o barco; mas o José Cosme, velho nadador destemido, com meia dúzia de braçadas ganhou-lhe de pronto a quilha. O filho tinha-se debruçado, na ânsia de esperar o pai, de o ver ainda outra vez. Num movimento rápido, o José Cosme entregou ao pequeno o que levava entre os dentes, dizendo-lhe a chorar:

—É a medalha, Joaquim; é a medalhinha de tua mãe, meu filho!...
Reza-lhe, sim?!

E chorando cada vez mais, o pobre José Cosme pediu ao barqueiro que lhe chegasse o pequeno para o último beijo...

Dado o último beijo, o barco pôs-se de novo em marcha. Vinha a romper a lua, enorme, torva, afogueada, como se viesse de algum banho de sangue em região misteriosa de lágrimas... E no silêncio agoireiro da noite, apenas cortado pelo bater monótono dos remos e pelo bracejar desalentado do triste nadador, à voz do filho que chamava respondia cada vez de mais longe—longe como se fora do Infinito! a voz lacrimosa do pai—com o seu fúnebre *adeus!* que ele bem sabia ser eterno...

* * * * *

...Só quando o eco do último adeus do Joaquim, perdido na distância, diluído no luar que surgia, desfeito no lugente murmúrio das águas, fundido no derradeiro suspiro da brisa matinal, deixou de chegar à praia, é que o pobre abandonou o areal e se foi, sempre a chorar, tiritando ao frio da sua desgraça, como a um vento agudíssimo do Pólo, na direcção do horto silencioso...

COMÉDIA DA PROVÍNCIA

A Alberto Braga.

I

PRELÚDIOS DE FESTA

Esse ano, a festa da senhora das Dores devia ser coisa de estalo. A começar pelo juiz, todos os da mesa eram de respeito—abonados e decididos. Tanto assim, que o fogo preso, que afinal era o melhor da festa, vinha lá de Chaves, longe que nem seiscentos diabos. Mas era obra de jeito, acabou-se! Tinha-se dito ao homem que trouxesse coisa que representasse uma cegonha. O homem respondera que sim, e dava mesmo a entender que traria mais animalejos, uma bicharada, talvez um macaco, se tivesse tempo de o acabar.

—Homem de uma cana! resumiu o juiz quando acabou de ler a carta. E correu a espalhar a notícia, orgulhoso de que «no seu ano» a *coisa* fosse de arromba! Depois, era um despique. No ano atrás, o José da Loja, que tinha sido o juiz, gabara-se do seu fogo, só porque vinha lá uma peça que era um castelo a dar tiros, assim: Fff! Pum!

—Ora deixa estar que eu te arranjo... murmurou com os seus botões o António Fagote. E sorria satisfeito, de se lembrar que na noite do arraial todo o povo o havia de aclamar, dar-lhe vivas pelo fogo que apresentara. Espalhou-se a novidade. Uma hora depois, na vila, ninguém falava noutra coisa.

—Então você já sabe?

—Já sei. A cegonha.

—A cegonha e o mais: um cavalo, um bezerro...

—O que eu quero ver é o camelo. Feio bicho, já viu?

—Pintado. No Monte Verde se me não engano. Logo adiante do *Valente Rei Arauto Fiel*.

Enganava-se.

O escrivão da Câmara, que tinha laracha, encontrou-se na rua com o Alves aferidor.

—Até que enfim, amigo Alves. Até que enfim vou ter o gosto de o ver arder.

O outro não percebeu. «Que se explicasse...»

—Um urso, no arraial queima-se um urso.

—Então ardemos ambos, redarguiu embezerrado o Alves.—Também se lá queima um burro.

Às duas por três, o António Fagote viu a casa cheia de gente. Quem não ia, mandava recado: todos queriam saber se vinha o animalejo da sua predilecção.

O homem começava a azedar-se. Chegou mesmo a mandar fechar a porta, por dentro.

—Põe a tranca, se for preciso.

Mas então era cá da rua:

—Ó Sr. António!

E na porta as pancadas ferviam:

—Truz! truz! truz! Sr. António!

—Éna! c'um raio de diabos!—fazia lá de dentro o homem, furioso.

—O senhor faz favor? É só uma palavrinha.

À janela assomava então o António Fagote, com os óculos na ponta do nariz e a carta do foguetório na mão.

—O camelo? perguntava zangado.—O urso?! Camelos me parecem vocês, ouviram? O que o homem diz é isto.

E lia a carta, rematando:

—Uma cegonha, outros animalejos, quem sabe lá o que serão, e talvez o macaco, se houver tempo de o acabar. E agora, sabem que mais?... Tirava os óculos e ia-se embora, capaz de os trincar a todos.—Irra!

E lá de si para si pensava que era melhor ter guardado segredo. Não fosse ele burro... Mesmo porque cada um começou logo a inventar animais, e todos é que não podiam vir. Claro! E não vindo todos, aí tínhamos nós descontentes. E havendo descontentes, quem lucrava era o José da Loja.

—Temos o caldo entornado! pensava aflito o Fagote, amedrontado com aquele espectro do José da Loja, o seu rival! De mais a mais, já lhe tinha chegado aos ouvidos que o outro agoirava mal do negócio...

—Farófias! tinha dito o José da Loja. Farófias!

—Pois se mo diz na cara, arrebento-o! vociferava o Fagote, quando tal soube.

E arrebentava, que o Fagote era homem para isso, tinha pulso. Desde rapaz que uma lenda de valentia se fizera na sua vida: contavam-se proezas, desde uma vez que varrera uma feira, por causa de eleições. Depois, bom olho para a caçadeira. Duma ocasião, que foi preciso dar montaria aos ladrões, portou-se como um leão, foi ele que deu voz de preso ao chefe da quadrilha. E como foi que lha deu? A frase ficou lendária:

—Como-te a alma se te mexes!

—E o outro não se mexeu, que ele comia-lhe a alma! comentavam convictos.

Como esta, muitas outras. E foi talvez por estas proezas que a sua figura adquiriu para a velhice o jeito desempenado que tinha. Estava com 60 anos e a sua atitude viril impressionava ainda agora. Não era nutrido, mas era sanguíneo, tez morena, cara rapada, olhos pequenos, uma largura de ombros que era o principal indício

de força. Pescoço curto. Mesmo a brincar, quando cerrava os punhos e arremetia com força, conhecia-se-lhe a rijeza dos músculos naquele movimento sacudido.

—Safa! que isso aí é de ferro! diziam os rapazes. Duma cana, hein?

Mas bom homem, de uma grande franqueza de modos, simples e afável. Para se sair era preciso picá-lo. E uma vez, quando era juiz ordinário, uma testemunha tanto o picou em audiência, que ele desceu lá da cadeira, foi-se a ela e quebrou-lhe a cara. Por isso falava sério quando prometia arrebentar o José da Loja. A mulher interveio pacificadora:

«Que não desse ouvidos a ditos. Deixasse o homem, que não era tão mau como o pintavam.»

—Ó mulher! cala a caixa e não me defendas esse velhaco! redarguiu o Fagote. Do que ele é capaz sei eu.

Mas nesta ocasião, de todas as velhacarias do José da Loja, só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano atrás!

Isto parecia-lhe com efeito uma velhacaria, feita a ele que era juiz este ano.

—Pois tu que pensas? dizia ele para a mulher. Quem me meteu a festa em casa foi ele. Ele é que se lembrou de me escolher, como quem diz: «entrego-te a vara, sempre quero ver como te arranjas...»

—Nome do Padre, do Filho... A mulher benzia-se «das ideias do seu António.»

—Sejam ideias, que não sejam! teimou o Fagote. Isto foi tal e qual, assim me Deus salve!

—Mas quem to disse, homem? Quem foi que to disse?

—Quem mo disse? Olha! E mostrou-lhe o dedo mínimo da mão direita.—Foi este mindinho. Não falha.

E então desabafou: «que não pensasse o José da Loja, que o havia de levar à parede. Agora levava! A festa há-de se fazer, e festa de arromba; *nanja* como a dele que só levava seis anjos, e não sei quantos andores, acho que meia dúzia!»

—Ó mulher, então é para que saibas onde chega o brio de um homem! Caramba! Sendo preciso, ouves? sendo preciso até vendia a camisa do corpo. Nem trinta sanfonas como o sanfona do José da Loja! E espipava olhos de cólera para a mulher que remendava uns sacos, compungida de ver assim o seu António.

E pôs-se então a renovar ordens, recomendações que a mulher já estava farta de ouvir. «Mas com tempo é que as coisas se pensavam, não era ao atar das sangrias!»

—Leitões se os cá não houver, manda-se o Miguel à cata deles por esses povos à roda. Querem-se de 7 semanas, três pelo menos.

A mulher contraveio:—«dois seriam bastantes...»

—Mau que aí principiamos nós!—E pôs-se a assobiar e a rufar com o pé no soalho, arreliado.—Três é que hão-de ser. Não quero cá dois, porque dois eram os do *outro*, o ano passado.

A esta razão, a mulher calou-se. O António Fagote gostou do silêncio da mulher, que o lisonjeava nos seus despeitos contra o *outro*.

—Agora não fanfas tu... insistiu ele, risonho. É assim mesmo que eu gosto. Sinal é que tens vergonha. A *outra* também não é mais que a ti.

A *outra* era a mulher do José da Loja, está visto.

—Nem mais, nem tanto, emendou a Luísa Fagote, abespinhada.

—Isso mesmo! abundou o juiz da festa. Não me lembrava agora que antes de casarem...

—E olha que depois de casada... insinuou a Sr.[^]a Luísa, de venta no ar, enfiando a agulha. Cala-te boca.

Façamos de conta que a boca se calou, com efeito. Que não se calou. Mas neste particular, o resto do diálogo convém que se omita, mesmo porque afinal nem eu nem os senhores queremos mal à mulher do José da Loja. Há-de perdoar-me o António Fagote, mas nisto não lhe faço a vontade. O pudor acima de tudo! E ademais ele bem sabe que eu sou conhecido da mulher. Adiante. Basta que lhes diga que por uma associação lógica de ideias a conversa veio parar em vitelas...

—É preciso vermos como há-de ser isso da vitela, disse o António Fagote. Sem vitela é que se não faz nada. Uma perna sempre se gasta.

Combinaram falar com tempo ao Manuel Cortador, segurar esse negócio. De mais a mais sabia-se que o pregador dava o cavaco por um bom pedaço de vitela assada.

—O pregador é que arrasta aí muita gente, observou a Sr.[^]a Luísa. Para um bocado de sentimento não há como ele. Quando foi das missões, o que ele dizia daquele púlpito abaixo! É quanto se pode!

—A mim o devem, se cá vem!—disse orgulhoso o Fagote. Que o homem não queria vir, desculpava-se com a saúde: que tinha de ir a umas caldas, e 14 léguas a cavalo por estas canículas eram de acabar com ele.

—Isso desaba aí o poder do mundo! Em se sabendo que é o missionário...

Estavam nisto, quando bateram à porta. O Fagote foi ver à janela.

—Bem, muito obrigado. E a senhora mestra? Estimo, estimo.

Era a criada da mestra régia, foram abrir.

—A senhora mestra manda muitos recadinhos, saber como está a Sr.[^]a Luísa, e este bilhetinho para o Sr. António.

Entraram todos na saleta. Como era já tarde, o António Fagote foi acender uma luz.

«Que conversassem, enquanto ele via se tinha resposta.»

—Muito calor, começou a Sr.[^]a Luísa.

—E então a casa da Sr.[^]a mestra que é mesmo um forno, disse por demais a criada.

E antes que a conversa pegasse, avisou a Sr.[^]a Luísa, ao ouvido, de que lhe queria uma palavrinha.

Foram para uma varanda que havia nas traseiras. A tarde descaía, numa

serenidade calma. Sentaram-se uma junto da outra, muito familiares.

—Está-se aqui bem! exclamou consolada a Sr.^a Luísa.

—Está. E então bonitas vistas. Mas o que eu queria dizer era pedir-lhe um favor, disse atrapalhada a criada.

—Se estiver na minha mão...

A outra começou: «A Sr.^a Luísa estava ao facto do que se dizia dela com o criado do inglês. Decerto estava ao facto. Mas era mentira. Jurava-lhe pelo que havia de mais sagrado que era redonda mentira.»—Estamos para casar! é o que estamos! «Ele já mandara vir os papéis lá da terra, não podiam tardar».—Está claro que eu tenho afeição ao rapaz...

—Ele esteve aí doente uma temporada, interveio a Sr.^a Luísa, para dizer alguma coisa.

—Esteve. Umas quartãs que o iam arrebanhando. Mas é aí que eu quero chegar.

—Que experimente o limão azedo, aconselhou a Sr.^a Luísa. É milagroso nas quartãs. Não se aflija, que isso não há-de ser nada.—E dispunha-se a consolar a rapariga, a dizer-lhe tudo o que sabia de bom para matar quartãs, pensando que era o que ela queria, afinal.

—Não senhora. O rapaz está melhor. Caso é que não recaia. Mas é por via disso que eu lhe quero pedir um favor.

Chegou para ela o banco de cortiça e confidenciou:

—Já o andam a desinquietar para ir com os mais furtar a bandeira, qualquer noite. E ele vai, prometeu que sim. Mas veja, naquele estado! inda não há nada que saiu da cama.

—Pelos modos, os rapazes vão este ano longe pelo pau, disse com pompa a Sr.^a Luísa.—Muito longe!

—Ouvi que à Ribeira Velha, ao lameiro do Canelas. E logo com quem eles se vão meter, o Canelas! Se desconfia, vai-se para lá de clavina e faz alguma desgraça. Mais ele, que é atrevido!

Cautelosa, a mulher do juiz redarguiu que lá onde eles iam pelo pau é que ela não sabia.

—A outra noite é que para aí estiveram a combinar, o meu António mais os mordomos. Não ouvi.

—Pois é lá! exclamou a criada. Mas o que eu queria, Sr.[^]a Luísa, é que o seu marido me não deixasse ir o rapaz na malta,—suplicou aflita a rapariga.

—Lá isso, esteja descansada, não vai! prometeu com grande autoridade a Sr.[^]a Luísa.—Digo-lhe eu que não vai. E se não quer mais nada...

—Era só isto, muito agradecida à senhora.

Nesse momento entrava o Fagote, em mangas de camisa, os óculos para a testa.

—Ora pois então aqui vai a resposta. Má letra, a Sr.[^]a mestra que desculpe. Mas enfim que leia como puder.

—Então muita maçada co'a festa? inquiriu solícita a rapariga.

—Muita. Faz lá ideia? Maçada e despesa. Olhe que se faz despesa. Todos os dias são precisas coisas, mais isto, mais aquilo. Aí está que já hoje mandei pedir para o Porto uma palheta para o clarinete do Alves.

—Chh! fez admirada a rapariga.

—Pois é verdade. Fora o mais! fora o mais! Nicas! E depois de uma pausa:—Só com o que se gasta no jantar, e é verdade que há muita coisa de casa, mas só com o que se gasta no jantar, a bem dizer que se fazia uma horta, além no prado.

—Muita gente... disse a rapariga.

—Muita! e depois de certa aquela... À mesa talvez vinte e quatro pessoas...

A rapariga benzeu-se!

—Vinte e quatro, p'ra mais que não p'ra menos, insistiu o António Fagote.—Olhe: o pregador...

—Isso dizem que é coisa asseada! interrompeu a rapariga.

—É. Não o há melhor. Missionário...—explicou o juiz. Pois o pregador, um; com mais quatro padres, cinco; com quatro músicos, nove; o compadre, os pequenos, dois, doze.

—A comadre não vem! que pena! fez do lado a Sr.^a Luísa.

—Não. O compadre e os pequenos já disse. Doze. O Morgado da Fonte e o António Capador, catorze. O Teles, é verdade, Teles escrivão, quinze. (*Pausa*). Com mais alguém que venha, vinte e quatro. Pode-se contar com mais de vinte e quatro pessoas à mesa.—E a rir-se: Mas há-de sobrar muita coisa, graças a Deus... E depois os pobres?

—Isso então é uma praga! exclamou a Sr.^a Luísa. Até parece que vêm do chão assim... E colocava em pinha os dedos todos das mãos ambas. Assim...

Mas fazia-se tarde, a rapariga despediu-se.—«Adeusinho! o que havia de estimar é que tudo corresse como desejavam.»—E se for preciso qualquer coisa... ofereceu-se. As minhas fracas posses...

—Obrigada. Não faltarão ocasiões. Muitos recadinhos à senhora mestra...

—E que hei-de estimar que o mano chegue de saúde, concluiu o António Fagote.

E então explicou à mulher: «Aquele bilhete da mestra era a mandar-lhe perguntar se sempre era certo vir o macaco de fogo».

—Diz que o irmão, o brasileiro, assim que souber que há macaco de fogo no arraial, não tem mão em si que não venha. E Deus o queira, porque o ponho ao pália. Como três e dois serem cinco.

A senhora Luísa quis saber a resposta que lhe mandara.

—Disse-lhe que sim. Pois?! O que eu quero cá é o brasileiro. Sempre é homem que sabe dar o merecimento às coisas... Mas o diabo agora é o macaco! ponderou muito apreensivo. Está para aí meio mundo à espera do macaco...

A senhora Luísa quedou-se pensativa, absorta no seu receio de que o bicho não viesse.

—Tate! fez o António Fagote, batendo uma palmada rija na testa.—Dá cá daí a minha véstia. Manda-se uma «parte» ao homem.

—Também pode ser, concordou a senhora Luísa. Mas hoje é que não, aquilo já está fechado, o fio.

—Vai amanhã. «Agradeço favores. Traga macaco sem falta». Isto. Talvez acrescente: «Não se olha a dinheiro». Mas é que acrescento, por via das dúvidas.

Então, a senhora Luísa confidenciou quase ao ouvido do homem:

—Ouves? já se não pode ir ao lameiro do Canelas pelo pau.

—Hã? qual pau?

—O da bandeira. Todo o mundo já o sabe.

Ele riu-se.

—Todo o mundo, hein? Melhor! Oh! oh! todo o mundo!...

E como ela ficasse estupefacta.

—Nunca ouviste dizer que se põe o ramo numa porta e que se vende o vinho noutra?

—Ah!...

—Mas são verdes. Pois aí é que vai a história, e cantarolou, satisfeito:

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho

* * * * *

Mas o melhor do caso foi no dia seguinte, quando logo de manhãzinha o António Fagote sentiu bater à porta, de rijo.

—Vai lá ver o que será, ó Luísa!—disse da cama o Fagote sobressaltado.

Não tardou nada que o José Manco lhe entrasse de rompante pelo quarto.

—Vista-se, homem! Ande daí depressa! Vista-se.

—Há novidade? perguntou logo o Fagote, sobressaltado.

—Vista-se! com dez milhões de diabos! Insistiu o outro.

—Hom'essa! fez espantado o Fagote. Alguém à morte?

—Pior do que isso! resumiu o José Manco.

—Pior do que isso, então não sei...

—Não tardará que o saiba. Avie-se, que eu cá o espero na rua.

O António Fagote vestiu-se à toa, aparvalhado. Foi já na rua que acabou de enfiar a jaqueta. As correias dos sapatos iam de rastos, não levava chapéu.

—Pronto! cá estou!

—Venha comigo, avie-se. Abotoe as calças, se faz favor.

E rodaram rua acima.

—Diabo! mas então...? ia perguntando o Fagote.

—Aguarde, que já vai saber. Não tarda.

De quatro escanchadas foram dar ao adro da igreja.

—Roubaram Nosso Pai, apostó?!

—Pior! redarguiu o outro. Pior! Alto aí! Ora arregale-me esses olhos e veja vossemecê isto, esta porcaria!

E tragicamente, o José Manco apontou para meia folha de papel, pregada na torre com miolo de pão centeio mastigado. Era um pasquim! Vários desenhos de animais, sobressaindo um burro de grandes orelhas, aos coices. E no fundo, em grandes caracteres, isto:—*Farófia!*

Por um pouco, António Fagote, de mãos atrás das costas, amarasou-se, com os olhos fitos no papel.

E quando o outro pensava que ele ia romper desaustinadamente numa escamação, aos lábios do António Fagote aflorou apenas um sorriso.

—Hum! resmungou. Bem sei...

—Não tem que saber,—fez o outro.

—O patife do José da Loja...

—Pois está visto.

—Bem, levará quatro lambadas, epilogou com grande sossego o Fagote.—Arranque lá isso, e venha você daí, se quer ver.

O José Manco não queria ver, fazia ideia. Mas opinou prudentemente que era melhor botar o patife ao desprezo.

—Pois sim, disse o António Fagote, dobrando em quatro o papel e metendo-o na algibeira de dentro.—Pois sim!

Mas o outro que o conhecia, insistiu no pedido, com certos argumentos arrancados do código penal. «Que não fosse agora pagar por bom semelhante estafermo. Como mordomo, também era com ele a ofensa, com ele José Manco. Mas fazia de conta... Como o outro que diz, vozes de burro não chegam ao céu».

—Bem, levará só uma lambada, atendendo a que mais ninguém viu isto, disse num grande ar de condescendência o Fagote.—E você vá lá regar a horta.

Foi-se dali direito à casa do José da Loja. Estava ainda fechada. Pôs-se à coca, de longe, com a ira muito exulcerada pela arrelia daquela demora.

—Grande cão! grande cão! monologava.

Até que enfim reparou que a porta se abria. Era o rendeiro em pessoa, de casaco de lona e chinelos de trança, muito fresco. Não deu pelo António Fagote senão quando se viu ao pé dele, cara a cara entre o balcão e a porta.

—Ó Sr. José.

—Dirá.

—Venho aqui saber de um caso.

Tirou do bolso o papel, desdobrou-o, devagar, e depois de lho pôr ao pé da cara:

—Foi o Sr. José que fez isto?

O outro olhou-o, atónito.

—Sim! se foi o Sr. José que fez isto?

—Nada, eu não senhor.

—Jura pela boa sorte dos seus filhos?

Aqui, o tendeiro entupiu, desconfiado.

—Jura pela boa sorte dos seus filhos? repetiu mais de rijo o Fagote.

O José da Loja, moita! Então o juiz explicou-lhe:

—É porque se jura, muito bem. Se não jura o caso é outro.

—É outro, que outro?!—disse arrogante o José da Loja, num ímpeto, barriga panda sob o casacório de lona.

—Isto!—E foi-lhe uma bofetada para a cara.—E muito caladinho, que eu também não digo nada. Agora o papel, olhe! Fê-lo em pedaços, e atirou-lhe com eles à cara aparvalhada.

Saiu dali e foi *matar o bicho*, tranquilamente, como quem vem de cumprir uma obra de misericórdia.

* * * * *

Na véspera da festa, um sábado às 10 horas da manhã, o fogueteiro passava enfim num deslado da vila direito à capela da Senhora das Dores. Largou um foguete, que estrondeou no ar, galhardamente.

—O fogueteiro! chegou o fogueteiro!

Por toda a vila passou um longo frémito de entusiasmo quando se ouviu o foguete. Desabitutados, os cães ladravam, em correria doida pelas ruas. O rapazio levantou-se em algazarra, e correu ao encontro do fogueteiro, a admirá-lo, a oferecer-se. Na labuta viva das casas renovavam-se ordens já dadas. Aquele foguete era a bem dizer o primeiro ruído da festa, não havia tempo a perder. De casa dos mordomos saíam esbaforidas as criadas, com ordem de se informarem do que precisaria «o Sr. fogueteiro». Alguns mais previdentes mandaram almoço, e que dissesse o que queria para o jantar.

Solenemente, o juiz da festa atravessou quase a correr a vila, perguntando a todo o mundo se o que estoirara tinha sido efectivamente um foguete.

—Foi foguete! pois que dúvida! diziam-lhe radiantes. Prometia, sim senhor! prometia! Se fossem todos assim... Caramba! que estoiro! Pum!

—P'ra que saibam! clamava o António Fagote. E então isto? e punha-se a girar de volta com o braço—o que é fogo do chão?—Mas tinha-se visto em calças pardas para que o homem não faltasse. Complicações! Pelos modos tinham-no convidado para outra festa, com mais bagalhoça, está claro. O caso tinha estado sério!

Mentia.

—Hein? mas não o enganavam?

—Qual! era o fogueteiro sem tirar nem pôr. Lá ia ele a atravessar as eiras, com duas bestas carregadas. Caramba! duas cargas de fogo!

O juiz botou a fugir. Quando passou pela porta do abade, gritou cá da rua:

—Senhor abade! ó senhor abade!

—Que é lá?

—Chegue à janela, faz favor?

—Mas está muito sol, entre você, se quer.

—Só duas palavras:

O abade, um rapaz novo, assomou à janela.

—Que é?

—Chegou o homem!

—O homem! que homem?

—O fogueteiro, quem há-de ser?

—Ah, sim, disse o abade a rir-se, velhaco. E você vai ter com ele?

—De cara.

—Faz-me então um favor?

—Dirá.

—Dê-lhe recados meus.

E retirou-se da janela, a rir, enquanto o António Fagote prosseguia no seu caminho, esbaforido, espalhafatoso, perguntando a toda a gente se aquilo tinha sido o fogueteiro.

—Grande homem! com seiscentos diabos!

Quando chegou ao adro estava tudo cheio de rapazes, em redor dos dois machos carregados. O Fagote cuidou morrer de contente. Foi-se ao fogueteiro, com fúria.

—Esses ossos! e abraçou-o arrebatado, enternecido, chamando-lhe «seu amigo, seu grande amigo».

—Rapazes! gritou ele então. E tirou o chapéu da cabeça, muito solene.—Viva o senhor fogueteiro!

—Viva!

...Isso não juro, porque não reparei. Mas estou em dizer aos senhores que o António Fagote—chorou!...

II

TIPOS DA TERRA

Desembocaram num largo. Era o ponto mais central da terra,—«*a praça.*»—Aqui e ali, ao acaso, algumas árvores enfezadas, quase tudo olmos brancos, vegetavam a medo, com os troncos protegidos por velhas grades de madeira, desmanteladas. Era um terreiro vasto, muito chato, com casas em volta,—o que na vila havia de melhor em construções. Ficava ao meio o pelourinho, exótico, mutilado, de uma pedra grosseira e muito negra. Era uma alta coluna de oito faces, com o seu anel de ferro ao meio, e uma argola pendente do anel. A coluna, que se eleva sobre um pedestal de três degraus, em hexágono, terminava ao alto num grande X de pedra deitado horizontalmente. Um espigão de ferro, de três gumes como os floretes de esgrima, irrompia hostilmente do meio do X, perfurando o espaço. Em volta, a casaria era triste, sem estilo, sem gosto, sem cal. Algumas *pedras de armas* em velhas paredes decrépitas, desequilibradas, hidrópicas, atestavam aristocracias remotas, agora de todo extintas. Ao alto, dominando a negrura chamuscada dos telhados, o velho castelo, romano de origem, fazia tristeza com as suas ameias derrocadas, e as grossas paredes em ruínas. Ao lado do castelo erguia-se destacadamente a velha torre do relógio, de uma arquitectura primitiva. Tinham dado onze horas, mas eram apenas as sete: aquele—«*estafermo*»—é que não andava nunca direito. De dia ninguém o entendia, com o seu ponteiro de ferro girando num mostrador sem letras, de uma pedra azulada. De noite fartava-se de badalar, alvoroçando a povoação como se fosse a fogo, ora atrasado ora adiantado, dando meia-noite quando eram quatro da tarde, e meio-dia mal despontava o sol.

Eram as sete. Àquela hora é que os—«*figuros*»—da terra, quase tudo empregados públicos, vinham para o largo, à fresca. Alguns passeavam,—seu fraque, sua bengala de cana com castão, chapelinho à banda, sapato branco um ou outro. Nas escadas do pelourinho, sentados, outros do mesmo feitio cavaqueavam,—coletes desabotoados, perna cruzada, chapéu para a nuca, às três pancadas. Um de pêra comprida, no degrau superior, contava facécias. Os outros riam alarvemente, chamavam-lhe intrujão. Algumas—«*madamas*»—pelas janelas em volta, nostálgicas, anafadas, de claro. À porta do estanco, em cima, havia outra roda,—uns de pé, outros sentados em caixas, alguns montando cadeiras de pinho. Era a—*roda mais forte*,—quase tudo maiores burocratas:—o Melo da Administração, o Antunes da Câmara, o Escrivão de Fazenda, o

Rodrigues do Real de Água. E outros. À porta, perfilado e muito cerimonioso, o dono do estanco, alto, esguio, flexível, com a sua cara rapada e o seu chinó castanho, eriçado e velho. Era de maneiras feminis, uma falinha melíflua, cantante, viva, muito desempenado quando andava, saracoteando-se todo, em biquinhos de pés como se fosse levantar voo. Chamavam-lhe Ernestinho. Não se podia falar diante dele num rato morto, numa carocha. Aquilo «fazia-lhe nervoso», enojava-o, ficava-se a cuspinhar meia hora, dizendo constantemente:

—Ai Jesus! ai Jesus! Caticha! Nossa Senhora do Carmo! Nem sei como não lanço fora.»

E se riam, ele exasperava-se: não compreendia como pudessem falar em tais coisas... De resto, bom sujeito, finório para o seu negócio,—um pouquinho beato,—diziam-lhe.

—Meu proveito. Não que eu não quero a minha alma nas penas do inferno, a arder. Leiam a *Missão Abreviada*, leiam esse rico livro.

E as palavras saíam-lhe a correr, espremidas nos seus lábios delgados, um pouquinho sibiladas nos ss.

—Cigarros, Ernestinho, um vintém deles. Querem-se dos de Lima, desses fortes.

Declarou que também havia dos «especiais.» Algum senhor queria? Tinham chegado três maços, p'ra ver. Oito por um vintém.

—Pois guarde-os!—disseram alguns, horrorizados com a ideia de dar um vintém por oito cigarros.—Guarde-os!

«O senhor engenheiro, quando vinha à vila, perguntava-lhe sempre por eles. Dos de Lima nem o cheiro, não gostava.»

—Olha o figurão!—disseram a rir. Por esse mundo fora sempre há muito idiota! forte cavalgada!

O Ernestinho veio com os cigarros, em feixe nas pontinhas dos dedos. À porta, antes de os entregar contou-os de novo. Doze. Estavam certos.

—O senhor Ernesto, se faz favor, ponha isto lá no caderno, ao pé dos outros.

Ernestinho foi para dentro, contrafeito, fazer o apontamento. Houve um silêncio oprimido, o dos cigarros tossiu para o quebrar, ao mesmo tempo que num gesto acanhado, receoso, fazia menção de oferecer:—«alguém era servido?»

Dentro do balcão, ao pé das garrafas com licor, e das botijas de genebra, Ernestinho somava a conta. Era já taluda.—«E vão dois e dois quatro e dois seis, seiscentos e vinte! Sabe Deus quando os receberia!»—E suspirava, arrumando os maços encetados, sob o olhar tranquilo e indiferente do Santo Antoninho que lá estava em cima, ao alto das estantes quase vazias, no seu nicho feito de um caixote forrado a verde, com flores artificiais muito sujas e duas velinhas dos lados. Mas resignava-se, que não tinha outro remédio. Eram os ossos do ofício...

Cá fora tinham dado fé, acotovelavam-se chamando asno ao Ernestinho,—um pulha a quem ajudavam a viver... Se hoje não há dinheiro, há-o amanhã, essa é boa! E pagava-se, c'os diabos! E pagava-se. Mas não senhor! aquela besta mostrava sempre má cara, o alarve! A culpa tinham-na eles, afinal que o procuravam, que o preferiam. Tomaram os outros ter aquela freguesia...

O dos cigarros fiados anuí, assobiando baixo o *Água leva o regadinho*. Por fim levantou-se, lentamente, com um ar de enfado, um sorrisinho de despeito nos lábios, encolhendo os ombros.

—Estender as pernas,—disse. Quem vem daí?

Todos ficavam, era uma estopada andar p'ra trás p'ra diante, naquela sensaboria da praça.

—Até logo. Você aparece no *sítio*, à noite?

—Apareço, vou à desforra.

E cumprimentando em roda:

—Meus caros! Muito boa tarde, Sr. Ernesto.

Foi-se, puxando para baixo as pernas da calça, alisando as joelheiras.

—Que tal está o asno, hein? Quer, ainda por cima, que o Ernestinho lhe diga *bem-haja*...

Era um parvo.—Era um tolo.—Tinha dívidas nos outros estancos.—Em toda a parte.—Lá em casa a família passava fomes.—Um batoteiro de marca.

Houve agitação, alguns puseram-se de pé, outros mudaram de lugares. Ia a passar um grande carro de palha chiando muito. Ernestinho chegava-se de novo, muito ronceiro, roendo as unhas.

—Com que então... *ponha lá ao pé dos outros?*—disseram-lhe, para o lisonjear nos seus despeitos.—Bem bom freguês!

Ele encolheu os ombros e cerrou os olhos, beatificamente, num gesto de mártir resignado. E não disse palavra—p'ra falar daquele tinha de falar também deles...

Mandaram vir limonadas,—três limonadas!

—Aí vão trinta réis!

Diabo! era preciso animar aquilo. Assim não tinha jeito. E puseram-se a falar do tempo, das moscas, daqueles idiotas que andavam na praça a dar-se ares. Ensoberbecia-os a ideia de que iam tomar três limonadas,—e sentiam-se felizes, alegres, um tanto estroinas.

O Ernestinho deu dois passos fora da porta, e chamou para a varanda, onde grandes manjericões floriam:

—Ó Emília! Emilinha!

A mulher assomou, gorducha, muito mole.

—Três limonadas, ouves? Três limonadinhas, depressa.

As conversas animavam-se. Pois senhores! havia de ser difícil encontrar uma colecção de asnos assim. Falavam dos que passeavam na praça, aos grupos.—Deus os faz, Deus os ajunta. O palerma do Fernandinho dera-lhe agora para cantar. Lá andava ele. Volta meia volta,

Vai alta a lua na mansão da morte

com umas tremuras na voz, que eram mesmo de o esbofetear. Estava antipático, aborrecido, desde que andava de namoro com a Marques. Só tinha uma coisa

boa—a caligrafia.—Um talhe de letra bonito,—confessavam.—E as calças, hein? reparem vocês naquelas calças, vai flamante. Casualmente, Fernandinho olhou de longe para os do estanco, disse-lhes *adeus* com a mão, afável. Corresponderam todos, muito risonhos, mas a chamar-lhe nomes por entre os dentes:—idiota, palerma, pechisbeque...

Sozinho, numa lentidão moribunda, olhos nas botas, olhos no céu, o Teles escrevão passava ao largo, ruminando alguma poesia. Às vezes quedava-se extático, suspenso, o polegar esquerdo entre os dentes, um olho cerrado fortemente, a meditar. Vinha um gesto e punha-se de novo em marcha, contrafeito.

—Ó senhores! mas não me dirão em que anda a parafusar o Teles, aquele telhudo? E isto:—e pôs-se a imitar o escrevão.

Riram. O Melo imitava-o bem, o alma do diabo, no andar especialmente. Mas aquilo era um logogrifo. Há uma semana às turras a um logogrifo em acróstico.

—Isso é o Teles!—fez um que vinha da praça.—Aquilo é um intrujão. Na rua não é que se adivinham logogrifos. Ó Ernestinho, você ainda tem daquilo que *ferve*?

O Ernestinho deixou descair o lábio, não percebia...

—Homem! daquilo que vinha numas garrafórias escuras, compridotas...

—Quer dizer gasosas. Uma rolha segura com guitas...

—Ora é isso mesmo, nem mais.

—Bem sei.

Mas não tinha já. Nem mesmo queria mais, p'ra quê? Achavam caro um tostão...

—Eram aos três para beber uma garrafa...

—Pudera! Por um pataco, trinta réis levando o açúcar, fazia o *Ervas* uma soda,—objectaram alguns. Ponha lá que em gosto é a mesma coisa.

—E aquela porcaria, ó Ernestinho, e aquela porcaria amarela que sujava tudo de

escuma?

Alguns cuspiram, disseram ao Alves que se calasse, que vomitavam, com seiscentos diabos!

—Cerveja!—disse o Ernestinho—cerveja! uma coisa que lá p'ra baixo toda a gente bebe por gosto, as senhoras mesmo.

E com um sorriso de desdém, exclamou:

—O que é ser do calcanhar do mundo! Em nome do Padre, e do Filho...

Mas na praça um grupo altercava. Ouviu-se distintamente a palavra—«*pulha*»—pronunciada com força. Saíram em tropel, ficaram só três.—O que pagava as limonadas exultou:—Homem! nem de propósito! Ficava exactamente quem ele queria, estava mesmo a ver que aquela súcia lhe chupava o refresco:

—Tó Ruça! já lá vai esse tempo.

Precisamente, a senhora Emília chegava, com os copos numa bandeja:—Que provassem, diriam se precisava mais açúcar. Mas parecia-lhe que devia estar bom...

Beberam de um trago, estava óptima. A senhora Emília tinha dedo para aquelas coisas.

—Obrigado, ó Melo!

—Obrigado, ó menino!

E os dois saíram de rompante, chamando *pato* ao Melo, rindo-se dele e limpando os beiços.

Quando o Melo ia sair,—a ver o que ia na praça,—o Ernestinho, muito cortês, objectou-lhe que faltavam trinta réis:—Se ali não tinha, depois. Isso era o mesmo...

—Mas trinta réis?!... De que são os trinta réis?—perguntou desconfiado o Melo.

—Do açúcar, foi do refinado,—explicou o Ernestinho. O mascavado acabou-se.

Amanhã ou depois já devo ter mais. O senhor Melo desculpe.

Não tinha que desculpar; somente notava que aquelas coisas diziam-se no princípio.—E saiu sem dar mais palavra, furioso:—Uma ladroeira! Três vinténs não valiam os dois que lhe tinham chupado o refresco...

Na praça tinha cessado a altercação, os grupos, reunidos, formavam uma grande roda, comentava-se. O Melo quis informar-se:—que lhe contassem—«o escândalo».

Ora! não fora nada: o Veiga que se tinha lembrado que as correspondências na *Voz do Distrito* eram escritas pelo Albano. Disse-lho na cara. O Albano negou, deu a palavra de honra. O Veiga que é casmurro, teimou:—que não acreditava, ainda assim!—Vai o outro chama-lhe pulha, iam-se pegando. Ora aí está!

—Mas afinal, quem diabo escreve aquilo?—quis saber o Melo. Aquilo há-de ser escrito por alguém, está claro.

Dez réis pela novidade! Que havia de ser escrito por alguém sabiam eles...

—Quem, então?

Divergiam as opiniões. Podia ser Fulano, podia ser Beltrano. Um ou outro dava a sua palavra de honra que também não era ele, jurava-o. Houve um que se lembrou se aquilo seria do padre Mendonça.

—Qual! Do padre Mendonça não é. Fazia coisa melhor, se se metesse nisso. Olha o padre Mendonça, o da *gibreira* de Braga...

Mas o da ideia insistiu, renitente:—havia ali suas coisas que o faziam lembrar, certas facécias, como a de chamar *Frei Asneira* ao Reitor e *Cabeça de Comarca* ao Felisberto.

—Pois se é ele, que se regale, pode limpar as mãos à parede. Mente como um alarve, mente da primeira linha até à última!—disse firmemente o verdadeiro autor das correspondências. Olhem o que ele diz do juiz de direito, só calúnias! O juiz! um homem teso! Tem lá o seu fraco pelas saias, mas isso, que diabo! isso não é defeito.

De resto, eram todos acordes em que as correspondências eram uma infâmia. O

que se chama uma infâmia pegada. Mexericos e mais nada, uma coisa de soalheiro. E depois, o dizer-se lá que entre os rapazes não havia duas amizades leais, que era tudo uma impostura...

Houve um silêncio significativo, talvez de aprovação.

—Só de pulha!—rematou, por fim o Nunes da Fazenda, o tal que escrevia as correspondências com o pseudónimo de *Aramis*. Vejam vocês aquelas galegadas ao comendador. Aquilo chama-se lá fazer política?! Discuta-se o homem como presidente da Câmara, sim senhor, discuta-se o homem público, o funcionário; mas deixe-se-lhe em paz a *marreca*, os fundilhos das calças; ninguém quer saber se os criados lhe param em casa ou se não. E depois, aquelas alusões à família, aquelas piadas à D. Engrácia, pobre velha...

—A quem?—interrogaram uns poucos. À Dona quê?

—À D. Engrácia, está bem de ver. Aquela beata que fazia peúgas de lã aos missionários é ela. Presumo eu que é ela—fazia o Nunes das correspondências com um grande ar de suposição. Eu cá foi para onde deitei.

Os outros não. E como o das correspondências tinha prometido explorar a crónica beata, aguardariam mais informações. Supunham, no entanto, ser com a D. Joana, a do—«*chá de erva-cidreira*.»—Outra canalhice! A D. Joana, para festejar os anos da filha, convidara tudo, *lazarões e penicheiros*, não fizera política. Depois foi aquela tareia que se viu:—que o chá era erva-cidreira, que tinham bolor os doces de ovos, que ela parecia a Quaresma e a filha o Entrudo. Ora isto não se diz, a pobre mulher doeu-se. Citavam-se de cor frases inteiras da correspondência. Por exemplo:—*A deusa da festa dizem que recebeu telegramas de... amor*.—Uma facécia de mau gosto aludindo ao Proença telegrafista. Depois do que por aí se diz, é forte... Que afinal, quem sabe lá? Entre os dois que diabo pode haver? Namoro?

No grupo alguns tossiram forte, rindo. O Nunes interveio:

—Não senhores! Isto agora alto lá. A Amélia é uma rapariga séria...

Riram às gargalhadas, foi um barulho com a tosse.

—Quando digo uma rapariga séria... Mau! Acomodem-se lá com o *banzé*, vocês deixem falar,—tornou o Nunes, formalizado. Quando digo uma rapariga séria,

quero dizer... sim... quero dizer...—e procurava a frase, entalado,—por exemplo, que ela não é capaz de receber ninguém, alta noite, lá pelos quintais, como o tal das correspondências quer fazer suspeitar.

Iam replicar-lhe, mas ele atalhou:

—Chama-se àquilo ser canalha às direitas, arre! Isto agora é falar franco.

Saltaram-lhe:

—E você jura, ó Nunes? você jura?—perguntou, com gesto perfurante, o Alves dos Pesos e Medidas.

Não... isso agora... Jurar, não jurava, mas, c'os diabos! pelo que se via, pelo que se podia julgar...

—Léria!—disseram todos.

O Nunes parece que estava com os beijos com que mamara. Com que então, para ele era tudo uma récuia de *santas*? Desenganasse-se, que era tudo uma canalha, uma corja de sonsas. Que diabo de ingenuidade!

O Nunes observou modesto, quase agradecido:

—Ingenuidade, eu te digo... Não é bem isso... O que sou é prudente. Desconto sempre noventa por cento àquilo que vocês dizem, aí é que está...

—Vocês é um modo de falar,—emendaram alguns.

—Vocês, digo eu, vocês... quando escrevem correspondências,—explicou sofisticadamente o Nunes.

Calaram-se, disfarçaram. Próximo deles, a Amélia toda de verde, com guarnições de fita preta, caminhava ao lado da mãe, solenemente. Tiraram todos o chapéu, cortejando risinhos, respeitosos. O Nunes foi cumprimentá-las, submisso.

—Dar o seu passeio, não é verdade?—E apertando-lhes a mão:—Vosselência como passou? A senhora D. Amélia? Obrigadíssimo. Assim... assim...

Então? que diziam àquele calor?

—Abafava-se, ali pelas duas. Que forno!

—O Brasil tal e qual—reforçou o Nunes.

Mas que fora feito, que as não tornara a ver desde os anos? Uma noite de truz, aquilo sim!

—Olhe, senhora D. Amélia, a flauta... a flauta é que nem por isso, foi pena! O Abelzito andava constipado.

A D. Amélia explicou. A mãe ficara doente, já não era para aquelas noitadas.—E em voz mais baixa, quase dolente:

—Depois, veio a *Voz do Distrito*, aquilo chocou-a muito.

—Não há tal!—fez a mãe. Meteu-se-te isso na cabeça. Deixe-a falar, senhor Nunes.

E por pouco que não chorava ao dizer isto.

O Nunes afectou um sentimento profundo:—Era melhor não falar nisso, não pensar em tal; todos as conheciam, todos lhes faziam justiça. Tinham acabado de falar na tal correspondência, agora mesmo. Uma garotada!—resumiu o Nunes.—E em tom confidencial:

—Anda-se na pista do garoto. Ele há-de aparecer. E depois... e depois... Muito boa tarde, minhas senhoras! O que for soar. É preciso dar um exemplo,—concluiu terminantemente. Uma severa lição!

Despediram-se, elas agradeceram ao Nunes—«a parte que tomava no seu desgosto.»—E seguiram cumprimentando para as janelas, perguntando se vinham daí, um bocadinho até à capela, espairecer.

As Silvas pediram que subissem. Um bocadinho só. Ficava muito bem aquele vestido à Amélia.

Não podiam subir, talvez à volta.

—Pois sim, hás-de ver o meu bordado a missanga. O papagaio está quase pronto, que trabalhão!

Estava na dúvida se lhe poria o bico assim, de gancho. Não gostava. O risco era do Fernandinho. Já lhes fizera outro, talvez mais bonito. Coisas de anjinhos:

—Verás.

Os grupos tinham-se reunido em volta do Pelourinho. Passava gente que vinha do trabalho, da labuta áspera da eira,—homens com malhos, e mulheres de cestas à cabeça. A tarde descaía numa serenidade calma. No degrau de cima, o Paula, oficial da administração, com fama de tipo de chalaça, cantava em surdina umas cantigas de caserna, obscenas, zaranzando na barriga como se fosse uma guitarra. De volta, os outros formavam roda. Todos riam, pediam *bis*.

—Tu hás-de conhecer isto, ó Chico,—dizia o Paula para o Francisco Maria, um cabo que estava de licença. Tu hás-de conhecer isto.

O administrador do concelho, um pobre diabo desmazeladão e filósofo, afirmava que lhe lembrava Coimbra, a pândega das vielas. Ao Paula valia-lhe a prenda, palavra de honra que lhe valia a prenda, senão já o tinha demitido, às vezes que lhe entrava borracho pela repartição. E pedia a rir, boçalmente:

—Ó Paula, aquela do *bate-bate*, canta lá.

E trauteava as primeiras notas, castanholando com os dedos.—Se era preciso, o Fernandinho ia pelo violão.

—É verdade, você que fez hoje que não me apareceu na repartição, ó Fernando?

—Dormi, está claro. Ao senhor doutor acontece-lhe o mesmo às vezes. Olhem que pergunta!

Mas o Paula tinha-se calado, bocejava.

—Então, ó Paula...—suplicava o administrador.

—Está fechado o realejo... Depois.

Quem lhe dera que fossem as nove para irem até ao «sítio». Ou perder ou ganhar; tinha ali seis tostões que eram para um *mico*.

—Mas eu não lhe dizia, Sr. doutor? eu não lhe dizia ontem que a *dama* se negava? Eu estava mesmo a ver aquilo... Bem feito! «gramou» um entalão que se consolou.

—Quatro coroas.—Na véspera tinha ganho um quartinho.

Nesse momento passava o juiz, sozinho como sempre. Todos tiraram o chapéu, ele passou gravemente, cortejando.

—Quem eu te quero à perna é o *Aramis*...—rosnou o Teles escrivão que embirrava com o juiz desde que o suspendera uma vez.—E ainda ele não sabe tudo...—insinuava perfidamente.

—Pois o resto diga-lho você, diga-lho no *Almanaque de Lembranças*, em verso —fez de um lado o Rodrigues do Real dU+2019.água.

O Teles, com famas de literato, redarguiu que não dava confiança a analfabetos.

—E eu a brutos, sabe você?

Mau! que eles lá começavam. Oficiais do mesmo ofício... Ó senhores, lá porque ambos faziam versos não se seguia que devessem embirrar um com o outro. Pelo contrário.

O Teles, furioso, disse que não embirrava com o outro, que nem lhe dava essa importância, essa honra.

O Rodrigues ia saltar-lhe, tiveram mão nele. Mas jurou que doutra vez seria, que fizesse de conta que já lá tinha na cara quatro bofetadas tesas.

—Tesas, hein? olá! quatro bofetadas tesas.

Havia de dar-lhas, tão certo como dois e dois serem quatro, só para ter o gosto de dizer depois, num comunicado, que desafiara as letras portuguesas,—ele, o Rodrigues, ele, um simples fiscal do Real dU+2019.Água.

Aquilo fez surpresa, convidaram-no a explicar-se.

—Não senhores! dizia colérico o Rodrigues, com grandes gestos.—Bem sei que não valho nada. Escrevi, é verdade que escrevi; faço ainda o meu verso quando me dá na cabeça. Uma rapaziada! Estão maus? Concordo. Mas não há de ser aquele *négalhé* que o há-de dizer. Não o julgo habilitado. Lá porque tem soletrado dois romances, não se segue. Mas o que mando para público sim, o que entrego aos prelos—é meu!—E batia no peito com a larga mão espalmada, furioso, numas raivas, de orgulho triunfante.—Não roubo! nunca roubarei!—afirmou mais alto o Rodrigues, para que o Teles que se ia retirando, no meio de dois amigos, conciliadores, o ouvisse.—Repito: não roubo, não faço como ele!—E as palavras saíam-lhe salivadas, violentas, por entre os lábios espumantes, atiradas ao Teles como pedradas.

Os outros escutavam agora com interesse. Estavam a dar razão ao Rodrigues, instintivamente, sem compreender bem o que ele queria dizer.

—As provas...—e meteu a mão no bolso do seu casaco de lona, com ímpeto:—as provas, vê-las aqui estão!

Mostrou no ar a brochura verde do *Almanaque de Lembranças*.—Era do ano que vem, tinha-lhe chegado hoje. Ali estava o Peres do correio que lho tinha entregado ele mesmo.

—Sou testemunha—confirmou do lado não sei quem.

O Rodrigues, então, afirmou que era preciso historiar, contaria a coisa em duas palavras. O Sr. Teles, o borra-botas do Sr. Teles, lembrara-se um dia de ser escritor, de ser poeta. O alarve! Todos os anos—zás! versalhada para o *Lembranças*...

—Era colaborador—disse o Antunes da Câmara que admirava o talento de Teles.—Era colaborador.

—Era quê?—interrogou logo o Rodrigues, de mão atrás da orelha.—Maçador, maçador é que ele era. Nunca lhe admitiram as asneiras, se me faz favor, nunca! Na *correspondência* troçavam-no, chegaram a dizer-lhe que podia fazer fortuna pelas tombas, que o não chamava Deus para as letras. Aquele *Serei ousado?* é ele, sei que é ele. Nunca o admitiram.

—Lembro-lhe a *Flor do Campo*, Sr. Rodrigues, lembro-lhe esses versos—insistiu o Antunes.

O Rodrigues teve um risinho feroz, fitando o Escrivão da Câmara. Não lhe respondeu. Subiu os três degraus do *pelourinho*, pausadamente, com pompa, e chamou a atenção dos amigos. Ia ler. Abriu o *Almanaque de Lembranças*, onde trazia um papel, e rompeu:—«Indignidade».

—Em letras bem graúdas, queiram inspeccionar.

E colou ao peito o *Almanaque*, voltando para fora na página onde o seu dedo reboludo apontava a terrível palavra, escrita ao alto em epígrafe.

Houve um sussurro, alguns pediram silêncio. O Rodrigues que lesse.

«Os versos intitulados *Flor do Campo*, que viram a luz no *Almanaque de Lembranças* do ano extinto, foram-nos remetidos pelo Sr. José Maria Teles, escrivão.»

—Copiados por mim, uma letra floreada—esclareceu o Fernandinho.—Ele depois assinou—e fez no ar, com o dedo, o traço complicado da firma complicada do Teles.

Pediram silêncio outra vez. O Rodrigues continuou:

«Publicámo-los na convicção de que eram da lavra daquele senhor, pois que ele os assinava.»

—E então?—perguntaram uns poucos, sem compreender ainda.

—«Pura ilusão!»—continuou solenemente o Rodrigues.—«Escreve-nos o mimoso e assaz conhecido poeta Sr. Alfredo Mendonça, dizendo que os versos lhe pertencem, e que o Sr. Teles os roubara (sic) do seu volume *Lira Matutina*.»

Foi uma estupefacção! O Rodrigues prosseguiu mais alto, fugindo aos comentários:

«Averiguámos, e disso alfim nos convencemos. Os leitores avaliarão a probidade do Sr. Teles, a quem mais de uma vez tínhamos fechado a nossa porta por incapaz. Hoje damos-lhe com ela na cara—por indigno.»

E o Rodrigues fechou o livro com estrondo, como os outros fechariam a porta na cara do Teles escrivão; tomou praça fora, o livro debaixo do braço, e foi-se para

o estanco do Ernestinho, altivo, solene,—vingado!

Os da roda seguiram-no silenciosos, corridos de vergonha, desnorteados, porque além de sempre terem julgado o Teles muito superior ao Rodrigues—e o Rodrigues bem o sabia, olha ele!...—tinham dado uma sorte de mil demónios, agora é que eles viam! distribuindo no teatro, por ocasião da festa de Santa Barbara, a *Flor do Campo* que eles tinham mandado imprimir avulso—para lisonjear o Teles que tivera o trabalho de os ensaiar no *Santo António*. Hein? quem diabo havia de dizer que aqueles papelinhos de cor, uns verdes, outros amarelos, chovendo sobre a plateia entre o segundo e o terceiro acto, e quase disputados a murro, num alvoroço de seiscentos diabos, encerravam uma insídia, —um logro à boa-fé, à credulidade ingénua de toda a comarca!

E relembravam episódios, particularidades quase extintas: o Fernandinho vestido da menino do coro, batina vermelha e roquete de rendas, cobrindo-se de teias de aranha lá pelo forro do teatro, de gatinhas e com um «toco» de vela na mão, aos tropeções, só para ter o gosto de ser ele a despejar do *óculo* aquela papelada; o Melo da administração, vestido de Frei António, sandálias e grande chinó de calva redonda, feita de uma bexiga de porco, com o Teles em triunfo por entre os bastidores, seguido pela turbamulta dos companheiros, em hábitos de frade e fardetas de galuchos, dando vivas ao *poeta*! ao grande Teles, ensaiador da rapaziada!

Que desastre! Afinal tinha-lhes saído um intrusão! E quase se regalavam da sorte que tinham dado, pelo prazer que sentiam de o ver agora humilhado, corrido, esbofeteado pelo ridículo. Bem feito!

O Antunes da Câmara, sobretudo, estava furioso. Fora ele o da lembrança de se mandar imprimir a versalhada. Escrevera para Coimbra ao Manuel Caetano, ao Manuel Caetano da Silva, Praça Velha n.º 11, que mandava os impressos para a Câmara, e pedira-lhe aquilo como especial favor. O homem—pronto. Duzentos exemplares, quinze tostões. Quinze tostões que se tinha combinado dividir por todos, contas do Porto, mas que desembolsara ele só, afinal. Bem feito! ninguém o mandava ser burro. Arre! cavalgadura!

E dava patadas no chão, cada vez mais furioso, apoplético.

—Mas a bem dizer, tudo isso é nada!—continuou comovido o Antunes.—Ó senhores! e a figura que eu fiz... sim, a figura que eu fiz naquele intervalo do

drama para a farsa?...

Todos desataram a rir, tinha sido fresca... Ele sempre acontece cada uma! E lembravam:—levantara-se o pano quando os ouvintes menos o esperavam. Os que tinham sabido lá fora, às doceiras, voltaram apressadamente com os cartuchos na mão, ensacando os rebuçados. Ia um reboiço pela plateia. Na «galeria dos camarotes» para onde só iam senhoras, gente fina, começavam a aparecer caras barbadadas de sujeitos que iam saber «que tal», perguntar se ia uma pinguinha de licor, um docinho. Em cima, na galeria alta, criadas e raparigas do povo, debruçadas no parapeito, apontavam para o palco, de olhar atónito.

—Ele que dianho é?—perguntavam.

De baixo, da plateia, todos faziam *chut!* voltados lá para cima:

—Caluda, sua gentalha!

No palco estavam todos perfilados, trajando como na peça. O Freitas da recebedoria com o seu fato de Marco Aurélio; o Paula de cardeal, báculo em punho e a cara metida numa estriga; o Fernandinho de menino de coro, todo lépido; a Ana Pisca muito acanhada no seu fatinho de Olívia; a Margarida que tinha feito de anjo no quadro final da *Glória*, em que ela subira num cesto vindimo à «região sidérea dos astros»; o pai de Santo António, em ceroulas e de saia branca pelo pescoço, lívido como saíra do túmulo; aquela canalha da tropa —todos enfim!

Nisto, entra pelo fundo o Teles todo de preto, no meio do Melo vestido de Santo António e do Proença telegrafista que fazia de Frei Inácio. Avançaram. Em baixo, o Felisberto mandou tocar o Hino da Carta à meia dúzia de músicos que não entravam na peça. O hino rompeu com grande estampido de pratos, numa cadência fúnebre. No palco, tudo imóvel. Ninguém sabia o que era aquilo, não estava no cartaz. Esquecimento do Fernandinho, talvez... pensavam.

Mas ao acabar o hino, o Antunes da Câmara, com farda de centurião, durindana e botas de água, irrompe furioso do buraco do ponto e prega um discurso na bochecha extática do Teles:

«Não era ele o mais competente, de certo, o mais... etc. Mas tinham-no encarregado, obedecia... e tal. Só sentia não ter frases, oratória, porque enfim estava falando a um poeta...—colaborador do *Almanaque de Lembranças* para Portugal e Brasil—acrescentou voltado para o público, esclarecendo. Enfim, finalmente... vinha para aquilo: dar-lhe um abraço em nome de todos...—e abraçou-o comovido, enquanto os espectadores berravam *apoiados*, dando palmas—«... e para isto»—acrescentou fazendo com a mão que se calassem, que se calassem depressa.

Houve um sussurro de aplauso, dos camarotes crianças gritavam—«ó Emilinha!» Era com efeito a Emilinha, a filha do Alves dos Pesos e Medidas, que saía também do buraco do ponto, vestida de anjo, tules verdes e muita lantejoula a brilhar.

Ficou-se a olhar a plateia, imóvel, muito fria, ensaiada, enquanto o Felisberto preludiava na flauta. Em certa altura, num requebro doce da «melodia», ele fez-lhe com a cabeça «que entrasse», e a Emilinha rompeu nuns guinchos, cantando a *Flor do Campo*, com música da *Muchagateira* original do Peres do correio.

O Teles sorria, entre glorioso e modesto, falando a Santo António e a Frei Inácio: —Era de mais, era de mais, ele não merecia...—Ora essa! pareciam dizer-lhe os outros—seríamos ingratos se...

A «cantoria» acabou, o teatro parecia desabar com palmas, tudo berrava, um ou outro cão latia. Se não quando, os do palco desataram a rir, cosendo-se uns aos outros, fingindo um grande medo de que as bambolinas do tecto desabassem.

Todos olhavam, curiosos. E naquela expectativa viram de repente descer do alto, sobre o palco, agarrado a uma corda, o Freixedas da Mercearia vestido de Lusbel, rubro e com chavelhos. Cuidaram de estoírar a rir. Da boca muito inchada saíam-lhe faúlhas, do algodão a arder que lá trazia dentro. Fazia caretas horrendas, arremedando Satanás nos ímpetos da cólera. O pano começou a descer, oblíquo, esfarrapado de uma banda. O Freixedas, suspenso, atirou fora o algodão e gritou, furibundo:

—Alto! suas bestas! Inda não!...

Voltou-se de costas para o público, e um leteiro que trazia de ombro a ombro dizia em caracteres amarelos—*C'est fini!* O pano desceu então, estabalhoadamente. Os espectadores olharam uns para os outros, não tinham percebido... Foi nesse momento que o Sr. Antoninho, que tinha estudado em Braga, traduziu de um camarote, em voz alta:

—*É findo!*

V[AE] VICTORIBUS!

A Maria Lucila.

Em Dezembro, às seis é noite cerrada. Mais bocado, menos bocado, a essa hora recolhia do monte o José Gaio, sozinho, sachola ao ombro, um pouco atarantado com a trovoada que rugia ao longe, em surdina. Por cima dele, o céu ia-se fazendo cada vez mais negro, dessa negrura espessa de tempestade que infunde pavor à gente, e da qual os próprios pássaros têm medo. Cessara de chover. Mas o vento do sul principiava agora, agitando os grandes ramos despidos dos castanheiros, fazendo-os murmurar não sei que estranha elegia... A um relâmpago mais vivo, o José Gaio apressou o passo, e, benzendo-se, rezou a *Magnificat*. O trovão chegou, depois, lúgubre, cavernoso, alastrando-se em roldões na larga amplitude do céu. Debaixo dos pés, o José Gaio sentia o caminho lamacento, encharcado das enxurradas valentes de todo o dia. Mas a ponte já não ficava longe. Depois, a ladeira, e no meio da ladeira a casa.

—Vamo' lá com Deus! fazia ele animando-se.

Um clarão súbito de relâmpago deslumbrou-o. Diante dele surgiu de repente a paisagem, e de repente desapareceu, feericamente iluminada. Deitou então a correr, aterrado; mas tão forte veio em seguida o trovão, que ele instintivamente parou e levou ao céu as mãos aflitas, num gesto de quem implora misericórdia. Naquela iminência de perigo as próprias árvores lhe pareciam imobilizadas pelo terror, à beira do caminho. E através dos castanhais, o surdo rumor do vento era como a voz implorativa da natureza, unindo-se à voz dele num longo coro de suplicas...

O José Gaio ia transido. Mas pior ficou quando de repente, sem saber donde, alguém chamou por ele, lugubrememente:

—Ó José Gaio!

O homem parou. E como perto dele apenas enxergasse os braços da cruz negra, que era o sinal de ali terem matado o José Tendeiro, há anos, apertou o passo e tomou por um atalho, direito à ponte. Mas então a mesma voz tornou-lhe mais de perto:

—Ó José Gaio!

Quis fugir, mas o medo parece que lhe tolhia as pernas. Nisto veio um relâmpago que iluminou a mil cores a paisagem. Ele cerrou os olhos com força, nervosamente, ferido por aquele deslumbramento que por milagre o não prostrou. E quando o trovão bramiu, rudemente, uma imobilidade de estátua prendia o camponês à terra. Foi então que veio de novo aquela voz, como um prolongamento do trovão:

—Ó José Gaio!

Ia avançar para ganhar a ponte. Parecia-lhe que, uma vez transposta, galgaria a ladeira num instante. Mas involuntariamente, cedendo a uma força violentíssima, entrou de retroceder, cambaleando. Aquele rugir da água que logo abaixo da ponte fazia cachão, rugir violento mas monótono, infundiu-lhe um grande pavor. Teve medo e deixou-se retroceder... Senão quando, estacou ouvindo a mesma voz:

—Ó José Gaio!

E logo atrás da voz, com um rastro, um intensíssimo relâmpago cor de sangue. Viu tudo vermelho, afogueado, tudo menos aquela cruz preta de longos braços, sempre abertos e sempre firmes, que pareciam desafiar a tempestade...

Aquela serenidade da cruz estonteou-o. Dir-se-ia que esse nobre exemplo de altivez vinha agora humilhar mais a sua fraqueza. Desviou os olhos e cerrou violentamente as pálpebras. Mas em vão! que fora tão vivo o deslumbramento, e tanto lhe ferira o cérebro, que num fundo cor de sangue, como num transparente de mágica, ele via nitidamente desenhada, sempre firme e sempre altiva, a cruz que o estonteava. Então deram-lhe ímpetos de fugir; uma onda de coragem parecia dilatar-lhe o peito impelindo-o. Precisamente nesse momento, a voz tornou a chamar:

—Ó José Gaio!

Sentiu-se alquebrado, transido até ao mais íntimo do seu ser. Um longo desfalecimento invadiu-o todo, quebrando-lhe a última fibra de energia, como se quebra um vime seco. Aquela paralisia atacou-lhe também o cérebro: não formava um só raciocínio nem elaborava sequer uma ideia, a mais simples. E foi preciso um grande trovão para todo ele tremer, abalado como a própria terra. Depois, outro relâmpago fez reviver nele a vida do espírito; sentiu um grande pavor àquele aspecto súbito do campo que diante dele se perdia de vista, afogueado como se estivesse todo em chamas. Aqui, um pinhal, uma ermida além, para toda a banda Casais, surgiam de repente, nítidos nos seus contornos, definidos maravilhosamente nas suas atitudes. As grandes árvores despidas, sobretudo, tinham um ar fantástico, nessa pureza nítida de recorte que traçava na luz as sinuosidades mais delicadas dos troncos e ramarias. No meio deste cenário de mágica, a um tempo majestoso e tétrico, o triste camponês sentia-se apavorado, jactitante e quase inerte, ali chumbado à terra, hirto como a cruz que tinha diante. E nem um só gesto implorativo, e nem uma só palavra de súplica lhe saía dos lábios crispados. Porque uma vez que tentara uma palavra, o mais formidável trovão cortara-lha na primeira sílaba. Depois, aquela voz não o largava, imperturbável e monótona:

—Ó José Gaio!

E ele, não respondendo nem falando, pensava esconjurá-la, exorcismá-la como se fosse a voz de um duende. E para esta evocação do sobrenatural muito concorria, como os senhores compreendem, esse aspecto sereno da cruz negra, inabalável sob a asa agitada da procela.

Nisto veio a chuva, em grossas gotas a princípio, em cordas de água depois. Ela varejava-o inclemente, impelida agora por um vento sul furioso. Não deu um passo para procurar um abrigo, não se mexeu sequer. Como todo ele ardia em febre, aquele dilúvio era quase um celeste benefício para a sua cabeça num vulcão. Mas quando os relâmpagos vieram, aquela reverberação da luz nas cordas de água fez-lhe um deslumbramento mais forte. E caiu inerte sobre o caminho lamacento por onde a água escorria impetuosa, ao mesmo tempo que a voz do costume, sobrelevando o trovão, repetia do lado da cruz:

—Ó José Gaio!

Cobarde, sujo como um sapo, encharcado até aos ossos, como caiu assim ficou —de borco. Depois, quando abriu os olhos, na larga poça onde quase tinha a

cara, via reflectir-se a cruz, a cada relâmpago. Ela lá estava no seu posto, altiva, serena, intemerata, recta como um exemplo... E pois que parara o dilúvio, dos seus braços abertos as gotas da chuva caíam, vermelhas à luz, como grossas lágrimas de sangue...

Cobarde! Nenhuma comparação pode dar ideia do estado de prostração desse miserável, reduzido pelo terror a uma quase inacção de besta morta. Dir-se-ia um imundo trapo ali caído, abandonado ali na lama ignóbil de um caminho, à espera da enxurrada que o levasse... Era abjecto!... E enquanto esse animal assim jazia, atordoad, como boi que uma malhoada prostrou, ao fundo do horizonte, para sul, o encastelamento fantástico das grandes nuvens plúmbeas, listradas de negro e roxo, metralhando com fúria o largo espaço, aos quatro ventos, era tudo quanto o nosso espírito pode conceber de mais grandioso e de mais sublime, épico e trágico a um tempo, soberbo, majestoso, imponente.

Mas a voz sempre a ouvia, por cima do vento e por cima dos trovões, aquela voz:

—Ó José Gaio!

Assim largo tempo, horas talvez. O torpor do frio agravava-lhe o outro, o do medo. Parecia colado à lama, preso ao caminho como se fosse uma rocha. No entanto, a espaços, tinha a compreensão clara da sua posição e do seu estado. E então uma raiva súbita galvanizava-o: queria erguer-se, fugir, desaparecer—erguer-se como aquela cruz, fugir como aquele vento, desaparecer como esses relâmpagos, que nem deixam rastro na treva...

Tais rebates de coragem eram, porém, efémeros, impotentes para lhe provocarem um movimento. Aquele diabo tinha de morrer ali, miseravelmente, ignobilmente, como um cão a que houvessem amputado as quatro pernas. E esta ideia, que o instinto de viver lhe sugeriu, apavorou-o ainda mais que a própria tempestade. Morrer ali! Mas que dúvida, se ninguém lhe vinha acudir, se não passava por ali vivalma, a tais desoras! Era horrível! No meio de um caminho, numa noite medonha de tempestade, ao pé daquela cruz negra de longos braços hirtos—morrer ali!... Eram então já por ele as lágrimas que essa cruz parecia chorar?...

Estava nisto, quando num silêncio de acaso ouviu passos à distância. Vinha gente. Quem quer que era tinha de passar por ali, de tropeçar nele, talvez. Subitamente, sentiu-se reviver. Estava salvo. Em breve estaria de pé,—de pé

como essa cruz que um relâmpago muito vivo acabava de lhe mostrar... No entanto, a voz é que se não importava:

—Ó José Gaio!

Mas os passos vinham-se chegando; e então, como se receasse que o calcassem, reuniu num supremo esforço as máximas energias, e rebolou-se para um lado, até ficar detrás dumas urzes. Coisa notável foi, senhores, que esse miserável em vez de gritar calou-se, e todo se recolheu numa absoluta quietação, com medo que o surpreendessem... E quem quer que era passou, cabeça nua, diante da cruz gotejante... Aos ouvidos do miserável chegou um como murmúrio de prece... Não ia só a rezar; ia também chorando, aquele homem...

...Quem seria?

Um clarão branco de relâmpago fez irromper da treva, lívido como um espectro, o filho do José Tendeiro...

O desgraçado ia a chorar pelo pai, ali assassinado havia anos, por uma noite como aquela...

Passou, ladeira abaixo, na direcção da velha ponte. Só aquele cobarde não se mexeu, prostrado sobre as urzes, quase arrumado à cruz.

E assim esteve horas e horas, até que, noite velha, cessou a tempestade, perdida num murmúrio longínquo, lá na extrema fímbria do horizonte... Quando a lua rompeu, lívida num céu de anil, nem a grande sombra da cruz, incidindo sobre aquele corpo, como um beijo ou uma bênção, logrou reanimá-lo. Tinha morrido, o estafermo!

Ao outro dia, está claro, foram lá os da justiça. O velho abade foi depois, buscar o corpo. Os médicos nem lhe tinham mexido.

—Sangue pelos olhos, sangue pela boca, sangue pelo nariz, uma congestão muito linda—dissera um a rir.

—E muito mal empregada—fizera o outro do lado, indiferente.

Mas quando os da maca disseram a um tempo—*Upa!*—esse bom velho do abade caiu de joelhos diante da cruz, numa convulsão agudíssima de choro. E elevando

ao céu as mãos mirradas—ao céu que um divino azul fazia diáfano—ele exclamou, soluçando:

—Senhor! Senhor! a vossa justiça é tremenda, como é infinita a vossa misericórdia!

...Segredo de confissão...—mas o abade bem sabia quem tinha ali matado o José Tendeiro...

BALADAS

A Luís Osório

I

MARICAS

Vocês lembram-se da Maricas, aquela magrita de cabelos muito castanhos, quase louros, que morava defronte da redacção, lembram-se? A boa da rapariga era nossa amiga, pois não era? Sempre benévola e complacente para as nossas balbúrdias e algazarras de todo o dia e de toda a noite. E vocês bem sabem que tais elas eram, as nossas balbúrdias e algazarras...

Eu, na Maricas, admirava uma virtude rara, toda original e encantadora—a de não mostrar jamais na sua amizade preferência por algum de nós. Dir-se-ia que era nossa irmã, ou mesmo nossa mãe, pois que nos queria a todos por igual, a pobre Maricas de olhar azul e brando...

Não sei se já vos disse: adivinho o interesse com que ela vos perguntaria por mim, nos meus dias de cábula, pela solicitude e interesse com que me perguntava por vocês, quando faziam gazeta ao escritório.

—Então esses cábulas? então esses marotinhos? Doente, algum?

—Na estúrdia, Maricas. Andam todos por lá...

—Ora vejam!—fazia ela quase escandalizada.

Ah, como eu me lembro neste momento da vivacidade franca dos sorrisos que nos mandava, quando todos em pinha, furando pelos ombros uns dos outros,

palheiros conversávamos com ela de janela para janela, num *tête-à-tête* que durava horas, muito familiares, muito dados, quase que chamando-lhe por tu e ela a nós!

Como eu me lembro!

Ela tinha sempre uma resposta e um sorriso para cada uma das mil perguntas que lhe fazíamos, e então uma grande paciência inexaurível. Nós, os estroinas, quase que chegávamos a adorar aquela ingenuidade singela do seu coração de vinte anos. A boa da Maricas era adorável, toda ela bondade e paciência para os nossos distúrbios e para as nossas algazarras de toda a hora e de todo o instante.

Mas como se familiarizou ela connosco e nós com ela, é que me não lembra, e porventura a nenhum de vocês, acho eu. O que é certo, rapazes, é que nós como que a considerávamos uma companheira de redacção, espécie de directora com casa à parte e viver independente pois que se entrávamos no escritório (parece mesmo que estou a ver aquela barafunda de escritório!) e, assomando à janela, a não víamos na sua, dizíamos quase sem querer, mas invariavelmente:

—Mau! falta hoje a Maricas! Diacho! mas onde iria a Maricas?

E passados instantes debandávamos todos, um agora, outro logo, à formiga, mal nos convencíamos de que ela passava a tarde fora, em casa da *freira* de Quebra-Costas—dessa lembram-se vocês... No entanto, deveis recordar-vos que ela, no dia seguinte...—coitada!—...a primeira coisa que fazia era justificar a sua falta, «estive aqui, estive ali, fui a umas compras com a mamã», um pouco ruborizada e confusa, como se na realidade a sua obrigação fosse estar ali a aturar-nos. Por pouco ela nos não pedia de mãos postas que lhe perdoássemos, a boa da rapariga.

E nós então galhofeiros, brincalhões:

—Sem mais *aquelas*, D. Maricas! A congregação risca-lhe a falta, ora essa!...

E ela mais confusa, fazendo girar no dedo o seu anelzito de cobra:

—Pois sim, mas é que às vezes...

—Às vezes quê?...

«Não! ora adeus! Ninguém desconfiava que ela estivesse zangada connosco. Saíra, porque tinha de sair, essa é boa...»

—Pois não era verdade—perguntávamos-lhe—que ela adorava aquela *trupe* de boémios?

—São todos muito bons rapazes—dizia já a sorrir.—Todos me tratam muito bem...

E quando dizia isto, o seu rosto miudinho e muito pálido todo se iluminava de prazer e sorria de íntima gratidão. Mas porque simpatizava ela connosco, a pobre Maricas?

Quando nos via em palestras intermináveis, nas libações do *congnac* e do café, ouvia-se lá da janela um *pschuu!* muito sibilado.

—Que manda a D. Maricas? É servida?

E ela, levantando os olhos da costura, com ares de formalizada:

—Mando que escrevam, que trabalhem! Já fizeram o jornal?

O cuidado que lhe dava o jornal!

—Ora faz favor de não falar em coisas tristes? Olhem agora que lembrança, o jornal!

Ela então, por única resposta, dizia-nos às vezes que na semana passada o tipógrafo viera queixar-se de que havia falta de originais, quantas vezes o garoto da imprensa viera pedir as provas emendadas.

E por falar em provas:—a Maricas sabia todos os sinais das emendas, todos.

—Olhe lá, Maricas, está aqui uma letra a mais nesta palavra.

—Risco por cima, risco à margem, e um *d* cortado; é fácil.

—Um *m* de pernas para o ar, e esta?

—Risca-se, e um três cortado, à margem. Está farto de o saber...

Quando via algum sentado à mesa, a rabiscar, pedia sempre que lhe fosse mostrando as tiras, à medida que as escrevesse, talvez porque adivinhava que isso era um estímulo. A gente fazia-lhe então a vontade, e mal escrevia a derradeira letra pegava da tira e dizia-lhe para a janela, acenando-lhe com o papel:

—Maricas, cá está uma, vá contando. Veja: escrita de alto a baixo.

À terceira que se lhe mostrava, ela saía-se de lá com um *bravo!* e recomendava, solícita, cinco minutos de folga, enquanto se fumava um cigarro.

A Maricas era quem nos cortava as cintas para o jornal e quem nos fazia a goma nos dias de expedição. Que ricas cintas e que bela goma! Em paga, quando o jornal chegava da imprensa, quase sempre nos sábados à noite, o primeiro exemplar era para ela. Como a rua era estreita atirava-se-lhe da janela.

—Maricas, aí vai ainda fresquinho!

—'stá bem, obrigada. Vou ler, até amanhã.

Corríamos todos à janela, a dar as boas-noites à nossa amiga.

—Durma bem, ouviu?

E no dia seguinte, a Maricas repetia a cada autor frases e frases do artigo publicado, jurava que nos conheceria no estilo ainda que mudássemos de pseudónimo. De resto, sempre benévola: achava tudo muito bom, «escrito com muita graça e muito bem», como ela dizia.

Nos serões que fazíamos e que por via de regra não passavam de um interminável cavaco, dizia-se mal das mulheres, discutiam-se escândalos, desvendavam-se segredos, tal e qual como em todas as redacções... Mas da Maricas ninguém tinha que dizer senão bem; era a privilegiada naquelas sessões de má língua. Quase sempre a conversa degenerava em algazarra—um que se lembrava de cantar, outro que ia pela guitarra e gemia fados com acompanhamento de violão. E era de ver o Santos Melo, de olhos cerrados e cabeça à banda, como cantava a sua quadra predilecta:

Sei cantigas misteriosas,
Cantigas de endoidecer,

Que os lírios dizem às rosas,
Que as rosas me vêm dizer.

Mas no meio desta inferneira havia sempre um que recomendava silêncio.

«Com mil demónios! não viam que a Maricas não podia pregar olho...»

Todavia...—ó suprema bondade!—...ela nunca se queixava quando no dia seguinte nos vinha dizer até que horas durara a estroinice, o que se tinha tocado, o que se cantara, quem tinha rido mais, e, até, as vezes que as cadeiras tinham caído.

«Ora viam?! Não a tínhamos deixado dormir! A Maricas que desculpas; palavra de honra! doravante...»

Ela então acudia logo, como a remediar uma grande desgraça:

—Não, não, eu até gosto. Entretém-me vê-los alegres, faz-me bem, ora essa...

* * * * *

Pois, meus amigos, a boa da Maricas—morreu! vocês não sabiam! E morreu tísica, a desgraçada Maricas! Só depois que o soube, é que eu comecei a pensar naquela tossezinha muito seca em que às vezes a surpreendíamos, naquele branco pálido das suas faces, no bistre das suas olheiras, naquela magreza transparente das suas mãozitas de marfim...

Pobre Maricas!

Haverá três meses que ela me desapareceu da sua janela, onde continuei a vê-la depois que o jornal acabou. Eu sabia lá para onde ela tinha ido?!...

Mal diria eu que estavas no cemitério, tão longe e tão só! porventura na vala comum, sem umas folhas de rosa sobre a tua sepultura humilde,—onde neste instante cai chuva e chuva! Ainda se as noites fossem todas de luar... Minha triste amiga! como eu agora relembro cheio de mágoa a tua frase de infinita bondade e de infinita resignação:

—...«Entretém-me vê-los alegres, até me faz bem»...

Compreendo agora tudo: vivias da nossa alegria, já que a tua alma era triste... Mas porque foi que nos não disseste, pobrezinha! que nessa frase singela ia a revelação do pressentimento que tinhas da tua morte prematura?! Triste criança que nós não mais veremos!

* * * * *

Olha, Maricas, escrevi quatro tiras. Já me não dizes—*bravo!*—ora não?...

* * * * *

...Bom Deus! bom Deus! para que a terra produza diamantes, e dela rebentem flores, são talvez precisos estes corpos a avigorar-lhe as seivas...

II

PARA A ESCOLA

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula de primeiras letras. A porta lá estava, amarela com fortes pinceladas vermelhas, ao cima da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subi-la. Obra de frades, os senhores calculam... Já tinha principiado a aula quando a Helena entrou comigo pela mão. Fez-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantarolando. E ouviu-se então a voz da Helena dizer para o senhor professor, um de óculos e cara rapada, falripas brancas por baixo do lenço vermelho, atado em nó sobre a testa:

—Muito bons-dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encomendinha.

Oh! oh! a encomendinha era eu, que ia pela primeira vez à escola. Ali estava a encomendinha!

—Está bem, que fica entregue. E lá em casa como vão?

E enquanto o velho professor me tomava sobre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia metido nem eu sabia o quê. Meu pai é que lá sabia... E ali estava eu entre os joelhos do senhor

professor, com o *bonnet* numa das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito comprometido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se para me dar um beijo, e disse-me adeus.

—Adeus, Josezinho, logo venho cá pelo menino.

Choraminguei, quis sair na companhia dela.

—Não, agora o menino fica—disse-me a Helena.—Isto aqui é a escola, é onde se aprende a ler.—E agachando-se, diante de mim:—Olhe tanto menino, vê?

—Mas fica tu também—disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir, iracundo:

—Caluda, sua canalha! Não vêem que está gente de fora? Caluda, que vai tudo raso com bolaria!

Foi então que reparei em toda aquela rapaziada. Ah, eles eram todos meus conhecidos! Vivam lá vocês! E estavam todos alegres, p'los modos. Reanimei-me. Então já eu podia ficar, estavam ali os meus amigalhotes, cheguei mesmo a rir das caretas que me faziam alguns, o Estêvão principalmente.

—Isto é preciso muita paciência, senhora Helena, muita soma de paciência. Um mestre precisa de ser um santo.—(Pausa. Olho duro sobre as bancadas.)—Mas está bem, diga lá que a encomendinha cá fica. Em boa hora entrasse...

—Entrou, ele há-de estudar. Ora há-de, Josezinho?

Das bancadas alguns acenavam-me que não, arregalando muito os olhos.

—É verdade,—insistiu por sua vez o professor—o menino há-de estudar as suas lições, não é assim?

—Diga, sim senhor—ensinou-me então a Helena.—Hei-de estudar muito e ser sossegadinho na aula, diga.—E a meia voz para o professor:—isto em casa é o vivo mafarrico; faz lá ideia?

Ele riu, já sabia; as crianças são todas assim, enquanto estão no mimo das mães. Mas uma vez metidas na escola, as coisas mudavam um pouco. E piscando o

olho, designou a palmatória. A Helena ficou transida.

—Faz milagres, Sr.^a Helena. Digam lá o que disserem, olhe que faz milagres.

Eu tinha percebido. Começava de novo a *embezerrar*, com vontade de sair quando a Helena saísse. Aquilo sabia eu para que servia, a palmatória...

—Mas para o nosso Zezito não há-de ser precisa, ora não?

—Diga assim: não senhor, porque eu hei-de cumprir com as minhas obrigações, diga.

—Ora aí é que está—atalhou o professor.—Vê, Sr.^a Helena? Aqui já os pequenos têm a sua obrigaçõzinha, os seus deveres a cumprir, as suas coisas...

—Sim senhor, sim, enquanto que em casa...

—Em casa é o que nós sabemos. Tudo são mimos, meu menino isto, meu menino aquilo. Vão assim criados à lei da natureza, sabe vossemecê? É mau isso, péssimo! Porque é que os rapazes são todos teimosos?—E bateu num «Monteverde» pousado sobre a mesa, dizendo:—Olhe, aqui está neste livro: «*de pequenino...*

—...*é que se torce o pepino*»—concluiu rápida a Helena, orgulhosa de saber o que estava no livro, coitada!

—Nem mais. A modos que isto faz rir. Um pepino é uma coisa que se cria na horta...

Risota dos rapazes!

—Ora vê isto, Sr.^a Helena? vê estes brutinhos?—E com entono, de palmatória alta, fazendo-se carrancudo:

—Caluda, seus fedelhos! Caluda, porque se peço licença à Sr.^a Helena, começo numa ponta e levo tudo a eito, corro tudo a bolos, tudo, mas o que se chama tudo!

E fitou-os altivo, sereno, minaz. Sob aquela ameaça, os rapazes ficaram transidos, cabisbaixos, olhos pregados nos livros. É verdade que ele podia pedir

licença à Sr.^a Helena, e mesmo diante dela *cascar* de rijo... Uma sombra de terror passou por toda a sala, sossegaram; até o Estêvão deixou de me fazer caretas.

—É o que vê, Sr.^a Helena—disse então vitorioso, a sorrir-se, o bom do professor.—É o que vê! Um mestre sem palmatória é um artista sem ferramenta, não faz nada. *Santa Luzia* milagrosa! Aqui onde a vê tem feito muitos doutores.

—Essa?—perguntou ingenuamente a Helena, disposta a venerar aquele pedaço de pau de buxo, se na verdade ele tivesse feito muitos doutores.

—Não, mulher, se não foi esta, outras como esta, essa é boa! Isso não faz ao caso.

Pela resposta bem se vê que foi indiscreta a pergunta da pobre Helena. Também ele, velho naquele ofício, muitas vezes investigara com mágoa o motivo por que a sua palmatória não fazia um único doutor... Morreria sem ter essa «glória,» decerto! Forte martírio que a Helena veio recordar-lhe!...

Houve uma interrupção, um rapaz que se levantou e de braço no ar pedia para ir lá fora.

—*Licéte!*—foi como ele disse, arremedando o latim *licet*. Outros havia que diziam, por troça, *Aniceto!*

—Ora já a mim me admirava,—tornou-lhe o professor.—Se tu não havias de pedir para ir lá fora, tu...—E ficou-se a fitá-lo, meneando pausadamente a cabeça.—Ora vá você lá fora.

O rapaz saiu apressado, com grande estrupido de pés.

—Olá?—chamou zangado o Sr. professor.

O outro assomou à porta, contrafeito.

—Para a outra vez faz-se menos barulho com esses pés, ouviu? Não sei se percebe... Ora já que tem tanta pressa, eu não tenho nenhuma; faça favor de esperar um pouco.

Pôs-se então a correr a vista pelas bancadas, resmungando:

—Tu não... tu não... tu não... Tu, olá, venha cá!

Levantaram-se uns poucos, foi um barulho.

—Canalha!—gritou-lhes então, batendo o pé.—Corja de atrevidos! Sentados, já!

Grande silêncio nas bancadas. Um perguntou de lá, humilde, se era ele, apontando para o peito.

—Sim, és tu, p'ra que queres os olhos? Avance e perfile-se.

Mediu-o de alto a baixo. Depois:

—Isso mesmo. Essa mão no bolso é que não é do *regulamento*, fora com ela. Agora, sim senhor. Ora vês além aquele sujeito? o tal das pressas?...

—Vejo, sim senhor.

—Bem sei que vês, se o não vissem é porque eras cego; que tal está o palerma? Ora acompanhe-o, já sabe p'ra quê. E sempre quero ver se tenho de vos ir lá buscar pelas orelhas.

Saíram. Mal tinham salvado a porta, gritou-lhes o Sr. professor:

—Olá?

Eles assomaram, outra vez, atrapalhados.

—Então, seus cabeças de avelã, torres de vento, então não falta nada?

Os dois puseram-se a coçar a cabeça, muito comprometidos. Faltava com efeito alguma coisa...

—Então é aí?

Eles avançaram até ao meio da sala, tropeçando um no outro.

—Ora passa por esta vez, em atenção a estar aqui a Sr.^a Helena.—E enrugando o sobrolho, comandou em tom marcial:—Ordinário! marche!

Faltava aquilo. Em obediência aos seus velhos hábitos de militar, dava o Sr. professor aquela voz, sempre que mandava algum aluno cumprir ordens suas:

—Ordinário! marche!

Sentou-me então no joelho e perguntou:

—Olha lá, Josezinho, tu queres ser militar, queres? Assim como o Sr. capitão do destacamento, que lá está aboletado em casa, queres?

—Corneta, mais queria ser corneta. Ou então como o Sr. prior, dizer missas.

Riram-se. Quem sabia lá o que dali sairia? Mas o Sr. professor fez notar que era bom que os pequenos tivessem já assim uma tendência qualquer. E pôs-se a puxar-me o nariz, a dar-me palmadinhas nas bochechas.

—Corneta ou prior, hein? Pois isso é que é preciso escolher.—E para a Helena: —Pois olhe que os tenho conhecido, Sr.^a Helena, que respondem a pés juntos que não querem ser nada. Mau sinal, péssimo, Sr.^a Helena! Quando eles assim dizem, de ordinário assim fazem, depois. Nunca são gente.—E virando-se para mim:—Mas então, Josezinho, em que ficamos? Corneta ou prior?

Preferia ser prior. Sempre me parecia melhor, mais bonito, especialmente em dias de festa, com aquela capa toda doirada...

—Muito bem, escolheste bem. «*Telha de igreja...*

—...*sempre goteja*»—concluiu a Helena que ainda hoje é forte em adágios.

O bom do professor tinha finalmente chegado onde queria.

—Prior, então! Está muito bem, seu reverendo. Pois olha, Josezinho, para ser prior é preciso estudar, saber ler no missal, ora é?

—É.

—Ah!... Não é assim que se diz. É, sim senhor—emendou a Helena.

O Sr. professor teve um gesto de indulgência.

—Mas tu não sabes ainda, ora não?

—Não senhor.

Ele então, fingindo uma grande surpresa, perguntou se o que eu trazia na saca era um livro.

—Querem ver que é um livro?...

—Diga—ensinou a Helena—é o meu livro para aprender a ler. Mostre-o lá ao Sr. professor, tome.

Houve na sala um murmúrio, ao verem a capinha verde, toda lustrosa, do meu livro.

—Muito bem! muito bem!—aplauiu o Sr. professor.—Mas este livro é mesmo para aprender a prior... O menino já tinha dito lá em casa que queria ser prior, ora já?

Fiz que sim com a cabeça. Era verdade aquilo; mas como é que ele o sabia?

—Bem se vê por este livro. É livro para prior. Queres então principiar, não queres?

—Quero, sim senhor,—ensinou ainda a Helena e eu repeti.—O que eu quero é dizer missa quanto mais cedo melhor, diga.

—Primeiro do que aqueles?—perguntou voltando-me para as bancadas.

Então fui eu mesmo que respondi:—«Sim senhor!»—contente com a lembrança de vir a dizer missa, e de a vir a dizer primeiro do que todos aqueles. Até podia acontecer que o Estêvão das caretas me ajudasse a alguma...

—Ora então está muito bem, estamos entendidos.—E com intenção, ferindo muito as palavras, para mas gravar no espírito:—A primeira coisa que é precisa para prior é saber bem isto, vês?—E punha-me diante dos olhos o livro aberto na primeira página.—Isto aqui é já missa, chama-se o *a b c*, e é aquilo que os priores dizem quando vão para o altar.

—*Ito?*—inquiri curioso, furando a página com o dedo.

—Sim, isto. E amanhã já me hás-de trazer sabido daqui até ali. Hein? valeu?

—Diga que sim, menino, diga. Valeu, sim senhor.

Eram as seis primeiras letras, ainda me lembro bem. A minha primeira lição!

A B C D E F!

A minha primeira lição!

—Ora sabe vossemecê o que isto é, Sr.^a Helena? isto que eu tenho estado a fazer?

—Sim senhor, sei... é assim... como quem diz... é...

—Não sabe, não admira,—disse complacente o Sr. professor.—Puxar o gosto, Sr.^a Helena, puxar o gosto é que isto é. Nem todos os mestres o fazem, todos o deviam fazer. O pequeno, assim, até já vai estudar com mais gosto, digo-lho eu; olé se vai!

«Mas ele não a queria demorar mais, tinha lá em casa as suas obrigações, as suas voltas, e deviam ser horas.»

—Pois isso é verdade, Sr. professor; mas não sei que é, custa-me a separar do menino...—disse a boa da Helena, quase a chorar.

—Foi ama, deu-lhe o seu leite, aí é que está a coisa. Pois tenha paciência. Aprender é tão preciso como mamar—concluiu numa prosa que é mesmo poesia.

—Pois é preciso, é!...

E a pobre Helena beijou-me, para se ir embora. Quando me beijou, senti na minha cara as lágrimas daquela boa amiga. Retirava-se, deixando-me ainda sobre o joelho do meu velho professor, quando este a chamou:

—Sr.^a Helena!

—Meu senhor!—respondeu, levando aos olhos o avental.

—Já agora, espere mais um instante.

Percorreu com a vista, minuciosamente, as bancadas todas da aula.
Depois, intimou:

—Tu, Francisco, olá, chega acima. E tu do lado, como te chamas, abaixo um pouco.—E virando-se para a pobre mulher lacrimosa:—Ora é ali, Sr.^a Helena, ali é que é o lugar do pequeno. Leve-o lá, ande, que lhe não deve pesar.

E dos braços do meu professor passei para os braços da ama. Novo beijo, lágrimas mais quentes, e saiu a boa da Helena, deixando-me no meu lugar...—o meu primeiro posto na arriscada milícia das letras...

Depois, só vi isto: o mestre a sorrir-se para a porta e a conversar por acenos com a pessoa que estava de fora. Pequeno como era, percebi, no entanto. O mestre vinha a dizer na sua mímica:

—Bolos?... Não?!... Perdoe a Sr.^a Helena, mas isso, quando forem precisos... Pois sim... lá isso sim... pequeninos... Han? mesmo com a mão?... Está bem... Descanse... Mesmo com a mão...

E ela devia sorrir por entre lágrimas, porque foi também por entre lágrimas que o bom velho se sorriu, dizendo adeus...

* * * * *

...Helena, minha boa amiga! Acabo de chegar ao fim da viagem que principiei nesse dia. Não volto mais à escola! Venho hoje restituir-te, querida amiga, aquele beijo—dulcíssimo beijo aquele!—que tu então me deste. E afinal não fui prior, ora vê!... Mas ainda bem. Se o fosse, acho que parecia mal beijar-te, minha boa e santa amiga! Pois ainda bem que não fui prior, ainda bem... Não é verdade, Helena?

Em Coimbra, no dia do meu acto de formatura.

TRAGÉDIA RÚSTICA

I

Madrugada de segunda-feira de Entrudo, tapada dos Nobres, Alentejo, à porta do José Grilo

Truz! truz! truz!

Os de casa acordaram, sobressaltados.

—Schuu! nem pio!—fez o José Grilo para a mulher.—Moita!

—Truz! truz! truz!

Do seu cubículo, a Ana, filha do José Grilo, pôs-se a chamar pelo pai.—Bem ouvia, que deixasse bater. Algum bruto que se queria divertir...

Mas logo outra vez na porta:

—Truz! truz!

—Arre que é bruto! vá bater ao inferno, quem é! gritou de dentro o José Grilo, zangado. E pois que se pôs à coca, de orelha fita, olhos cravados na telha-vã do casebre, sentiu distintamente os passos de alguém que fugia.

—Eu não te disse? aquilo foi bruto que se quis divertir—explicou ele para a mulher.

Mas palavras não eram ditas, pareceu-lhe ouvir o vagir de um cachorrinho, mesmo rente à porta. Veio-lhe logo à ideia que lhe tinham vindo pôr zorro...

—Ó mulher, queres tu ver que há novidade?

De um pulo saltou da cama, embrulhou-se na manta e abriu a porta do casebre.

—Ele que demónio de embrulho...?

Pegou-lhe com muito jeito. Era efectivamente uma criança, envolta em dois trapinhos muito velhos.

—Coitadinho! fez o ganhão achegando ao peito a criancinha.

—Grandes cadelas!—E pôs-se logo a fazer uma algazarra, alarmando a gente da casa.

—Andem! a pé! levantem-se! está aqui este inocentinho que vem dar os Bons-dias à gente!

Correu a filha, veio a mulher. Mas ao tempo, já o bom do José Grilo metera a criança na cama, visto que a pobrezinha estava gelada...

—Ele quem diabo há por aí que tenha leite? A filha do António das Varedas, é verdade, a Brites que lhe morreu o cachopo.

Despediu imediatamente a filha, a Ana, à procura da Brites que chegasse o peito ao inocentinho. E da porta, gritando para a rapariga que ia correndo:

—Que se não demore, ouves? que se lhe paga aquilo que for.

Mas a mulher do José Grilo, a senhora Joana, de pé no meio da casa, a saia amarela deitada pela cabeça, de braços cruzados, muito embezerrada, permanecia sem dizer palavra.

—Ó mulher, nada de aflições, é tal e qual como se fosse nosso, faz de conta...—observou-lhe logo o José Grilo que percebia o ar taciturno da fêmea.

Ela só redarguiu que *nosso* era um modo de falar. Seria dele, mais de qualquer desavergonhada...

O José Grilo, que estava a enfiar as calças, parou no serviço e pregou-lhe uma gargalhada.

—Ajeita-me o pequeno, ouves? Vê lá que talvez esteja molhado. E deixa-te de cantigas, que hoje é dia de Entrudo.

A mulher ia reguingar; mas ele, pegando-lhe de um braço, levou-a ao pé da criança, afirmando-lhe às risadas que sim, que o pequeno era filho dele.

—O pequeno?... mas é que pode ser cachopa—disse o José Grilo para a mulher.
—E certificando-se:—Nada! é rapaz.

Seguiu-se uma altercação. A senhora Joana, a chorar, ia jurando pela sua salvação que «o criança» era filho do seu homem.

—Ai Jesus que estou perdida! chamava ela muito cómica, braços no ar, o balandrau da saia amarela enfiado pelo pescoço num jeito de sobrepeliz.—Má hora em que me eu casei! ai Jesus que vai ser de mim!

—Olha que é rapaz, ouves? anda cá ver que é rapaz—disse-lhe de lá o José Grilo, muito fleumático, debruçado sobre a criança.

Mas como visse que a mulher continuava num estardalhaço, muito aflita, desaustinada pelos cantos da casa, o José Grilo virou-se para ela e disse-lhe muito solene:

—Pois assim me Deus salve como não é meu o rapaz.

Ao ouvir assim falar o seu José, a senhora Joana voltou-se logo para ele, olhos esbugalhados, muito suspensa.

—Juras pelas cinco chagas, ó homem?

—Juro pelas cinco chagas.

—Assim te Deus dê saúde, ó José?

—Assim me Deus dê saúde.

—Preto sejas tu como o teu chapéu?

—Preto seja eu como o meu chapéu.

A senhora Joana botou-se logo a correr para um canto da casa, e abrindo a arca

de pinho, do bragal, entrou aos beijos a uma Nossa Senhora da Conceição, pegada na face interna da tampa, com bocadinhos de hóstia.

Depois desabafou, muito aliviada:

—Ai!

O José Grilo pôs-se a rir.—«O demónio da Joana, com ciúmes!»

—Mas ciúmes de quê, ó mulher? não farás favor de me dizer de que diabo tens tu ciúmes?—perguntava muito casto o amigo José Grilo, sereníssimo diante da mulher desconfiada.

A outra, muito delambida, redarguiu com ironia—«que o seu homem era um santinho...»—O José Grilo ia defender-se. Mas ela, atalhando logo, reguingou de alto:

—Sabes tu que mais? estafermos é o que mais há. Olha a cadela que enjeitou este...

Aqui, fez uma suspensão; depois perguntou, muito lampeira:

—Mas quem seria a grande cadela?

Pôs-se então a mirar muito o pequeno, a ver se lhe dava ares de alguém, murmurando frases de ódio, moralistas:

—Precisava ser enforcada, a tua mãe; quem quer que é tem mesmo entranhas de lobo.

O pequenino entrou a vagir, muito friorento, embrulhado numa camisa do José Grilo.

—É fome, coitadinho! o infeliz inda não sabe que coisa é mamar—disse contristado o lavrador.

Foi-se logo à porta, a ver se a Brites chegava. Mas quem vinha com a Ana era a outra, a Doroteia do António das Veredas.

—Tua irmã, tua irmã é que se cá precisava. Que demónio vens tu cá fazer?

Ouves? não me dirás que diabo vens tu cá fazer?—E deu um bofetão na filha, «para que soubesse dar o recado».

A Doroteia pôs-se a explicar que a rapariga não tinha culpa. A irmã é que a mandara para levar a criança, porque ela, adoentada, fazia-lhe mal sair de casa assim cedo...

—Só se lhe queres tu dar de mamar—insistiu ainda o José Grilo, virado para a Doroteia, irreverente pelos seus dezanove anos inda virgens.

A senhora Joana fez-lhe de dentro que se calasse:

—Credo, homem! essas coisas não se dizem, nem por graça.

—Eu sei lá se não se dizem?—observou o lavrador, muito zangado.—Dá cá daí o pequeno.

Veio a senhora Joana com o embrulhinho, que entregou ao José Grilo. O lavrador depô-lo nos braços da Doroteia, com mil cuidados, e depois ele mesmo ajudou as mulheres a ajeitar o pequenino, em termos que fosse bem quente.

—Roda forte, ouves? E diz lá a tua mãe que eu de tarde por lá apareço, p'ra ver isto do ajuste.

A rapariga saiu. E como o lavrador desse fé que tinham ali ficado os farrapos, gritou para a rapariga:

—Ó D'roteia! espera que inda cá ficou isto.

Então pôs-lhe os farrapos ao ombro—uns pedaços miseráveis de velha chita—e a Doroteia partiu onde à irmã.

II

Quarta-feira anterior a Domingo Gordo. Monte do Rosário. Em casa de António Palma, casado com Rufina Maria

O António Palma tinha acabado de jantar, rodeado da pequenada. A mulher, a

Rufina, principiava a lavar a loiça, quando à grade do quinchoso uma voz chamou:

—Ó Sr.[^]a Rufina!

Vieram os pequenos, veio o António Palma, a mulher com as mãos fumegantes. Foi preciso fazer calar o *Farrusco* para se poder ouvir o que dizia aquela mulher que lhes estava falando do caminho.

—Queria-lhe uma palavrinha, a si mais ao seu homem.

O Palma foi abrir o cancelório. E foi com grande desgosto que deu de cara com a Francisca Fortunata, de grande ventre alçado, uma desavergonhada que tinha fugido ao marido, o José Tomás negociante de gado. Entrou, fizeram-lhe uma recepção fria. Os próprios pequenos olhavam desconfiados e silenciosos aquela grande mulher gorda que eles não conheciam. Ela sentou-se logo num saco, muito esfalfada, enquanto o Palma e a mulher afectavam procurar ambos um banco, acotovelando-se, com trejeitos de quem se sentia arreliado com a visita. O *Farrusco* investiu com a mulher, achando-a estranha; mas uma vez enxotado com o pontapé do Palma, fez-se na casa um grande silêncio, e a mulher começou assim:

—Venho pedir por caridade e esmola que me deixem aqui estar uns dias. Já vêm como eu ando, isto deve estar por pouco. Logo que tenha o meu filho, em arribando da quebreira do parto, deixo-os e vou-me embora. Lá em casa de minha mãe aquilo é uma grande miséria, passam-se dias que não comemos. Não há uma cama, a gente dorme sobre umas palhas, sem jeitos de roupa com que se cubra. Mas eu ando neste estado, bem vêm como eu ando...

Aqui desatou a chorar, levando aos olhos o avental miserável. O Palma e a mulher diziam não sei que monossílabos, o *Farrusco* rosnava. A outra prosseguiu:

—Não é por mim, sabem? não é por mim. É este inocentinho que tem de nascer no chão, como os cães... Bem sabem que isto custa. Pouco se me dava de morrer, afinal, mas queria que o meu filho vivesse... Coitadinho!

Ergueu-se num ímpeto, depois caiu de joelhos, mãos erguidas para o Palma e para a mulher.

—Pelas cinco chagas de Nosso Senhor! exclamou.

O Palma fez para a mulher um gesto resignado e de lástima. Cada um de seu lado, ajudaram-na a levantar-se, dizendo-lhe submissamente que tudo se havia de arranjar, que sossegasse.

—Que a falar os pontos de verdade, Sr.[^]a Fortunata, vossemecê é que tem a culpa desses trabalhos, disse-lhe logo o Palma.

Ela escondeu a cara no avental, fazendo-lhe com a mão que se calasse.

—Má sorte daquele pobre José Tomás, acabou-se! Quando ele casou com vossemecê antes tivesse quebrado uma perna.

Ela chorava cada vez mais, parecendo muito aflita.

—Agora aí o tem, anda por esses caminhos que parece doido. Nem gado, nem o diabo. Des'que vossemecê alvorou que o rapaz não vai a uma feira. Pois olhe que era homem para juntar, videiro como poucos.

Pôs-se a fazer um cigarro, olhando os pequenos atónitos. Depois continuou:

—Esteve aqui um destes dias, por sinal que sentado nesse mesmo saco...

A Fortunata levantou-se num ímpeto, como se o saco a repelisse. O Palma prosseguiu:

—Sente-se vossemecê, mulher, o saco não faz ao caso. Pois foi aí mesmo que ele esteve, até parecia um pobre de pedir. Nem botões na camisa, coitado! Mas pela conversa bem se vê que inda lhe não quer mal. Que a bem dizer ele quase não conversa, anda a modos que amalucado, sempre a levar a mão à cabeça, como se lá dentro aquilo andasse azoado. E mais é que bem pode o rapaz dar em doido...

A senhora Rufina foi de parecer que doido já ele andava. Passavam-se dias que não aparecia em casa do tio José Garção, que o levava logo para ele, mal a Sr.[^]a Fortunata o deixara. Por onde andava? que fazia? Contava-se que uma noite dormira numa coutada, no mesmo telheiro que os porcos. Que doutra vez fora ter com o vigário para que lhe baptizasse o filho, dizendo que já tinha nascido.

—No filho inda ele aqui se pôs a falar, lembrou o Palma.—Anda com ela ferrada

que o filho já nasceu.

Aqui, a Fortunata, de pé junto à porta, rompeu numa choradeira, ouvindo falar no filho. O Palma interveio, condoído, dizendo que se não afligisse, que o filho sempre teria uma caminha onde nascesse.

Ela ia ajoelhar, o Palma não deixou.

—Não é por vossemecê, mulher, assim me Deus salve como não é por vossemecê. Mas é que o inocentinho que aí traz esse é que não tem culpa. Faço de conta que é o pai que me pede, o pobre José Tomás. Vossemecê bem sabe que eu era amigo do José Tomás. Diabo! a gente já diz *era*, já fala nele como se o pobre tivesse morrido...

Nisto vieram chamar o Palma, que no lameiro ali em baixo andavam uns bois que não eram dele. Foi-se a buscar um marmeleiro, e depois, quando já ia para sair, disse em resumo:

—Fique vossemecê então, Sr.^a Fortunata. Ouves, Rufina? Talvez que ela inda não jantasse. Faz-lhe a cama lá dentro, e o resto arranjem-se.

Caso é que a Maria Fortunata, amanhecendo para Domingo Gordo, desentupiu e teve um filho. Mas nem sequer o tinha ainda beijado, nem lhe tinha feito uma carícia, quando por volta do meio-dia a avó do pequeno ali chegou, vinda de longe. O Palma que estava no quinchoso, a dar a bolota aos cevados, ficou espantado:

—Pois senhores! havia de jurar que você adivinha, Sr.^a Ana!

Ela, sem mais rodeios, perguntou se a criança já tinha nascido.

—Já nasceu, sim senhora, vá lá dentro se a quer ver. Venha daí.

Mas iam ainda à porta, quando a velha, filando o braço do Palma, lhe perguntou num sobressalto:

—Vivo ou morto, Sr. António?

O Palma percebeu. O estafermo da velha queria que a criança nascesse morta. Aquilo fez-lhe nojo, deram-lhe ganas de correr a mulher a pontapés. Conteve-se.

Mas todo ele vibrou de cólera, quando em presença do pequenino a velha, sem o beijar, perguntou o que se lhe havia de fazer.

O Palma, furioso, repeliu a mulher com desprezo. E como ela insistisse com a pergunta: «que se há-de agora fazer a isto?» ele redarguiu, irado;

—Dar-lhe de mamar, está bem visto. Inda você pergunta o que se há-de fazer à criança. Talvez você queira que o pequeno vá já cavar...

A velha ia falar.

—Nem pio, seu estafermo! Que tal é o amor que você lhe tem, que inda nem sequer a beijou. Nem a mãe o beijou ainda, coitadinho! Você já viu uma cadela quando tem os filhos, já viu? Com mil diabos, qualquer cadela vale mais que vocês duas.

O Palma ia-se pondo amarelo, a Sr.^a Rufina interveio, aconselhando-o a que saísse.

—Saio, e vou-me embora, ouviste? Ouviste? Aparento a égua e vou-me de véspera até à feira.

Pôs-se a procurar pelos cantos, aqui os estribos, além o freio da égua.

—Tanto faz ir amanhã cedo, como ir já agora. É já de cara. Mete-me qualquer coisa nos alforjes, que vou já aparelhar a égua.

Daí a meia hora, o Palma montava à porta, no meio do rancho dos cevados, e chamando a mulher dizia-lhe com má cara:

—Em estando capaz, rua!

—Daqui a três dias, talvez...

—Então até daqui a quatro. Ouves? E olha se defumas a casa, quando esses estafermos saírem.

Ora o António Palma a virar costas, e a velha a sair porta fora—com o embrulhinho do neto ao colo...

Como ela corre, a maldita! Parece que o leva roubado...

Onde passou ela o dia? Onde passou ela a noite? Não sei. Caso é que na madrugada seguinte, a desavergonhada abandonava o pequenino à porta do José Grilo.

Madrugada de Fevereiro, nevava...

III

Quando a Doroteia saiu com o pequeno, para o levar à irmã, tinha amanhecido havia pouco. A neve cessara; mas um nordeste frigidíssimo retalhava a cara da rapariga, encolhida sob aquela atmosfera de gelo. Nunca o souto que ia atravessando lhe parecera tão comprido e tão triste. Os grandes castanheiros despidos, cheios de neve até ao alto, faziam-lhe mais viva e mais cortante aquela impressão de frio. O chão estava coberto de neve; e lá em cima, muito alto, o céu muito azul anunciava um dia de sol.

A rapariga ia triste. Dir-se-ia que a tristeza lhe nascia toda daquele lado em contacto com o pequenino...

Por isso quando passou pela azenha, e que a mulher do Paulo lhe perguntou o que levava ali, erguendo a voz sobre o ruído forte da levada, a rapariga entrou de chorar e respondeu que era um enjeitadinho.

—Um quê, mulher? que dizes tu? insistiu a outra.

Mas o moleiro, que vinha chegando, especou diante da mulher, e repetiu como um eco:

—...Um enjeitadinho.

Entreolharam-se os três, numa incerteza vaga.

—Sim, um enjeitadinho, deve ser isso...—continuou o moleiro.—E daí... pode ser que não seja...

A rapariga, muito impaciente, perguntou se sabiam alguma coisa.

—Nada! pode ser que a história seja outra—elucidou o moleiro.—Onde foi que isso foi posto?

—Esta madrugada, à porta do José Grilo.

—Olá! isso então pode ser coisa dele—observou a rir o moleiro.—Esse diabo não é seguro.

Puseram-se a rir da lembrança. Já dentro do moinho, o homem pôs-se a explicar à rapariga:

—É que ontem à noite veio aqui um homem pedir pousada, um homem a modos que adoidado. Boa figura de homem, por sinal. Assim às primeiras, tanto eu como a Luísa tivemos o nosso medo...

—Ó Doroteia! interrompeu a mulher do moleiro, dá cá o menino e senta-te. Vou-lhe dar de mamar, que o pobrezinho há-de ter fome.

A Doroteia passou a criança para os braços da moleira. Foi uma alegria ao verem-no sugar no peito, minúsculo, com os olhitos inda fechados.

—Meu rico anjinho, meu amor! A fome que o desgraçadinho tem! Quem seria a desavergonhada?...

—Mas depois? inquiriu a Doroteia, voltando-se para o moleiro.

—Depois, dormiu cá, aí lhe demos da ceia e aí ficou. Mas dá-se o caso que o homem não pregou olho em toda a noite, sempre a malucar, num falatório pegado. «Que o filho era dele, que se a cabra da mãe teimasse em o enjeitar, ele ia dar parte à justiça.» Um arrazoado assim, muito comprido.

Espantada, a Doroteia ia falar.

—Mas espera, que o melhor da festa é que o homem tão depressa dizia isto, como dizia que o filho já tinha nascido, que era muito lindo, que onde ele o tinha escondido ninguém lho ia roubar.

Ficaram-se um instante a mirar consolados a criança.

A pobrezinha vagia, mamando com sofreguidão.

—Mas então sempre ele sabe do filho, reatou com interesse a Doroteia.—Ora! assim este enjeitadinho soubesse quem era o pai, coitadinho!

A Sr.[^]a Luísa, que não gostara que se recolhesse o homem, resumiu com ar compungido:

—Um doido, o pobre de Cristo! Deixá-lo ir!

Fez-se um silêncio, mirando todos a criança. A taramela do moinho batia, num ritmo vivo. Maquiando uns sacos, o moleiro explicou ainda que o homem alvorara muito cedo, debaixo de neve, sem ao menos dizer obrigado. Mas que perguntando-lhe onde ia aquelas horas, o outro lhe respondera:—«Para a feira. Vender um gado.»

—Ora vá lá o diabo entender isto!—rematou por fim o moleiro. Um doido a vender gado.

Conversaram sobre o caso, algum tempo. Até que a Doroteia, com pressa por causa da irmã, pegou outra vez na criança e abalou pela porta fora, direita à casa do pai.

—Olha os trapos, ó Doroteia! olha que deixas cá isto.—E o Paulo correu a levar à rapariga os trapos segunda vez esquecidos, e que eram todo o enxoval do triste pequenino...

Ia mais contente, a Doroteia. Ao menos levava a certeza de que a criança não ia com fome. E para que também não fosse com frio, a boa da rapariga achegava ao peito o enjeitadinho, numa solicitude toda materna.

—Louvado seja Deus! ia dizendo a rapariga. Como haverá gente que seja capaz destas crueldades! A nevar, e deixa-se assim um inocentinho, embrulhado em dois farrapos, na soleira de uma porta! Vamos que o José Grilo não dava fé! Ali se morria de frio o anjinho, capaz de virem depois os cães e comê-lo.

E espreitando pela fenda estreita do xaile:

—Meu anjinho! que ruim cadela que foi a tua mãe, ora foi?

—Foi! rugiu uma voz detrás dela, como um eco.

A Doroteia deitou a fugir, espavorida. Mas aquele homem que já de longe a acompanhava, sem ela dar fé, corria também atrás dela, e não tardou que a filasse, como um lobo. A rapariga soltou um grito, ia cair com o susto; mas valeu-lhe que nesse mesmo instante uma voz que ela conhecia gritou ali de perto:

—Larga a rapariga, ó José Tomás! Larga a cachopa!

E de um pulo, o pastor caiu entre os dois, separando-os.

—É o José Tomás que está doido,—explicou o pastor.—Desde que a mulher lhe fugiu, que o pobre anda assim, coitado!

Mas palavras não eram ditas, eis que o José Tomás de novo se arremessa à rapariga.

—Tu que levas aí? Tu levas aí o meu filho!—rugiu ele com voz furiosa.

E como se sentisse agarrado, e visse que acudia mais gente, o pobre lançou-se por terra, de joelhos sobre a neve, as mãos erguidas, impetrando a chorar que lhe dessem o seu filho...

A Doroteia cobrou ânimo, ao ver-se rodeada de gente.

E fez-se luz no seu espírito, quando reparou que os trapos do enjeitadinho eram reconhecidos pelo doido que os estava mirando, a rir-se...

—Conheces? perguntou-lhe a rapariga.

No êxtase em que caíra, mirando e remirando os farrapos, o doido não respondeu.

—Se conheces isso? perguntaram-lhe uns poucos.

Nem palavra. Nada a não ser um riso nervoso que o sacudia todo. Como estava de joelhos, quiseram levantá-lo; mas ele então opôs-se, caindo sobre os calcanhares.

E ria... ria... enquanto dos olhos amortecidos, cravados no miserável farrapo, as lágrimas corriam, copiosas...

Mas daí a pouco, pelas palavras soltas do doido, todos ficaram percebendo. Os farrapos que embrulhavam a criança eram da saia da mãe. A mãe era a mulher do José Tomás, e o pequenino era filho dele... A grande cadela tinha abandonado o pequeno, depois de ter fugido ao homem!

—Um raio venha que a parta! rogou do lado o pastor.—Ora vês aí um estafermo que precisava que a matassem!

O José Tomás pôs-se a rir muito, fitando aquela gente. Uma forte impressão de piedade estampava-se em todos os rostos.

—Ó Doroteia! chamou então um dos do grupo. Traz aqui o menino. Um pai deve sempre beijar o seu filho. Traz cá o pequeno, ó rapariga.

Mas não foi preciso; que o José Tomás, sempre de joelhos sobre a neve, foi para ela de mãos postas humilde como um rafeiro... E como aos lábios do pai a rapariga achegasse o pequenino, no silêncio que se fez ouvia-se o rir convulso do louco, beijando de joelhos o filho.

Como se fora uma chuva de pétalas, do céu de madrepérola a neve caía mais densa...—ao mesmo tempo que nos ramos altos dos castanheiros, como no seio imenso de um órgão, o vento sul—gemia...

ABYSSUS ABYSSUM...

Nesse dia, os dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim eles tivessem uma coisa boa!... Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquelas terríveis palavras com que a mãe os intimidara, um dia que lhe apareceram em casa tarde e às más horas.

—Ouvistes?—ralhara-lhes a mãe.—Olhai se ouvistes: se voltais ao rio, mato-vos com pancada. Andai lá...

Ih! como ela dissera aquilo, Mãe Santíssima! Colérica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas loiras... Lembravam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquela ameaça terminante. E então, nesse dia, eles não tinham ido ao rio. Aos pássaros sim...—lá estavam as calças rotas do Manuel a dizê-lo—...aos pássaros é que eles tinham ido. Ao rio era bom! a mãe que o soubesse...

Ah, mas então não os deixassem dormir naquele quarto. Logo de manhã, mal abriam as janelas, a primeira coisa que viam era o rio, uma corrente muito lisa e esverdeada, serpeando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, donde os rapazes se atiravam despídos, de cabeça para baixo, e então o barquinho branco do fidalgo,—lindo barquinho!—sempre à espera que o fidalgo o desamarrasse para passar à grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo que logo pela manhã assaltava os dois rapazes era o de irem por ali abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, meterem-se dentro do barco, desprendê-lo da praia, e deixá-lo ir então por onde ele quisesse, contanto que fosse sempre para diante... Quando fechavam as janelas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo através da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu—«adeus até amanhã!»—àquele pequeno objecto que valia tesouros, que para os dois valia

mais que tudo, tudo...

Ah! tivessem eles assim um barquinho, que não queriam mais nada...

—Mais nada?

—Isso não... mais alguma coisa. E a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas nessa manhã, bela manhã, na verdade! a mãe viera acordá-los mais cedo. Ia já pela aldeia um claro rumor de vida—gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado péssimo da rua, os patos da vizinhança que saíam em rancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em voos curtos, espantados da agressão acintosa dos rapazes. Havia mais de uma hora que ali perto se ouvia o retintim agudo do martelo do ferrador atarracando cravos na bigorna. Já o reitor passara para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E àquela hora, onde iria já a missa! A última beata, encapuçada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhara na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpinteiro, no meio da rua, dava com valentia num carro cujo eixo *ardera* na véspera, e que era urgente compor, p'los modos. Até o Ernestinho do estanco abrira já a loja, e subira à varanda a regar os manjericos. Começos da labuta diária, enfim; os senhores sabem.

Pois como lhes disse, a mãe viera nessa manhã acordar mais cedo os dois pequenos.

—Fora, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro há que tempos, vem aí o sol, e os morgadinhos na cama.—E enquanto falava, ia-lhes abrindo as janelas.—Persignar e vestir, vamos! Calças... colete... os jaquetões... tomem.

E pôs-lhes tudo sobre a cama.

—Mãe, a bênção!—balbuciam os dois, tontos do sono ainda.

—Deus os abençoe. Que Deus não abençoe mandriões, ouviram? Ora eu já volto. Queira Deus que não vos encontre cá fora, tendes que ver.

Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos àquela hostilidade viva da luz que invadira o quarto num jacto repentino e brutal.

Pela abertura larga da camisa assomava-lhes o peito que eles afagavam numa última carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo sentados! O mais novito ainda tentou deitar-se outra vez, pesaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem! onde os sonhos eram tão lindos!

Mas a mãe não tardava ali. Era preciso vestirem-se, que remédio! Foi então que o Manuel, mais esperto do sono, olhando para o campo o achou encantador, todo resplandecente de verduras.

—Bonita manhã, não vê? As árvores parecem mais lindas, repara. Porque será?

O outro encolheu os ombros, não sabia: só se fosse por não haver nuvens...

Pela janela aberta, avistava-se um trecho de paisagem que a luz viva da manhã fazia muito nítida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares húmidos das baixas. Revestidos de folhagem, ascendiam ares fora os olmos gigantescos. Pedacos de horta estavam em toda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas a cuja sombra regalavam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio que nessa manhã deslizava muito sereno, esverdeado de águas, espelhante sob aquele céu imaculado.

—Ah! ah!...—riu-se o Manuel, contemplando-o.—O rio! Que te parece? Olha que é lindo, o rio; ora é, ó António?

—É, lá isso... Mas *tamém* de que vale?—tornou-lhe com desalento o irmão.—A gente não pode lá ir... Olha se a mãe o soubesse, han?—E mirando por sua vez a paisagem perguntou:—Já reparaste no barco, ó Manuel?

—Tão bonito!

Os dois riram.

—Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara.

—Pudera!...—explicou o Manuel—...amarrado com uma corda...—E depois

radiante, gesticulando para o irmão:—Mas eu era capaz de o desamarrar...

—Ai eras!—disse duvidoso o António, para o incitar.

Calaram-se. Era bom podê-lo desamarrar, lá isso era. Ambos dentro dele, sozinhos, isso é que seria bom! E eles então que estavam mortos por ir às azenhas, e pelo rio era um instante enquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar no barco! E aquele então era lindo, como não tinham ainda visto outro. Nunca lhes haviam esquecido—olhem lá não esquecessem!—aquelas tardes em que o fidalgo os levava dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava.

O Manuel foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito à janela. Passava naquele instante um bando de andorinhas, chilreando.

—Está um dia lindo, avia-te.

—Olha avia-te! p'ra quê?—perguntou o António torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Manuel sorriu-se, triste.—Era verdade... Aviarem-se p'ra quê? A mãe não os deixava ir ao rio... E se não que fossem! «Mato-vos com pancada se desceis a ladeira.» Já se vê que depois disto...—E os dois suspiravam, desgostosos. Que pena serem pequenos!

Nisto o António chegou-se também para a janela. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se desfitavam do barco, fascinados. Demónio de tentação! E para mais, tinham-no pintado de novo: sobre o branco, a todo o comprimento, uma faixa azul-clara destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nível da água.

—Tate, ó Manuel! E se fugíssemos?

—Ora! se fugíssemos!... E depois? A gente tínhamos de voltar...

Ora aí esta! isso é que era o pior! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha prometido. E arregalando muito os olhos, imitando a cólera da mãe:—«Se voltaís ao rio...» Ai, ai, a triste sorte!

Recaíram em silêncio. Ficaram-se por instantes a ver o sol que rompia ao nascente, numa explosão violenta de luz, acendendo coloridos na largura muito

ampla da paisagem.

—Mas palavra que o barco parece pintado de novo... lembrou com alegria o Manuel.

—Mas é que está, palavra que está. Agora é que há-de ser bom andar dentro dele...

Os dois riram-se muito àquela ideia encantadora de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho! e porque não? Por isso, cobrando ânimo, o António disse resolutivo:

—Olha agora o medo! Seguro que nos mata.—E puxando-o pela jaqueta:—Vamos lá, ó Manuel?

O Manuel fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

—À tardinha, hein? dois pulos e estamos lá. Não é tão fácil dar pela nossa falta, ali à tardinha. A gente finge que vai para o adro. Levam-se os peões...

—Há-de ser mesmo assim! à tardinha!—concordou o António.—Eh! eh! eu cá desatracado.

—E eu remo,—disse logo o Manuel com gesto de quem remava.

—Ao leme vou eu: o leme é aquilo que regula—explicou.

—Pois sim, mas à vinda pertence-me a mim, remas tu. Se quiseres assim...

—Pois está bem, quero! Assim mesmo é que há-de ser!

E recapitulando, para melhor ficarem combinados:

—Ao p'ra baixo remo eu, ora remo?

—Remas.

—E tu regulas, ora regulas?

—Regulo.

—Ao p'ra cima é às avessas, ora é?

—É.

Muito bem, basta palavra! E ambos ao mesmo tempo, um ao outro se impuseram segredo...

—Schiu!...

—Schiu!

* * * * *

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penachos de nuvens alvejavam, imóveis.

Acesas naquela explosão rubra do ocaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e oiro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima e vagamente melancólica entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

...E a tarde ia descaindo, cada vez mais límpida.

Naquela luz indecisa de crepúsculo que mansamente se ia acentuando, os montes do sul tomavam um torvo aspecto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando ao de leve todos os cambiantes de luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio confrangedor dominava a natureza toda, recolhida num como espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obrigam a retina a exagerar as formas às coisas...

Muda de gorjeios, atravessando o espaço em voos muito rápidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava. Caíam já pesadas sobre os vales as sombras das montanhas, e um fumozito subtilmente azulado nadava à flor das coisas, velando-as para o tranquilo sono em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslizava mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampear. Dentro dele, os dois irmãozitos silenciosos iam-se deixando enlevar naquele ruído suave dos remos abrindo fendo nas águas... Não! era bem certo que eles não tinham jamais sentido uma tão poderosa e viva alegria—alegria doida que lhes transvazava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios em sorrisos.

Dentro daquele adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse, livres de admoestações alheias, sozinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada, fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo eles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam jamais?... No entanto a noite acentuava-se. Espertava nas margens o marulho da água nas raízes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno cintilavam as estrelas em cardumes.

—Remas, António?—perguntou o do leme.—Olha se a vês...—E apontava para Vésper, a estrela que mais brilhava.

Tinham os dois concebido o estranho desejo de alcançar a estrela cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!

—Anda-me tu com o leme!—tornou-lhe com intimativa o Manuel.—Ai a estrelinha! Deixa que ela faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adiante, só por isso...

—Olha o milagre! Ela está queda!—fez o outro, convencido da facilidade da empresa.

—Está queda, está queda, mas sempre na frente de nós; vai lá entendê-la. Olha como brilha, ó António.

—Mas rema que eu cá vou, falta pouco. Ao direito daquela fraga é que ela está.

Não era difícil passar-lhe adiante, qual era? Era menos de meia hora era certo alcançá-la.

E engastada no azul escuro do céu, a estrela parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.

—De que são feitas as estrelas?—perguntou o mais novito.

—De prata, pois está visto.

Então o outro, lançando um amplo olhar à vastidão infinita do céu, exclamou:

—Eh! tanta prata!

—O sol, esse é de ouro—disse ainda o Manuel.

—Bem de ver!—volveu-lhe convencido o irmão.—Que eu, se me dessem à escolha, antes queria as estrelas. Olha que rebanho!

—Pois eu antes queria o sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande.

E enquanto falavam, os dois não desfitavam olhos da estrela feiticeira que perseguiam. Os remos, no entanto, iam abrindo fenda na água, com certo ruído muito doce... E lá no alto céu, dir-se-ia que de instante para instante a feiticeira estrela mais brilhava, incitando-os.

—Vê-la a fazer assim?—e pôs-se a pestanejar, imitando a palpação crebra e irregular da luz sideral.

—É que tem sono—respondeu o outro.

—Olha que não. Aquilo é a fazer-nos negaças, *tamém* to digo.

—Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga...—E apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir:—Eh, *boieira*!

Neste momento, uma estrela cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituais:

Deus te guie bem guiada,
Que no céu foste criada.

—Vês? disse o Manuel que era dos dois o mais supersticioso.—Torna a apontar para elas... Eu cá não aponto, que nascem «cravos» nas mãos.

—A ti talharam-te o ar, ó Manuel.

—Diz a mãe. À meia-noite levaram-me à fonte e esparrinharam-me água para o corpo. E a água havia de estar fria... observou, encolhendo os ombros. Depois, viraram-me para as estrelas e disse então a mãe:

Ar vejo,
Lua vejo,
Estrelas vejo:
O mal do meu corpo
Pr'a trás das costas o despejo.

Riram muito. O Manuel, despidozinho, couracho ao colo da mãe, havia de ser engraçado. E então todos de volta, a ver quando o ar se talhava.

—Mas talhou-se. Agora, em paga, uma vez por ano, ao menos uma vez por ano, tenho de olhar pelos ralos do lenço p'r'as *cinco chagas*, umas estrelas que além estão, e rezar uma ave-maria.

—Sempre, sempre?

—Até que morra. Depois de morrer vou morar três dias com três noites dentro de uma.

—Ora! tornou-lhe incrédulo o irmão.—Tu não cabes lá...

—Não sei: assim é que anda nos livros.

...Mas os braços doíam já dos remos, doíam muito...

Devia ser tarde, e eles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrela.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silêncio contínuo dominava tudo em volta. E amolentadora e múrmura, a água da corrente ia espumando na quilha, com certo ruído de uma brandura suavíssima e doce.

...Mas os braços cada vez doíam mais!...

Agora, no céu, havia muitas estrelas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquela, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para

ela, pois que irresistivelmente a cabeça lhes pendia para o peito, e as pálpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço.

...E os braços sempre a doerem!...

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levíssimo ruído. Imobilizara-se também o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do súbito desleixo do outro.

...E os braços já não doíam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava agora à mercê da corrente, sem impulso algum estranho. Dentro dele... a música levíssima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Senão quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande alucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:

—Manuel! Ó Manuel!

O remador acordou, sobressaltado.

—A estrela? Ainda lá está, olha!—disse incoerente, estonteado pelo sono.

—Uma fraga de cada lado! Ouves o rio? É já muito tarde!—continuou aflito o António.

—Então não lhe passamos adiante?—perguntou ingenuamente o Manuel, referindo-se ainda à estrela.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsamente, procurando chamá-lo à realidade, de novo lhe gritou, com lágrimas na voz:

—Manuel, acorda! Olha que estamos perdidos, Manuel!

E mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam num choro muito convulso, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto que a hora e o lugar aumentavam cruelmente. Parecia-lhes medonho aquele marulhar

contínuo da corrente, afligia-os como se fosse o psalmodiar monótono e rouco de uma legião de espíritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos os rochedos informes das margens afiguravam-se-lhes negros gigantes, que num requinte de malvada indiferença houvessem jurado assistir impassíveis e mudos à escura tragédia da sua desgraça.

E o barco sempre encalhado, não havia forças que o arrancassem dali. Tinham perdido os remos. Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus aflitivos gritos.

Crudelíssimo transe!...

E então os braços continuavam a doer, doía-lhes agora o corpo todo, ao mesmo tempo que uma tristeza mais e mais pesada lhes oprimia o espírito, parece que embrutecendo-os.

—Mas a estrela sempre além...—notou ainda o Manuel, balbuciante de medo, como se quisesse increpar a própria estrela da sua indiferença criminosa, no meio daquele enorme infortúnio em que por causa dela se haviam precipitado.— Se ela pudesse acudir-nos...

Até que por fim, prostrados da fadiga e das lágrimas de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas na sua fúria constante, a corrente que ali era muito forte não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as águas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com ele, violentamente. Quando a água se precipitou para dentro, os dois pequenos assim de súbito acordados romperam em gritos lancinantes:

—Ai quem acode! Ai Jesus, quem nos vale!

Tinha surgido a manhã, serena, tranquila, cheia de gorjeios e de azul. Mas como ninguém acudisse e a luta no rio fosse desigual, num repelão mais violento o pobre barco esfacelado investiu de proa com o abismo e lá se sumiu para sempre! Feridos de morte, no último paroxismo da sua enorme dor desesperada, os dois irmãozitos abraçados sumiram-se também com ele!...

* * * * *

...Nesse mesmo instante...—e mais longe do que nunca—...a estrela feiticeira acabava de cerrar também a pálpebra luminosa!...

MÃE!

Ao Dr. J.C. da Moita Prego

Bela cabra, a Ruça!—posso dizê-lo aos senhores. A melhor da manada, luzida, de pêlo macio, sem saliências de ossos como as outras, ativa de porte quando à frente do rebanho parecia comandá-lo, badalando cadencialmente o seu chocalho enorme—tlão! tlão! Era no rebanho a que mais dava que fazer ao pastor, requerendo vigilâncias particulares no seu atrevimento, pois que se a deixassem livre não havia árvore a que não trepasse, oliveira especialmente, nem rebento novo que não triturasse esfomeada no seu dente acerado de roedora.

E depois, ali onde a viam, estava cara só pelas coimas, que muitas vezes iludira ela a atenção do pastor, e se ficara por hortas e quintalórios, causando estragos que os louvados depois avaliavam caro. Por isso Alípio José, pastor, a quem doíam as denúncias, ao pescoço da Ruça prendera o chocalhão, para dar do atrevido animal mais fácil rumor, pois era de timbre muito distinto dos demais, e muito mais grave.

Em pastagens pelos montados, a Ruça era de uma audácia extrema. Fazia gosto vê-la trepar às últimas cumeadas, subir destemidamente às arestas superiores dos rochedos, muito serena, erecta nas suas pernas delgadas, pescoço alto, ajoelhando destemida a retoçar as ervas dos declives alcantilados e escorregadios, não medindo perigos nem se importando com abismos, enquanto as companheiras se ficavam pelas encostas e córregos, saboreando as giestas, sem se atreverem a segui-la nas suas excursões arriscadas de *touriste*.

Se a miravam de baixo, sentia-se orgulhosa de superiores audácias, e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, pouco se lhe dando de perigos. Cobra que encontrasse por essas paragens era para ela um desespero—tamanha a fúria com que a perseguia, e a insistência com que se ficava às marradas na lura onde se lhe acoitava. O

chocalho então badalava com força, e o Alípio que dormia à sombra das azinheiras, de chapéu sobre a cara, levantava-se sobre um cotovelo e intimava para o alto, com o seu vozeirão que fazia eco:

—Toma tento, Ruça!

E depois, de ventre para baixo, estirado sobre a manta, cotovelos fincados no chão, os queixos entre as mãos espalmadas, Alípio José ficava-se a olhar a cabra, invejoso daquela facilidade em subir aos últimos pináculos, admirado dos saltos que ela fazia para salvar gargantas pedregosas e perpendiculares, onde, se caísse, a morte seria infalível. E por lá andava dias inteiros a Ruça, naquela vagabundagem por sítios inacessíveis ao resto do rebanho, resguardando-se da chuva em recôncavos de rocha, onde as águias faziam ninho.

* * * * *

Foi num desses sítios que a Ruça teve o primeiro filho, e por lá se deixou ficar, acho que dormindo ou toda a noite velando. Ao outro dia quis ela descer, e vir para o rebanho que a aguardava. Mais de cem vezes, fitando o topo da ladeira, Alípio José gritara cá debaixo, cada vez mais desesperado:

—Volta ao rebanho, Ruça!

E, cuidando que mais lhe feria assim a atenção, punha-se a agitar com fúria o molho dos chocalhos, gritando sem cessar:

—Ruça! torna ao rebanho, Ruça!

Mas impossível! que a não deixava a quebreira em que toda ela ficara do parto, nem o pequeno poderia—pobrezinho!—descer por tais ladeiras, de pedregosas e ásperas que eram.

Mas de noite o frio era intenso naquelas alturas, e o pequeno congelava unindo-se à mãe que o bafejava para o aquecer, e a si o aconchegava mais e mais para lhe transmitir o natural calor do seu corpo enfraquecido e doente.

Por altas horas da noite, na solidão lúgubre daquele sítio, alcantilado e íngreme, entre penedias escarpadas onde o vento sibilava lugubrememente, num como choro dolente e prolongado, o balido da mãe, traduzindo angústias e desesperos íntimos, respondia ao vagido fraco do filhito, cuja vida parecia ir-se apagando de

hora a hora e instante a instante, inteiriçando-se-lhe com o frio os membros delicados e tenros.

Eram assim as noites dos desgraçados. Por tais frios e doenças, impossível dormir. Toda a noite velavam e gemiam, achegando-se mais e mais num como abraço de eterna despedida—amigos que se iam apartar para uma longa viagem de trevas, com o coração alanceado pela saudade, soluçando e gemendo, num adeus! que era infinito, como o infinito amor que os unia...

E a cada momento, como um dobre de finados, o chocalho badalava lugubrememente, assustando o animalzinho, como se aquele fora o sinal para o transe derradeiro...

Para maior desgraça, as noites eram sem lua. Encravadas na abóbada, as estrelas bocejavam dormentes, numa criminosa indiferença por aquela dor suprema de que eram as únicas testemunhas.

E balando muito, e balando sempre, a pobre cabra imprecava ao céu a vida do filho, ao menos,—ora súplice em balidos de resignação que uma profundíssima dor ungia, ora desvairada e louca, em gritos que significavam blasfêmias, blasfêmias de desespero contra o céu que a não ouvia, e contra a morte que bem sentia aproximar-se para lhe estrangular o filhinho que ela amava tanto.

E a fazer-lhe mais incruenta a sua enorme dor—a ironia acerba da chocalhada longínqua das companheiras, que se iam pelos montes da outra banda, deixando-a a ela sozinha com o filho, à espera da morte que era inevitável.

Então ergueu-se por instantes! Agitou convulsamente o pescoço, e pelo ar fora o som triste do chocalho espraçou-se lentamente, num adeus! adeus! de despedida às companheiras felizes que lá iam, num ruído longínquo de chocalhos...

* * * * *

Naquela solidão os dias eram melhores. Com os primeiros raios do sol entravam de reanimar-se os dois; pouco a pouco os membros desentorpeciam e o sangue circulava.

E o cabritinho sem poder ainda descer!...

De pé, ao lado do filho, a pobre cabra lançava olhos compungidos para as

escarpas da ladeira, ia para um lado e outro, desvairada e trémula, como que a escolher o melhor caminho por onde levasse o filho. Mas eram todas horríveis! Silvedos e rocha viva era o que mais se via. E depois o rio, lá baixo, rugia nas cachoeiras, aumentando-lhe o receio.

Impossível! impossível!

E sentia-se enfraquecer à minguia de sustento, pois a erva, por ali, estava comida e recomida pela pastagem miserável de três dias.

Num momento de desespero, quando os gemidos do filho eram mais dolentes e crebros, refez-se de coragem a cabra, e segurando entre os dentes o chibo tentou o primeiro passo, arrastando-o pela ladeira, do lado em que o declive era menor. Mas em breve desanimou a pobre, que o filhito, assim arrastado, mais e mais gemia, convulsionado e trémulo...

Impossível! impossível!

Nada que signifique a dor daquela mãe, e traduzir possa em linguagem toda a gama de sentimentos e emoções no seu balar expressos. Atirou-se de joelhos sobre o corpinho do filho que hirto chorava e tremia, estendido para ali, na prostração pesada do último desalento; animava-o com carícias, aproximava-lhe da boca os úberes já flácidos e amolentados, convidando-o a mamar, como se aquele leite pudesse levar ao filho a coragem que a ela própria faltava em tamanho transe aflitivo...

Mas pouco a pouco a noite ia caindo. Tinha-se já apagado a última cambiante do poente, e sobre as gargantas dos montes passavam subtilmente as primeiras névoas, alvadias e ténues. À medida que a treva se condensava, decresciam os ruídos em todo o horizonte, acentuando-se cada vez mais a melopeia sonolenta do rio nos açudes. Perpassavam pelo ar as aves para os ninhos. Bandos de pombas, como flocos voláteis de arminho, cortavam em voos mansos a profundidade calma do céu, demandando os pombais e os povoados, onde se acolhessem da noite que vinha caindo. Revoadas de perdizes e de tordos passavam por ali alegremente, num chilrear sonoro, caindo de chofre sobre o monte, a esconderem-se nos estevais e nas urzes. Pelas ervagens secas rastejavam apressados os répteis, e sob os tojais bravios a lebre buscava a cama...

...E tudo tinha ninho—pombas que voavam e perdizada sonora, quem passava

no ar e quem rastejava no monte, lagartos, sardões, cobras, toda a colónia vagabunda de répteis e de aves, que passou alegremente o seu dia, e se ia recolher agora para recomeçar dia amanhã...

Só a desgraçada cabra, ali, junto do filho tenro, não mais fizera passo. Com as brumas da noite, as brumas da tristeza para o seu coração alanceado de mãe. Aí vinha o frio inclemente flagelar-lhe o filho...—o filho que já tremia a ela aconchegado—o triste pobrezinho!

Rompia de toda a banda o gri-gri sonoro dos grilos, vivo e cantante naquele silêncio que se definia. Cerrou de todo a noite. O céu era baixo e torvo de nuvens. Estrelejava a espaços a abóbada, irradiando uma luz mortiça e alvadia, que levava a pensar em últimos transes de crianças, em que a vida gradualmente se extinguísse, num latejar vagaroso de pálpebras sonolentas...

Mais álgida fazia a noite, e mais pesada de melancolias, essa torva aparência da atmosfera e do céu. Noite pior do que as outras, porém com menos balidos, pois que mãe e filho estavam extenuados de forças e nem gemer podiam. E a morte que não vinha arrancá-los do abraço em que se uniram, mal cerrara a noite!

A pequena distância, o monte era cortado de profundíssima garganta em rocha viva. Do lado oposto, e quase defronte dos moribundos, acenderam-se na treva dois pontos fosforescentes, de uma claridade esverdeada rútila. E, imóveis, esses dois olhos estoirados de lobo, a que parecia terem arrancado as pálpebras, projectavam a sua luz sinistra na direcção do grupo que velava. A natureza inteira retraía-se num como pavor medonho, concentrado de íntimos terrores e silêncios lôbregos de horas altas. Cerrava-se mais no céu a falange muda das nuvens, densificando-se em tintas negras, impenetráveis e caliginosas, sem cintilas de estrelas, por fugidias e ténues que fossem...

E sempre, e constantemente imóveis na escuridão pesada, aqueles dois olhos flamejavam, de instante a instante mais vivazes, perscrutando a treva da direcção mais exacta do grupo. Transida de susto, arquejando convulsamente no último paroxismo da sua enorme dor, a pobre mãe não ousava arriscar um único movimento e mais e mais cerrava contra si o corpo inanimado do filhito que parecia adormecido.

Assim durante horas que aquele atrocíssimo suplício fez enormes, quase eternas, tumultuosas de acerbos sofrimentos e de indizíveis angústias, vazias de

esperança na vida do seu pequenino filho.

De repente, aqueles dois pontos brilhantes apagaram-se na treva, e de novo os viu brilhar a cabra, mas já a maior distância. Estremeceu a pobre de súbita alegria,—e no abalo que sofreu o seu corpo, até então retraído, o chocalho badalou. Voltou a correr o lobo, e então a desgraçada viu errarem na treva, como dois grandes coleópteros de asas fosforescentes, os olhos até então imóveis do inimigo. E por ali levou a noite toda, farejando e uivando, até que cansado de perscrutar o insondável, se foi ladeira abaixo, aos primeiros assomos da madrugada que vinha, docemente, alumando píncaros e arestas.

* * * * *

Ao romper da alva o céu era azul. Apenas de longe em longe penachos de nuvens brancas ondulavam as suas cristas alvadias, que se esfarpavam lentamente ao menor sopro da aragem. Pouco a pouco o azul ia desmaiando, diluindo-se na luz esbranquiçada que vinha do alto em gradações imperceptíveis e suaves.

Começavam de animar-se os longes da paisagem, e a retina acusava já as diferenças mais salientes dos campos e herdades, pedaços esbranquiçados de restolhos, tons pardos de olivais, terras plantadas de vinhedo, e pinheirais cerrados galgando desfiladeiros e investindo com o céu no alto dos montados.

Pelas ladeiras dalém, caminhos e atalhos corriam em torcicolos até ao areal da margem. Em turbilhões de espuma alvíssima precipitava-se a água nos açudes, marulhando nos altos penedos marginais, denegridos e informes, de uma mudez contemplativa e perpétua. Do tecto do moinho, lá em baixo, uma coluna azulada de fumo elevava-se tranquilamente no ar sereno e doce, até se desfazer no espaço amplo e benigno, como uma ambição ou como um sonho...

* * * * *

Foi então que Alípio José, à frente do rebanho, de novo abordou àquelas paragens, no intuito de procurar a cabra tresmalhada.

—Ruça! torna ao rebanho, Ruça!

Mas precisamente a essa hora, a Ruça exalava o último alento, pendida sobre o cadáver do pobre filhinho morto!...

E ao pino do meio-dia, quando o sol faiscava causticando nos rochedos—
passava na direcção da montanha, crocitando lugubrementemente, a esfaimada legião
dos amaldiçoados corvos...

ARRULHOS

A M. da Silva Gaio.

Ao fundo do jardim ficava o pombal—uma casinhola redonda, com orifícios triangulares no alto, em toda a volta, alegre na alvura impecável do muro que falava ao longe, muito ao longe, a léguas de distância.

—Pombal da Morgada! diziam.—Lá se vê além...—E um gesto muito longo levava a vista horizontes fora, à cata do Pombal da Morgada, que alvejava longe, muito distante, na meia sombra dos montes sobranceiros, como um pequenino ermitério cheio de lendas, onde santos de carne e osso provocassem romarias, promessas avultadas de pessoas ricas, e onde seriam encantadoras as tardes quentes de estio, à sombra de árvores seculares em cuja ramagem trinassem pássaros em barda, pardalada sonora, gralhadora, rindo da nossa merenda e da nossa sem-cerimónia—frangãos assados e boa vinhaça da terra.

Pombal da Morgada porquê? História singular que vou contar-lhes. A Morgada era uma senhora rica, muito rica, tinha vinte e cinco anos e outras tantas quintas, viúva antes de casar, pesarosa da morte desastrada do noivo—um trambolhão de um cavalo que o matara logo ali, sem mais pio, num ai.

A recordar esse amor—um casal de pequeninos pombos que ele lhe dera na véspera, simbolizando, dizia ele, a pureza da sua alma dela, e a castidade das suas intenções dele...

Muito bem. Fez-se então o pombal, o casal procriou, vieram pombos novos—todos brancos uns, raiados outros, de um *gris* delicadíssimo alguns, todos encantadores, veludíneos, muito mansos.

Belos pombos, na verdade!

Todas as tardes, quando as tintas do crepúsculo começavam de esbater-se numa uniformidade vagarosa de tons, e a percepção clara das coisas entrava de se desfazer em imperceptíveis *nuances* subtis, num *smorzando* melancólico onde palpitavam vagos terrores de noite que vem caindo, quando os vales se cobriam de uma sombra azulada e a vida cessava no campo e começava no céu em cintilações argêntas de estrelas—todas as tardes, digo, quem quer poderia ver aberta a estreita porta do pombal, e uma mulher nova, vestida de preto, espalhando no pavimento térreo, com solitudes de *menagère*, as provisões de um pequeno cabaz que lhe pendia do braço—milho em abundância e fartura de alpista.

Assim todas as tardes, ia já em quatro anos, que não havia forças que levassem a Morgada para fora do seu pequeno solar, onde vivia só, retirada de tudo, a tudo indiferente, impassível a pedidos de amigas que saíam para as praias, no Inverno para Lisboa, e que a queriam levar para que se distraísse, para que se alegrasse —«era nova ainda, podia arranjar noivo, nada mais fácil...»

—E as pombas? objectava.—Mas era pecado deixá-las, dizia consigo. Quando voltasse estaria deserto o pombal, umas que fugissem, outras que matassem, haviam de até roubá-las, entrar de noite no pombal, levá-las todas.

—Que não e que não! insistia renitente;—que tivessem paciência, que se divertissem muito, ela ficava.

—Platonismos! gargalhavam depois as amigas.—Saudades do outro que rebentou do trambolhão. Bem tola!

E partiam sós, rindo da Morgada e do seu amor pelas pombas, achando-a ridícula com aquele seu luto perpétuo, escarnecendo da simplicidade habitual da sua *toilette*—vestido preto todo liso, muito afogado, um pequeno *ruche* no pescoço e mangas, nem uma prega, nem sequer um laço.

Muito respeitadas, as pombas da Morgada. Caçador que as visse não desfechava sobre elas. Assim, a manada crescia de hoje para amanhã, desenvolvia a propagação o bom tracto, a habitação confortável, muito abrigada de ventos, onde a chuva não entrava e os ninhos eram flácidos—folhas de milho mudadas cada dois dias.

Que bom, ser pombo da Morgada!

A música dos arrulhos, uma volata muito lânguida, começava com o aclarar, muito cedo, depois do descanso do sono na placidez do ninho, quando as forças eram sãs e as asas pediam vos.

Hora dos amores!

Pombos atrevidos, sanguíneos, de íris rutilante e índole impaciente, lançavam-se sobre as pombas, forçavam-nas, perseguiam-nas se voejavam, ameaçando-as de bicadas primeiro, picando-as nas cabecitas se resistiam, possuindo-as à força, a tremer, asas em concha, penugem eriçada, arrulhando muito, arrulhando sempre, caindo desfalecidos depois, hirtos, pálpebras cerradas, trementes, frementes, em espasmos de luxúria e paroxismos do gozo; enquanto elas, as pombas, se emplumavam agora de contentes, sacudindo as asas, pescoço levantado, orgulhosas talvez, muito felizes.

Outros então, mais meigos ou mais pachorrentos, mais velhos por certo, quedavam-se horas seguidas, horas longas, defronte da sua eleita, numa doçura plangente de musicais arrulhos, frementes de desejos, mas pedindo às boas, não querendo violências, detestando-as, bem se via, suplicando, rogando, comovendo. E se logravam intentos, redobravam os carinhos, havia meiguices de jeitos e friccionamentos leves de penugens, arrulhos mais doces e toques delicadíssimos de bicos—beijos com certeza.

Isto todos os dias, nas manhãs enevoadas especialmente. Imagine-se a vida do pombal àquelas horas:—pombas que voejavam assustadas, esquivas mesmo, e pombos que as perseguiam; pombas que condescendiam e pombas que queriam arrulhos: quem não voasse arrulhava, quem não arrulhasse voava; e tudo gozava—quem era feliz e quem estava para o ser, quem era sanguíneo e quem era pachorrento.

Ar dos campos, depois; alegres, muito amigos, pousando todos quando um pousava, retomando voo se um voava, sempre juntos, sempre na mesma direcção, a beber no mesmo ribeiro, em linha, todos a um tempo, num ruído muito doce de bicos que sorviam.

Ainda com sol, iam pousar de revoada no telhado da casa onde habitava a Morgada, participar-lhe por certo que iam recolher, cumprimentá-la ao balcão da sua janela, alegre de trepadeiras em flor, pousar-lhe nos ombros, na cabeça as mais ousadas ou as mais amigas, segredando-lhe não sei que arrulhos que ora a

faziam sorrir, ora lhe traziam lágrimas, mas que sempre provocavam novos afagos, afagos intermináveis:

—Minha pombinha... minha amiguinha... minha querida...

Dali para o pombal, continuar aquela vida de boémios felizes, vida de concubinação, numa promiscuidade sem limites e numa libertinagem de harém.

Poligamia desenfreada!

Excepção a ela, apenas um casal—a melhor pomba da manada, pomba branca, de uma alvura impecável de neve, e então um pombo raiado, preto e cinzento, de *nuances* azuis-escuros, ares aguerridos de lutador vaidoso, um D. Juan emplumado, tentador.

Era o pombo mais atrevido do pombal, o de génio mais insofrido e espasmos menos longos, muita vida, numa mobilidade contínua de pescoço, nervoso, libertino. Pomba que desejasse possuía-a, sem arrulhos prévios, sem pedidos, brutalmente se resistia, pacificamente porque muitas se lhe entregavam, preferiam-no, vinham deitar-se-lhe no ninho, disputando primazias à força de bicadas.

E umas atrás de outras, e dias após dias, sempre assim!

Mas todas fugiam em seguida, não sei se de esfalfadas, se para dar lugar a outras; uma só, a pomba branca, se quedava ao lado dele, paciente, resignada, num arrulhar cada vez mais doce, cheio de ternuras, muito meigo, idealmente brando, que agradava ao raiado, que o ufanava, incitando-o, convidando-o, provocando-o. Por isso entrou de aborrecer as outras, achando-as menos pombas, umas desavergonhadas que se iam entregar a outros, e de se afeiçoar à branca, a ela só, acarinhando-a muito, arrulhando com ela, alternadamente, ora um ora outro, gemendo amores.

Não imaginam os senhores nem há nada que possa dar ideia da desordem, da perturbação que isso levou ao rancho tão dado a instintos cómodos de poligamia, tão avesso a duetos daquela natureza, onde os pombos eram de todos e as pombas eram comuns.

E tal desordem subiu de ponto com o proceder do casal que levava dias inteiros dentro do pombal, sem sair, numa concubinação que revoltava de egoísta. E

quando saíam não se juntavam com os outros—uma desfeita! uma ofensa!—tomavam rumo diferente: para a direita se os outros iam para a esquerda, para a esquerda se os outros iam para a direita, sempre ao contrário.

Recolhiam mais cedo, com sol ainda, e quando os outros vinham, já os encontravam no pombal, em ninhos contíguos a princípio, no mesmo ninho depois!

Um escândalo! Um desaforo!

E planeavam-se ataques, desfeitas ao casal, muitas desfeitas.

Se os dois eram felizes arrulhando manso, entravam os outros a arrulhar forte, troça talvez, desespero decerto, todos juntos, combinados. E se isto não bastava, começavam todos a voar, batendo muito as asas, levantando a palha dos ninhos, precipitando-se sobre o casal, fingindo quedas, dando bicadas os mais raivosos, ou então os mais despeitados...

Prestes o raiado saltava do ninho, opunha defesas de asas sobre a pomba branca e tímida que o susto transia, inquieto, colérico; reagia depois, lutava por fim, levando-os não raro de vencida, obrigando-os a fugir do pombal em vergonhoso tropel, muito assustados, vencidos. E noite além, entravam um a um, vagarosos, muito mansos, sem ruído de asas, receando acordar o casal que dormia aconchegado, muito quente, pescoço escondido sob a asa veludínea.

Dois meses assim—dois meses!—numa fidelidade conjugal ininterrupta, digna de servir de exemplo a outros bípedes que eu conheço, que os senhores conhecem, não?... Vida boa, na verdade, perfumada de arrulhos e esplêndida de alegrias, passada em belas digressões campos fora, pousando no mesmo ramo, bebendo na mesma poça, dormindo no mesmo palmo de ninho, sonhando os mesmos sonhos, talvez...

Mas no fim desse tempo o raiado entrou de ter desconfianças, suspeitas de inconstâncias e receios de infidelidades, de noite, enquanto dormia. Havia certa frieza nos jeitos da pomba, menos ternura nos arrulhos, modos de enfadada às vezes, certas perrices, resistências mal disfarçadas. Ficava-se em casa se o raiado saía, impassível a súplicas, muito mona, com elanguescimentos de pálpebras e quebramentos de asas, uma desleixada; e espreitando-lhe o voo, tomava para norte se o raiado ia para sul, vinha tarde e ia aninhar-se só, para lhe fugir.

Estava farta, vê-se. E como os outros a não queriam—rameira do raiado!—um dia levantou voo e fez-se ao largo.

* * * * *

Abade de aldeia, conhecem, desses mui dados aos latins e ao *vinagrinho* de Xabregas, muito nacional e muito fino, bons velhos de *quinzena* e calça de alçapão, feros, muito rijos, à prova de reumatismo e à prova de vintém, felizes na sua pobreza, amigos das crianças, bem humorados sempre, flores de uma árvore que ora vai dando cardos. Perto do solar da Morgada, a três quilómetros só, havia um assim, o abade das Donas, bom pregador noutras eras, com famas de teólogo ainda ao tempo.

—Disse-o o das Donas, colega! disse-o o das Donas!—era assim que muitas vezes acabavam disputas acaloradas, salpicadas de vários latins, sobre textos da Bíblia e passagens dos apóstolos.

—Teologia velha, diziam, a genuína!

A casa da residência era uma casa muito antiga, portas em arco, paredes a desabar,—uma invernada forte e ia abaixo. O pátio da entrada era térreo, rimas de lenha seca de um lado e doutro, seguia-se a cozinha, um pequeno corredor, e ao fim uma velha varanda em ruínas que dava para um quintalório, e cujas pedras se deslocavam, de mal assentes que estavam.

Preferia-a o bom do abade para a reza das suas devoções, e nessa tarde quem quer o poderia ver passeando-a a todo o comprimento, óculos na ponta do nariz, breviário na mão direita, a dois palmos, a esquerda a segurar a aba da *quinzena*, e um pequeno solidéu com borla resguardando-lhe a calvície.

A interromper a leitura, de quando em quando, umas pequenas exclamações de desgosto, arremessos de breviário, e por fim levantando a voz:

—Fome as pombas, Sr.[^]a Luísa: não fazem senão saltar...

—Bem fartas!—retorquiu de dentro, da labuta da cozinha,—mas têm lá visita, pomba que arribou.

E depois informando:

—Pomba guapa, toda branca. São agora três ao todo, e então o pombo...

—Huum!... resmungou o abade em voz de reticências.—Percebo... percebo perfeitamente...—E foi meter-se no quarto, continuar a leitura.U+2014.Deixá-las! concluiu evangélico.

Era a pomba do raiado, adivinharam, que ali viera parar à reles pelintragem daquele metro de gaiola feita de um caixão velho, com grades só na frente, muito suja sempre, arrumada p'r'ali ao fundo da varanda, húmida de águas entornadas, exalando maus cheiros, um nojo.

Quando a mostrava à criada, o abade dizia-lhe sempre:

—A sua vergonha, Sr.[^]a Luísa; a vergonha da sua cara. Como se os animais não fossem também criaturas de Deus...

As pombas eram magras e o pombo era esquelético.

Fez-se de amores com ele, tomou-lhe os hábitos canalhas, manchando a alvura imaculada das penas na imundície fétida da gaiola em que ambos se aninhavam, arrulhavam, se espojavam. E como ela era gorda e bem tratada, flácida de penugens e de carnação consistente, apetitosa, o pombo não a largava—génio de libertino em corpo de tísico.

Em breve período entrou a pobre de emagrecer, sem forças para voar se queria voar, quedando-se dias inteiros ao canto da gaiola, encolhida, tristonha, arrependida talvez de ter deixado o pombal,—saudosa do raiado, o seu primeiro amor, quem sabe!

E depois, o pombo sujo já não se importava com ela, desprezava-a, tentara mesmo expulsá-la de parceiro com as outras, dando-lhe maus tratos,—à intrusa. Dor incomparável!

Mas um dia o ataque foi mais violento e ela teve de fugir, de voar, descansando amiudadas vezes, porque lhe faltavam as forças, arquejando sempre, arrastando-se em voos baixos, sentindo vertigens se subia mais alto. Para passar um ribeiro descansou uma hora, e quando cobrou alento e começou o voo, viu-se na água e estremeceu, molhou ainda as asas, viu um corvo na sua própria imagem, um corvo negro que a perseguia silencioso, traiçoeiramente, que a ia talvez devorar... O que ela tinha sido e o que era!...

Lembrou-se então do pombal, do seu primeiro ninho, do raiado... Oh! o raiado!... Receou primeiro, quem sabe se ele a queria, tinha pomba, decerto... Iria?... Não iria?... O pombal ficava perto, um voo valente e estava lá, acharia tudo em casa, era cedo ainda.

Fez-se de voo e partiu.

* * * * *

A manhã era calma e o céu era azul. Canções de cotovias vibravam pelo ar que as balseiras alastravam de aromas, perfumando-o. A estrela da alva tinha os últimos bocejos para fechar de todo a pálpebra cansada e adormecer no azul; e o oriente começava de animar-se de um alaranjado esplêndido—decoração triunfal com que se orna aguardando a visita de quem tem de rolar pela eclíptica, alumando o hemisfério e fecundando tudo—o cardo que rasteja e o cedro que vê longe...

Naquele repontar da manhã, o alto céu era de uma limpidez cristalina. Evoluava-se de toda a banda um perfume virginal de dulcíssima paz, e pelas ramagens verdejantes a volata suavíssima dos ninhos começava, como uma saudação ao dia que vinha rompendo. No altar das laranjeiras, florido como em Domingo de festa, o rouxinol cantava a missa de alva.

Em manhãs plácidas como aquela, quantas vezes a branca não fizera as suas excursões alegres de *touriste*, na companhia do raiado, perdendo-se com ele através do horizonte àquela hora tranquilo e para toda a banda transparente!

Como tudo isto lembrava, agora!

Em todos esses pinheirais, ao largo, os dois haviam descansado muitas vezes, muitas, expandindo em arrulhos de uma ternura inefável o amor extraordinário que os unia! Em toda a largura não se descobria um só campanário ou um só telhado onde não tivessem pousado ambos, alegres, contentes, doidos! E ela sempre ufana, acompanhava o macho nos seus voos ainda os mais arrojados, perdia-se com ele para além das serranias mais distantes, destemida com a companhia que levava—um amigo que empenharia a vida só para salvar a da amante.

E que bela manhã, aquela! Tudo tão alegre! Era ver como as calhandras acordavam contentes, e se atiravam ares além no seu voo perpendicular e rápido!

Entravam de animar-se cada vez mais as ramarias, com a vida dos ninhos; melros ensaiavam solícitos a sua partitura vibrante. Mas a toda a largura—nem uma asa de pomba palpitava. Ela só, desalentada e cheia de mágoas, ia para onde a levava o destino,—quem sabe se para a morte...

Então chegou a branca ao pombal e voejou em torno espadanando as asas contra o muro, arremetendo os buracos, desejando entrar, faltando-lhe a coragem, voejando de novo para arremeter em seguida. Os seus antigos companheiros sentiram-na, conheceram-na, e arrulhando muito, e arrulhando forte, saíram em tropel e foram pousar no telhado, batendo muito as asas combinando ataque.

E como a pomba teimava em entrar, corriam a opor-se, vedando-lhe a passagem.

De repente, um pombo negro abriu muito as asas, agitando-as, tenteou voo nuns pequeninos saltos nervosos e investiu com a pomba, com a desgraçada pomba, e os mais após ele. Havia sangue nos bicos e penas voando em elipsóides, um barulho de asas que se chocavam com fúria. Por fim um baque, a pomba caiu no chão, toda sangrenta, um olho arrebentado, bico aberto, num arquejar convulso, cortado de um arrulho gutural de vida que se esvai lentamente, gradualmente, com dor. Um estremecimento de membros por fim, uma agitação geral repentina, e—morta!

Ares além, os assassinos em bando voavam à busca talvez de um ribeiro onde lavassem os bicos ensanguentados...

* * * * *

E o raiado?—hão-de os senhores perguntar. Demorem-se um pouco e vê-lo-ão sair da janela das trepadeiras, alegre, felizão, boémio, depois de uma noite passada na meia sombra dos cortinados leves de um leito, a rir, a amar, beijando o colo da Morgada, arrulhando com ela, arrulhando, ora um ora outro,—debicando... debicando... debicando...

BATALHAS DOMÉSTICAS

BATALHAS DOMÉSTICAS[1]

A Luís Trigueiros.

Para o meu propósito, é inútil narrar-lhes esse pequenino e perfumado idílio, cor-de-rosa, que foi na vida de ambos, durante um ano, o seu mais vivo encanto. Isto em Lisboa, onde ele, Joaquim Seabra, maior, empregado de escritório comercial, vivia desde pequeno uma furiosa vida de trabalho. A mãe tinha-lhe morrido, ainda ele era fedelho: e passados poucos meses, tinha o Joaquim sete anos, uma doença complicada levava-lhe também o pai—homem de lavoura, pobre mas honrado, bronco mas leal, que nascera e levava a vida não me lembra em que aldeia da Beira, nas abas da Serra da Estrela.

Sentindo-se morrer, o João Seabra pediu os sacramentos. Deram-lhos. E quando o reitor ia retirar-se, grave, revestido, aconchegando ao largo peito o vaso sagrado das partículas, solene sob a umbela branca de grandes ramagens amarelas, o pobre homem preveniu o padre de que em podendo lhe desejava uma palavra.

—Volto por aqui de caminho, dissera o reitor.

Assim fez. Mas caso é que ao abeirar-se de novo do catre do doente, junto do qual estava o Joaquim, descalço, mal remendado, o velho, entreabrindo os olhos e cerrando-os logo para sempre, mal tivera tempo de lhe murmurar, designando vagamente o filho:

—O pequeno, coitadinho!

De modo que foi o próprio reitor em pessoa, quem, passados dois anos, veio meter o órfão, como marçano, numa loja de ferragens da baixa, loja escura, funda, com uma ventana de vidraças, combalida, dando para uns saguões de prédios contíguos. De marçano subiu com o tempo a caixeiro; e como era

aplicado, humilde, suportando com uma placidez resignada de beirão um trabalho por vezes superior às suas forças, pulou um dia para a escrivaninha da casa, no andar de cima, vaga pela saída para a cadeia do outro que cometera umas falcatuas.

—Precisava um tiro nos miolos, esse cão! dissera diante dos patrões o Joaquim.

E a incisiva frase que fora, enquanto remexia a papelada, todo o seu comentário ao procedimento irregular do companheiro, valera-lhe a involuntária conquista do lugar, como revelação, que era, das qualidades fundamentais do seu carácter, —comuns, de resto, ao tipo beirão, profundamente animal, audaz, sóbrio, musculoso, no fundo generoso e bom.

A vida começou então a ter para ele umas entreabertas mais risonhas, livre dessa prisão estreita da escura loja, onde os seus instintos hereditários de independência, acordados no fundo de uma natureza bárbara de hermínio, tinham, de quando em quando, uns bruscos, violentos repelões de rebelião... Até que um dia, numa dessas guinadas que mesmo à escrivaninha o assaltavam, pensou em ir à terra onde não voltara desde pequeno. Ainda lá tinha uns tios, vivia ainda o reitor. E numa introversão de momentos, mirando através da janela o claro céu azul, alto naquela manhã serena de Maio, o Seabra teve a remota visão do seu passado—das coisas da sua infância, da sua pobre e humilde aldeia encravada num declive de serrania que ao longe elevava o dorso, nitente de neves eternas. E como se mirasse tudo através de um binóculo invertido, ele lá via além, muito longe para as sugestões do seu desejo, muito afastado para as débeis reminiscências da sua memória, tudo isso que ele dizia em três palavras —«a minha terra!»—isto é, esse montão informe de velhos tectos chamuscados onde havia um debaixo do qual nascera; o campanário alto e esguio; a igreja oblonga; a fita branca do muro do cemitério onde seu pai e sua mãe jaziam; a paisagem circundante cortada de canais e regueiras, que parecem fios de prata serpeando na esmeralda das baixas, toda retalhada em hortejos; e então a velha legião amiga das árvores—o zimbros ao alto dos morros nus; depois, descendo, as urzes brancas; os piornos; os belos carvalhos altivos; e já a meio da encosta, estendendo sobre a zona agrícola e hortícola o verde e tenro pára-sol das suas soberbas folhas—o castanheiro, enfim.

Através da sua vida de balcão, duramente mourejada a mover barras de ferro, feixes pesados de vergas, ceirões informes de pregaria, com intermitências raras

de descanso, algum Domingo, pelas hortas dos arredores, ou às vezes num bote, pelo Tejo,—a sensação melancólica da sua paisagem nativa não chegara a obliterar-se-lhe no cérebro, nem tão pouco a lembrança dos seus velhos conhecimentos de infância, dos seus companheiros de escola que iam todos os dias, de manhã e de tarde, à lição a casa do reitor, naquele velho sótão da residência, com paredes denegridas e tecto de madeira com manchas...

E que seria feito deles? Talvez que os não conhecesse, que o não reconhecessem, agora. Talvez. E esta dúvida, esta desconfiança, dava ao seu desejo de os ver, de se lhes mostrar,—com o seu fraque, a sua bengala, a sua cadeia de ouro escorrendo sobre o colete claro—o encanto subtil e ingénuo de uma vaidade. E acabou de o decidir, enfim, a propor aos patrões essa viagem, certa imagem de rapariga loira, olhos azuis e toda rosada de cútis, que ele, sem quase dar por isso, espontaneamente, insensivelmente, fora sabendo, de longe, que se conservava ainda solteira...

...a Emília!

E porque seja estranho ao meu propósito, e quase indiferente à história que lhes vou contando, a crónica preliminar desse consórcio, direi que a velha estola do reitor os uniu enfim uma manhã—manhã de Julho, na velha e ampla igreja da freguesia, toda banhada de sol, toda rumorejante de vozes, e sobre a qual caía sem despejar, como uma chuva alegre de pétalas, a saraivada metálica dos sinos, repicando... Até que passados dias, ei-los enfim em Lisboa, instalados não sei em que beco da Baixa, perto da «obrigação» do Joaquim, que era, como lhes disse, o escritório.

E aqui rompe a história; e se é do agrado dos senhores, comecemos.

* * * * *

Bem, aquele primeiro ano. Por uma banda a Emília a cuidar da casa, toda se desvelando nos mínimos pormenores do interior, na cozinha, no amanho das roupas, no decorativo, mesmo, dos quartos e saletas que a mobília, comprada de novo, tornava alegres e confortáveis. Ele, por outra banda, trazendo-lhe nos fins dos meses intacto o seu ordenado, e trazendo-lhe, cada dia, uma carícia mais fresca e mais suave. E dada a homogeneidade dos seus temperamentos, a proveniência comum das suas naturezas, originárias do mesmo solo, filhas da mesma raça, temperadas do mesmo sangue, ricas das mesmas infiltrações de

seiva e de saúde, explica-se logicamente esse paralelismo absoluto de vontades que os dois levavam na vida, sem um choque nas suas aspirações, sem um encontro avesso nos seus desejos, sem a mínima divergência no seu modo de ver e de pensar. Educados em meios diferentes, embora! o que nas suas naturezas havia de fundamental, e até de intensamente uniforme no raio visual das suas inteligências, tornara podemos dizer nulo, sem consequências no fio comum das suas vidas, esse largo período passado em latitudes diferentes:—ela, onde ambos tinham nascido, debaixo do mesmo céu, à luz do mesmo sol, à sombra das mesmas árvores; ele, sequestrado de tudo isso, mas num meio sem cor para ele definida, pardo, estreito como uma gaiola, e onde, portanto, a sua natureza se conservara estagnada,—estagnada como uma pequena lagoa, dormente debaixo do luar melancólico...

Vinha daí, e do fundo ingênuo das suas almas, estreladas das mesmas superstições, povoadas das mesmas imagens, embaladas, ao nascerem, ao ritmo da mesma canção, essa forte, dulcíssima corrente de ternura espiritualizada que era o motor primeiro dos seus abraços, o mais vivo e fresco perfume dos seus beijos, a mais alta, a mais serena e orvalhada eflorescência do seu profundo amor... E pois que havia também no sangue de ambos—bem como no seio de um diamante as iriações mordentes—as rubras, incandescentes faúlhas de uma animalidade impetuosa, adivinha-se quanto seria intensa nos dois a vida sexual, —casta a despeito de tudo, vivente como um largo pâmpano, nimbada, enfim, como certas telas clássicas, por umas cabecitas loiras de crianças, frescas, ridentes, cor-de-rosa...

Daí, como lhes disse no princípio, esse pequenino e perfumado idílio, cor-de-rosa, que fora na vida de ambos, durante um ano, o seu mais vivo encanto...

* * * * *

Em certo dia, porém, regressava o Joaquim do escritório, noite cerrada já, quando uma raparigueta que lhes servia de criada havia dois dias, vindo abrir a cancela, lhe desfechou estas palavras no acento beirão:

—A minha madrinha está muito mal.

—Muito mal?

—Sim, parece que lhe deu pela cabeça não sei quê.

Joaquim Seabra estacou, como que fulminado. E encostando-se à umbreira, para não cair, sentiu passar-lhe pelo cérebro, como um tufão de peste, uma ideia que lhe fez vertigens. Teve um pressentimento... E cobrando alentos, confuso diante da rapariguita que o olhava, disse-lhe com a voz trémula, no tom de quem procura, comprometido e humilde, esconder um pensamento:

—Bem sei... Isso costuma-lhe dar... Uns ataques... Foi depois que veio da Beira.

—Parece que lhe chamam flatos, volveu-lhe a pequena.—Fica-se como doida...

—Sim... chamam-lhe flatos... fica-se como doida... É isso.

E como se sentissem passos subindo a escada, inquilino ou pessoa do andar de baixo,—talvez alguém que o procurasse!—fechou a porta com força; e apagando a luz, com um sopro trémulo, coseu-se a um canto impondo silêncio, com a mão sobre a boca arquejante da rapariga.

—Cala-te, ouviste? disse-lhe quase com o bafo—Se te calares hei-de-te dar dinheiro. Cala-te.

A rapariga calou-se, aniquilada, toda enroscada a um canto, como um novelo. E passados instantes, quando um grande silêncio envolvia todo o prédio, ouvindo-se apenas, de quando em quando, o rodar de algum trem nas ruas próximas, o Seabra tomou nos braços trémulos a pequena, e foi, cauteloso como um bandido, levá-la à cama.

—Ouves, Luísa? Não faças bulha. Dorme.

E fechando-lhe a porta à chave, respirou, hirto no meio do corredor em trevas. Devia de ser assim a sepultura: aquele silêncio, aquela escuridão impenetrável! E ele, como um cataléptico, ali encafudado vivo...—triturado pela mágoa, roído pela dor, desfeito pela desgraça, como se milhões de larvas o triturassem, roessem, desfizessem, implacáveis e cruéis, famélicas da última partícula da sua carne, sedentas da última gota do seu sangue, famélicas e sedentas até da sua própria alma... Vivo, ó Deus cruel! ó Deus desapiedado! Vivo e no entanto... morto: vivo para a sensação esfaceladora da sua atroz desgraça, do seu cruel, cruciantíssimo martírio; morto, aniquilado, desfeito, para a visão auroreal das suas esperanças...—as suas esperanças! revoada alegre de pombas, cândidas, serenas, imaculadas, que um tufão de desgraça varrera do ninho do seu peito,

para longe e para sempre...

E humilde como um rafeiro ou como um trapo, numa prostração de louco embriagado, dir-se-ia que o cérebro deixara de funcionar nesse infeliz—como relógio subitamente parado, marcando um momento fatal!—e que tudo quanto ele sentia, e que tudo, oh Deus! quanto ele gozava! era essa impressão aniquiladora do *Nada*, que o fundia na treva circundante, com ela identificando-o, irmanando-o, confundindo-o, e tanto e tão intimamente, que ele próprio nela se sentia diluído, e no silêncio...

Súbito, porém, a um gemido, a um grito, a um ranger, escoado ali de perto como um réptil, escoado ali de perto, como um verme, fosforejante na treva à semelhança de um demónio, que agitasse um *pierrot* de cascavéis,—uma centelha de vida animou esse corpo aniquilado, e dentro daquele cérebro fez repontar, como luz de lâmpada funérea alumando um cenóbio silencioso, a chama de uma ideia... E teve então de si próprio a estranha, diabólica visão de um esqueleto carcomido, desossado, alquebrado, mirando pelo arco imóvel das órbitas, donde dois feixes de luz escorriam—aquele trapo miserando ali caído, informe, esqualido, repelente, montão de gelo, e lágrimas, e trevas...—que era ele também!...

Entretanto, e como por força mesmo dessa alucinação desvairada e trágica, o cérebro perdera nele a recta, serena faculdade do raciocínio, ele continuava absorto, incompreendido, estúpido, diante da «sua desgraça»—como diante de um grande mar de negrume, profundo e estagnado, por uma noite sem lua e debaixo de um céu sem estrelas, torvo de um burel cerradíssimo de nuvens, a sombra de um espectro... E assim em breve, retombou nessa altitude que diremos irracional,—mudo, aniquilado, desfeito, no meio da treva silenciosa, como no lodo fundo de um poço um bloco inanimado...

* * * * *

No escuro do seu cubículo, a pequena soluçava a espaços. E era como se a própria treva soluçasse, esse chorar abafado da criança, espavorida das coisas que a cercavam, para ela misteriosas e fúnebres. Era como se um alegre pintassilgo, vivo, irrequieto, palreiro, fosse do seu ramo florido de amendoeira, por uma tarde serena de Abril, pousar, num voo de acaso, na mansarda tristonha de um morcego, em qualquer frincha desabrigada de velho muro, abandonado algures...

E porque viera? E para que viera? Não sabia. No entanto, ao contrário do que lhe tinham prometido, que saudade infinita, repassada de profunda nostalgia, da telha vã do seu humilde casebre, através do qual passavam os primeiros alvares da manhã, como um perfumado beijo de frescura! Dois dias, apenas! Entretanto, já dois dias! Tanto tempo em tão pouco tempo! E não tornara mais a ver pássaros! e não mais tornara a ouvir, de manhã, tocando à missa de alva, tangendo à tarde a ave-marias, o seu querido e alegre sino de aldeia...—além, naquela riba suave e pitoresca, prateada, beijada do luar àquela hora!... E o fio do seu pensamento, que outrora derivava límpido, sereno, cristalino, como pequenino arroio murmurante que vai entre duas alas de flores singelas, torvelinhava agora estupidamente, desnortado, ao acaso, convertido num veio torvo, lodoso e borbulhante, soluçando, como se fora de lágrimas, oculto sob a folhagem pálida...

* * * * *

A dois passos, no corredor escuro, o outro continuava prostrado, junto da porta que dava para o quarto onde a mulher, deitada, devia talvez dormir, de borco sobre a roupa revolta, ou no chão talvez... Mas como acontece às tempestades da natureza, também a tempestade daquela alma de homem entrou de se diluir em pranto, pouco a pouco, serenamente, gradualmente. Chorou. E como se fora o véu das lágrimas que lhe não deixara ver até então os pormenores do seu infortúnio, deste permitindo-lhe apenas uma sensação que diremos informe, entrou de se fazer com a vazante mais lúcido o raciocínio, mais precisa e mais esperta a ideia que se lhe acendeu no cérebro, como luz que pouco a pouco vai surgindo na lâmpada de um claustro, alumando nitidamente, sob o docel frio das sombras, as arestas marmóreas de um sepulcro...

Ah! mas então, sob a impressão raciocinada e fria da sua tragedia, cujas linhas contornais pareciam feitas de gelo, uma nova tempestade rebentou,—como uma trovoadas enorme em tarde seca de Maio. E foram então as imprecações, os gritos estrangulados irrompendo, em surdina, por entre as maxilas ferradas, do fundo do peito em ânsias. Então foi o arrancar convulsivo dos cabelos, às guinadas, teimosamente, num duelo de loucura com a dor física, desafiando-a, espicaçando-a, dando-lhe a beber o próprio sangue do peito, rasgado pelas dez unhas crispantes, lacerantes como se foram de abutre.

—Ah! raios do céu, e não morro!

E como o grito lhe saiu mais alto, prestes levou ao chão, como beijando-o, os lábios estranhamente rasgados pela cólera. Veio-lhe então o pudor melindroso da sua desgraça, o medo horrível de que se divulgasse, de que os outros a soubessem,—de que a pequenita, mesmo, a conhecesse... O que diriam? o que pensariam? E todo ele se encolhia, e todo ele se sentia gelado até ao mais íntimo da sua alma, supondo-se na rua, como outrora, ao vivo e claro sol, levando aderente às costas, como um ferrete ou como um cáustico o olhar de «toda a gente»... E com as unhas ferradas na testa, escondia da própria treva, com as mãos ambas, o rosto cobarde e arrepanhado.

—Diabos do Inferno! levai-me!

A este novo grito, porém, súbito se recolheu num grande pavor religioso. Do fundo da sua natureza alguma voz se elevou, serena, doce, harmoniosa, como na paz tranquila do campo o fumo azul-claro de um casal... E teve a doce visão de um arco-íris, bonançoso e rutilante, repontando luminoso no burel aspérrimo da sua alma, onde uma clareira se abria. E foi quase a sorrir, chorando as primeiras lágrimas tranquilas, que dos seus lábios quase serenos voou como uma pomba alvinhenta, que transporta no rosado bico um ramo de oliveira, esta palavra de amor:

—Deus!

E para logo sentiu sobre a sua fronte, de manso e manso erguida num como enlevo de visão, um ruflar de asas de pombas... à hora da alva... sobre os campos... numa clara manhã de Maio, perfumada...

E como se mão invisível o erguesse, devagar, serenamente, enxugando-lhe da orla das pálpebras a última lágrima de sangue deposta ali pela sua alma, o pobre foi submissamente escoando-se para o quarto contíguo, onde sua mulher estava, o seu anjo, o seu tesouro, a sua vida... E foi submissamente, como um cão duramente batido que volta aos afagos do dono, que sobre os lábios da adormecida esposa, secos, pálidos, desbotados, ao claro luar vindo do céu, o triste uniu os seus lábios frementes,—...num beijo suavíssimo de perdão. Ao mesmo tempo que ela, num delírio, repetia a frase cruel:

—Mais vinho!

NOTAS:

[1] Sendo necessário completar o número preestabelecido de páginas de cada volume desta *Colecção*, número além do qual se não pode ir e aquém do qual se não deve ficar,—o editor pediu e obteve do autor, em vez de novo conto, um excerto do seu livro em preparação, livro provisoriamente baptizado com o título de *Batalhas domésticas*. O excerto pode dizer-se que constitui só por si, como os leitores verão, um trabalho literário, independente e uno, o que de certo modo lhe dá lugar nesta colecção, ao lado dos precedentes, estabelecendo, além disso, a transição do espírito do autor para uma nova fase, literária e artística.

N. do E.

ÍNDICE

Idílio rústico

Sultão

Última dádiva

Prelúdios de festa

Tipos da terra

V[ae] Victoribus

Maricas

Para a escola

Tragédia rústica

Abyssus abyssum

Mãe

Arrulhos

Batalhas domésticas

OS MEUS AMORES E A CRÍTICA

Da Revista Ilustrada (extracto da crónica):—«...*Os meus amores*, de Trindade Coelho, é um volume de contos para toda a gente, em condições agradabilíssimas ao paladar de ambos os sexos, e com delicadas circunstâncias a prazeres, principalmente, ao feminino. Porque uma das preocupações literárias mais evidentes deste escritor primoroso é fazer jus à amizade das leitoras, e como dispõe de perícia no ferir de certas notas emoventes e no tocar certas fragilidades de sentimento, consegue-o.—*Alfredo Mesquita*.

Jornal da Noite:—«Trindade Coelho—Este ilustre escritor, nosso talentoso colega do «Portugal», brindou-nos com um exemplar do seu novo livro de contos *Os meus amores*.

De entre a plêiade de prosadores, que por aí mourejam no mundo das letras, a individualidade de Trindade Coelho destaca-se distintamente, e impõe-se à admiração dos que apreciam os talentos brilhantes privilegiados.

Os trabalhos do ilustre escritor, se pela estrutura original e encantadora são dignos do maior apreço, pela elegância da forma, burilada a primor num estilo finíssimo e cintilante, despertam os mais francos, sinceros e entusiásticos encómios dos que os lêem.

Quem conhece o formoso talento de Trindade Coelho, e o seu belo carácter, avalia bem, por certo, como ambos estes seus característicos serão traduzidos no novo livro de contos do nosso distinto colega.»

Diário Popular:—«*Os meus amores*.—Assim se chama um livro de graciosos contos, retratando aspectos da vida da aldeia e do campo, que acaba de aparecer, firmado por Trindade Coelho.

O escritor, como verdadeiro artista que é, localiza todas as suas atenções, de há muito, no trabalho de apreender com fidelidade o viver campesino, sobretudo da vasta região transmontana, a qual lhe foi berço. Por isso o seu fabrico literário se aprimora de dia para dia numa escala crescente de sinceridade, e por tanto mérito: *Os meus amores* o atestam, quando postos em paralelo com os primeiros contos publicados avulso.

Trindade Coelho cultiva com cuidado especial o diálogo que busca e consegue fotografar com particular exactidão. Em vez dos descritivos, quase desprezados, são trechos sucessivos de conversas de uma encantadora rudeza ingénua que formam o estofa principal de todas as suas produções. Isto e a felicidade com que sabe observar, dão o cunho pessoal da sua obra, que proporciona agradáveis e confortáveis momentos de leitura.»

Diário Ilustrado:—«Abrem *Os meus amores*, de Trindade Coelho, com um admirável soneto de Luís Osório, que depomos nas mãos da leitora, como o perfumado ramo de cravos valencianos, a flor actual das suas predilecções femininas: (*segue o soneto inicial.*)

E pelo braço do poeta da *Alma lírica* subimos ao doce convívio espiritual da alma de Trindade Coelho.

O conto *Mãe*, uma rica jóia engastada neste livro, brilhando aí por todas as suas facetas cortadas em diamante, e buriladas com a fina arte de um joalheiro florentino, bastaria para autenticar-lhe o valor e para aferir os dotes mentais de Trindade Coelho, que tem no seu brilhante estilo moderno, fluente e sóbrio, incisivo e profundo, vibrátil e melódico, o diploma do seu notável talento.

É principalmente pela sinceridade intuitiva e pela naturalidade espontânea que estes contos nos cativam.

O autor diz-nos, sem preocupações de escola e sem pretensões a abrir caminho pela deslocação do vocábulo ou pela selva escura do escândalo, o que viu, analisou, observou e sentiu.

As suas doces narrativas, penetradas da alma campestre, deslizam suavemente, tocadas a espaços de uma inigualável melancolia contemplativa que lhes duplica o encanto.

Mas nesses singelos contos, artisticamente concretizados, Trindade Coelho

revela o superior poder evocativo da visão íntima, que o singulariza.

A complexa natureza, para tantos inexpressiva e muda, tem para ele, como para todos os artistas de raça, atitudes, expressões, cores e sons, que o autor vê, adivinha, sente e traduz com a fascinadora eloquência dos iniciados, e o misterioso enternecimento, que só nos transmite a simples leitura dos poetas.

Há rápidos traços de análise emotiva ou de comoção reflexa que valem poemas.

E não serão o *Idílio rústico*, a *Mãe* e outros contos, soberbamente delineados e intimamente vividos, verdadeiros poemas em prosa?

Felicitamos calorosamente Trindade Coelho, o nosso querido amigo, pelo seu primeiro livro, que embora glorifique o seu nome, não é de certo o seu primeiro triunfo.—*Gabriel Cláudio.*»

Jornal do Porto:—«*Os meus amores.*—A colecção António Maria Pereira aumentou-se de um novo volume original. Intitula-se *Os meus amores* e está escrito pelo nosso ilustre colega e literato distinto o Sr. Trindade Coelho.

Deste livro que, pelas suas destacadas qualidades literárias, deve achar grande aceitação no nosso público, escreveremos em breve as palavras apreciadoras que ele merece.»

Correio Elvense:—Trindade Coelho.—Este nosso amigo e festejado escritor, publicou agora o seu primeiro livro de contos e baladas a que deu o título: *Os meus amores*, editado pela acreditada livraria de António Maria Pereira.

Trindade Coelho, que hoje ocupa um proeminente lugar no jornalismo da capital, fez ainda há pouco algumas das suas melhores armas na imprensa em Portalegre, onde criou dois jornais, um dos quais ainda vive, que tiveram vida gloriosa enquanto os animou o trabalho do distinto estilista.

Não só nos seus escritos passados, mas então, conhecemos o grande valor que indiscutivelmente possui. Não nos surpreendem pois os seus triunfos e rejubilamo-nos com eles com a alegria e sinceridade de bons e sinceros amigos.

Num dos próximos números falaremos da impressão colhida em *Os meus*

amores, agradecendo desde já as expressões afectuosíssimas que acompanham a dedicatória do livro, que o seu autor nos ofertou.»

Correio do Norte:—«*Os meus amores*.—Contos e baladas.—Trindade Coelho, o já conhecido e apreciadíssimo escritor, acaba de publicar um livro de contos com o título acima indicado. É esta uma bela novidade para o nosso mundo literário, onde Trindade Coelho de há muito soube conquistar um lugar dos mais distintos, pelo seu belo talento e poderosas qualidades de escritor.

Limitamo-nos por agora a dar esta simples notícia do aparecimento do novo livro, para depois escrevermos mais detidamente sobre ele.

Agradecemos ao nosso prezadíssimo amigo a delicadeza do seu oferecimento.»

O Globo:—«*Os meus amores*.—Mais um livro editado pela livraria de António Maria Pereira. Intitula-se *Os meus amores* e subscreve-o o nome de Trindade Coelho.

Não o lemos ainda porque o recebemos agora; mas há-de ser por certo trabalho de grande valor artístico, como invenção e como execução, porque Trindade Coelho é incapaz de produzir uma obra literária má. A sua educação literária está feita, e os seus numerosos trabalhos tão apreciados, tão portuguesmente escritos, tão sentidos e tão espontâneos revelam qualidades de escritor de raça. Ele tanto pode ser um jornalista eminente como é um contista original.

Os meus amores é uma colecção de contos e baladas. Conhecemos alguns capítulos, que são primorosos, mas carecemos de ler todo o livro para não errar na apreciação. Vamos lê-lo com a convicção de que teremos de saborear um desses raros mimos literários que só os privilegiados de talento sabem oferecer aos seus leitores.»

Diário de Notícias:—«*Os meus amores*.—*Contos e baladas*.—Anunciámos, em tempo, o próximo aparecimento deste trabalho, com que o brilhante contista e nosso colega do *Portugal*, o Sr. Trindade Coelho, ia aumentar a colecção, já tão valiosa, das edições do Sr. António Maria Pereira.

O livro acha-se, enfim, publicado, e em nada desdiz do conceito que desde logo

nos autorizaram a emitir os elevados méritos literários do seu autor, tantas vezes comprovados em numerosos escritos anteriores.

Com uma observação escrupulosa, e um pitoresco estilo, de uma pujança e de uma riqueza não vulgares, sem atentados contra o bom gosto, nem rebeldias contra o bom senso, os contos do Sr. Trindade Coelho são, a todos os respeitos, um verdadeiro primor, uma obra que há-de entrar, sem hesitações, na aceitação do público, e que há-de ficar longo tempo, a atestar, numa formosa prova, a riqueza de um espírito, superiormente educado, dúctil e prontamente maleável.

Porque esses contos são a obra de um genuíno artista, cuja *maneira*, simultaneamente fácil e apuradíssima, revelando a espontaneidade de uma fecunda fantasia, traduz e afirma a fina sensibilidade de uma alma delicadamente temperada, a viveza de um talento exuberante de vigor e de seiva.

Não pode entrar nos curtos limites de uma simples notícia, a mais desenvolvida crítica desse trabalho, que tem, na próprio nome do seu autor, o melhor e o mais seguro título de recomendação para obter do público a consagração de um largo e legítimo sucesso.

Apenas acrescentaremos que abre o livro um encantador soneto de Luís Osório —preciosa chave de ouro, na realidade bem merecida por aquele rico e primoroso escrínio de verdadeiras e puras jóias literárias.»

A Actualidade:—«*Os meus amores*.—Este nome é o de um novo livro da colecção António Maria Pereira. Pelo título presume-se um volume de versos; mas não é, o que não quer dizer que nele se não surpreenda legítima poesia. Trata-se de contos e baladas, originais do Sr. Trindade Coelho, um dos nossos mais apreciados e brilhantes escritores.

Eis, muito resumidamente, as prendas que distinguem este primoroso contista:

Estilo correcto, elegante, vivo; descrições ricas de observação e atraentes tanto pelo colorido como pelo esmerado da forma; despidos de grandes artifícios os entretchos, mas subjugantes pela muita naturalidade; o diálogo, em suma, admirável pela singeleza e, sobretudo, pela propriedade.

Com estes predicados o livro *Os meus amores*, do Sr. Trindade Coelho, deve incontestavelmente ser de valor. E é. São encantadoras todas as narrativas que

contém. Logo ao abrir depara-se-nos um *Idílio rústico*, que embriaga e predispõe para a leitura de todo o volume, onde se encontram quadros soberbos, reproduzidos do natural com um notável poder de observação e que deixam o espírito suavemente impressionado. Leiam, e verão que não exageramos na opinião que aí deixamos rapidamente exposta.

Ao autor o nosso reconhecimento pelo mimo da oferenda.»

Correio da Manhã:—«Registrar o aparecimento de um livro bom, linguagem elevada e singela, desartificial e artístico, repositório vasto de observação, vibrado por uma grande impressão pessoal e subjectiva, é sempre agradável à crónica, neste tempo sobretudo de literatura gafada, ou de arte ainda literária quase pornográfica.

Os meus amores que amavelmente acaba de nos oferecer Sr. Trindade Coelho é um livro desses. Colecção primorosa de contos e baladas, em que no mais despretensioso dos estilos nos conta recordações e idílios e nos mostra uma galeria rica de tipos e de figuras cuidadosamente observados e primorosamente expostos.

O último conto *Para a escola*, que dessa bela colecção acabamos de ler, é encantador de verdade, de singeleza, de arte, e assemelha-se notavelmente à maneira de Gustavo Droz.

Não é o lugar nem a acasião de fazermos a crítica do livro e a apreciação deste novo, deste debutante, que ao primeiro assalto parece estar já senhor da batalha.

É por isso que sinceramente o felicitamos.»

Vanguarda:—«*Os meus amores*.—O nosso colega, o Sr. Trindade Coelho, que quase só conhecíamos pelos seus libelos acusatórios, acaba de nos enviar um livro primoroso com este título, no qual a feição carregada e sombria do agente do ministério público desaparece por completo, para nos deixar apreciar só o espírito finalmente delicado do homem de letras conhecedor dos melhores processos de arte e verdadeiramente sabedor do seu ofício.

Confessamos que nos apraz muito mais admirar este Trindade Coelho, que o outro que temos visto apertado dentro da negra vestimenta de agente do

ministério público, que parece lhe oblitera às vezes as suas excelentes faculdades.»

Primeiro de Janeiro:—«*Os meus amores*.—Acabamos de receber o formosíssimo livro de contos «*Os meus amores*», de Trindade Coelho.

Não é ainda a ocasião de pormos em relevo todas as qualidades literárias, complexas e brilhantíssimas, que se evidenciam neste livro, demonstrando um dos talentos mais vivos e assinaláveis entre os mais ilustres cultores da prosa portuguesa.

Os contos por onde «*Os meus amores*» se repartem não são apenas maravilhas de linguagem, onde tão somente se destaquem destrezas e fulgurações do estilo: a acção que os anima constitui uma deliciosa galeria de quadros, aspectos íntimos e exteriores da vida, colhidos em flagrante com uma extraordinária subtileza e lucidez de observação e trasladados a uma forma superiormente artística, onde há firmemente acentuados todos os caracteres de uma esplêndida organização literária.

É um livro vibrante e magnífico—adoráveis páginas intensamente ou delicadamente emocionadas e primorosamente escritas, cuja leitura é um verdadeiro encanto.

As nossas cordiais felicitações a Trindade Coelho, a quem agradecemos a gentilíssima oferta do seu livro.»

Folha do Povo:—«*Os meus amores*.—Está publicada em volume uma série de *contos e baladas* com que o Sr. Trindade Coelho, o brilhante colaborador do *Portugal*, vem enriquecer a literatura *contista* entre nós, hoje tão querida do público, depois que os trabalhos de Fialho de Almeida deram a esse género literário um valor até então mesquinho.

A primeira qualidade que notamos logo nos *contos e baladas* do Sr. Trindade Coelho é um estilo muito seu, cheio de uma cristalina naturalidade, *afastando-se completamente dessas excrescências de mau gosto*, que ultimamente têm abastardado a língua portuguesa,—prova da superioridade intelectual do escritor de que nos ocupamos—, visto que não mira a uma falsa glória, conquistada facilmente pelas excentricidades de estilo, que são hoje uma verdadeira mania

entre alguns escritores da chamada geração moderna.

O Sr. Trindade Coelho escreveu a sua prosa obedecendo à espontaneidade das suas impressões, ao seu sentir, sem deixar de se revelar um artista, porque nunca a frase lhe sai banal, nem tão-pouco envolvida em ouropéis de mau gosto literário.

E no entanto encanta-nos,—prova de que está ali um primoroso escritor, um espírito delicado, reproduzindo todos os cambiantes da natureza por uma forma de observação, que não é desta nem daquela escola. É simplesmente sua, individual.

Notamos mesmo um progresso no livro do Sr. Trindade Coelho; porque as suas primeiras produções literárias ressentiam-se de uma tal ou qual preocupação de *efeito* no modo de construir a frase. Hoje, o escritor adquire a independência da sua maneira, do seu processo, e feito a tirar decorre fatalmente dessa independência, visto que os seus quadros obedecem apenas a uma rigorosa e fiel reprodução do que o artista observa em volta de si.

Certamente que o público lerá com encanto o novo livro do Sr. Trindade Coelho, pelo que felicitamos o autor, e—podemos mesmo dizer—a literatura portuguesa. —*Silva Lisboa.*»

Diário Ilustrado:—«De tempos a tempos chegava-nos do Alentejo um periódico que não deixávamos nunca de ler pelo fino gosto literário, pitoresco e moderno, que se revelava em todos os seus artigos, incluindo os políticos. Esse periódico era redigido por Trindade Coelho, cujo talento conhecíamos desde Coimbra, e cuja individualidade literária víamos agora acentuar-se com um vigor de originalidade verdadeiramente notável.

De quando em quando, Trindade Coelho obsequiava-nos com um artigo para o *Diário Ilustrado* e, vindo estabelecer residência em Lisboa, algumas vezes tivemos a honra de receber nesta redacção a sua visita, sempre agradabilíssima para nós, porque a sua conversação cintilante aligeirava as nossas pesadas horas de trabalho.

Pois bem, Trindade Coelho acaba de reunir num volume—que faz parte da colecção *António Maria Pereira*—os seus deliciosos contos, cheios de observação, de verdade, de simplicidade artística, que é, a nosso ver, suprema expressão de beleza neste género de composições literárias.

Os meus amores são um belo livro, em que o estilo se não contorce atormentado, como em tantos outros, em que os rebuscados esplendores da forma literária denunciam uma carência absoluta de espontaneidade. Tudo ali deriva naturalmente, tanto na sequência lógica dos caracteres e dos episódios, como na contextura fácil, mas colorida, dos períodos.

Numa palavra, *Os meus amores* são a obra de um artista, de um homem que sabe do seu ofício, e que tem uma individualidade bem definida por traços profundos de verdadeira originalidade.»

Voz Pública:—«*Os meus amores*.—Trindade Coelho, inegavelmente um talento de primeira água, acaba de brindar a literatura portuguesa com um excelente livro de contos subordinado àquele título e que constitui o duodécimo volume da elegantíssima *Colecção António Maria Pereira*.

Contos e baladas é o subtítulo do livro, e muitos ao lerem-no julgarão que se trata de versos; mas não, é em prosa, em prosa vernácula, correcta e vibrante que estão escritos os belos contos de que se compõe este livro, digno a todos os respeitos de ser lido.

São todos eles uns contos ligeiros, encantadores pela espontaneidade e verdade dos seus tipos e das suas situações, lembrando um tudo-nada os formosos tipos de aldeia, tão magistralmente desenhados pelo malogrado autor da *Morgadinha dos Canaviais* e dos *Fidalgos da Casa Mourisca*.

Lemos de um fôlego o magnífico livro, e ninguém que o comece a ler deixará de o fazer como nós; tão atraente é a forma por que Trindade Coelho conduz todos os ligeiros contos de que ele se compõe, que sem querer, sem se sentir mesmo, chega-se ao fim e fica-se como triste dele ter acabado.

Todos magníficos, dizemos, mas se alguns há que mais nos prendessem, foram os que se intitulam *Tipos da terra* uma galeria curiosa de tipos, e *A mãe*, um conto de natureza, simples e comovente na sua simplicidade, e notável pela sua originalidade.

Recomendar o livro de Trindade Coelho é prestar um serviço aos nossos leitores.»

Ordem do Dia:—«*Os meus amores*.—Este é o título do 12.º volume da colecção António Maria Pereira, inegavelmente a publicação mais elegante, mais barata e mais interessante do país.

Os meus amores são uma série de contos e baladas, em prosa, devidos à pena de um moço talentosíssimo, de há muito conhecido nas lides do jornalismo, Trindade Coelho, mas que ainda não lançara ao mercado um livro; com este debuta o autor, e é uma estreia auspiciosíssima a sua.

A leitura do volume, longe de fatigar, faz-se com agrado, e nele é cultivado um género—o de contos, alguns à maneira de Gustave Droz, que prendem e interessam o leitor em todo o sentido.

Foi gratíssima a impressão que ele nos deixou no espírito e esperamos que Trindade Coelho continue a brindar o público com as suas belas produções, porque estamos certos de que quem ler *Os meus amores* será com sofreguidão que esperará novo volume do distinto escritor, tal é o encanto da sua escritura».

O Sorvete, (com o retrato do autor):—«Dr. Trindade Coelho.—Mais uma prova do seu brilhantíssimo talento! Mais uma vez justificada a alta competência e finíssimo espírito de escritor distintíssimo!

O novo livro de Trindade Coelho,—*Os meus amores*—contos e baladas—editada pela casa António Maria Pereira, de Lisboa, é, no dizer dos entendidos em literatura,—uma verdadeira jóia.»

O Esposendense:—«*Os meus amores* (contos e baladas) por Trindade Coelho.—Faz parte este volume da interessantíssima colecção António Maria Pereira, tão bem aceite do público, pela superior escolha das obras publicadas e pela modicidade extraordinária dos seus preços.

Os meus amores é um precioso agrupamento de contos, alguns inéditos, outros já conhecidos, e que Trindade Coelho espalhara com aplauso por diferentes jornais do país. Decorridos quase todos em plena aldeia trasmontana, cujos costumes o autor conhece de sobra, pois é natural de Trás-os-Montes, e foi durante alguns anos, delegado do procurador régio numa cidade de província—os contos desta colecção tornam-se sobretudo notáveis pela propriedade e pela fidelidade da acção, verdadeiros, nítidos, reais, palpitando da cor própria da paisagem,

vivendo da vida natural, íntima e intrínseca, dos personagens e das coisas.

Entre as nossas obras literárias originais, *Os meus amores* merecem, pois, um lugar à parte, não como uma estreia auspiciosa, que o nome de Trindade Coelho é já demasiado conhecido de todos quantos se interessam pela literatura nacional, mas como a poderosa afirmação de um prosador elegante e de um contista distinto, no meio da grande maioria da chata vulgaridade indígena.

Os meus amores é, em suma, um livro de valor, bem cabido nas mais escolhidas bibliotecas.»

O Português:—«*Os meus amores*.—Delicioso título de um livro delicioso.

O livro é uma colecção de graciosos contos, editorada pelo Sr. António Maria Pereira; e o autor é o nosso colega do *Portugal*, Sr. Trindade Coelho, que, nos ócios da magistratura, de que é digno representante, cultiva as letras com desvelado amor.

Em Coimbra, estudante ainda, era já literato apreciado, colaborando, com aplauso dos mais doutos, em jornais e revistas, que há mais de dez anos tornaram o seu nome festejado e querido. Hoje, reúne ao seu título de jornalista a invejável nomeada de contista esmerado, e brinda as letras portuguesas com um volume, que está tendo a mais justa e lisonjeira acolhida.

O primeiro conto do livro, *Idílio rústico*, não obstante ser agora publicado pela primeira vez, cremos nós, é já nosso conhecido, porque apareceu manuscrito num concurso literário da extinta *Associação dos jornalistas*, sendo premiado. Depois da consagração de um júri, terá agora a consagração do público.

Depois do *Idílio rústico*, vem o *Sultão*, um quadro magnífico da vida campesina, notável de simplicidade e graça; e a *Última dádiva*; e os *Prelúdios de festa*; e os *Tipos da terra*; e as *Baladas*; e a *Tragédia rústica*; e a *Mãe*; e os *Arrulhos*; e as *Batalhas domésticas*: outros tantos primores, que às vezes nos fazem lembrar as deleitosas e serenas paisagens de Daudet.

Agradecendo ao autor a gentileza da sua oferta, congratulamo-nos por não haver ainda expirado entre nós a literatura sã, que, ou nos desperte o sorriso ou nos obrigue a lágrimas, não nos deixa no espírito a impressão doentia das nevroses literárias...»

Jornal da Manhã, Porto:—«*Os meus amores*.—Mais um volume acaba de ser publicado da colecção António Maria Pereira, por sem dúvida a mais elegante, a mais escolhida e a mais económica biblioteca que se publica em Portugal.

É o primeiro livro de Trindade Coelho, *Os meus amores*, contos e baladas, em que o talentosíssimo escritor acaba de reunir todos os seus contos dispersos por vários jornais, e alguns inéditos.

Do primeiro ao último, os contos que compõem *Os meus amores* são espécimes no género, porque, além de constituírem uma esplêndida galeria de quadros íntimos, de retratos, de tipos, são a confirmação de uma verdade já por nós há muito aceite: que o seu autor tem todos os requisitos de um escritor de primeira ordem; estilista vibrante, correcto e sempre elegante.

E se formos a escolher o melhor desses contos, ver-nos-emos em sérios embaraços, porque são todos por igual deliciosos, constituindo a sua leitura um verdadeiro encanto; entretanto, se há que mostrar predilecções por algum deles parece-nos que os melhores serão *A Mãe* e *Para a escola*, aquele uma delicada e emocionante história arrancada flagrantemente à natureza, e este saudosas recordações de um passado que não volta.

A edição, escusado é dizê-lo, é nitidíssima.»

O Tempo:—«*Os meus amores*.—Este livro teria vindo melhor nas noites invernosas para serões às lareiras crepitantes:—as faíscas de ouro subindo no tecto, o vento zunindo fora açoitando a chuva, e dentro, no conforto recolhido, gozar-se o contraste das paisagens alegradas pelo sol, espelhadas na água rumorosa, com gorjeios e trinados de aves, paisagens que o Sr. Trindade Coelho sabe encantar com a delícia suave e subtil de iludidor ameno. Mas não se pode aconselhar o leitor a que se prive de saboreá-lo desde já, tanto mais que os tempos vão agoireiros para a arte de manancial, e os que a cultivam têm de separar-se dos estragadores d'Ela e das cabeças quase vazias que espremem e segregam o pus nauseabundo do sadismo medíocre.

Estes estão agora entretendo o público arrebanhado para saborear com prazer as estapafurdices atoleimadas, e que os iguala—o vingador—ao imbecil que escreveu o *Senhor Dupont* e aos autores das *Pimentinhas* e *Berbigões Ardentes*.

Que o livro de glorificadora arte do Sr. Trindade Coelho seja o perfumador dos

excrementícios e apareça em plena luz nas mesas e nas famílias dos que compravam os outros, é o voto que faz o alinhavador destas linhas corredias, na certeza de que recomenda à atenção um artista recolhido que sabe ter força nos traços ténues e meias-tintas dos seus quadros, que capricha em suavizar idilicamente as dores vulgares da vida aceite, da materialidade animal, dourando-as com recantos de natureza chilreante. Que me perdoem insistir na impertinência: mas, o que no livro mais particulariza o talento de quem o assina é a compreensão das paisagens, o sabê-las colorir, animar, pô-las ante os olhos que lêem.

As grandes dores obscuras e sinceras, as brandas afeições, amizades arreigadas, a placidez do recanto habitado, os amores simples sustentados por ingênuas crenças e suavizada fé, tudo o que a aldeia tem de ameno, de atraente, de pitoresco, de consolador, os seus ridículos mesmo, vestindo atitudes de paródia em teatrinho de curiosos, tudo reveste bem o Sr. Trindade Coelho, e aligeira com um optimismo de bom humor, sublinhando aqui e acolá umas notas reais, bem apanhadas, como se diz, e que refrescam o rosto num aberto sorriso de ventarola. O livro encanta porque traz todo o aroma da aldeia onde o autor encerrou por anos a sua nostalgia—a pior de todas: nostalgia de delegado!—apertando os voos do seu espírito de artista que ama pairar com a fantasia para o longínquo, para o que se Imagina, para o Distante, o Inacessível, o Insaciável. Sonhos e fantasias que morreram e se dispersaram como o fumo e as cinzas das fogueiras a que se aqueceria nas noites uivantes do Inverno trasmontano; mas que deixaram sementes de recordação e de saudade donde brotou o livro, escrito decerto nas horas feridas do trabalho árido, com a documentação da natureza que vivifica, com a elaboração pachorrenta de quem não tem pressa e se compraz na arte libertadora.

Especificar um ou outro conto não é depreciar os não citados, mas dar preferência pessoal—e talvez pecadora—ao *Idílio rústico*, à *Última dádiva*, à *Mãe*, às *Batalhas domésticas*, que fecham o livro e deixam entrever no autor um desejo de animar os personagens tanto como anima a natureza onde eles sentiram. Há contos nos *Meus amores* que fazem lembrar um Cladel menos retumbante e por isso mesmo livram quem lê da patada épica do que fez *Crête-Rouge* e *Ompdrailles*.

O Sr. Trindade Coelho é um escritor tão distinto quanto aclarado pelo jorro de arte que vem de há muito confundindo os convulsionários do talento; os serenos no desdém; os entusiastas; o que, despindo o metafórico, quer significar que ele

está em posição artística onde decerto o seu talento e o seu trabalho continuarão a chamar atenção e respeito.—*M. Caldas Cordeiro.*»

António Maria, (com o retrato do autor, desenho de Rafael Bordalo):—«*Os meus amores* por Trindade Coelho.—A livraria portuguesa tem tido uma enchente, como raramente lhe sucede, na última quinzena. Depois do êxito do romance de Abel Botelho e do livro de memórias de Luís Palmeirim, veio o volume de contos de Trindade Coelho, com a amável denominação de *Os meus amores*.

Aqui o temos, já todo aberto, já todo lido... É originalíssimo, agradabilíssimo o modo de escrever, de descrever, de dizer, de contar, que usa o autor deste belo livro,—agradabilíssimo contista, escritor originalíssimo, cujo nome a bibliografia regista hoje, tão notavelmente, como o jornalismo de há muito o registara.

A quem o ler, garantimos, sob a palavra de honra do nosso gosto, algumas horas muito bem passadas, passeadas por aquelas paisagens e recantos provincianos que ele pinta, tão real e verdadeiramente como se lá se estivesse; em companhia daqueles tipos que ele retrata, tão fotográficos, tão nítidos, que é estar a gente a vê-los, a ouvi-los, a falar-lhes...

—*Os meus amores*, meus amores, que encanto!»

O Tempo:—«*Os meus amores*.—É como Trindade Coelho intitula a colecção de formosos contos, publicados em volume, editado pela livraria do Sr. António Maria Pereira.

Há muito tempo que conhecemos e apreciamos o talento de escritor de Trindade Coelho, desde quando lhe lemos as suas produções literárias num jornal de Coimbra, e que eram as primícias de trabalhos mais primorosos, como são hoje os contos a que nos vimos referindo.

O livro de Trindade Coelho é dos raros que se lêem da primeira à última página sem um momento de cansaço ou de fastio. O espírito do leitor delicia-se seguindo todas aquelas cenas campesinas, de uma singeleza tão comovente, e que nos *Meus amores* são descritas numa forma em que se revelam todas as qualidades de um distinto e notável escritor. Só pode apreciar bem o mérito daqueles contos quem souber quanto cuidado há no labor paciente do artista para

conseguir dar ao estilo o tom de naturalidade e de espontaneidade, que se requer neste género de pequenas novelas, talvez o mais difícil de todos.

Não nos demoraremos a falar dos *Meus amores*, que contém preciosas jóias literárias, e ao qual está, sem dúvida, destinado um honroso lugar na nossa literatura contemporânea.»

Correio Elvense:—«Trindade Coelho.—Este nosso amigo e festejado escritor publicou agora o seu primeiro livro de contos e baladas que deu o título: *Os meus amores*, editado pela acreditada livraria de António Maria Pereira.

Trindade Coelho, que hoje ocupa um proeminente lugar no jornalismo da capital, fez ainda há pouco algumas das suas melhores armas na imprensa de Portalegre, onde criou dois jornais, um dos quais ainda vive, que tiveram vida gloriosa enquanto os animou o trabalho do distinto estilista.

Não só nos seus escritos passados, mas então, conhecemos o grande valor que indiscutivelmente possui. Não nos surpreendem pois os seus triunfos e rejubilamo-nos com eles com a alegria e sinceridade de bons e sinceros amigos.

Num dos próximos números falaremos da impressão colhida em *Os meus amores*.»

O Dia:—«*Os meus amores*.—Se fosse no século passado, os fazedores de proémios, prólogos e conversações preambulares com os pios leitores, à falta de jornalistas que noticiassem ou criticassem, por certo aproveitariam a ocasião para sobre o nome do autor glosarem vários elogios ao livro, visto que aquele se chama Trindade e é ao mesmo tempo um poeta sincero, um escritor de raça, e um observador atento, qualidades que se equilibram por tal sorte, que do conjunto nasceu uma obra formosíssima, animada de verdadeira comoção, sentida nas suas mais pequenas minúcias, sempre elevada, sempre humana e sempre artista.

A vida e a poesia trasmontana encontram-se a cada passo nesta reunião de contos, que o Sr. Trindade Coelho dialogou com um cuidado meticoloso, copiando do natural, e em que os personagens foram surpreendidos nos seus labores de cada dia ou nas suas íntimas cogitações.

Não temos espaço nem tempo para nos alongarmos na notícia deste livro, e por isso nos limitamos a recomendá-lo como leitura atraente, como obra de arte tratada com esmero, embora nem sempre com a mesma igualdade nem com o mesmo fôlego, como uma grande lição literária aos fazedores de naturalismo brutal.

Ao autor agradecemos a remessa do seu livro, ficando fazendo votos para que eles sejam tantos, que afoguem os autos e libelos em cujo meio o magistrado tem de viver, e donde sai amiudadas vezes para nos provar que quando se é artista lá de dentro, o contacto dos escrivães não prejudica a índole do escritor.»

Novidades,(entrevista com João de Deus acerca dos *novos*):—«*Literatura nova*. —Eu conheço limitadamente os novos, porque não leio jornais, e não os leio porque os literários ocupam-se na propaganda da imoralidade, e os políticos na propaganda do suicídio, e na do jogo das lotarias, que seduz principalmente os enfeitados da fortuna, mais sequiosos de domarem, num acaso da sorte, as agruras da sua vida. E enquanto o rico joga o supérfluo, o pobre joga os trinta réis de três quartos de um pão.

Mas aqui está o livro do Trindade Coelho, que me encheu de verdadeira alegria! É um rapaz de talento! O que é preciso é que ele dispa a toga, que lhe impede os movimentos. Não o conheço, mas dizem-me que trabalha muito. Já leu o *Sultão*? Se ainda não leu, não o deixo sair de cá sem lho ler.

—Li já todo o livro.

—E depois, meu amigo, nós andávamos precisados de uma coisa casta, onde fossemos purificar o espírito dessas tais observações fisiológicas, e não sei que mais, que por aí aparecem todos os dias. O livro do Trindade Coelho tem o que eu chamo graça, e que não posso bem definir-lhe. Olhe: ali está aquele quadro, em que os traços são correctos e a execução perfeita, mas não tem graça; e aqui, este, uma bela cabeça de rapariga, a fisionomia doce, o olhar abstracto: este tem graça. Até a Virgem Maria se chama cheia de graça, e foi mãe de Deus por ter graça. A graça na literatura é tudo, mas é muito rara.»

Novidades:—«*Novelas rústicas*.—Trindade Coelho.—*Os meus amores* (contos e baladas.)—Lisboa, livraria de António Maria Pereira—1891.

No seu penúltimo artigo do *Temps*, dizia M. Anatole France, esse céptico amável e pirrónico, que tem sido o terrível sapador de todas as doutrinas axiomáticas da crítica: «Il y a beaucoup moins de lecteurs pour les nouvelles que pour les romans, par cette raison suffisante que seuls les délicats savent goûter une nouvelle exquise, tandis que les gloutons dévorent indistinctement les romans bons, médiocres ou mauvais.»

O conto moderno é como o romance, essencialmente analítico e psicológico, escrito em estilo técnico, e destinado sobretudo a apresentar uma imagem precisa de qualquer meandro torcicolado da alma humana. A literatura contemporânea tem procurado, quase invariavelmente, os seus temas entre os vícios, as paixões e todas as energias depravadas do coração. A arte do Sr. Trindade Coelho é muito diferente disso, porém. O seu idílico livro de contos e baladas, aberto sobre um fundo de verdura reluzente, amorosamente evocado da paisagem trasmontana, e habitado por heróis simples, colhidos com intencional singeleza no meio do seu viver provinciano, não tem, decerto, parentesco nenhum com os volumes carimbados com a etiqueta actualmente em moda. É natural até que o leitor, habituado aos livros dos escritores realistas, sinta uma profunda sensação de espanto ao empreender a leitura dos *Meus amores*, duzentas páginas suaves e simples, sem pedantescas pretensões a passarem como tratado didáctico de psicologia.

Disse-se de Júlio Dinis que ele era principalmente um paisagista, e que as suas figuras só serviam para dar expressão e vida à paisagem.

O Sr. Trindade Coelho possui, igualmente, a sensação visual particularmente desenvolvida, e as suas descrições são também, como as do autor das *Pupilas do Sr. Reitor*, magicamente poetizadas, como que apercebidas de longe num esbatido vago de sentimento e de saudade. Chega-se às vezes a ter a ilusão de que o artista está ali, páginas a dentro do seu livro, fazendo reviver no pensamento a álaçre impressão das madrugadas lactescentes e dos poentes doirados da sua aldeia natal, cuja lembrança, ele conserva sempre viva, como nos versos de Salvador Rueda:

Por donde voy me sigue como memoria tierna tu imagen que en mi pecho
conduzco en un altar; ¡y mi cerebro canta como una estrofa eterna el coro que
tus árboles entonan á la mar!

Aí têm, para prova, esse trecho de um descritivo de manhã aldeã, quando o sol

começa a subir na linha ainda indecisa do horizonte:

«A esse tempo, no céu alto e lavado a estrela da alva fenecera por fim, e o horizonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o céu em cúpula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias estranhas que iam despertar tudo, a cor da paisagem e a música dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos. Manhã de Verão, serena, tranquila, dulcíssima. Ia pelo ar um movimento extraordinário de asas—passarada alegre que saía agora dos ninhos e voava a matar a sede à borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinholas em recôncavos de rocha e tomavam para hortejos convizinhos onde a vegetação era mais rica de seivas e mais fácil a presa dos insectos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros. Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos em torcicolos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos carregados de taleigos, e berrando-lhes cada *cho!* que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações próximas, sinos chamavam para a missa de alva ou tocavam a ave-marias. Nas quintas Casais fumegavam os tectos, dizendo horas de almoço. De modo que o sol quando rompeu, solene e triunfante no céu imaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a Natureza acordada para a labuta interminável do dia.»

No notável estudo de psicologia literária de M. Fr. Paulhan sobre a descrição pitoresca, então habilmente apreciados os elementos constitutivos da pintura do meio, em todas as suas maneiras diversas na qualidade e na intensidade.

«Chama-se imaginação sensível», diz o distinto observador, «o acto pelo qual nós nos representamos um objecto ausente, e esta representação, como tem sido há bastante tempo notada, não é,—principalmente se considerarmos só certas classes de imagens,—senão uma cópia enfraquecida de uma sensação. Por exemplo, se eu trato de me representar um momento, um quadro, uma estátua, qualquer coisa que imagino, se as minhas recordações são bastante nítidas, é uma espécie de cópia enfraquecida da sensação que eu terei, se vi realmente o monumento, o quadro ou a estátua. A imaginação, tomada até no sentido restrito que lhe damos aqui, varia muito de uma pessoa para outra, quer em intensidade, quer em qualidade. Por um lado, certas pessoas têm as imagens, as representações muito mais enfraquecidas, mais vivas, mais concretas; em uma palavra, as suas imagens aproximam-se muito da sensação; outras, pelo contrário, são inclinadas para as ideias abstractas e têm necessidade de um

esforço para se representarem as sensações de uma maneira um pouco nítidas. Tem-se reparado que a visão mental, nitidíssima em geral nas crianças e nas mulheres, torna-se muito fraca e por vezes desaparece nas pessoas preocupadas sobretudo de ideias abstractas, ou habituadas a não exercer a sua imaginação visual. Eis uma pequena experiência indicada por Wundt, que, mostrando as analogias entre a imagem e a sensação, parece pôr em relevo também as diferenças individuais com relação à intensidade com que a imagem concreta é percebida. Sabe-se que quando fixamos o olhar por algum tempo num objecto corado, se voltamos os olhos para uma superfície parda, vemos uma mancha corada da cor complementar da primeira. Se o objecto era vermelho, a mancha será verde, e reciprocamente; se o objecto azul-índigo, a mancha será amarela, etc. Ora é possível, mas isto não sucede a toda a gente, perceber esta cor complementar não só depois de ter fixado um objecto corado, mas simplesmente depois de o ter imaginado. Pode-se, por exemplo, pensar numa cruz vermelha: lançando em seguida os olhos para um papel pardo, deve-se ver uma cruz verde, se há uma boa imaginação visual.»

Essa imaginação parece tê-la o Sr. Trindade Coelho. A vivacidade, tonificada quíçá por um pouquinho de nostalgia, do seu descritivo, que nos dá conjuntamente a impressão da forma, da cor, do som, e até às vezes do aroma, representa um fenómeno especial de evocação sensacional. E o maior encanto da sua obra é esse, e, depois desse, a íntima satisfação que faz aflorar, aos lábios do leitor inteligente, um sorriso de doce comoção, a cada singelo episódio das suas narrativas, todas frescas e sadias, e cujo menor mérito não é, decerto, o de serem escritas numa linguagem airosa e despreocupada, mas tersa e legitimamente portuguesa.

O livro do Sr. Trindade Coelho não é para ser sujeito a longas análises introspectivas, o papel da crítica perante *Os meus amores* é bem fácil, porque ela deve quase cingir-se à afirmação do seu aplauso incondicional, ou ao registo da repulsão do processo do escritor, o que pode muito bem representar uma livre depravação de gosto.

Por mim confesso sinceramente que me deixou no espírito a mais amável recordação, pura e oxigenada, a leitura dessas belas novelas rústicas, todas impregnadas de uma ideal graça campesina, tilintando de um eco amorável de arroio murmurante, que discorre mansamente por entre margens baixas, bordadas de sécias e papoilas: e, para a minha simpatia, desejo mencionar especialmente o conto que abre o livro e o caso do *Sultão*.—*Armando da Silva.*»

Tim Tim Por Tim Tim:—«Um grande poder de observação e uma enorme justeza de expressão, constituem, quanto a mim, as duas essenciais qualidades literárias de Trindade Coelho, puras auxiliares da sua alma de verdadeiro artista, aberta à compreensão ampla da natureza, e fundindo os fenómenos, as coisas e as criaturas num conjunto nítido que se desata em descrições opulentas de vida e de calor, fulgurantes de energias dominadoras, pródigas de imagens que o melhor cristal de Veneza não teria reflectido tão bem, avigoradas em onomatopeias possantes que prendem o espírito mais inculto e o obrigam, ali, a fixar e a compreender o objecto que o autor quis frisar.

E essas qualidades ressaltam brilhantemente de todos os contos que compõem *Os meus amores*, realçadas ainda pela fina emotividade que o delicado sentir do autor transmitiu a cada cena onde o coração tem parte, ou seja o coração de qualquer daqueles dois pequenos do *Idílio rústico*, ou o da *Ruça*, a bela cabra que no meio de mil angustias de mãe morre junto ao filhinho. E se o querem surpreender a ele próprio, a Trindade Coelho, em flagrante de uma ternura honesta, viva e sentida, vejam o affecto que irradia daquele *Para a escola*, quando fala da velha e boa criada que o levou ao mestre das primeiras letras.

Se das coisas affectivas, que mais o namoram, e das descrições naturais, que mais o apaixonam, Trindade Coelho desce a brincar um pedaço caricaturando uns tipos com tanta sobriedade de *charge* que mais nos parece estar fazendo retratos, saem-nos então figurões como os da vilória da *Comédia na província*, que entretêm a tarde na praça a dizer mal uns dos outros. Tão verdadeiro nos *croquis* como nos hábitos. E quando aos tipos pode juntar um estudo de costumes, aquela *Véspera da festa* exemplifica vantajosamente o que ele sabe fazer.

No fim do livro, foi para mim surpresa aquele excerto das *Batalhas domésticas*, onde me pareceu descobrir uma novíssima orientação do autor, inspirada porventura numa atmosfera densa de inovações que vai por aí. Claro que o seu talento adapta-se mais essa forma com a maleabilidade com que a tudo se sujeita, mas se eu tivesse a característica literária de Trindade Coelho, evidenciada em tantos escritos, não a sacrificaria a coisa alguma.

O que o livro é, em suma, é um conjunto de belezas que tem sido largamente apreciado pelos fanáticos da Arte; e oxalá seja apenas a promessa de muitos outros, que penas como aquela não devem calotear-nos na contribuição que nos devem.

—Mas,—perguntou-me um dia destes alguém—porquê *Os meus amores*, e não qualquer outro título?

Não respondi. E demais eu sei porque deu Trindade Coelho esse nome ao livro onde há tantos trabalhos de tempos que lhe são saudosos e em que lhe foi grande parte da alma, da sua bela alma de rapaz que nenhuma lama deste mundo é capaz de conspurcar.—*Santos Gonçalves.*»

Revolução de Setembro:—«*Os meus amores*, contos e baladas por Trindade Coelho.—Um livro peregrino, que se lê com encanto e que nunca mais se esquece. É um talento e é um artista quem escreve assim. Uns contos singelos, atraentes, delicadíssimos, admiráveis de observação e de honesto realismo. Esbocetos apenas; mas que admirável simplicidade de colorido em alguns deles e que tons inapagáveis de verdade!

Uma bela obra de arte e uma altiva lição.

Ali está como se pode chegar ao naturalismo na literatura, sem estropear a língua e sem chegar às torpezas da pornografia. Para atrair, para ser original, para impor a supremacia do seu talento, para conquistar o aplauso sincero dos que lêem, Trindade Coelho não precisou de escrever extravagâncias, nem de escalavrar pústulas, nem de escancarar bordéis.

Aí fica uma rápida notícia do livro. Voltaremos a falar dele, se o tempo nos chegar para a homenagem que desejamos prestar ao seu autor.»

Correio Elvense:—«*Os meus amores*.—Com poucos dias de intervalo as letras portuguesas contaram dois ruidosos sucessos de livraria.

Depois de apreciar o *Barão de Lavos*, obra de análise, de profunda observação, ressentida do exagero do naturalismo e do carácter quase científico que actualmente se pretende imprimir aos livros, que devem ser exclusivamente literários, mas que, não obstante este pequeno senão, confirmou plenamente todas as esperanças que o nome de Abel Botelho criara com os seus livros anteriores, a crítica tem de render respeitosa homenagem ao trabalho de um outro escritor novo como aquele e como ele igualmente distinto pelos brilhantes dotes do seu espírito, pela sua notável orientação literária e pelo esplendor de forma que caracteriza todos os seus escritos, mesmo os mais

despreocupadamente feitos.

Sinto um delicioso prazer de consciência ao traçar estas linhas. Momentos como este são mesmo os únicos oásis em que se reconfortam os que, dia a dia, esgotam o melhor das suas faculdades na faina improdutiva e inglória do jornal.

Trato de apreciar o trabalho de um amigo, de alguém a quem me unem íntimas relações de confraternidade e simpatia e ao ter de formular o meu juízo conheço que posso manifestar o mais incondicional louvor e aplauso sem que se suspeite que as minhas palavras são reflexo de um sentimento pessoal, mas sim a expressão exacta e verdadeira de uma admiração justamente sentida, solidamente baseada.

O livro a que me refiro intitula-se: *Os meus amores*. E em tudo corresponde ao encanto deste título.

Com que saudade li as últimas páginas!

Por vezes desejava espaçar essa leitura para demorar o delicado prazer que sentia, noutras precipitava-a sôfrego de admirar a naturalidade das descrições, a limpidez e o cristalino do estilo emocionante e simples, tão delicado e ao mesmo tempo tão poderoso que dá vida aos mais diversos sentimentos desde o pavor do remorso do assassino José Gaio, até à recordação saudosa e terna que o autor sente do primeiro dia em que entrou na aula de instrução primária da sua modesta aldeia.

Dando a impressão singela e despretensiosa que me causaram *Os meus amores*, não vou referir-me demorada e especialmente a cada um dos pequenos quadros que formam esse livro verdadeiramente consolador. Na época actual quando os vícios da sociedade e a decadência dos nossos dias nos gravam no espírito, a cada hora, um carimbo de desânimo e descrença, quando a literatura, obedecendo à vertigem mais do que nervosa, alucinada, que caracteriza o *fin de siècle*, cria as escolas mais extravagantes que se comprazem em baralhar todas as ideias, em apedrejar as normas mais impecáveis e até agora consagradas da arte, e em descrever todos os aspectos da natureza com as palhetas mais escuras e muitas vezes asquerosas, sente-se conforto, adquire-se ânimo, desanuvia-se o espírito ao ver que ainda há alguém, a quem sobeja talento e tenacidade, que escreve 200 páginas de prosa sã, eminentemente sentida, deliciando-se na descrição das cenas mais simples e tocantes, na apoteose da natureza em toda a

sua magnificência e no convívio da vida campesina, tão cheia de sinceridade e de encantos, tão livre das convenções e pretensiosidades que dão um tom falso e mentido aos sentimentos da sociedade em que vivemos.

Disse em cima que não me alongaria no esmiuçar de perfeições de cada um dos contos e baladas que formam *Os meus amores*. Não representa este propósito ideia de menos consideração pelo livro ou por quem com tanto amor o escreveu. Ao contrário, sinto que não posso, a não transformar este artigo num hino laudatório, referir-me especialmente a cada um daqueles contos e baladas. Mais do que este motivo domina-me o de não poder alongar demasiadamente a apreciação que estou fazendo.

Muitas das páginas que Trindade Coelho reuniu no seu livro já as havíamos lido e simultaneamente admirado, publicadas em diferentes jornais. Como escritor conhecíamos também o primoroso estilista dos *Meus amores* pelos seus trabalhos jornalísticos, já na boémia coimbrã, já em pequenas folhas de província e ultimamente nos jornais da capital, trabalhos em que ele empregava o escrúpulo e a correcção que nunca abandonam os verdadeiros artistas.

Pelos seus trabalhos literários há muito que formara a opinião de que ele se podia alistar sem desdouro ao lado do Conde de Ficalho, de Fialho de Almeida e de Teixeira de Queirós que, no meu parecer, são, em Portugal, os mais distintos escritores contemporâneos deste género, na aparência tão ligeiro, mas no fundo tão complexo e difícil, a que se denomina: *Contos*.

A leitura do recente livro enraizou-me mais a opinião formada.

Pelo sentimento descritivo, pela verdade dos *tipos*, pela naturalidade do diálogo, e pela modalidade do estilo que se apropria sem o mínimo esforço a todas as impressões que pretende transmitir, o autor dos *Meus amores* prova que não desconhece nenhum dos segredos do género de literatura que tão brilhantemente cultiva, e que não é inspirada na amizade a opinião dos que, não obstante ele terçar agora quase as primeiras armas, o consideram já como um escritor distintíssimo e num futuro muito próximo um mestre consagrado.

O livro abre com um soneto formosíssimo e nem podia deixar de ser assim desde que se saiba que o firma Luís Osório. Pórtico apropriado às belezas que nas páginas que se seguem se acumulam com uma riqueza oriental.

Não obstante o meu propósito de não me referir nomeadamente a nenhum dos

pequenos quadros, não posso deixar de dizer rapidamente da impressão que me causou a *Última dádiva*, um primor de sentimento, uma página emotiva arrancada em flagrante a uma das cenas em que tão variadamente se divide a tragédia em que se debate a humanidade; o *V[ae] victoribus*, onde passa um fôlego de epopeia, em que o estilo atinge alturas quase desconhecidas, casando-se com uma verdade admirável a grandiosa ideia em que se inspira o conto; *Para a escola*, quadro delicioso a cuja leitura cada um de nós sente acordar uma recordação muito querida de infância descuidada e alegre, e por últimos: os *Arrulhos*, em que Trindade Coelho ostenta gloriosamente todas as qualidades do seu estilo tão maleável e tão justo.

Além destes contos, que especialmente destaco pela admiração que me inspiraram, são modelos de humorismo e de verdade os dois *Prelúdios de festa e Tipos da terra*.

Quem escreveu os *Prelúdios de festa* e especialmente os *Tipos da terra*, é porque estudou com muita atenção, com muito cuidado, os personagens que mais avultam na vida das nossas aldeias e terras pequenas. São tipos tirados do natural, com uma perfeição fotográfica em que Trindade Coelho denota o mesmo rigor de execução que demonstra na descrição da natureza nos seus mais variados aspectos.

Por últimos, e para não se dizer que eu neste país de má língua realizei o cúmulo de escrever um artigo só de palavras encomiásticas e sem a mínima censura ou reparo, devo dizer que não gostei do *Sultão*, lastimando que Trindade Coelho gastasse tantas páginas de um estilo formosíssimo num assunto que sem dúvida é verdadeiro, mas que não comove o leitor, nem lhe imprime, pelo menos assim o julgamos, a mínima impressão duradoura. Para Trindade Coelho manifestar todos os seus recursos de estilista, não precisava realmente do *Sultão*.

O livro faz parte da edição mensal de obras portuguesas, editada por António Maria Pereira, um trabalhador incansável a quem as letras portuguesas devem assinalados serviços.

Está impresso com o maior escrúpulo e revisto com um cuidado e esmero a que nem sempre estamos habituados.

Terminando estas linhas tão despretensiosas como sinceras, fazemos votos para que Trindade Coelho possa continuar a furtar algumas horas à sensaboria dos

autos e a deliciar-nos com novos livros, tão perfeitos como este, para honra do seu nome de escritor já tão justamente laureado, e agradecemos ao amigo a oferta do seu livro, arquivando a dedicatória que ele contém como nova prova de uma amizade a que somos profundamente gratos, e devotadamente retribuidores.
—*Lourenço Caiola.*»

Tribuno Popular:—«*Os meus amores.*—Recebemos o volume da *Colecção António Maria Pereira*, que sob aquele título contém alguns contos do apreciado contista Trindade Coelho.

Pela rápida leitura de dois deles—*O Sultão e Tipos da terra*, parece-nos que a colecção é estimável, e que os contos são jóias de grande preço da nossa literatura, pela linguagem pura genuinamente portuguesa, e pela graça da contextura originalíssima, nacional, sem laivos de imitação estrangeira, em que se pintam cenas e episódios, cheios de verdade e de encantadoras descrições, da vida portuguesa nas províncias.»

O Século:—«*Os meus amores*, por Trindade Coelho.—É um livro de contos, editado pela casa editorial do António Maria Pereira, a publicação recente que mais tem emocionado, com justo motivo, o nosso meio literário, bem pouco acaroável e mazorro no fundo, sobressaltando-se com tudo quanto perpetra o escândalo de não ser rotineiro, ou vulgar, e bem pouco emocionável também—diga-se a verdade.

Parece uma contradição; mas não é. Se o nosso bom público fosse dado a esbanjamentos de emoção artística, não o sobressaltaria tanto a pessoalidade, e o imprevisto.

O Sr. Trindade Coelho acumula com o seu cargo oficial de magistrado severo, a profissão, ou antes o desenfasto espiritual de ser homem de letras, nas suas horas de remanso.

É só, porém, como homem de letras, que nos compete em tal lugar aquilatar-lhe a estesia, e as faculdades de emoção, ou de atenção artística.

Ambas estas possui o Sr. Trindade Coelho, em subido grau. A forma adapta-se perfeitamente ao fundo, e é sempre fluente, vernácula, concisa, e precisa. É sóbrio no descritivo, e não raras vezes entenece. Não comete a velharia de

desenterrar obsoletos termos clássicos, sem incisão, sem propriedade, e sem cor, muito parecidos com o latim, mas que no fundo não são nem latinos, nem portugueses, nem onomatopaicos, e que fizeram a delícia de Filinto. Nem perpetra também o mau gosto de empregar neologismos inúteis, e risíveis, possuindo na linguagem pátria instrumentos magníficos de expressão. Sabe a sua língua, como raros: e o conto, que é, quanto a nós, a forma mais perfeita, mais completa, e mais delicada da prosa, e também a mais transcendente e lapidar, achou nele um hábil e equilibrado intérprete. Os contos *Sultão*, *Maricas*, *Tipos da terra*, *Mãe* e sobretudo *Para a escola*, não contam muitos rivais na língua portuguesa nem nas estranhas.

O seu pequeno livro há-de ficar na literatura nacional, quando de centenas de romances em seiscentos volumes já ninguém rememorar o título sequer.
—*Gomes Leal.*»

Revista Ilustrada:—«*Os meus amores*, de Trindade Coelho.—Que deliciosa impressão me deixou aquele livro, tão adoravelmente simples e sentido!

Antes, porém, de começar a analisar, conto por conto, esse fino trabalho de Trindade Coelho, preciso dizer duas palavras explicando a razão porque me merece tanta simpatia o seu autor, que de nome conheço só.

Li pela primeira vez o seu nome em umas correspondências de Portalegre, notavelmente bem feitas, e em que ele elogiava muito um pequenito, distinto em todos os exames.

Aqueles adjectivos de amigo bom e entusiasta fizeram-me convencer de que—o delegado de Portalegre—era um excelente rapaz.

E digo rapaz, porque todos nós temos o hábito de considerar sempre muito novos aqueles que são da nossa idade... Depois, graças a uma amiga minha, escritora de grande talento soube que Trindade Coelho era um grande admirador de Loti —o meu preferido romancista!—admiração entusiasta que ele descrevia em cartas deliciosas de uma vibração que fazia pena não ser repercutida mais longe... Fazia pena ser indiscrição publicá-las!

Traduzia ele então o «Pescador de Islândia»; tradução esplêndida que a *Gazeta de Portalegre* publicou e que o trazia *empoigné*. Para ele era já uma sugestão, aquele trabalho primoroso.

E desde então, Trindade Coelho ficou sendo para mim um artista. Dava a Loti todo o valor que ele tinha e que ultimamente alguém se comprazia em querer negar ao acadêmico gentil.

Em seguida li uma suavíssima elegia escrita à memória de António Fogaça—uma flor ceifada ao desabrochar!—Eram meia dúzia de palavras cortadas por soluços:—eu sei, infelizmente, quando se escreve assim!...

Finalmente, o seu nome vibrou de novo aos meus ouvidos, quando os jornais anunciaram que ele arrancara um preso à cadeia de Portalegre. Um preso que era um inocente, e que, como tantos outros, estava condenado a ouvir soar, em vida, a hora da justiça... Publicavam também o efusivo telegrama em que Trindade Coelho agradecia ao nosso magnânimo rei o seu perdão.

E eu dessa vez chorei! Como me sucede sempre que um homem põe a lucidez do seu talento e o entusiasmo do seu coração ao serviço da humanidade que sofre...

O nome do dr. Trindade Coelho gravou-se então indelevelmente na minha alma.

Eu só fixo o nome dos bons.

E pensei em que devia ser uma grande mulher a mãe daquele homem! Os filhos herdaram, geralmente, o coração das mães...

* * * * *

Ultimamente a imprensa anunciou o livro que acabei de ler. Pedi-o rapidamente para Lisboa, e li-o de um fôlego.

Abre com um soneto delicioso, escrito pelo espírito gentil de Luís Osório—uma alma luminosa, que brilha na transparência dos seus versos filigranados e vibrantes...

Segue-se o *Idílio rústico*—um amor—através do qual nós vemos subir lentamente a estrela da alva que iluminava, coando a sua doce luz pelo colmo da cabana, duas cabecinhas gentis, adormecidas junto uma da outra...

Depois o *Sultão* um conto singelíssimo cheio de naturalidade, em que o Tomé nos comunica a sua alegria contagiosa levada à loucura com a volta do... amigo—bem mais fiel do que muitos outros!

A Última dádiva, um braçado de goivos atirados por «um simples» a uma sepultura onde lhe ficara preso o coração para sair de lá no dia em que teve de se diluir, na esteira do barco que lhe levaria o filho para o Brasil.

A Comédia da província, magnífica de cor local. Magnífica, principalmente para quem conhece tipos semelhantes e já tem visto a *Morgadinha de Valflor*—essa pérola!—representada pelo Marques do correio... vestido de saias! Para quem dá todo o valor a esse esplêndido estudo de costumes provincianos.

V[ae] victoribus, uma sugestão de remorso primorosamente traçada... *Maricas*, uma adorável poesia escrita em prosa. *Para a escola*, um beijo de gratidão de uma singeleza adorável. *Tragédia rústica*, um vibrantíssimo estudo das misérias humanas.

Abyssus abyssum, o agonizar de dois anjos, sob o olhar de uma estrela... *Mãe*, a flor mais linda do ramo, enlevo e agonia de todas as mães que eram capazes de morrer assim—sem abandonarem os filhos... E, finalmente, as *Batalhas domésticas*.

Repito, deixou-me uma impressão deliciosa o livro de Trindade Coelho, que é, a par de um primor de delicadeza, sentimento e arte, um livro honesto, que não fatiga os homens nem faz corar as mulheres. Por isso aconselho a todos que o leiam.—*Margarida de Sequeira.*»

Portugal:—«*Livros Novos.*—A acolhida feita ao notabilíssimo livro *Os meus amores*, do nosso querido amigo e ilustre confrade, Trindade Coelho, tem sido a que em tempo lhe vaticinámos: em toda a linha o mais legítimo, o mais espontâneo, o mais unânime e o mais carinhoso triunfo.

Bem o merece o cristalino talento, e a inelutável tenacidade no trabalho, do brilhante escritor, que em meio dos violentos paroxismos que na caça de sensações e efeitos novos hoje pavorosamente desarticulam o *meio* literário europeu, tem uma força de restringir-se a soltar suavemente, com uma sobriedade campesina e tranquila, a melodia emocionante, ingénua e simples do viver aldeão; e que por entre o estrídulo *hallali* de obscenidades, imprecações, blasfémias, dores, gemidos, que doloridamente reboam pelas soturnas naves deste imenso hospital, que é o mundo, ainda encontra a suprema arte de fazer escutar, enternecedoramente, um doce *trillo* sentimental, uma ou outra ligeira nota afectiva, algum limpo e cativante movimento do coração.

Bem-haja.

Do coro uníssono de quase incondicional aplauso com que a imprensa tem celebrado a aparição d'*Os meus amores* transcrevemos hoje um magnífico artigo do *Correio Elvense*, devido à pena de um dos mais lúcidos e impetuosos engenhos da novíssima geração.» (*Seguia-se a transcrição.*)

Diário Ilustrado:—«*Os meus amores*, contos e baladas, por Trindade Coelho.—A forja do tempo caldeia-nos o espírito à proporção que envelhecemos. É por isso que os rapazes se desdoiram às vezes de ouvir os velhos, e parece-me que têm razão, porque nem sempre o são juízo de uma experiência larga, sabe limar as arestas da caturrice no estudo circunspecto... Eu tenho acompanhado, cantarolando e um pouco a rir com singular cepticismo, este meu século, que está no fim, e com ele tenho vindo estudando e aprendendo. Ruíram as teocracias literárias, revolteou-se a filosofia, criaram-se novos processos de estilo, arrancou-se o chiró às velhas frases, e todo um mundo novo, extravagante

e fantástico tem surgido,—mau grado as fúrias rábidas de escritores paleontológicos, aparafusados à Arte e à Crítica de há 50 anos e cheios de amor e melancolia... Ora essa aprendizagem do meu século tem-me custado amarguras aterrantas, desequilíbrios de espírito e um desfolhar de verdes ilusões, que eu tenho visto irem-me fugindo num *marche-marche* triunfal, para nunca mais voltarem,—ai! para nunca mais voltarem!...

A vida do escritor moderno, toda torturante e nevrótica, dá-me a impressão tenebrosa dos contos de Poe, postos palpitantemente na vida real de nossos dias. E lembro Camilo pedindo ao pedaço de chumbo de uma cápsula o ponto final redentor de agonias crudelíssimas; Júlio Machado, de pulsos cortados, fitando com olhar sangrento o retrato bem amado do filho,—a alegria ruidosa dos olhos da sua alma,... e quantos outros, bom Deus! Dir-se-ia que uma *má sina* persegue os homens de letras:—quando não é a navalha de barba, é o revólver, é a consumpção, é a tísica, é o retraimento amargo, é o abandono próprio e alheio! Por isso o meu vizinho Gervásio todo se ufana, com certo profundo bom-senso prático, da insistência com que quer fazer do filho um *artista* pintor—de portas, e de fora de portas...

Na *troupe* de escritores em flor do meu tempo,—parece-me que já lá vão 30 anos, e tudo isto é apenas de ontem!—havia, joeirados com singular amor de arte pura, uma dúzia de rapazes de incontestável valor literário, desabrochando esbanjamentos de talento pelas gazetas e revistas mundanas. Poetas e prosadores, contistas e dramaturgos, miniaturistas da poesia, do romance e da crônica, dessa plêiade de rapazes, um tanto insubmissos e um tanto boémios, alguns treparam triunfantes,—poucos; outros, quase o resto, ou foram ainda verdes da vida para os cemitérios das suas aldeias, ou, o que é quase o mesmo, deram-se a calejar as mãos, dissolvendo as suas aptidões de plumitivos incipientes, nas minas de ouro e de ferro da luta pela vida. Dos *felizes*, dos que triunfaram,—como quem diz, dos vencidos da vida,—me sorria eu às vezes em horas de bom humor, lembrando-me como eles com um livro de versos foram nomeados cônsules; com um tratado sobre a cultura do repolho abriram o *Banco Mineral do Douro*, por acções; com um drama em *D. Maria* foram eleitos deputados; ou como com uma crítica do *Salon* de S. Francisco, se guindaram a bibliotecários das belas artes e hortaliças correlativas... Dos outros, dos *perdidos* pouco me lembra! Eduardo Salamonde foi-se a espantar os filisteus do Pará, aplicando-lhes aos fígados hipertróficos a vermelha caudal da sua prosa mirabolante; Xavier de Carvalho desapareceu em Paris pelo alçapão macabro da *correspondência* barata; Gualdino Gomes anda aí amparando o seu reumatismo a uma certa

maneira de má língua e a uma bengala de cana; Leopoldino Gonçalves viaja como médico da armada; e Fortunato, quando as saudades lhe são mais amargas, abandona o Alentejo, onde toma pulsos a doentes pela tabela da Câmara, e aparece às vezes nédio, cor de fiambre, cheio de barbas, a olhar com tédio os copinhos de cognac do *Leão*...

De todos os rapazes do tempo das minhas alegrias cor-de-rosa, o que me traz mais doces recordações é Trindade Coelho,—porque eu ligara à minha a alma dele, num tempo em que dos salgueirais de Coimbra ele me fazia para uma folha alegre de que eu era director, umas crónicas soberbas, vivas, rendilhadas, cheias de colorido e de afirmações de uma personalidade literária. A sua prosa, a um tempo humana e lírica, dava-me a impressão de um romantismo degenerado... De Coimbra, como sabem, além de bacharéis anónimos, tem-nos vindo a *elite* das letras. É da tradição universitária, fazerem os doutores as suas primeiras armas de literatos e de poetas, na academia, a intervalos do pesado estudo do Lobão e do direito público, esvurmado às cavaleiras do nariz de Pedro Penedo... Toda a nossa legião distintíssima de poetas e prosadores modernos deriva literariamente da boémia coimbrã:—Teófilo, Eça, Junqueiro, João de Deus, Antero, etc. É a afirmação do bom António Ferreira feita axioma:

Não fazem mal as musas aos doutores.

E não fazem. Tem-se visto. Vão lá inquirir a Junqueiro das belezas do Código Civil, meio metafisicamente original e meio copiado dos códigos de Napoleão! Ah, mas em compensação que apareça aí o primeiro advogado a escrever a *Morte de D. João* e a *Musa em férias*!

Os cantos de Trindade Coelho são narrativas ligeiras, descrições numa bela prosa colorida e transparente, trechos de psicologia trasmontana, e um ou outro caso humano superiormente observado. Sobretudo a *maneira* do proceder literário deste escritor é deliciosa de cor e de verdade, sem grandes esmerilhamentos de frase, nem deslumbramentos de imagens na aparência cor de oiro, que, em regra, não fascinam senão os saloios ingénuos dos cordões de latão... Tem-se chegado aí, no abuso da originalidade do estilo, a fazer uma prosa estrelicada, engomada, cabelinho à banda, com risca, como os caixeiros de modas ao domingo! O burguês já conhece os processos da *chinoiserie*, e daí não há espantá-lo com nefelibatismos doentios, de importação barata; bem sabe ele que debaixo dessas belezas está a oleografia reles de porta de escada, da sultana escarlata que apara as unhas, ou do frade que enxota a mosca do nariz,—muito de apreciar nos covis

da municipal em Alcântara...

O livro de Trindade Coelho tem um certo ressaibo de saudável trabalho, feito com honestidade e sem as preocupações deploráveis que levam os corifeus da escola moderníssima, mais que zolaísta, à descrição e estudo de patologias e casos esporádicos, ou não vivos, ou pouco vívidos. Este livro é quase um parêntesis aberto como uma clareira consoladora na torrente ultra-realista dos últimos trabalhos aparecidos, do *sujet* de um dos quais, que é em todo o caso a monografia de um carácter, assombrosamente executada, o *Gil Blas* dizia, —*qu'on ne peut lui serrer la main que par derrière*...

A feição literária de Trindade Coelho parece-me que se define na parte do livro subtitulada *Baladas*. Os *Arrulhos*, principalmente, são uma dúzia de páginas encantadoras, que lembram Droz e Daudet. É uma elegia... trágica, *encadrée* numa linguagem cor de opala, em que a gente parece estar vendo Hoffman braço dado a... João de Deus! É uma obra-prima. Assim a *Tragedia rústica* e a *Mãe*. Dos *contos* destaco eu os *Prelúdios de festa*, *Idílio rústico*, os *Tipos da terra*, onde há páginas soberbamente observadas, sugestivas, *d'après nature*. Magnífico o assassino *José Gaio*.

Trindade Coelho é inquestionavelmente um lírico. E nem eu sei como ele chegou até aqui sem trazer na mala um volume de versos—*Florinhas de Luar*, por exemplo! Devemos-lhe o grande favor de não conhecer os dicionários de rimas, senão a estas horas era uma vez um contista encantador... soçobrado!—*Inácio da Silva*.»

Nova Alvorada:—«*Meu caro Trindade Coelho*.—Sabe você, amigo Trindade, que as palavras afectuosas que me endereçou no oferecimento do seu livro *Os meus amores*, vislumbaram no meu espírito um mundo de saudosas recordações, como se foram fugazes emanações balsâmicas de uma quadra primaveril que não volta mais—a vida coimbrã?

Parece-me que tenho ainda presente na retina a sua figura um pouco baixa mas robusta, as *suas feições másculas e enérgicas*, e a sua *allure* um pouco receosa ao dobrar a soleira da legendária Porta Férrea.

Com o seu olhar penetrante e incisivo, mas velado por umas lunetas de grau apurado, sob a pasta de um quintanista, mirando à direita e à esquerda, entrou você nos *Gerais* resignado a um dilúvio de troças, martírios, horrores...

Os segundanistas, de cuja respeitável corporação eu fazia orgulhosamente parte, não o arrelharam logo, talvez porque lhe não encontrassem uma fisionomia de chuchadeira, como a de um Armelim, nem um rosto gretado, empedernido, de homem terciário, como o do bom Rafael do Ranhados.

Mas em que diabo foram eles depois embicar, os malvados!

Em uma medalha de oiro que você trazia, à guisa de berloque, na corrente!

O amigo arrancou pressuroso a *pedra de escândalo*, de forma que a tempestade de piada desanuviou-se a tempo no seu horizonte de novato.

Depois, um ou dois anos, aparece o amigo com acentuações de académico falado, o seu nome a salientar-se das vulgaridades escolásticas, a sua individualidade a destacar-se, como se fora um *urso*. E assim se falava do Trindade, como do Luís Osório ou Feijó por causa dos versos, do Pássaro pela fina chalaça, do Saraiva pela força, do Miguel Baptista—pobre amigo!—pelo talento e pelas abstracções, do Banalidades pela gralhadora loquacidade, e tutti-quanti.

Você desencubou o seu nome, pô-lo em evidência—o Trindade—, mas foi por causa de um excelente resumo das lições de direito romano, de um belo discurso no centenário pombalino, e sobretudo das suas graciosas crónicas no *Diário Ilustrado*.

Ah! e lembra-se você daquele ano em que formámos «república» na Rua da Trindade, tendo por criada a Sr.[^]a Maria de qualquer coisa, que denominávamos a *Gorda*, matrona muito caroável e de enxundiosas formas?

Éramos uns poucos:

O Sousa, que já tem o galão branco dos tribunais administrativos, espírito fácil, perspicaz e alegre, nada para maçadas, que tinha orientações definidas em política partidária e expedientes reservados de galopim graúdo contra os progressistas da Barca.

O Manuel Nunes, hoje em Barcelos, muito lucianista, devorando o evangelho do *Correio da Noite*, sempre em questiúnculas com aquele por causa dos seus ideais políticos encontrados, grande passeador e jogador de manilha, um tanto lambaz porque saía mais cedo e sorrateiramente dos teatros, dizia-se, para comer a ceia

dos retardatários, guardada pela *Gorda* num cantinho do fogão.

E o Figueiredo que se ria pelos olhos e pelo hirsuto bigode quando lhe chamávamos o Pegas, o Covarruvias, e lhe líamos um imaginário plano, rigoroso e draconiano, de reforma dos Estatutos da Universidade? Muito desconfiado e estudioso, só não encavacava quando lhe dizíamos que ele se aplicava... 25 horas por dia!

Depois o Rocha Peixoto, o Bicho, de aspecto *sournois*, olhos à bufo, que não falava ainda que o esmurrassem, pobre caloiro silencioso e contumaz!

Em seguida o Sérgio Carneiro, o Grilo, seu comprovinciano e hoje conservador algures, com cara de cera, esboçada, sem feições lavradas, muito guitarrista e risonho, se bem que inteligente e aplicado.

Éramos mais—você e eu. Você que se metia muito com a literatura, fechado no quarto, lendo... lendo... escrevendo...; e eu, que por sinal dediquei um fado aos membros da república, o qual nas vésperas de feriado se cantava, em algazarra tonitruante, quando o Grilo condescendia em o acompanhar na guitarra.

Depois de 1883 creio que nunca mais nos vimos. O amigo marchou mais tarde para Sabugal e eu para Cuba, e hoje está nos tribunais de Lisboa e eu no berço da monarquia.

Agora vejo-o, literato conhecido e conceituado, a publicar os seus belos contos em um elefante volume—*Os meus amores*.

E belos na verdade, como todos dizem.

A *Mãe*, aquela cruciante tragédia da pobre *Ruça*, morta de terror e de amor, é para mim o mais apreciável e sentido conto da sua colecção.

Costuma-se dizer de uma mãe descaroável, de uma Francisca Fortunata—é uma cabra!—; mas o amigo teve artes de desmentir o erro grosseiro, vingando as caluniadas afeições dos pobres ruminantes.

Quem ler as angústias da mísera *Ruça*, na expectativa do filhito devorado pelo esfaimado lobo circunvagante, restituirá àquele inofensivo animal o sentimento de amor maternal, a natural compreensão das suas obrigações de mãe e protectora.

E os *Arrulhos*? Se me não engano você escreveu esse conto em Coimbra. Creio até que um dia, estando a jantar, o amigo recebeu um jornal qualquer de Vigo, Corunha ou Pontevedra, em que a sua bela produção vinha traduzida no idioma de Cervantes com o título de *Palomas*.

Nos restantes contos, entre os quais me não agradaram menos *V[ae] Victoribus*, o *Abyssus abyssum* e o *Sultão*, revela o amigo a força da sua educada fantasia, moderada por um largo pecúlio de observação; a sua poderosa intuição artística; o seu diálogo curto, vibrante e natural; o seu estilo já característico pela feição franca, *saccadèe*, de dizer e narrar; a propriedade das locuções; o bom emprego dos termos; a verdade das suas descrições e pinturas, que, ao contrário de muitos, não repete, tinta para aqui, tinta para acolá e vice-versa, numa pobreza reles de palheta, que faz lembrar casacos virados ou coisa semelhante.

Olhe, amigo. Eu careço de jeito para a crítica literária; mas, enquanto me é lícito exprimir a minha humílima opinião, dir-lhe-ei que você alarga cada vez mais e com mais rapidez a sua reputação de literato distinto e de contista precioso; e que este conceito é merecido, atestam-no os seus valiosos escritos dispersos e a sua elegante brochura recém-editada.

Resta-me felicitá-lo cordialmente, amigo Trindade, a agradecer-lhe a sua fineza com um abraço de—Velho amigo—*Eduardo Carvalho*.»

Nova Alvorada:—«*Os meus amores*.—Acabamos de ser distinguidos com a oferta do novo livro de Trindade Coelho,—o simpático e distinto escritor que de há tempos se vai honrosamente evidenciando no certame das letras pátrias, onde já agora a sua individualidade tem uma reputação firmada.

Os meus amores é o título que o Sr. Trindade Coelho escolheu para o seu livro de contos e baladas, e se assim lhe chama, segundo cremos, não é porque estas 200 páginas sejam um auto-historigráfico dos idílios romanescos do autor, naquela áurea quadra da sua vida académica, ou um repositório de alheias aventuras amorosas com acompanhamento obrigado ao bandolim do trovador lendário.

Não. A razão do título parece-nos antes proceder da afectividade psicológica do autor para com a sua obra, e induzimos isto do soneto com que Luís Osório prefacia o livro, e cuja primeira quadra diz:

Folhas dispersas dos meus anos de ouro,

*Vivo enxame das minhas alvoradas,
Tenho zelos de vós, folhas sagradas,
As Desdémonas sois de um outro mouro.*

Se não fosse assim, afirmar-se-ia mais uma vez a verdade do aforismo—o hábito não faz o monge—, porque o *Idílio rústico*, com que abre esta bela colecção de contos, não seria bastante para justificar o título sob que se enfeixam.

Mais que o idílio, preponderam no correr do livro a comédia, o drama e a tragédia: e basta percorrê-lo em rápida leitura, para averiguar-se que se há na urdidura dos vários contos muitas situações que nos pintam o ridículo, a desgraça ou o crime, poucas há, entretanto, que nos prendam o espírito ao devaneio piegas de um Romeu e de uma Julieta.

Mas, ou bem ou mal baptizado, o que é consoladoramente verdadeiro é que os contos do Sr. Trindade Coelho constituem uma das mais belas colecções que no género conhecemos.

Uma urdidura fácil e clara, movimentada em harmonia com os melhores preceitos da arte.

Uma linguagem correcta e elegante, sempre amoldada à naturalidade das situações e dos diálogos.

Uns assuntos de felicíssima escolha, a reproduzirem fielmente costumes, a pôr em jogo com a maior verdade os vícios e as virtudes do povo.

Como os contos magníficos de Bento Moreno, os contos do Sr. Trindade Coelho são a fiel expressão da vida rústica do nosso povo, e fácil é de compreender a importância moral que estes livros terão quando as gerações que nos sucedam queiram inventariar nas suas tradições o modo de viver, de sentir e de pensar das populações sertanejas, neste período histórico em que vamos.

Sem descer aos excessos da escola ultra-realista, a que Zola preside como Sumo Pontífice, o Sr. Trindade Coelho, consegue ser de uma verdade inexcedível, de um realismo incontestável, de um naturalismo a toda a prova, que por igual se evidenciam no assunto, na narração e nos personagens.

E, sobretudo isto, há nos seus contos, como nos de François Copée e Theodore de Bauville, a artística encenação que, sem desvirtuar-lhe a naturalidade da

forma e do fundo, lhes imprime o atractivo romanesco que fala à imaginação do leitor.

O *Idílio rústico*, com que o livro abre, é de uma suavidade deliciosa, e de uma naturalidade tão justa quanto encantadora.

A *Última dádiva* é a expressão fiel de muitas cenas que a emigração multiplica cruelmente pelas nossas províncias do norte.

A acção deste conto é conduzida com uma tal unção de sentimentalidade, que nenhum leitor, por mais rebelde que seja a comoções, se poderá esquivar a partilhá-la.

O conto—*Tipos da terra* é a descrição fiel, fidelíssima, da mesquinha intriga que fervilha invariavelmente em todas as pequenas terras de província.

Os Prelúdios de festa são de um cómico admirável; *Maricas* é de um sentimentalismo comovente; *V[ae] Victoribus* de uma moralidade edificante; *Arrulhos, Mãe, Tragédia Rústica*, tudo, tudo neste livro é bom, e de útil e agradabilíssima leitura.

A forma—já o dissemos—é correctamente vernácula e elegantemente rendilhada.

A título de amostra, para aqui trasladámos do conto—*Sultão*—este belo *croquis* de uma tarde de Agosto:

«Ao longe, fechando o horizonte que a eira dominava, as arestas dos montes quebravam-se numa sombra igual, e embaciavam ainda o poente as suaves e brandas pulverizações doiradas da última luz do sol. Riscos vermelhos de nuvens, como grandes vergas de ferro levadas ao rubro, destacavam imóveis num fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja.

Pequenos algodões transparentes, com alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul.»

E assim o livro de Trindade Coelho: uma obra à altura da boa reputação do autor.

A redacção da *Nova Alvorada* congratula-se com o seu ilustre colega por tão

brilhante produção, e daqui lhe envia um cordialíssimo aperto de mão.»

A Independência:—«*Os meus amores*.—Acabamos de ler o primoroso livro de Trindade Coelho, *Os meus amores*. Sem largas aspirações, modestamente, apenas com a consciência tranquila de quem escreve bem e com critério,— Trindade Coelho juntou e concatenou no delicioso volume, que acaba de dar à estampa, algumas produções literárias que a sua vida de jornalista tinha atirado para a vala comum das páginas de revistas e diários.

Não é, pois, um trabalho completo, inteiro e homogêneo o que se nos oferece para apreciar: são pequenas jóias literárias, buriladas por mão de artista e de um fino sabor de naturalismo.

Considerado assim, sem dependência de escola e confrontação de originais, o livro é bom.

As suas descrições são perfeitas, correctas, desenhadas por quem se acostumou, desde criança, a ler muita e a adivinhar mais na bíblia riquíssima e inexaurível da Natureza.

Há vida e colorido em tudo. As telas dos céus pincelaram-se com as tintas próprias, e os diversos personagens que nos vão passando sob os olhos, romanescos e sérios uns, grotescos e ridículos outros, deixam-nos uma impressão agradável de realismo, e alta compreensão. São tipos exactos, sem os grandes enfeites que aborrecem e sem frases banais que enjoam. António Fagote é um espécime do juiz de festa das nossas aldeias, basofão e vingativo, pronto, olá! a gastar as últimas moedas da venda do últimos gado e a deixar fulo e arreliado o seu antecessor; e a deliciosa balada *Mãe* é uma preciosidade literária, magnificamente pensada escrita, digna da pena dos nossos primeiros escritores.

Não encomiamos, pois, o valor do livro, dizendo que ele é digno de figurar ao pé das mais belas produções dos nossos escritores mais consagrados.»

Correio de Portalegre:—«*Os meus amores*, contos e baladas por Trindade Coelho.

Acorda-lhes no espírito um eco de simpatia o nome do autor, pois não?

Eu creio bem isso, porque a verdade é que apesar da celeuma que Trindade Coelho aí levantou, granjeando com o seu génio turbulento algumas antipatias nenhuma delas alvejou o seu talento, que os senhores jamais negaram, e lhes ficou sendo simpático. É por isso que escolhemos para encetar esta secção a produção brilhante do distinto literato, editada há pouco por António Maria Pereira, um incansável editor escrupulosíssimo.

Li o livro que o talento do autor recomenda, impondo-o, quase, a atenção do nosso cérebro, à contemplação da nossa alma; e essa leitura, feita numas horas que um encanto enorme fez parecer tão breves, deu-me d'*Os meus amores* a agradabilíssima impressão de uma carícia, que persiste a sorrir consoladora.

Trindade Coelho, que os senhores conhecem pelo menos do *Comércio* e da *Gazeta*, tem, como viram, o poder invejável de dar à ideia,—algumas vezes injusta, dirão alguns,—a mais correcta forma, iriada sempre da limpidez mais viva; e isso, num trabalho feito agora para aparecer amanhã, à pressa sempre, numa fugida aos calhamaços manuscritos que demandam a sua atenção de magistrado, e em que o período mais sugestivo é o do *Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

É-lhes fácil por isso pressupor o livro, que o vagar do autor desbasta, remodela, lima, muito tranquilamente, muito sossegadamente, sob a vigilante direcção do seu delicado gosto artístico.

Os meus amores têm poesia, e têm verdade; e na maioria dos seus diferentes quadros, adorável descrição das cenas simples da vida do campo, da natureza singelamente formosa, o sentimento vibra intensíssimo, e é encantadora a frase, que um conhecimento profundo ditou, de que uma subtil observação ressaí. Há ali retratos de um brilho sem limite, *tipos* que resumem um estudo fidelíssimo.

É um cofre de belas jóias, o livro, que nos deixa embaraçadíssimo, se queremos escolher alguma,—tão valiosas são todas.

Todavia,—e isto é uma modesta opinião perfeitamente pessoal,—*V[ae] victoribus*, de tão grandiosa ideia, e de tão elevado estilo, *Para a escola*, tão grata, a evocar uma saudosa recordação dos bons tempos de criança, e os admiráveis contos de fina graça e tão verdadeiros, *Prelúdios de festa* e *Tipos da terra*, são os meus eleitos, depois de uma dificuldade enormíssima de escolha, de entre tantos quadros da perfeição mais rara, e onde a *Maricas* e *Arrulhos* cativam

também a minha admiração.

O livro é, como todos os saídos na *Colecção António Maria Pereira*, esplendidamente impresso em bom papel, e cartonado elegantemente em percalina.

Nesta notícia breve, digne-se o distintíssimo autor d'*Os meus amores* receber o preito da nossa homenagem, prestada tão agradável como sinceramente.»

O Nordeste:—«Editado pela casa António Maria Pereira, de Lisboa, em volume de impressão nitidíssima, escrupulosa, foi recentemente publicado o primeiro livro de Trindade Coelho—*Os meus amores*, que vieram pôr em relevo as complexas e brilhantíssimas qualidades literárias do autor, um *novo* que já hoje ocupa, por direitos justamente adquiridos, um lugar proeminente entre os nossos melhores escritores.

Os meus amores têm obtido na imprensa do país uma acolhida entusiástica, fervorosa e sendo Trindade Coelho um trasmontano, nosso conterrâneo quase, cometeríamos uma flagrante descortesia se nos leitores do *Nordeste* não déssemos conta da aparição desse livro, juntando ao coro uníssono de aplausos as nossas sinceras saudações.

Escritos em prosa vibrante, fluente e musical, correctíssima, esses contos, transcendentemente lapidados, com a fina mestria de joalheiro primoroso, constituem um verdadeiro encanto, cativando-nos com a espontânea naturalidade da narrativa e com a emocionante escolha dumas histórias aldeãs, de uma simplicidade campesina, repassadas por vezes de um sentimentalismo suave, lírico...

A nós, que temos por Trindade Coelho uma vivíssima simpatia, um affecto antigo e veemente, seguindo com interesse quaisquer particularidades da sua vida, consolando-nos com os triunfos literários que têm glorificado o seu nome e com a sua merecida reputação de magistrado inteligente e trabalhador, ganha durante a sua carreira de delegado do procurador régio, estava-nos impacientando o desejo de ler o seu livro, e foi nervosamente, sofregamente, que o abrimos quando o correio no-lo trouxe. E, agradabilíssima coincidência! sucedeu-nos deparar com o conto *Para a escola*, quadro tocantíssimo que marca distintamente os dois mais notáveis estádios da vida do escritor: a altura em que entra na escola primária, regida por um mísero professor, bondoso e marcial, de

vilota sertaneja, e aquela em que sai de uma outra, habilitado com as suas cartas de formatura a encetar a carreira pública, na qual de contínuo evidenciará as suas superiores qualidades de talento e carácter diamantino.

Essa história, exposta num estilo formosíssimo, maleável e correntio, deliciou-nos e impressionou-nos profundamente, a ponto—sem pejo o confessamos...—de lágrimas espontâneas nos marejarem os olhos, tão enternecedoras são essas páginas que evocam em nós as reminiscências queridas de um passado que não volta, e no espírito nos reproduzem, com uma precisão fotográfica, completa, cenas iguais da nossa infância, como de certo acontecerá a todos quantos lograrem a felicidade de lê-las e senti-las...

Terminado esse conto, foi de um fôlego, a bem dizer ininterruptamente, que *devorámos* o livro, onde o autor, num esbanjamento pródigo de verdadeiras pérolas literárias, se expande em ligeiras narrativas, descritas numa prosa colorida e vibrátil, cintilante e rítmica, apresentando-nos uma série de quadros, colhidos em flagrante, *d'après nature*, com uma extraordinária lucidez de observação, e um outro *caso* humano trasladado para páginas de uma forma impecável, acentuadamente artista, e que são uma eloquente afirmação da distinta personalidade de Trindade Coelho, ao presente um dos mais assinaláveis e esmerados cultores da prosa portuguesa.

Não querendo, e não nos sobejando espaço para tanto, ampliar esta breve notícia a uma crítica a todo o livro, impossível se nos torna enumerar todos os contos em que ele se reparte, emitindo detalhadamente as impressões que nos sugeriram. Por isso o nosso aplauso caloroso para todo o livro, sem predilecções por este ou por aquele conto; e daqui, desta coluna de modesto jornal de província, enviamos ao nosso queridíssimo Trindade Coelho, numa efusão de acrisolada estima, com um aperto de mão, as felicitações que merece, fazendo votos para que não deixe de ser um cultor assíduo da literatura nacional, e continue a honrar o seu nome, já laureado, com a publicação de novos e bons livros.—*José Pessanha.*»

Da Revista do Minho:—«*Os meus amores.*—Poucos livros terão vindo à luz da publicidade ultimamente em Portugal tão esplêndidos como aquele cujo título serve da epígrafe a esta notícia. Em todas as suas páginas se reúne o belo e o agradável, tornando esta obra de sólido mérito, e estimável debaixo de todos os pontos de vista.

Este volume pertence à formosíssima colecção António Maria Pereira, e é devido à brilhantíssima pena de um dos nossos mais festejados escritores—Trindade Coelho.

Não precisamos alongar-nos em chamar a atenção do público para esta obra, pois é ela sobejamente já bem conhecida dos amadores de bons livros.»

Revista Ilustrada:—«*Os meus amores*.—Há tempo,—não há muito,—começou um jornal de Lisboa a publicar, de quando em quando, umas cartas de província, —*Cartas alentejanas*, nos parece,—assinadas pelo nome, então desconhecido, de Trindade Coelho. Lida por nós a primeira, nunca mais nos descuidámos de procurar as outras, e foi com verdadeiro desprazer que as vimos ir rareando, até deixarem de aparecer de todo.

Essas cartas eram a revelação de um formoso talento; eram a alvorada jubilosa e cantante de um bom escritor. Trindade Coelho entrava nas letras portuguesas pela porta áurea dos vitoriosos, apresentando natural e simplesmente a sua individualidade, como a fundira numa só peça o seu talento aliado com a sua observação e o seu estudo, sem esgrimir com os que tinham chegado primeiro, sem acotovelar os que avançavam ao seu lado, sem o apregoarem tambores nem charamelas de apaniguados e sequazes.

Escrevia de um canto da província, da sua terra, em horas desocupadas; escrevia de assuntos mezinhas, de coisas que tinha ali à mão, das cenas campestres a que assistia, e, sobretudo, do sentimento que a sua alma encontrava no tracto simpático da natureza inteira. Falava de um ou outro livro, que mão amiga lhe fazia chegar à solidão do seu eremitério, sempre com acerto, propenso ao louvor, despido de invejas. Era um talento e era um carácter.

Depois, houve na sua vida literária um momento de eclipse. Cremos que deve ter correspondido ao período ocupado e trabalhoso da sua formatura. Bom sinal. O estudioso sério sabia reprimir as impaciências do amor próprio, sacrificando às altas ocupações do seu curso os brilhos atraentes da fácil nomeada. O escritor experimentara já o pulso; agora conhecia a sua força e sabia e podia esperar.

Eis que nos aparece um dia, súbito, no foro, honrando e glorificando num processo de reabilitação a sua toga de magistrado. O caso deu-lhe celebridade, e ensejo para ser recordado o nome de homem de letras, que ele soubera fazer distinto e conhecido logo aos primeiros trabalhos.

Alguns meses de colaboração diária, num jornal bem lançado e bem redigido, avigoraram no conceito público o renome conquistado, e Trindade Coelho tomou serenamente, na imprensa do país, o lugar a que tinha direito, sem ninguém lho discutir nem contestar.

Estreia-se agora no livro, e dificilmente imagináramos apresentação mais prometedora e mais simpática.

Os meus amores são uma colecção de esbocetos, alguns dos quais, como o *Idílio rústico*, *Última dádiva*, *V[ae] victoribus!*, *Abyssus abyssum*, chegam a ter a perfeição, o acabamento de verdadeiros quadros. Revelam o amor, o cuidado, o esmero com que o autor os trabalhou, solícito na sua obra, no empenho de uma execução imaculada. Não porque se conheça o esforço; mas sim porque se sabe que sem ele era impossível conseguir tão completo efeito, tão seguro resultado.

O estilo do prosador é, quase sempre, firme, opulento, erudito, original e variado. Não tem reminiscências deste ou daquele, e realiza uma das condições essenciais que deve ter em mira todo o escritor consciencioso: conservar uma feição própria e individual, sem se afastar da pureza da língua, evitando ao mesmo tempo o retrocesso arcaico, e contribuindo para a evolução progressiva dela.

Trindade Coelho, por uma intuição que nos não cansaremos de louvar, em vez de se cingir a modelos cuja originalidade maior ou menor lhe seria fácil assimilar, em vez de decorar mestres e de compulsar estilistas, procurou modo de iluminar a sua frase e de colorir a sua palavra, na fonte natural de todas as inspirações. Penetrou, para isso, nas camadas mais primitivas do povo campesino, enriquecendo nesse manancial o tesouro das locuções, e trazendo de lá, simultaneamente, cenas e quadros do um sentimento encantador, e de uma singeleza nativa e adorável.

É de indiscutível beleza a pastoral com que abre o volume. Afigura-se-nos estar lendo algumas páginas de Longo. A descrição da madrugada na aldeia, o encontro dos dois pastores, Gonçalo e Rosária,—Daphnis e Chloe,—têm um sabor antigo, como o de uma narrativa idílica, passada nos tempos legendários da Grécia, e ao mesmo tempo toda a verdade de uma cena campestre dos nossos dias. É de um bom gosto supremo a forma subtilmente delicada como o narrador, deixando primeiro reear a queda dos seus personagens numa brutalidade

instintiva, os conduz por fim nas asas da inocência e da candura a uma situação divinamente sublime.

E, finda a narrativa, o leitor fica deliciado e satisfeito, numa doce e prolongada abstracção, seguindo com os olhos do espírito aqueles dois vultos de criança a esfumarem-se nas distâncias do espaço e do tempo, longe, muito longe, numa paisagem ideal, vista nos dias da infância, vista talvez em sonhos, talvez em Virgílio ou Teócrito, talvez mais longe ainda, na Bíblia...—seguindo, com os olhos da alma, em esquecida contemplação, longe, muito longe,

«...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas, voando, voando.»

Em *V[ae] victoribus!*, outro quadro de mestre, há como que um misto do trágico fatalismo grego e do supersticioso horror cristão. Não é vulgar a concepção do assunto, nem vulgar, também, o desenvolvimento que o escritor lhe deu, o cenário é horrível e magnífico. Está bem descrito; bem descrita a tempestade, que primeiro se anuncia, depois se aproxima, depois finalmente cresce e se desencadeia numa convulsão pavorosa e enorme; bem descrito o terror angustioso e supliciante do mísero assassino, o qual vê, na chama de cada relâmpago, projectada a cruz negra que marca o lugar do seu crime e que lhe prende os pés ao chão, enquanto o seu ouvido, alucinado pelo terror, lhe dá a sensação de uma voz insistente, que detrás de cada árvore, da espessura de cada moita, de cima de cada pedra, da ressonância de cada trovão, o chama inexoravelmente pelo nome:—Ó José Gaio! Ó José Gaio! Ó José Gaio!

Bastava simplesmente esta narrativa para granjear a Trindade Coelho foros de distinto e primoroso escritor. Edgar Poe não enjeitaria o assunto, se lhe ocorresse, nem o trataria com muita maior perfeição. Dar-lhe-ia pasto para algumas páginas tão engenhosas como as da *Génese de um Poema*, para alguma composição tão extraordinária e tão transcendentalmente bela como *O corvo* ou *Ulalume*.

Mas como se quisesse mostrar a maleabilidade da sua pena, ou como se quisesse certificar-se a si próprio da multiplicidade e da variedade das suas aptidões literárias, o prosador que recortou nos mais perfeitos moldes aquelas páginas clássicas ou estas sinistras, detém-se na comovente e lacrimosa narrativa da *Última dádiva* e nas ligeiras e facetas descrições dos *Tipos da terra*, dos *Prelúdios de festa*, do *Sultão*, onde transparecem dotes de observação sarcástica, de ironia graciosa e de bem humorado espírito.

Um livro de tantas promessas não pode ser, contudo, e por isso mesmo, um livro definitivo. Trindade Coelho experimenta apenas a mão para se abalançar a empresa maior, estamos certos disso. Já no final do presente volume, em nota do editor a um trecho intitulado: *Batalhas domésticas*, se anuncia a transição da presente fase literária e artística do autor, para uma outra fase progressiva.

Progressiva, dizemos nós, porque assim o cremos. Qual há-de ser, porém, a predominante característica dessa fase? Pode a crítica conjecturá-la desde já? Talvez o pudesse; mas seria arriscado fazê-lo. Porque, a verdade é que o seu talento tem recursos com que lhe é dado contar, que o seu temperamento literário tem energias que lhe hão-de abrir novos caminhos, e que, na sua vida de homem de letras, há já precedentes, que enormemente o obrigam.

Temos confiança em que a sua prosa, já segura e elegante, despir-se-á ainda de um ou outro francesismo escusado, e há-de adquirir novos dotes de clareza, concisão e vernaculidade. Trindade Coelho sabe onde procurá-los. Não é em léxicos, nem em alfarrábios, nem em cartapácios. É na escola, aberta sempre a todos os investigadores, onde aprenderam a falar o português do povo, os seus tipos populares.

Não se pode ser bom prosador, sem se ter o sentimento profundo do som, da melodia. Uma das maneiras de adquirir perícia nesta forma de escrever, consiste na pratica de versificar. Fazer bons versos é um exercício útil para chegar a fazer boa prosa. Não é, porém, indispensável, bem entendido.

Contudo, não admitimos que repute possuir as qualidades completas de escritor, aquele que só de uma das duas formas da arte de escrever seja conhecedor. Os mais elegantes cinzeladores da prosa, são os que praticaram largamente no manejo da metrificação e da rima.

Trindade Coelho, apesar de todos os dons singulares da sua natureza artística, teria muito a ganhar, e conseguiria maior fluidez na frase e maior cadência no período, se praticasse um pouco a arte do verso, embora como simples exercício. E esteja certo de que lhe vale a pena empregar todos os esforços para atingir uma perfeição, que não está longe, e de que o seu talento próprio e a sua estudiosa boa vontade continuamente o aproximam.—*Fernandes Costa.*»

Aurora do Lima:—«*Os meus amores*, contos e baladas, por Trindade Coelho. Quando prometi à *Aurora do Lima* esta ligeira notícia bibliográfica acerca do

livro do brilhante escritor e meu querido amigo Trindade Coelho, mal cuidava eu que a doença me obrigasse a retardar o cumprimento da promessa, ao ponto de me encontrar entre os últimos da última fila, nas saudações entusiásticas à obra e ao seu autor.

Tenho para mim como certeza indiscutível que o público se começou a fatigar dessas obras torturantes de análise fria, cruel, desoladora. Os que se encontram feridos das aspérrimas lutas da vida—e estes constituem a maior parte dos que lêem e estudam, preferem as obras consoladoras, de cuja leitura fica uma sensação delicada, uma recordação docemente suave. Assim, Pierre Loti ainda hoje triunfa sobre Zola, apesar do enorme *réclame* que antecede sempre a obra do velho mestre da escola realista.

Ora o livro do Sr. Trindade Coelho pertence ao número dessas obras consoladoras, de serenidade e de paz. É um livro sincero, que prende pela emoção íntima, que interessa pela simplicidade elegante com que está trabalhado, que impressiona pela correcção impecável do seu estilo, maleável e harmónico.

Abre-se o livro e depara-se com o *Idílio rústico*, que é uma soberba tela, amavelmente tratada, denunciando logo às primeiras linhas um alto valor artístico, na verdade rigorosa da observação, na delicadeza suave do colorido, na simplicidade graciosa dos dois pequenos pastores.

Segue-se-lhe o *Sultão*; e em boa verdade direi que me parece ser este um dos contos mais formosos do volume, em que pese às opiniões contrárias e até ao próprio autor, que não perde ocasião de o depreciar.

Assunto simples, esse, e todavia absolutamente verosímil. A descrição da eira, do labutar alegre, da paisagem e dos personagens deste pequeno quadro, são um primor notabilíssimo de execução artística, de rigorosa e completa observação.

Última dádiva, um episódio comovente, completa a primeira parte do livro, a que se segue a *Comédia da província*, onde há preciosos estudos da vida provinciana; as *Baladas*, onde se depara com o formoso conto *Para a escola*, de um alto valor literário; *Arrulhos*, uma esplêndida fantasia, etc.

Eis uma ligeira notícia do volume de contos *Os meus amores*, que tamanho êxito conseguiu obter, acordando de surpresa a habitual atonia do nosso acanhado meio literário, com os merecidíssimos aplausos que lhe foram dispensados.

Dos méritos literários de Trindade Coelho falam mais alto do que a crítica os seus trabalhos, espalhados em todos os jornais do país, especialmente no *Portugal*, onde escreve como o pseudónimo de *Ch. A. Verde*, e na *Revista Ilustrada*, do editor António Maria Pereira. É um infatigável e primoroso jornalista, sabendo dar ao mais frívolo assunto um delicioso relevo literário, que prende e interessa o espírito do leitor.—*Luís Trigueiros.*»

Os Gatos:—«Vem a propósito de histórias, falar, bem sei que tarde, dos *Meus amores* de Trindade Coelho, como do moderno livro português que mais juvenilmente fascina o talento de narrar, em poliedros de múltiplas aptidões. Os contos dos *Meus amores* são pela maior parte uma bagagem de vida académica, assimilativa (Trindade Coelho, muito novo, findou há quatro ou cinco anos o curso jurídico) e como tal saem da pena do escritor ainda sem uma cristalização homogénea de forma e de processo. Porém na sua factura ondeante lê-se o ascenso de um espírito buscando a perfeição com escrúpulos de eleito; de sorte que o volume até como autobiografia se insinua, ele precisando as fases, nótulas, e predilecções literárias do contista, e enfim, depois de hesitações, emancipando-o num dos mais delicados microscopistas do coração, das nossas letras. Como é provinciano, provinciano de aldeia, e natureza contempladora inda por cima, Trindade Coelho cativa-se principalmente dos assuntos bucólicos, pequenas cenas de cabana, tempestades de campanário, pastorais, vida de povo, e sente-se que o não faça por diletantismo de escritor avocando de cor dramas lambidos, senão por esse estro de visão retrospectiva dos melancólicos despaísados em terras hostis, e que protestam contra o egoísmo ambiente, recluindo-se no passado, como num santuário de múmias adoradas. É a tendência geral dos nossos mais modernos narradores, buscarem na vida dos humildes, especialmente dos campos, matéria-prima para seus contos e poemetos. Em poucos porém a predilecção se escora na sinceridade e conhecimento prático da vida rústica, e em menos ainda há perspicácias para uma autópsia sagaz da natureza psíquica e moral do camponês. Grande parte dos que têm posto o povo em cena, contenta-se com recortar-lhe os andrajos num cenário de convenção, e com o fazer falar aos bonequinhos mancos que resultam, aravias mais ou menos inventadas de um pitoresco sorna, em cuja trama não há vislumbres de alma regional, de carácter profissional, de individualismo típico, ou de paixão. Se alguma vez tiverem pachorra, mandem vir a colecção dos contistas rústicos portugueses, e riam à larga das fantasias lorpas que lá virem. Em diálogos amorosos há por exemplo coisas únicas! Cavadores de aldeia debitam às namoradas protestos de paixão, em linguagem que seria preciosa até na boca de

um pisa-flores do Martinho e da Havanesa. Elas, de lhes retrucar em frase equivalente, e de se mexerem em cena com os ademanes que a *Dama das Camélias* consagrou na cachimónia dos autores, como os mais próprios para mimar o amor que as enxaqueca.

Em paisagens e descrições de interior, a mesma ausência de detalhe certo e de visão própria, que reduzem esses quadros, a meras caganifâncias de aquarelistas amadores. De tal maneira que o grupo de *campestres* a quem a arte confia a missão de leccionar aos desregrados habitantes das cidades, os prazeres simples da vida pastoral, em vez de persuadirem os seus leitores, o mais que fazem é pintar-lhes o campo como uma banal imitação da Rua do Ouro, e o camponês como uma arreglo grotesco do alfacinha.

Ora, entre os poucos argutos dedicados a perscrutar a essência da paisagem provincial, e a alma do provinciano e do campónio, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem o seu critério do problema, em forma de arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo à vista do leitor, que não mais lhe perderá de vista os voos poéticos, e a singular gracilidade irónica dos seus quadrinhos de género, colhidos em prolongadas estações nas duas mais típicas províncias de Portugal, o Alentejo e Trás-os-Montes. Há assim nos *Meus amores*, a par dalgumas benignas composições representativas da transição crítica do rapaz para o homem, e do debutante para o laureado, outras de tal guisa iguais, sóbrias, seguras, que não hesito em as apontar como modelos, e dentro da minusculeza da sua trama, como verdadeiras e encantadoras obras-primas. *Tipos da terra* e *Prelúdios de festa*, por exemplo, são duas narrações que mordem fundo a atenção de quem nas lê, e que por sua admirável sobriedade, intuito pictural, e observação ridente sobre o vivo, cuido que ficarão modelarmente apontadas aos coleccionadores de literatura típica.

Qualquer das peças abrange apenas o fôlego de uma ou duas dúzias de páginas, deliciosas porém como factura, admiráveis de bonomia, e de uma saúde moral que faz desejos de estimar pessoalmente o seu autor.

Aí está efectivamente revelado não só um talento plástico e bastante rico em cambiantes, como também a pura água de um carácter cheio das mais finas intenções. *Tipos da terra* é o quadro satírico de uma má língua de aldeia, tendo por clube a porta da tenda, por cenário a praça pública, e por personagens o pessoal burocrático e elegante da terriola. *Prelúdios de festa* é um estímulo de festeiros preocupados de qual fará a festa do orago mais sumptuosamente. Os

tons são leves, os tipos rápidos, a descrição dita a correr, mas no conjunto há um tal equilíbrio estético, a meia-tinta é tão fluida, e as intenções irónicas sublinhadas tão de manso, que se adivinha logo um mestre miniaturista, Hogarth com laivos de Tenier, raro de sabor entre os sensaborões que por aí medram, e certamente fadado a uma supremacia qualquer no moderno romance português. —*Fialho de Almeida.*»

Jornal de Santo Tirso:—«*Os meus amores.*—Foi penhorante e comovente para nós a gentilíssima oferta que Trindade Coelho nos fez do seu adorável livro de contos, que tem por título a epígrafe desta singela notícia.

O nome de Trindade Coelho era já gloriosamente festejado quando o brilhante contista frequentava ainda as aulas da Universidade; hoje, porém, aparece mais radiantemente no seu precioso livro, onde a primorosíssima forma se alia com o mais delicado critério de artista d'*élite* e com a fina observação de um talento verdadeiramente superior.

O que deixamos dito é profundamente sentido, que a nossa humilde e obscura pena não está—seja este o seu único mérito!—habituada a vir entregar ao sagrado lume da imprensa os elogios sandeus que cada dia se prodigalizam aos medíocres e aos banais, que se desvanecem entre as ondas desse barato incenso.

Os nossos leitores melhor ajuizarão, em presença do trecho que lhes oferecemos como mimo de rara valia.»

Diário Ilustrado, (com o retrato do autor):—«Trindade Coelho.—Nesta áspera vida das letras, cortada de tantas amarguras que ninguém sonha, há, entre outras, uma grande e profunda alegria,—que nem a todos é dado experimentar, acrescente-se.

Essa alegria, sentem-na os poucos susceptíveis de compreendê-la,—na elevada faculdade de admirar o que se impõe pelo dominador prestígio do talento ao culto mental, e sobretudo no íntimo orgulho de adivinhar, logo aos primeiros passos, a revelação de Alguém, que vai ser unanimemente admirado.

Devo a Trindade Coelho, que figura hoje por direito de conquista na galeria do nosso jornal, este incomparável júbilo.

Adivinhei-o (consintam-me esta vaidade) quando poucos o conheciam; admirei-o, muito antes dele trazer à literatura pátria o livro *Os meus amores*, que foi como que a súbita iluminação do seu nome.

Que delicioso livro esse, onde Trindade Coelho nos aparece em toda a sua inconfundível originalidade de narrador, em todo o desartificial encanto da sua maneira de observar e referir, revendo-se-lhe o temperamento de artista, impressionável e vibrante, na fluidez do estilo, que lhe repercute nitidamente todas as modalidades!...

O campo, que a maioria dos escritores conhecem superficialmente, de rápidas excursões alpestres, sem o menor vislumbre de identificação, vive no livro de Trindade Coelho, com um singular relevo de verdade, com um profundo sentimento do natural. «Entre os poucos argutos dedicados a perscrutar a essência da paisagem provincial, e a alma do provinciano e do campónio, escreve dos *Meus amores* o nosso grande crítico Fialho de Almeida, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem o seu critério do problema, em forma de arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo à vista do leitor, que não mais lhe perderá de vista os voos poéticos, e a singular gracilidade irónica dos seus quadrinhos de género, colhidos em prolongadas estações nas duas mais típicas províncias de Portugal, o Alentejo e Trás-os-Montes.»

Antes dos *Meus amores*, Trindade Coelho começara a afirmar a sua poderosa individualidade em uma secção do *Diário Ilustrado*, *Cartas alentejanas*, crónicas expedidas de Portalegre, em um arranque de talento, com exuberância de fantasia, modos de ver e dizer, flagrantemente modernos, traços de soberbo humorismo à Vacherai, velados a espaços de um ligeiro fumo de melancolia, que lhe avivava a frisante originalidade.

Por esse tempo, o nosso brilhante cronista empreendeu, no exercício das suas funções de delegado, em Portalegre, a tarefa humanitária de arrancar um pseudo-criminoso ao rigor da lei, que injustamente o condenara.

E em torno do nome de Trindade Coelho, que emplumava para os largos voos, fez-se um coro de bênçãos, como que uma apoteose de amor, que deverá ter sido na sua vida e para a fina sensibilidade da sua alma efusiva e entusiasta, um destes supremos júbilos, superiores a todas as desditas e inacessíveis a qualquer desencanto.

Dá-se em Trindade Coelho e nos transcendentos dotes que o caracterizam e lhe assinalam o ponto culminante em que se evidenciam, uma dualidade, verdadeiramente fenomenal.

É que, sendo ele um artista, na rigorosa acepção titular da palavra, namorado do ideal, amando a Arte com religioso fanatismo, vivendo na extática adoração de tudo quanto ela sobredoura do seu brilho imortal, é ao mesmo tempo um funcionário exemplar, um delegado do procurador régio, que viu de repente o seu nome respeitado e temido, de tal sorte Trindade Coelho encarna em si, na austeridade do seu carácter e no correcto exercício da sua profissão, toda a prestigiosa soberania da Lei. Diz ainda Fialho de Almeida, inteiramente insuspeito, quando se trata de aquilatar o mérito de um autor:

«Aí está efectivamente revelado não só um talento plástico e bastante rico, em cambiantes, como também a pura água de um carácter cheio das mais finas intenções.»

Às vezes, o magistrado recorda-se do artista e estremece de saudade nostálgica ou treme de frio... legal.

É então que ele murmura, (perdoa a indiscreta alusão, meu caro Trindade Coelho?) «Ah! que apertada gaiola esta, em que vejo fechado, o meu espírito! O meu trabalho, amo-o porque é o meu dever. Mas como eu ando longe, afastado, extraviado... de mim mesmo! Não faz ideia, não! Dentro desta jaula de ferro, veja! E lá fora, e lá em cima—que amplo céu azul para voar!»

Mas nesse azul para onde lhe foge o espírito, quantos triunfos ainda o esperam, meu ilustre amigo?—*Guiomar Torreção.*»

Revista de Portugal:—(Excerto de um artigo crítico acerca do *Só* de António Nobre).—«Alma doente, o Sr. António Nobre soube extrair da sua doença efeitos de Arte singulares e às vezes intensos. Outros atingiram o mesmo objectivo pela descrição das emoções naturais e pelo apelo aos instintos sãos do coração humano. Acabo de reler o livro de um escritor também novo: *Os meus amores* de Trindade Coelho. Com casos da vida corrente e com sentimentos que podem ser compreendidos por qualquer dos seus leitores, uma despedida, a afeição de dois pastorinhos perdidos na solidão do campo, os remorsos de um homicida junto à cruz da sua vítima, o amor materno de uma cabra que se deixa morrer sobre o cadáver do filho recém-nascido, consegue o narrador interessar e

comover vivamente o espírito de quem o acompanha através dessas duzentas páginas impregnadas dos sucos da terra e do suor dos lavradores. Demonstração cabal de que a Arte é vasta e a capacidade pessoal decisiva para a beleza das obras.—*Moniz Barreto.*»

Da Vid'Airada: «Trindade Coelho.—Uma vez na sua frente, face a face, olhando-o bem, medindo-o de alto a baixo,—o que não seria difícil mesmo no caso de que a medida dos homens se tirasse a palmos—fixando o olhar no seu olhar, e não perdendo uma só das suas palavras na mais simples conversa de algum quarto de hora,—ao separar-se ele de nós, porque já então a gente não se atreve a separar-se dele, tem-se adquirido a certeza de que aquilo é o que é, e chegado à mais sólida convicção de que toda a verdade, toda a sinceridade de um temperamento e de um coração de homem, nunca se manifestaram mais expressivamente, mais insubmissas ao menor propósito do menor disfarce, do que na sua fisionomia bem aberta, iluminada em cheio pelo brilho intensíssimo do seu olhar muito límpido, muito penetrante, se expressam toda a sinceridade, toda a verdade do seu grande coração e do seu impetuoso temperamento.

E ao vê-lo partir pela rua fora, decidido e teso, resoluto e rijo, a cabeça alta, assentando com firmeza o pé pequeno, despejando caminho que dá gosto vê-lo, não resistem os olhos ao desejo de acompanhá-lo de longe, até que o percam na dobra da primeira esquina, e a gente diz ou pensa:—«Demónio!... Com meia dúzia assim, poderia fazer-se *alguma coisa* ainda!...»

Porque no meio desta espécie de contágio, que os perversos e as suas perversões vão espalhando em redor de si, fazendo estremecer os honestos quando com eles se cruzam, e tentando para o mal os fracos quando passam—só a presença de homens bons e sãos poderá melhorar este solo e purificar esta atmosfera.

Na travessia dos dois mundos diversos a que este homem dedicou a viagem da sua vida,—o mundo literário e o mundo judicial—afigura-se-me ele, talvez, como um antípoda de si mesmo, ora imprimindo o indelével cunho da sua vigorosa e honesta individualidade em preciosos documentos para a dilacerante história patológica da sociedade portuguesa neste agonizar de século, quando aponta o implacável índice do Ministério Público contra os altos réus de certas causas célebres,—ora imprimindo nalgumas obras de pura arte literária, em que a elegância da forma é posta sempre ao serviço das emoções mais doces e das mais penetrantes, esse outro cunho, dessa outra individualidade que nele há, e

tão diversa é, tão original e tão rara, tão contemplativa e tão terna.

...Sim! toda a verdade, e toda a sinceridade do seu grande coração e do seu impetuoso temperamento!

No tribunal, quando articule algum libelo acusatório em que as suas palavras se não limitam ao cumprimento do dever de ofício, não tardará que à serena exposição dos primeiros articulados suceda a expressão calorosa, indómita, sempre crescente, da indignação, e da cólera, que lhe provocam e açulam os factos e as razões de que vai deduzindo a tremenda acusação contra o réu—... esse réu que ali está, ali! sentado naquele banco, sentenciado já, e de grilheta aos pés! Agita-se-lhe a circulação do sangue, a respiração acelera-se, a face ruboriza-se, todas as veias do pescoço e fronte se distendem, o peito enche, as narinas dilatam-se, tremem, fumegam... A excitação do cérebro vigoriza-lhe os músculos, afirma-lhe a energia, parece transportá-lo ao império da força, num arrebatamento em que os dentes rangem, e as unhas se crispam, punhos cerrados, braços erguidos, completamente desordenado a frenético!... A voz, sempre vibrante, chega a parar-lhe na garganta, quase ronca, vociferando, em discordâncias agudas que vêm ferir de arrepios a espinha dorsal do auditório... Já não é para a justiça dos homens que ele apela; não lhe bastam, não o saciam as penas máximas dos Códigos! Quer o castigo do Céu, quer a justiça de Deus!

...O que não tira, ainda assim, que resgatasse da morte civil, bem pior que a morte natural, um desgraçado que a cegueira da justiça humana havia condenado por assassino e ladrão—o pobre Manuel Barradas. Muito comentou a imprensa o facto, espantada de que um agente do Ministério Público, um feroz acusador, empenhasse dois anos agoniados da sua vida em apurar uma inocência... Trindade conserva, encadernada, a colecção desses jornais, e legou-a em vida ao filho, ao Henrique, pondo-lhe no princípio estas palavras: «Meu filho, pela lei de Deus, a vida é só um pretexto para boas obras. Observei um dia a lei do Senhor, e Ele, em prémio da minha obediência, concedeu-me o poder legar-te um pedaço vivo do meu coração. Queres ouvi-lo bater? Ausculta essas folhas... Bendito seja Deus! serão ainda minhas as tuas lágrimas enternecidas, e, ainda depois de morto, viverei na tua comoção e na tua alegria, para a comoção e para a alegria da minha obra...»

Mas passa a tempestade, e volvido o bom tempo, que singular contraste nos oferece a outra fase desse mesmo espírito, quando o vulto austero do magistrado, cedendo o lugar à delicada individualidade do homem de letras, o desembaraça

da toga e o deixa que vá, em mangas de camisa, muito à vontade e à fresca, pelas tardes serenas do seu bom humor, a vaguear pelos campos do seu sonho—sonho feito de saudade, dessa muito viva e muito afectuosa ternura que à sua alma de artista dá, e que a sua prosa tão sentidamente traduz, a recordação de felizes tempos que não voltam mais, e que por isso mesmo nunca mais esquecem,—recordação a que andam para sempre ligados, numa doce e meiga associação de ideias, certos lugares, certas pessoas, certas orações, certa ermidinha e certo olmo, que já lá estavam quando ele nasceu, que o embalaram nos primeiros sonos e lhe deram amparo nos primeiros passos; que ao baptismo o levaram, e o conduziram à escola; alegrando-se com as suas alegrias, entristecendo-se com as suas lágrimas...

Nesses momentos, sob o domínio desse lindo sonho, inundado do luar da sua terra, desanuvia-se-lhe o rosto, alisa-se-lhe a fronte, vê-se pousar-lhe nos beijos e nas pálpebras a serenidade meiga de um sorriso, como que o doce agradecimento à alma de sua mãe, que tivesse vindo, muito devagarinho, muito devagarinho, abeirar-lhe o leito, aconchegar-lhe a roupa, e pousar-lhe nos olhos e nos lábios a amorosa carícia dos seus beijos...

Por isso, a música do seu estilo produz sobre a nossa sensibilidade essas emoções e excitações violentas, em que a tremura dos músculos e a efusão das lágrimas realizam o fenómeno das emoções reais.

Os seus escritos obedecem sempre à lógica influência desta convicção em que ele está, quando me diz, bem medindo e pesando cada uma das suas palavras:

—«Positivamente, meu amigo, o público deseja, antes de mais nada, que o escritor preste na sua obra o culto que é devido à sua língua. Depois, deseja que o comovam, que honesta e consoladoramente o emocionem, preferindo que o assunto do quadro seja a exploração das coisas triviais da vida, certamente porque reside no Simples a fórmula mais natural da Verdade... Compreendo que o espírito dos que lêem está fatigado dessa confusão do *romance* com o *estudo*, e convenci-me, enfim, de que a obra de arte literária tem, como primeiro dever, e como condição primeira de agrado, de ser consoladora e suave, tocada sempre de uma pontinha ligeira de poesia que vá direita ao coração e entretenha, em quem lê, as faculdades emotivas, de preferência, mesmo, às faculdades intelectuais...»

Releio *Os meus amores*, o livro dos seus contos. É o primeiro deles, *Idílio rústico*, de uma deliciosa simplicidade de aguarela, parece que feito sobre um

esbatido de céu puríssimo, cor de sovaco de andorinha e não sei com que singular sabor eucarístico de primeira comunhão... É um sonho de absinto, que serve de aperitivo divino para a leitura sôfrega de todo o livro. Dois pastoritos ingênuos, a Rosária e o Gonçalo, encontram-se e aproximam-se, numa indecisa alvorada de derriço, cheios de boas tenções e puros ideais. Acontece, porém, que por viverem longe, raras vezes se falam, e quando essa ventura lhes é dada, imaginem os que como eles se amem a alegria que inunda aquelas duas almas! Duma vez, passada alguma dessas ausências longas, quis Deus que os dois inesperadamente se topassem, pela madrugada, quando iam levando seus rebanhos ao pasto. Logo combinaram juntarem-se as ovelhas, como juntos os corações traziam, e desde que nasce o sol até que o sol se põe, vagueiam nas frescuras marginais do rio, a par, e sós, ele dedilhando a flauta, ela recordando cantigas, com murmúrios de água correndo, e balidos suaves dos lanígeros, numa paz de alma idílica de iluminura. E quando a noite chega, porque lhes custe imenso a separação, o Gonçalo a convida a continuarem juntos, deixando que as ovelhas durmam em mistura e que passem eles a noitada sobre o mesmo colmo, ao abrigo da mesma cabana. Não sem certa instintiva relutância, Rosária aceita; e como se deitem ao lado um do outro, tornando as mantas cobertor comum, e pousando as cabeças nos bornais unidos, parecer-vos-á, como a mim pareceu, que ali rompem os beijos desmedidos... Nada disso, perversos! A pouco e pouco vai escurecendo, e os bons dos namorados, numa plácida orquestração final que se smorza, referem-se casos de moiras encantadas, e assim pegam no sono e adormecem... Tem a gente remorsos do que foi julgar: sente a tristeza da maldade nossa.

Depois, depois os outros, que seguem pelo livro fora, e que vamos bisando e saboreando a pequeninos golos, durante algumas horas bem fugidas, passeadas por aquelas paisagens e recantos provincianos que ele nos pinta, tão real e verdadeiramente como se lá estivéssemos; em companhia daqueles tipos que ele retrata, tão fotográficos, tão nítidos, que é estar a gente a vê-los, a ouvi-los, a falar-lhes, a deitar-lhes o braço pelo ombro...

Antes dos seus contos nunca a prosa portuguesa me havia dado, posta ao serviço da moderna arte, o inefável gozo de tão estranhas, tão novas, tão encantadoras surpresas! Quisera eu, inédita, bem fresca, pela primeira vez usada a respeito da sua escrita, esta flagrante comparação:—dir-se-ia traçada com uma pena de águia... arrancada de uma asa de pomba.

Os seus livros ficarão pertencendo ao número daqueles que parecem possuir o

raro condão de nunca envelhecerem no espírito de quem os lê. Reler o que ele escreve é sentir o mesmo prazer, sempre renovado, de quando se contempla pela centésima vez algum querido, precioso objecto, que noventa e nove vezes se contemplara já: privilégio esse de eterna sedução, que só desfrutam as obras em que o artista deixou pedaços da sua alma.—*Alfredo Mesquita.*»

Do Poema do Ideal:

«*Os meus amores!* que livro
Tão fragante e saboroso!
Centelhas áureas e vivas,
Dum prosador luminoso!

Brisas da serra!
Trechos idílicos
Da nossa terra!»

Fernandes Casta.

End of the Project Gutenberg EBook of Os meus amores, by Trindade Coelho

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS MEUS AMORES

Produced by Ricardo F. Diogo (Spelling modernization of the original version, already available at Project Gutenberg: #17503; Atualização ortográfica da versão original, já disponível no Project Gutenberg.)

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

***** START: FULL LICENSE *****

**THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE PLEASE READ THIS BEFORE YOU
DISTRIBUTE OR USE THIS WORK**

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-

tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are

redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property

infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. **YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.**

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum

disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is

posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit:
<http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.